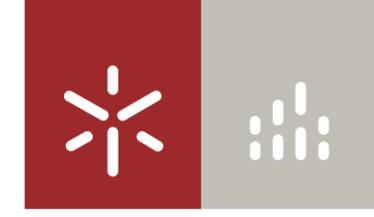


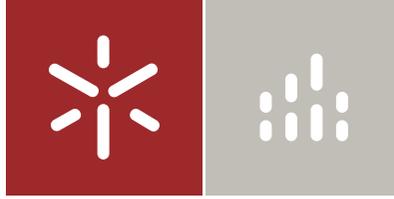


Carla Filipa Pacheco Ribeiro

Intervir com o Construído:
Proposta de Reversão e Requalificação
d'O Castelo da Ponte em Vizela

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Carla Filipa Pacheco Ribeiro

Intervir com o Construído:
Proposta de Reconversão e Requalificação
d'O Castelo da Ponte em Vizela

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Paulo Jorge Figueira Almeida
Urbano Mendonça

Declaração

Nome: Carla Filipa Pacheco Ribeiro

Endereço eletrónico: carlafilipa23@gmail.com

Telefone: 912183833

Número do Cartão de Cidadão: 13629756

Título da dissertação: Intervir com o Construído: Proposta de Reconversão e Requalificação d'O Castelo da Ponte em Vizela

Orientador: Professor Doutor Paulo Jorge Figueira Almeida Urbano Mendonça

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado: Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____ / ____ / _____

Assinatura: Carla Filipa Pacheco Ribeiro

Agradecimentos

Eis que é chegado o culminar deste longo percurso académico. Muitas foram as pessoas envolvidas e, mais ainda, as que me deram força e coragem para o percorrer. Como tal, agradeço:

À minha família. Aos meus pais, à minha irmã e aos meus avós, pelo amor incondicional, pelos valores transmitidos e pelo incansável apoio a todo e qualquer momento. Com eles (e por eles) tudo faz sentido.

Aos meus amigos. À Sónia e ao Jorge, pela longa e verdadeira amizade, pela segurança que me dão e pela partilha de infinitas memórias. Ao João, pelo carinho. À Sara, pela confiança. À Joana, pela dedicação.

À Universidade do Minho. À Escola de Arquitetura, enquanto instituição, por me ter acolhido, ao longo d' *“estes anos [que] são viagem”*¹.

Aos professores. Ao Professor Paulo Mendonça, pela confiança que depositou em mim ao aceitar este desafio, pelos conhecimentos transmitidos e pela atenção, orientação e disponibilidade.

À Câmara Municipal de Vizela. Enquanto instituição, pela experiência enriquecedora que me proporcionou durante os meses de estágio curricular.

Aos funcionários da Câmara Municipal de Vizela. Ao Arquiteto Abel Cardoso, pelo entusiasmo com que encara cada exercício de projeto, pela partilha de conhecimentos e pela motivação, colaboração e supervisão. Ao Arquiteto Luís Gomes. Ao Engenheiro Ricardo Silva. Ao Topógrafo Vítor Paneira. À Ana Cristina Leite. Ao Sr. Bruno Coelho. Ao Sr. Paulo Alexandre Silva.

À Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes. Enquanto instituição, pela oportunidade concedida de visitar a história de Vizela, através de algumas das páginas que a eternizam.

A tantos outros...

¹ *Hino da Universidade do Minho*. In URL: <https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Hino>.

Resumo

Ímpar na realidade onde se insere, o *Castelo da Ponte* é testemunho de um passado que, embora não muito longínquo, traduz um antigo e conflituoso enredo político, pelo reconhecimento de Vizela enquanto Concelho. Mandado construir por um exímio conterrâneo, nos inícios do século XX, reflete toda a vontade de um povo, mesmo que nunca tenha cumprido a função para o qual fora pensado – ser Paços de Concelho.

Perante a sua atual qualidade de abandono e avançado estado de degradação, a presente dissertação de mestrado, *Intervir com o Construído: Proposta de Reconversão e Requalificação d'O Castelo da Ponte em Vizela*, ancorada numa componente teórica e prática, visa refletir sobre a importância de salvaguardar edifícios emblemáticos devolutos, através de um exercício de projeto específico. Assim sendo, procurando reintegrar este edifício na vida quotidiana local e tendo em conta as atuais necessidades da cidade, propõe-se a sua reconversão e requalificação, com um programa de carácter cultural – espaço museológico e auditório – numa proposta que, para além de recuperar a preexistência, se estende além desta. Desta forma, de modo a minimizar o impacto visual da nova construção e a preservar a identidade do lugar, define-se, como princípio, a conceção de uma arquitetura invisível que se deixa diluir, na paisagem, por entre muros de linguagem depurada.

Abstract

Unique on the reality it is inserted, the *Castelo da Ponte* is a testimony to a past that, while not too far off, translates to an old and conflicted political plot, for the recognition of Vizela as a municipality. Ordered to be built by an accomplished contemporary, in the early 20th century, it reflects all the will of a people, even if it never fulfilled its original function – be the Town Hall.

In face of its actual abandoned state and advanced state of degradation, the current master thesis, *Intervene with the Built: Proposal of Reconversion and Requalification of the Castelo da Ponte in Vizela*, anchored in a theoretical and practical component, it aims to reflect on the importance of safekeeping vacant emblematic buildings, through the development of a specific project. Thus, while searching to integrate this building in the local daily life and keeping in mind the current city necessities, its reconversion and requalification are proposed, with a cultural theme at its core – museum and auditorium – in a proposal that, apart from recovering the preexistence, goes even further. This way, in order to minimize the visual impact of the new construction and preserving the identity of the place, it is defined, as a guideline, the conception of an invisible architecture which lets itself be diluted, in the landscape, between walls of purified language.

Índice

0 INTRODUÇÃO	25
0.1. Introdução ao Lugar	29
0.2. Introdução à Dissertação	31
1 CONTEXTUALIZAÇÃO	35
1.1. Enquadramento Territorial	37
1.1.1. Caracterização Geográfica	37
1.1.2. Caracterização Morfológica	40
1.1.3. Caracterização Climática	40
1.2. Enquadramento Histórico	43
1.2.1. A Segunda Metade do Século XIV	45
1.2.2. O Enredo Político e o Simultâneo Crescimento Económico na Segunda Metade do Século XIX	46
1.2.3. O Terceiro Pedido de Independência	59
1.2.3.1. A Construção d'O <i>Castelo da Ponte</i>	62
1.2.4. O Declínio das Termas, a Forte Industrialização e a Criação do Concelho	70
1.2.4.1. O <i>Castelo da Ponte</i> enquanto Estabelecimento de Ensino	75
1.2.4.2. O (até e o após) 19 de Março de 1998	78
2 DIAGNÓSTICO	83
2.1. Levantamento Arquitetónico e Registo Vídeo-Fotográfico	85
2.2. Caracterização Construtiva	109
2.2.1. Fundações	111
2.2.2. Paredes Resistentes de Alvenaria de Pedra	112
2.2.3. Paredes Resistentes e de Compartimentação de Tabique Simples	116
2.2.4. Pavimentos	120
2.2.5. Escadas Interiores	124
2.2.6. Coberturas	126
2.2.7. Caixilharias	130
2.2.8. Desenhos Síntese	133
2.3. Identificação e Caracterização das Patologias	145

2.4. Identificação e Caracterização das Anomalias	147
2.4.1. Desenhos Síntese	159
3 PROPOSTA	163
3.1. Memória Descritiva e Justificativa	165
3.1.1. Reflexão Projetual	167
3.1.2. Definição do Programa e da Estratégia Conceptual	168
3.1.3. Relação com a Envolvente e Distribuição Programática	173
3.1.4. Medidas de Intervenção	182
3.1.4.1. Desenhos Síntese	186
3.2. Projeto	189
4 CONCLUSÃO	203
4.1. Considerações Finais	205
5 BIBLIOGRAFIA	207
6 ANEXOS	221
6.1. Acessibilidades às Principais Cidades Vizinhas	223
6.2. Acessibilidades aos Principais Equipamentos e Serviços nas Imediações	225
6.3. Análise Climática	227
6.3.1. Precipitação e Temperatura	227
6.3.2. Análise Termopluiométrica	234
6.3.3. Ventos	235
6.3.4. Exposição Solar	241
6.3.5. Psicometria	243
6.4. Carta Régia de 24 de Maio de 1361	245
6.5. Vestígios do Funcionamento do <i>Externato de Vizela no Castelo da Ponte</i>	249
6.6. <i>“De Paços do Concelho a Castelo Cultural”</i>	251
6.7. <i>“Ficha de Avaliação do Nível de Conservação de Edifícios”</i>	253
6.7.1. Considerações Gerais	253
6.7.2. Simulação do Preenchimento	255
6.8. Registo Fotográfico da Maqueta Final	257

Índice de Imagens e Tabelas

0 | INTRODUÇÃO

- 01 | “*Segura me estou a cair*”. Fotografia. 06 Out 2012. 27
Fotografia de Cláudio Martins. Acessível através do URL: www.facebook.com/Meumundofotografico.
- 02 | “*S[egura me] e[stou a cair]*”. Fotografia. 17 Ago 2017. 27
Fotografia de autor.

1 | CONTEXTUALIZAÇÃO

- 03 | Relação de proximidade territorial entre Vizela e as capitais de distrito na Região Norte de Portugal Continental. 38
Desenhos de autor. Baseados em VIZELA, M. – *Plano de Mobilidade Sustentável*, 2012, p. 20.
- 04 | Principal rede viária do Concelho de Vizela. 39
Desenho de autor. Baseado em VIZELA, M. – *Plano de Mobilidade Sustentável*, 2012, p. 64.
- 05 | Centro histórico de Vizela. Ilustração. 41
Adaptado. In http://www.vizela.pt/wp-content/uploads/2016/06/mapa_portugues.pdf. 02 Ago 2016. 12h00.
- 06 | Linha cronológica com delimitação dos subcapítulos e marcação das datas de maior importância. 43
Esquema de autor.
- 07 | Espaço urbano de Caldas de Vizela em 1867 (sem escala). Autoria do Engenheiro Achilles Dejant. 47
Câmara Municipal de Vizela.
- 08 | Vizela na segunda metade do século XIX. Ponte Nova (Ponte D. Luís I). Postal. 49
Adaptado. In https://images-03.delcampe-static.net/img_large/auction/000/443/757/428_001_vizela-ponte-nova.jpg?v=0. 19 Ago 2017. 19h02.
- 09 | Vizela na segunda metade do século XIX. Estação de Caminho-de-ferro. Postal. 50
Adaptado. In https://images-03.delcampe-static.net/img_large/auction/000/246/001/849_001_guimaraes-vizela-estacao-do-caminho-de-ferro-train-2-scans-portugal.jpg?v=0. 19 Ago 2017. 19h09.
- 10 | Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Estabelecimento Termal. Postal. 52
Adaptado. In http://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/299/277/639_001.jpg. 21 Ago 2017. 11h58.
- 11 | Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Hotel Sul-Americano. Postal. 53
Adaptado. In http://images-02.delcampe-static.net/img_large/auction/000/341/893/549_001.jpg. 14 Jul 2016. 11h22.
- 12 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Avenida Central do Parque. Postal. 55
Adaptado. In https://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/464/245/537_001_portugal-vizela-avenida-central-do-parque.jpg?v=0. 14 Set 2017. 10h44.

- 13 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Uma regata com hóspedes do Hotel Sul Americano. Postal. 56
 Adaptado. In https://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/425/385/867_001_vizela-uma-regata-hospedes-do-hotel-sul-americano-ed-hotel-sul-americano-carte-postale.jpg?v=0. 14 Set 2017. 14h28.
- 14 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. “*Ponte Velha*”, Silva Porto (1884). Óleo sobre madeira. 375 x 560 mm. 57
 Silva Porto, 1850-1893..., 1993, p. 276.
- 15 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Batalha de Flores. Reprodução de *Ilustração Portuguesa*. N.º 338. 58
 Adaptado. In https://3.bp.blogspot.com/-GBBXSJbZk08/WE8UbxWS1AI/AAAAAAAAAN0/zV14uFO_ryU4tfWr857kdR2-zul0pgelgCLcB/s1600/N338_0024_branca_t0.jpg. 24 Ago 2017. 11h52.
- 16 | Idem. 58
 Adaptado. In https://1.bp.blogspot.com/-9LBf5XLh8pQ/WE8UI9H5zgI/AAAAAAAAAN4/R7YvSqKXijcx4nCxgou4xiaOATVv0bZ_ACLcB/s1600/N338_0025_branca_t0.jpg. 24 Ago 2017. 11h53.
- 17 | Evolução de Caldas de Riba de Vizella até ao século XIX (sem escala). Autoria dos arquitetos Arménio Losa, Carlos Prata e Henrique de Carvalho. 61
 PRATA, C., CARVALHO, H. – Plano Geral de Urbanização de Vizela. *Sociedade e Território...*, 1986, p. 37.
- 18 | Vista sobre o lago do Parque das Termas com o *Castelo da Ponte* em plano de fundo. Postal. 63
 Adaptado. In https://images-04.delcampe-static.net/img_large/auction/000/184/556/883_001_vizela-lago-2-scans-portugal.jpg?v=0. 18 Set 2017. 14h57.
- 19 | *Castelo da Ponte* (volumes que ladeiam a torre com apenas um piso, encimados por balaustradas). Fotografia. 1931. 65
 SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 166.
- 20 | Bairro Mourisco (sem a presença da torre do *Castelo*). Segundo CAMPANTE (2016), este momento fora registado entre 1904 e 1905. Postal. 66
 Adaptado. In http://images-00.delcampe-static.net/img_large/auction/000/306/109/415_001.jpg. 13 Jun 2016. 09h27.
- 21 | Bairro Mourisco (com a presença da torre do *Castelo*). Posterior a 1906. Postal. 67
 Adaptado. In https://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/436/463/962_001_vizela-vizella-vista-parcial-portugal.jpg?v=0. 13 Jun 2016. 11h22.
- 22 | Estudos da evolução do alçado nascente. 68
 Desenhos de autor.
- 23 | Quotidiano de Vizela no início do século XX. Presença da Revista de Vizela, no *Mourisco Club*. 71
 Adaptado. In https://3.bp.blogspot.com/-r9JHN1R1XI/WMuhQ5cqf1I/AAAAAAAAABHM/_SgjN8FR07gBL0047LvMi8aakuLbOdnrwCLcB/s1600/Desktop11.jpg. 24 Ago 2017. 11h08.

24	Quotidiano de Vizela no início do século XX. Rua Dr. Abílio Torres (Casino Peninsular à esquerda; Hotel Sul-Americano à direita). Postal.	72
	<small>Adaptado. In https://images-04.delcampe-static.net/img_large/auction/000/379/079/103_001_vizella-vizela-1920s-rua-dr-abilio-torres-portugal-2-scans.jpg?v=0. 14 Set 2017. 15h07.</small>	
25	Espaço urbano de Caldas de Vizela em 1949 (sem escala). Autoria dos arquitetos Arménio Losa, Carlos Prata e Henrique de Carvalho.	74
	<small>PRATA, C., CARVALHO, H. – Plano Geral de Urbanização de Vizela. <i>Sociedade e Território...</i>, 1986, p. 40.</small>	
26	O Castelo da Ponte enquanto Externato de Vizela. Fotografia.	77
	<small>Adaptado. In http://3.bp.blogspot.com/-ISjUAc43K_M/T8GB2u0qdAI/AAAAAAAAAFH4/o4azXc2mE84/s1600/entrada.tif. 07 Jun 2016. 11h40.</small>	
27	Protesto de 05 de agosto de 1982. Carris levantados da linha férrea de Vizela. Fotografia.	79
	<small>In http://3.bp.blogspot.com/-nFES089e990/T5Cbvx5hpqI/AAAAAAAAAW6Q/NAIZCe7stQE/s1600/linha%2Blevantada.jpg. 22 Nov 2017. 15h35.</small>	
28	Castelo da Ponte. Fotograma. 13 Out 2017. 18h28.	81
	<small>Fotografia de autor.</small>	

2 | DIAGNÓSTICO

29	Planta de localização. Escala 1:1000.	87
	<small>Desenho de autor.</small>	
30	Ortofoto. 10 Mai 2004.	88
	<small>Google Earth.</small>	
31	Ortofoto. 30 Out 2006.	88
	<small>Google Earth.</small>	
32	Ortofoto. 04 Jul 2010.	88
	<small>Google Earth.</small>	
33	Ortofoto. 25 Jun 2012.	89
	<small>Google Earth.</small>	
34	Ortofoto. 12 Mai 2013.	89
	<small>Google Earth.</small>	
35	Ortofoto. 03 Jul 2016.	89
	<small>Google Earth.</small>	
36	Levantamento arquitetónico: alçados e cortes.	91
	<small>Desenho de autor.</small>	
37	Fotogramas do vídeo “Castelo da Ponte Vizela, Portugal”. 13 Out 2017. 18h08-18h26.	92
	<small>Fotografias de autor.</small>	
38	Idem.	93
	<small>Fotografias de autor.</small>	

39	Levantamento arquitetónico: plantas.	95
	Desenho de autor.	
40	Vista 01. 06 Nov 2008. 11h14.	96
	Câmara Municipal de Vizela.	
41	Vista 01. 15 Fev 2017. 15h44.	96
	Fotografia de autor.	
42	Vista 02. 27 Ago 2009. 10h32.	97
	Câmara Municipal de Vizela.	
43	Vista 02. 30 Mar 2017. 15h45.	97
	Fotografia de autor.	
44	Vista 03. 05 Nov 2008. 16h41.	98
	Câmara Municipal de Vizela.	
45	Vista 03. 01 Abr 2016. 16h05.	98
	Fotografia de autor.	
46	Vista 04. 15 Out 2007. 11h15.	99
	Câmara Municipal de Vizela.	
47	Vista 04. 02 Mar 2017. 14h56.	99
	Fotografia de autor.	
48	Vista 05. 02 Out 2007. 14h59.	100
	Câmara Municipal de Vizela.	
49	Vista 05. 02 Nov 2017. 15h05.	100
	Fotografia de autor.	
50	Vista 06. 22 Out 2007. 14h12.	101
	Câmara Municipal de Vizela.	
51	Vista 06. 01 Abr 2016. 15h45.	101
	Fotografia de autor.	
52	Vista 07. 03 Out 2007. 15h08.	102
	Câmara Municipal de Vizela.	
53	Vista 07. 01 Abr 2016. 15h46.	102
	Fotografia de autor.	
54	Vista 08. 02 Out 2007. 14h29.	103
	Câmara Municipal de Vizela.	
55	Vista 08. 01 Abr 2016. 15h58.	103
	Fotografia de autor.	
56	Vista 09. 03 Out 2007. 14h11.	104
	Câmara Municipal de Vizela.	
57	Vista 09. 01 Abr 2016. 15h48.	104
	Fotografia de autor.	
58	Vista 10. 22 Out 2007. 15h43.	105
	Câmara Municipal de Vizela.	

59	Vista 10. 02 Mar 2017. 14h57.	105
	Fotografia de autor.	
60	Vista 11. 03 Out 2007. 15h03.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
61	Vista 12. 03 Out 2007. 14h59.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
62	Vista 13. 29 Mai 2012. 14h54.	106
	Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.	
63	Vista 14. 03 Out 2007. 15h07.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
64	Vista 15. 22 Out 2007. 14h17.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
65	Vista 16. 03 Out 2007. 15h34.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
66	Vista 17. 29 Mai 2012. 14h40.	106
	Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.	
67	Vista 18. 22 Out 2007. 14h38.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
68	Vista 19. 22 Out 2007. 14h46.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
69	Vista 20. 03 Out 2007. 15h40.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
70	Vista 21. 03 Out 2007. 15h39.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
71	Vista 22. 03 Out 2007. 15h05.	106
	Câmara Municipal de Vizela.	
72	Vista 23. 01 Abr 2016. 15h57.	107
	Fotografia de autor.	
73	Vista 24. 01 Abr 2016. 15h58.	107
	Fotografia de autor.	
74	Vista 25. 01 Abr 2016. 15h57.	107
	Fotografia de autor.	
75	Vista 26. 01 Abr 2016. 15h46.	107
	Fotografia de autor.	
76	Vista 27. 17 Out 2017. 13h36.	107
	Fotografia de autor.	
77	Vista 28. 29 Set 2017. 11h04.	107
	Fotografia de autor.	
78	Vista 29. 29 Set 2017. 09h23.	107
	Fotografia de autor.	

79	Vista 30. 15 Fev 2017. 16h13. Fotografia de autor.	107
80	Vista 31. 30 Mar 2017. 15h49. Fotografia de autor.	107
81	Vista 32. 30 Mar 2017. 15h40. Fotografia de autor.	107
82	Vista 33. 11 Abr 2017. 11h15. Fotografia de autor.	107
83	Vista 34. 30 Mar 2017. 15h39. Fotografia de autor.	107
84	Parede resistente (interior) de alvenaria de pedra. Fotografia. 28 Set 2017. 09h24. Fotografia de autor.	113
85	Esquema exemplificativo: travamento das cantarias (MASCARENHAS, 2006). MASCARENHAS, J. – <i>Sistemas de Construção: III</i> , 2006, p. 23.	115
86	Esquema exemplificativo: parede de alvenaria de pedra emboçada, rebocada, esboçada e estucada (COSTA, 1930-1939). COSTA, F. – <i>Enciclopédia Prática da Construção Civil: 26, 1930-1939</i> , p. 7.	115
87	Parede de compartimentação de tabique simples. Fotografia. 03 Out 2007. 15h39. Câmara Municipal de Vizela.	117
88	Esquema exemplificativo: parede de tabique interior, com duplo tabuado e frechal inferior elevado, apoiado em prumos distanciados cerca de 1m (TEIXEIRA, 2004). Adaptado. In TEIXEIRA, J. – <i>Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Século XVII e XIX...</i> , 2004, p. 123.	119
89	Esquema exemplificativo: parede de tabique simples e sobrado (TEIXEIRA, 2004). Adaptado. In TEIXEIRA, J. – <i>Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Século XVII e XIX...</i> , 2004, p. 177.	119
90	Pavimentos. Fotografia. Maio 2012 (?). Adaptado. In http://4.bp.blogspot.com/-npwBhL_kK-E/T8F7hkEPagI/AAAAAAAAFFc/TvDCrTFHo5Q/s1600/sala+principal+do+castelo+de+vizela.jpg . 31 Mar 2016. 15h17.	121
91	Esquema exemplificativo: tarugagem de vigamentos (COSTA, 1930-1939). COSTA, F. – <i>Enciclopédia Prática da Construção Civil: 7, 1930-1939</i> , p. 6.	123
92	Esquema exemplificativo: parede de alvenaria de pedra e sobrado (TEIXEIRA, 2004). Adaptado. In TEIXEIRA, J. – <i>Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Século XVII e XIX...</i> , 2004, p. 177.	123

93	Escadas interiores. Fotografia. 01 Abr 2016. 15h45.	125
	<small>Fotografia de autor.</small>	
94	Coberturas. Fotograma. 13 Out 2017. 18h17.	127
	<small>Fotografia de autor.</small>	
95	Esquema exemplificativo: constituintes de uma cobertura inclinada (MASCARENHAS, 2006).	129
	<small>MASCARENHAS, J. – <i>Sistemas de Construção: VI</i>, 2006, p. 14.</small>	
96	Esquema exemplificativo: asna tradicional (MASCARENHAS, 2006).	129
	<small>MASCARENHAS, J. – <i>Sistemas de Construção: VI</i>, 2006, p. 49.</small>	
97	Caixilharia exterior (porta principal). Fotografia. 02 Nov 2017. 15h03.	131
	<small>Fotografia de autor.</small>	
98	Identificação dos revestimentos das paredes resistentes de alvenaria de pedra.	134
	<small>Desenhos de autor.</small>	
99	Identificação dos revestimentos das paredes resistentes e de compartimentação de tabique simples.	135
	<small>Desenhos de autor.</small>	
100	Identificação dos revestimentos dos pavimentos.	136
	<small>Desenhos de autor.</small>	
101	Identificação dos revestimentos dos tetos.	137
	<small>Desenhos de autor.</small>	
102	Pormenor de caixilharia.	138
	<small>Desenhos de autor.</small>	
103	Pormenor de caixilharia.	139
	<small>Desenhos de autor.</small>	
104	Pormenor de caixilharia.	140
	<small>Desenhos de autor.</small>	
105	Pormenor de caixilharia.	141
	<small>Desenhos de autor.</small>	
106	Pormenor horizontal: piso 1 - extremidade norte. Escala 1:100.	143
	<small>Desenhos de autor.</small>	
107	Pormenor vertical: extremidade norte. Escala 1:100.	144
	<small>Desenhos de autor.</small>	
108	Crítérios de determinação do coeficiente de conservação. (PORTUGAL, 2007).	147
	<small>Adaptado. In PORTUGAL, M. – <i>NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis...</i>, 2007, p. 7.</small>	
109	Crítérios de avaliação da gravidade da anomalia. (PORTUGAL, 2007).	148
	<small>Adaptado. In PORTUGAL, M. – <i>NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis...</i>, 2007, p. 51.</small>	
110	Vista 35. 13 Out 2017. 18h26.	149
	<small>Fotografia de autor.</small>	
111	Vista 36. 01 Abr 2016. 15h46.	149
	<small>Fotografia de autor.</small>	

112	Vista 37. 01 Abr 2016. 15h52. Fotografia de autor.	149
113	Vista 38. 01 Abr 2016. 15h43. Fotografia de autor.	149
114	Vista 39. 02 Mar 2017. 14h56. Fotografia de autor.	149
115	Vista 40. 15 Fev 2017. 16h08. Fotografia de autor.	150
116	Vista 41. 13 Out 2017. 18h14. Fotografia de autor.	150
117	Vista 42. 09 Out 2007. 09h57. Câmara Municipal de Vizela.	150
118	Vista 43. 13 Out 2017. 18h12. Fotografia de autor.	150
119	Vista 44. 02 Mar 2017. 14h56. Fotografia de autor.	150
120	Vista 45. 13 Out 2017. 18h25. Fotografia de autor.	150
121	Vista 46. 13 Out 2017. 18h16. Fotografia de autor.	151
122	Vista 47. 27 Mai 2012. 15h19. Adaptado. <i>In</i> http://2.bp.blogspot.com/-l2CjdlPgNjk/T8F9xe5IUkI/AAAAAAAAAFGc/Ykiu554A-xs/s1600/torre+do+castelo+de+vizela.jpg . 31 Mar 2016. 15h19.	151
123	Vista 48. 13 Out 2017. 18h15. Fotografia de autor.	151
124	Vista 49. 22 Out 2007. 15h18. Câmara Municipal de Vizela.	151
125	Vista 50. 13 Out 2017. 18h11. Fotografia de autor.	151
126	Vista 51. 15 Fev 2017. 16h01. Fotografia de autor.	152
127	Vista 52. 15 Fev 2017. 16h02. Fotografia de autor.	152
128	Vista 53. 28 Set 2017. 11h19. Fotografia de autor.	152
129	Vista 54. 28 Set 2017. 11h02. Fotografia de autor.	152
130	Vista 55. 01 Abr 2016. 15h45. Fotografia de autor.	152

131	Vista 56. 01 Abr 2016. 15h44.	153
	Fotografia de autor.	
132	Vista 57. 29 Mai 2012. 14h43.	153
	Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.	
133	Vista 58. 01 Abr 2016. 15h48.	153
	Fotografia de autor.	
134	Vista 59. 01 Abr 2016. 15h46.	153
	Fotografia de autor.	
135	Vista 60. 01 Abr 2016. 15h46.	153
	Fotografia de autor.	
136	Vista 61. 01 Abr 2016. 15h48.	154
	Fotografia de autor.	
137	Vista 62. 01 Abr 2016. 15h48.	154
	Fotografia de autor.	
138	Vista 63. 01 Abr 2016. 15h43.	154
	Fotografia de autor.	
139	Vista 64. 01 Abr 2016. 15h52.	154
	Fotografia de autor.	
140	Vista 65. 29 Mai 2012. 14h39.	154
	Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.	
141	Vista 66. 29 Mai 2012. 14h39.	154
	Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.	
142	Vista 67. 01 Abr 2016. 15h53.	155
	Fotografia de autor.	
143	Vista 68. 01 Abr 2016. 15h45.	155
	Fotografia de autor.	
144	Vista 69. 29 Mar 2017. 09h09.	155
	Fotografia de autor.	
145	Vista 70. 15 Fev 2017. 15h57.	155
	Fotografia de autor.	
146	Vista 71. 11 Abr 2017. 11h12.	155
	Fotografia de autor.	
147	Vista 72. 29 Mai 2012. 14h50.	156
	Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.	
148	Vista 73. 29 Mai 2012. 14h49.	156
	Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.	
149	Vista 74. 28 Set 2017. 11h06.	156
	Fotografia de autor.	
150	Vista 75. 15 Fev 2017. 15h54.	156
	Fotografia de autor.	

151	Vista 76. 15 Fev 2017. 15h55. Fotografia de autor.	156
152	Vista 77. 01 Abr 2016. 15h42. Fotografia de autor.	157
153	Vista 78. 01 Abr 2016. 15h59. Fotografia de autor.	157
154	Vista 79. 03 Out 2007. 15h08. Câmara Municipal de Vizela.	157
155	Vista 80. 03 Out 2007. 15h04. Câmara Municipal de Vizela.	157
156	Classificação das anomalias nos pavimentos. Desenhos de autor.	160
157	Classificação das anomalias nos tetos. Desenhos de autor.	161

3 | PROPOSTA

158	<i>Officina Meccanica Alfredo Ferrari – Museo Enzo Ferrari.</i> Adaptado. In http://www.modenacars.ch/news/en/wp-content/uploads/sites/2/2014/06/exposition-maserati-museo-enzo-ferrari3.jpg . 23 Mar 2017. 10h04.	169
159	<i>Museo Ducati.</i> Adaptado. In http://www.ducati.com/cms-web/fs//MediaGalleries/5111/1/MediaGallery_1511568/Museo_110_Gallery_1920x1080.jpg/Museo_110_Gallery_1920x1080.mediagallery_output_image_[1920x1080].jpg . 22 Mar 2017. 14h14.	169
160	<i>Mercedes-Benz Museum.</i> Adaptado. In http://cartype.com/pics/7345/full/mercedes-benz_museum_3.jpg . 22 Mar 2017. 17h07.	169
161	<i>Harley-Davidson Museum.</i> Adaptado. In http://archleague.org/main/wp-content/uploads/2011/02/Harley_Museum.jpg . 22 Mar 2017. 15h41.	169
162	<i>BMW Museum.</i> Adaptado. In https://4.bp.blogspot.com/-RqyQtUJalfM/V-wv8OabDul/AAAAAAAAAOL8/f3-NfzBuQkANIsO3daoLMkUMbriJc4zjwCEw/s1600/museu%2Bbmw%2Bem%2Bmunique.jpg . 13 Jan 2018. 11h51.	169
163	<i>Edifício de Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua.</i> Adaptado. In http://2.bp.blogspot.com/-c1QvdzmcdsE/VDLg03Fu_MI/AAAAAABc0w/PDdWpsQHxq0/s1600/Eduardo%2BSouto%2BMoura%2B.%2Bdif%2B3%ADcio%2Bdo%2BAproveitamento%2BHidroel%C3%A9trico%2B.%2BFoz%2BTua%2B(2).jpg . 15 Fev 2018. 12h01.	171
164	<i>Musée Gallo-Romain.</i> Adaptado. In https://france3-regions.francetvinfo.fr/auvergne-rhone-alpes/sites/regions_france3/files/styles/top_big/public/assets/images/2016/02/15/lyontheatregalloromain1.png?itok=-6fL1fwa . 05 Abr 2018. 16h04.	171
165	<i>Piscina das Marés.</i> Adaptado. In https://images.adsttc.com/media/images/55e6/93f4/8450/b503/7200/0b97/slideshow/1878103811_a_img_7868.jpg?1441174510 . 15 Fev 2018. 13h47.	171

166	Sede do Parque Natural do Fogo.	171
	Adaptado. <i>In</i> https://images.adsttc.com/media/images/53a1/a288/c07a/80d6/3400/01c6/slideshow/551.jpg?1403101822 . 13 Jul 2017. 22h08.	
167	<i>National Museum in Szczecin - Dialogue Centre Prezelomy.</i>	171
	Adaptado. <i>In</i> https://images.adsttc.com/media/images/589d/09df/e58e/ce84/e900/0099/slideshow/023_phot._Juliusz_Sokolowski.jpg?1486686681 . 28 Abr 2017. 16h24.	
168	Planta de coberturas. Escala 1:1000.	174
	Desenho de autor.	
169	Principal distribuição programática.	176
	Desenho de autor.	
170	Quadro com as principais áreas	178
	Tabela de autor.	
171	Fotografia de uma maqueta de estudo.	181
	Fotografia de autor.	
172	Idem.	181
	Fotografia de autor.	
173	Idem.	181
	Fotografia de autor.	
174	Idem.	181
	Fotografia de autor.	
175	Idem.	181
	Fotografia de autor.	
176	Pormenor horizontal: piso 0 – proposta de reconversão e requalificação. Escala 1:100.	187
	Desenhos de autor.	
177	Pormenor vertical: proposta de reconversão e requalificação. Escala 1:100.	188
	Desenhos de autor.	

6 | ANEXOS

178	Acessibilidades às principais cidades vizinhas.	223
	Tabela de autor.	
179	Distância relativa entre o <i>Castelo</i> e os principais equipamentos e serviços.	226
	Tabela de autor.	
180	Identificação dos principais equipamentos e serviços. Mapa turístico de Vizela (sem escala).	226
	Adaptado. <i>In</i> http://www.vizela.pt/wp-content/uploads/2016/06/mapa_portugues.pdf . 02 Ago 2016. 12h00.	

181	Metodologia adotada na determinação dos valores de precipitação e de temperatura (exemplo).	227
	<small>Desenhos de autor. Baseados em IPMA.</small>	
182	Precipitação (mm). Vizela, 2007-2016.	228
	<small>Tabela de autor.</small>	
183	Temperatura máxima média (°C). Vizela, 2007-2016.	229
	<small>Tabela de autor.</small>	
184	Temperatura média (°C). Vizela, 2007-2016.	229
	<small>Tabela de autor.</small>	
185	Temperatura mínima média (°C). Vizela, 2007-2016.	230
	<small>Tabela de autor.</small>	
186	Precipitação média mensal (Vizela, 2007-2016).	230
	<small>Gráfico de autor.</small>	
187	Precipitação total anual (Vizela, 2007-2016).	232
	<small>Gráfico de autor.</small>	
188	Temperatura média do ar (Vizela, 2007-2016).	233
	<small>Gráfico de autor.</small>	
189	Gráfico termopluiométrico (Vizela, 2007-2016).	234
	<small>Gráfico de autor.</small>	
190	<i>Weather Tool > Wind Analysis.</i>	235
	<small>Imagem de autor. Screenshot.</small>	
191	Ventos. Primavera: todo o dia, manhã, tarde e noite.	236
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
192	Ventos. Verão: todo o dia, manhã, tarde e noite.	237
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
193	Ventos. Outono: todo o dia, manhã, tarde e noite.	238
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
194	Ventos. Inverno: todo o dia, manhã, tarde e noite.	239
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
195	Ventos. Anual: todo o dia, manhã, tarde e noite.	240
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
196	Diagramas estereográficos: primavera, verão, outono e inverno às 12h (teve-se em consideração a mudança de hora).	241
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
197	Projeções ortográficas: primavera, verão, outono e inverno às 12h (teve-se em consideração a mudança de hora).	242
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
198	Análise psicométrica: primavera, verão, outono e inverno.	243
	<small>Gráficos de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	

199	Análise psicométrica: todo o ano.	243
	<small>Gráfico de autor. Realizados em <i>Weather Tool</i>.</small>	
200	Carta régia datada a 24 de maio de 1361. Doações de D. Pedro I ao seu filho, Infante D. João.	245
	<small>PINTO, R. – <i>Vizela: 600 anos de História...</i>, 1998, p. 57.</small>	
201	Vestígios do funcionamento do <i>Externato de Vizela</i> no <i>Castelo da Ponte</i>. Fotografia. Maio, 2012 (?).	249
	<small>In http://4.bp.blogspot.com/-MF0MzyGpX7Q/T8F-UsY7_nI/AAAAAAAAAFGs/VpL-E-hcd4Y/s1600/selos+antigos+portugal.jpg. 31 Mar 2016. 15h19.</small>	
202	“De Paços do Concelho a Castelo Cultural” (RVJornal, 2009).	251
	<small>In http://1.bp.blogspot.com/-rBYroRoJglw/T8GCpl3tS2I/AAAAAAAAAFIQ/oYXcR-P6dcM/s1600/castelo+de+vizela+e+externato+de+vizela.jpg. 29 Mar 2016. 12h20.</small>	
203	Fórmula de cálculo. Determinação do estado de conservação do locado. (PORTUGAL, 2007).	253
	<small>Adaptado. In PORTUGAL, M. – <i>NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis...</i>, 2007, p. 202.</small>	
204	Fotografia da maquete final.	257
	<small>Fotografia de autor.</small>	
205	Idem.	258
	<small>Fotografia de autor.</small>	
206	Idem.	259
	<small>Fotografia de autor.</small>	
207	Idem.	260
	<small>Fotografia de autor.</small>	
208	Idem.	261
	<small>Fotografia de autor.</small>	
209	Idem.	262
	<small>Fotografia de autor.</small>	
210	Idem.	263
	<small>Fotografia de autor.</small>	

0 | INTRODUÇÃO



01 | "Segura me estou a cair". Fotografia. 06 Out 2012.



02 | "[Segura me] e[stou a cair]". Fotografia. 17 Ago 2017.

0.1. Introdução ao Lugar

“De há muito que nos conhecíamos...

Eu sabia algo da sua alma e do seu corpo. [...] Eu sabia-a forte e segura nas suas espessas paredes de granito [...]”².

Aqui, de um *Castelo* se trata. Para muitos, desconhecido; por tantos, desejado. Por se erguer bem perto, criara-se a oportunidade de, desde cedo, poder vê-lo envelhecer à espera de uma qualquer sentença que o tempo ditaria. Fonte de inúmeros cenários imaginários, passivamente, aguarda que se faça jus à sua unicidade. Mas o tempo, esse, é escasso. Ainda nos finais da década de 90, ou nos inícios dos anos 2000, se construiu uma vaga memória de infância dos últimos que, do seu interior, por entre delicadas cortinas brancas, se punham à janela e, conversando com quem passava, davam a conhecer uma ínfima parte das histórias que tais pedras abrigam.

Com um contacto quase diário, durante esta última década, torna-se inegável a afetividade que se estabeleceu (e ainda se estabelece) com este legado, mesmo sem ter, até então, consciência do seu real simbolismo para a cidade de Vizela. E são vários os fatores que justificam este desassossego interior perante o seu abandono. Implantando-se contiguamente à EN106 (41°22'17.2"N 8°18'26.1"W), na entrada sul da cidade e nas proximidades do centro histórico, jaz com vista sobre o Parque das Termas, entre a robustez das suas *espessas paredes de granito* e o romantismo dos seus jardins.

² TÁVORA, F. – *Casa da Covilhã, Guimarães 1973-1976*. In *Fernando Távora*, 1993, p. 128.

0.2. Introdução à Dissertação

“De há muito que nos conhecíamos...

*Mas só comecei a conhecê-la melhor quando, juntos iniciamos o romance da sua
– e nossa – transformação [...]”³.*

“Intervir com o Construído: Proposta de Reconversão e Requalificação d’O Castelo da Ponte em Vizela” visa, através de um exercício de projeto específico, refletir sobre a importância de salvaguardar edifícios emblemáticos devolutos, inseridos em contexto urbano, uma vez que, na sua identidade, traduzem a própria história do lugar. Mais ainda se pretende que, adaptando-o a um novo programa, se consiga responder às necessidades atuais da cidade e, dessa forma, se reintegre este edifício no quotidiano de quem a habita.

Metodologicamente, entendeu-se que o exercício proposto se deveria deixar conduzir por duas componentes – teórica e prática – compreendidas como ações complementares e paralelas. Em simultâneo, considerando-se que a *“experimentação do lugar”⁴* seria fundamental para uma melhor e mais correta compreensão do edifício, realizaram-se inúmeras visitas ao local, com registos vídeo-fotográficos, que transparecem a inconstância da construção – motivo pelo qual se apresentam acompanhados pela devida data e hora.

Desta forma, no primeiro capítulo, *“Contextualização”*, procurando compreender quais as realidades a considerar, enquadra-se o objeto no espaço e no tempo. Aqui, pretende-se entender a história como uma ferramenta de projeto – de modo a interpretar e relacionar diferentes indícios com a deliberada construção deste edifício, justificando-a – e refletir, não só sobre o porquê da sua atual decadência, mas também sobre a forma como este surge na memória material e imaterial da cidade.

No segundo capítulo, *“Diagnóstico”*, reconhecendo o estado atual do edifício, direciona-se o olhar para a sua materialidade. Apresenta-se o seu levantamento arquitetónico, acompanhado por um registo vídeo-fotográfico, identificam-se e caracterizam-se, para além das principais técnicas construtivas que estiveram na sua origem, as patologias e as anomalias mais recorrentes, com o propósito de as contornar em futuras intervenções.

³ TÁVORA, F. – *Casa da Covilhã, Guimarães 1973-1976*. In Fernando Távora, 1993, p. 130.

⁴ DINIS, J. – *O Castroeiro...*, 2014, p. 22.

No terceiro e último capítulo, “*Proposta*”, apresentando um projeto de reconversão e requalificação do *Castelo da Ponte*, ambiciona-se sintetizar a aprendizagem e responder à problemática da dissertação em desenho. Iniciando com uma breve reflexão projetual, seguidamente se propõe, de encontro às necessidades atuais da cidade, um programa de índole cultural. Dada a sua extensão, projeta-se além da preexistência. Assim se define, como estratégia conceptual, uma *arquitetura invisível*, de modo a minimizar o impacto visual da nova construção e a preservar a identidade do lugar.

1 | CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. Enquadramento Territorial

1.1.1. Caracterização Geográfica

“*Nas convergências das províncias do Minho e do Douro Litoral*”⁵, sensivelmente a quarenta quilómetros da sua capital de distrito, Braga, situa-se o Concelho de Vizela (região Norte, sub-região do Vale do Ave: NUT III – Ave⁶). Ocupando cerca de 24,69km² de área, segundo a Carta Administrativa Oficial de Portugal do Instituto Geográfico Português, tem por limites, a norte, o Concelho de Guimarães; a poente, ainda o Concelho de Guimarães e o de Santo Tirso; a sul, o Concelho de Lousada e, a nascente, o Concelho de Felgueiras.

Sendo “*um dos mais jovens concelhos de Portugal*”⁷ – uma vez que, “*foi restaurado em 19 de março de 1998, pela Lei n.º63/98*”⁸, passados quase seiscentos anos do efémero período em que, pela primeira vez, subjugou independência administrativa⁹ – o Concelho conta, atualmente, com cerca de 24 mil habitantes (23 736 - Censos 2011) e subdivide-se em cinco freguesias: Caldas de Vizela (União de Freguesias de São Miguel e São João), Infias, Santo Adrião, Santa Eulália e União de Freguesias de Tagilde e São Paio.

Atravessado pela EN106, sentido noroeste – sudoeste; pela EN207-1, sentido oeste – sul; e pela EM513 – VIM (Via Intermunicipal), sentido oeste – este, o Concelho de Vizela privilegia de um rápido acesso aos grandes eixos de comunicação viária das suas imediações. Nomeadamente, a EN106 que constitui o principal eixo de acesso não só aos Concelhos limítrofes, mas também à restante rede viária que serve o Concelho; a EN207-1 que, complementada pela anterior, permite o acesso ao IP4 e à A11 e, por fim, a EM513 – VIM que possibilita o acesso à A7 e, consequentemente, à A3 e à A11¹⁰.

Para além desta infraestrutura viária, o Concelho de Vizela é, também, servido pela “*rede ferroviária nacional – linha 11 (Guimarães)*”¹¹, dispondo de uma estação de comboios, e por uma rede de autocarros interurbanos.

⁵ VIZELA, M. – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I, 2011, p. 15.

⁶ A sub-região do Ave é, atualmente, composta por oito concelhos, nomeadamente, Cabeceiras de Basto, Fafe, Guimarães, Mondim de Basto, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vizela.

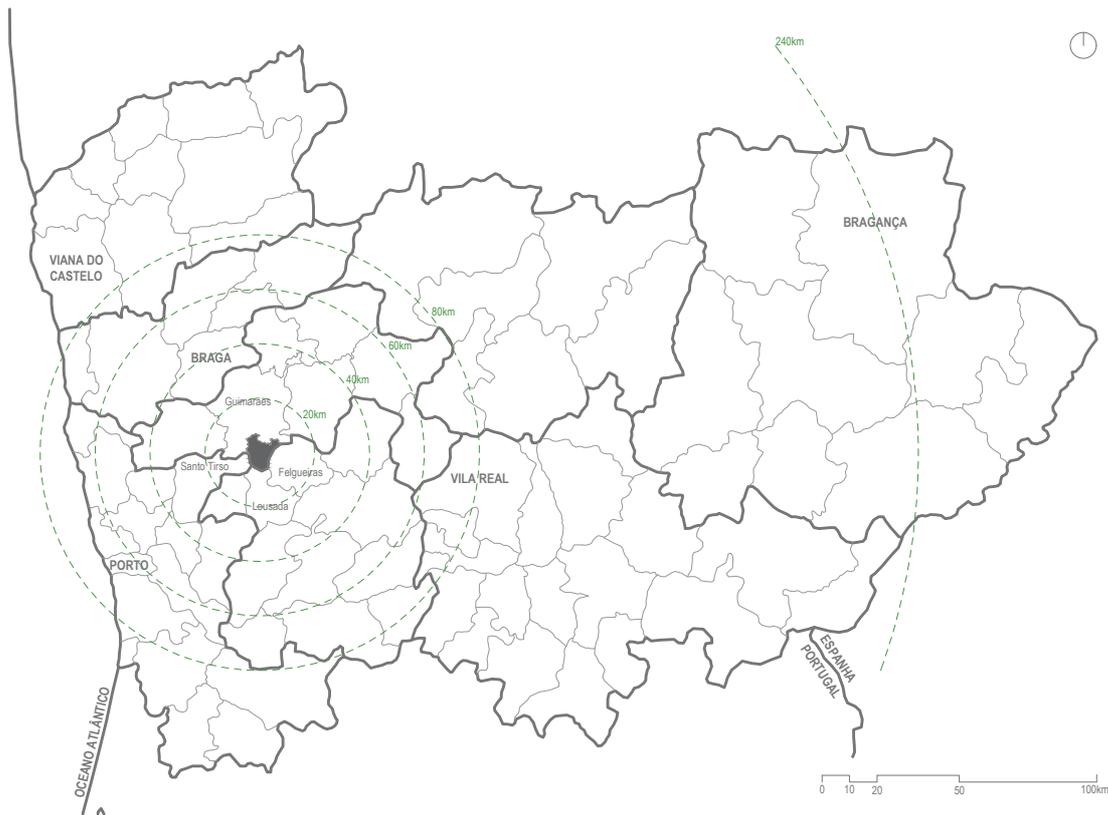
⁷ VIZELA, M. – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I, 2011, p. 15.

⁸ VIZELA, M. – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I, 2011, p. 15.

⁹ Ver subcapítulo “1.2. Enquadramento Histórico”, entre as páginas 41 e 79, da presente dissertação.

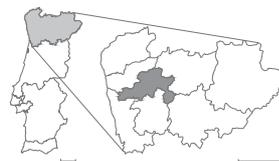
¹⁰ VIZELA, M. – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I, 2011, p. 38-39.

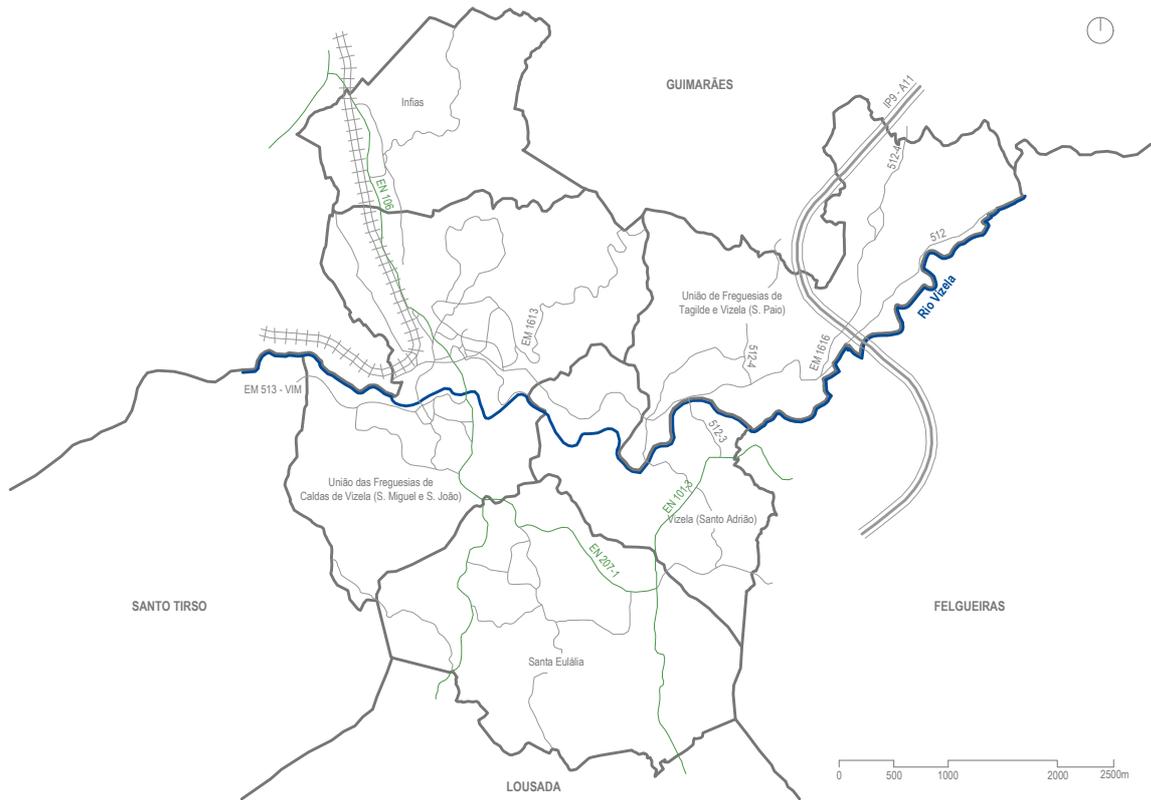
¹¹ VIZELA, M. – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I, 2011, p. 39.



03 | RELAÇÃO DE PROXIMIDADE TERRITORIAL ENTRE VIZELA E AS CAPITAIS DE DISTRITO NA REGIÃO NORTE DE PORTUGAL CONTINENTAL

- NUT II - REGIÃO NORTE DE PORTUGAL CONTINENTAL
- NUT III - SUB-REGIÃO AVE
- CONCELHO DE VIZELA
- DISTÂNCIA TERRITORIAL





04 | PRINCIPAL REDE VIÁRIA DO CONCELHO DE VIZELA

- ESTRADA NACIONAL
- ESTRADA MUNICIPAL / OUTRAS
- == AUTOESTRADA
- ▨ CAMINHO-DE-FERRO

1.1.2. Caracterização Morfológica

Morfologicamente caracterizado pela presença do Rio Vizela, “*principal afluente do Ave*”¹², o Concelho de Vizela apresenta, quer ao longo destas margens que se estendem por cerca de cinquenta quilómetros, quer ao longo das margens dos seus principais afluentes Ferro e Bugio, uma biodiversidade variada. A evidente proximidade a estas linhas de água favorece o desenvolvimento de núcleos habitacionais mais concentrados na sua extensão, para além de importantes unidades industriais, grandes consumidoras deste recurso.

1.1.3. Caracterização Climática

Por se situar no Noroeste Português e dada a proximidade ao Litoral, o local apresenta “*uma forte influência atlântica, traduzindo-se num clima de temperaturas amenas, com pequenas amplitudes térmicas e forte pluviosidade média*”¹³.

De acordo com a análise realizada aos dados climáticos do Concelho de Vizela dos últimos dez anos, tendo por base os valores compreendidos entre janeiro de 2007 e dezembro de 2016, apresentados no IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera)¹⁴, verifica-se que novembro, dezembro, janeiro e fevereiro correspondem aos meses de maior precipitação média e de menor temperatura média, em oposição a junho, julho, agosto e setembro que, por sua vez, correspondem aos meses de menor precipitação média e de maior temperatura média. Genericamente, esta região apresenta um valor de precipitação anual média de 1 325mm; uma temperatura mínima média compreendida entre 4,3°C e 6,4°C e uma temperatura máxima média compreendida entre 25,2°C e 28,6°C.

Ainda sobre a caracterização climática, é pertinente analisar a direção, a intensidade, a temperatura média e a humidade média relativa dos ventos, no Concelho de Vizela. Para tal, recorre-se aos dados climáticos disponíveis em ficheiro de formato EPW (*EnergyPlus Weather*) e, explorando o programa *Weather Tool*, realiza-se uma simulação dinâmica destes¹⁵. De um modo geral, verifica-se que predominam ventos de oeste, sudoeste, sul e, em menor escala, de este com uma intensidade de 5km/h a 35km/h; uma temperatura média compreendida entre 5°C e 30°C e uma humidade média relativa que oscila entre 55% e 95%.

¹² VIZELA, M. – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I, 2011, p. 21.

¹³ VIZELA, M. – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I, 2011, p. 23.

¹⁴ Ver subcapítulo “6.3. *Análise Climática*”, entre as páginas 225 e 241, da presente dissertação.

¹⁵ Ver subcapítulo “6.3. *Análise Climática*”, entre as páginas 225 e 241, da presente dissertação.



05 | Centro histórico de Vizela. Ilustração.

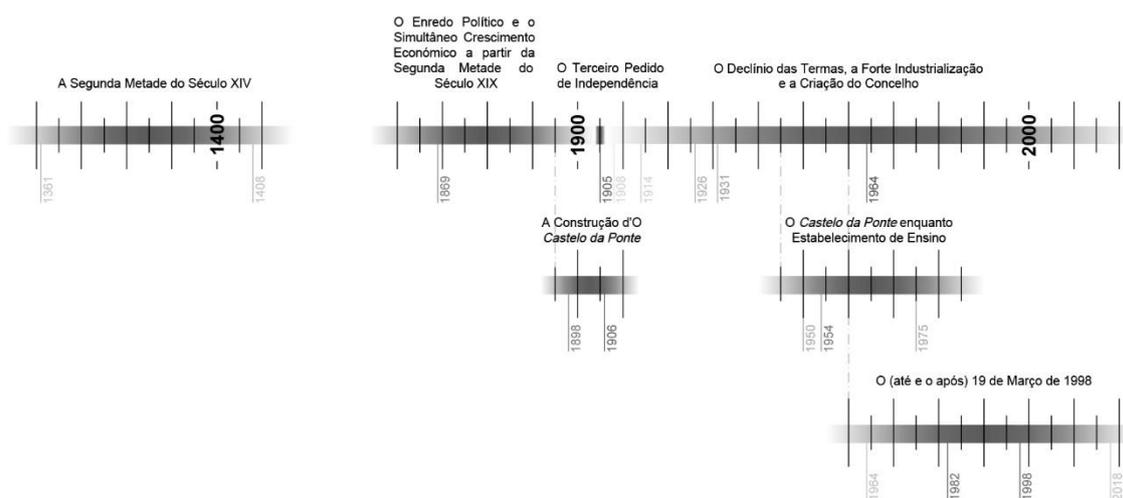
LEGENDA: 1. Banho do Mourisco; 2. "Bica-Quente" (Praça da República); 3. Castelo; 4. Chalé (Parque das Termas); 5. Igreja Nova de S. Miguel; 6. Igreja de S. João; 7. Igreja Velha de S. Miguel (IIM); 8. Paço de Gominhães (IIP); 9. Parque das Termas; 10. Ponte D. Luís; 11. Ponte Romana (MN); 12. Termas de Vizela.

1.2. Enquadramento Histórico

“Revisitando o passado reconhecemo-nos no presente e projectamo-nos no futuro”¹⁶.

O *Castelo da Ponte*, construído entre o final do século XIX e início do século XX, tornou-se num dos símbolos da luta pela independência administrativa de Vizela, que se travara durante anos, e, por isso, traduz uma intrínseca relação histórico-política, que se torna indispensável conhecer, para se compreender o porquê desta tão singular construção.

Assim sendo, visando uma perspetiva de intervenção, recua-se até ao efémero período em que Vizela obtivera independência administrativa pela primeira vez, entre 1361 e 1408; percorre-se todo o conflituoso enredo gerado em torno desta ambição, analisando os seis pedidos formais de independência que foram feitos, entre 1869 e 1964, com o contexto social que se fazia sentir – sendo o *Castelo* fruto do terceiro pedido, este realizado pelo impulsionador desta construção, e que aqui será analisado, sob o ponto de vista arquitetónico – e termina-se com a tão ambicionada conquista do povo vizelense, a 19 de março de 1998.



06 | Linha cronológica com delimitação dos subcapítulos e marcação das datas de maior importância.

¹⁶ FERREIRA, C. – *Restauro dos Monumentos Históricos*, 1992, p. 9.

1.2.1. A Segunda Metade do Século XIV

Recua-se na linha cronológica até à segunda metade do século XIV, ao efémero período em que a terra das *Caldas de Riba de Vizella*¹⁷ subjugou independência administrativa pela primeira vez, aquando, por entre outras, fora doada por D. Pedro I ao Infante D. João, seu filho, numa carta datada a 24 de maio de 1361, em Elvas¹⁸. Segundo OLIVEIRA GUIMARÃES (1899), Abade de Tagilde, no “*archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães [...] encontra-se [...] o ultimo documento, por nós conhecido, em que se menciona o infante D. João como donatario das Caldas de Vizella*”, datado a 11 de agosto de 1378¹⁹, visto que, já no reinado de D. Fernando, vira confiscadas todas as suas terras, consequência da deslealdade que teve para com a sua pátria, tendo estas ficado na posse da coroa²⁰.

Desde então, *Caldas de Riba de Vizella*, após a morte d’O Formoso, servira de recompensa a quem D. João I achava merecedor de tal e, neste contexto, esta terra havia conhecido mais três donatários, nomeadamente, Affonso Lourenço de Carvalho²¹; Payo Sorredeia²² e D. Frei Álvaro Gonçalves Camello²³.

No entanto, este curto período de independência finda a 3 de fevereiro de 1408, com a entrega de uma carta régia, em Estremoz, ao último donatário mencionado, fazendo com que esta terra retomasse para o termo de Guimarães²⁴. E, embora não haja uma concreta justificação para esta cedência, ressalta-se o argumento de PINTO (1998), que a relaciona com os “*seculares conflitos entre os poderes municipais de Vizela e os conventos de Roriz e de Guimarães*”²⁵.

¹⁷ “A terra das Caldas de Riba de Vizella, compreendendo, pelo menos, as duas freguezias de S. Miguel e S. João das Caldas e a de Infias, formou na segunda época da monarchia portugueza um concelho ou julgado independente, com justiças privativas [...]” in GUIMARÃES, J. – *Caldas de Vizela (Notas Históricas)*, 1899, p. 71.

¹⁸ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 60-61. Ver subcapítulo “6.4. Carta Régia de 24 de Maio de 1361”, na página 243, da presente dissertação.

¹⁹ GUIMARÃES, J. – *Caldas de Vizela (Notas Históricas)*, 1899, p. 74.

²⁰ GUIMARÃES, J. – *Caldas de Vizela (Notas Históricas)*, 1899, p. 75.

²¹ “Por ter aberto às suas forças as portas da vila de Guimarães, até então fiel a Castela, por carta régia, dada em Guimarães, em 8 de maio de 1385” in SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 61.

²² “Por ter assinado, na qualidade de governador, a capitulação da cidade galega de Tuy, por carta régia de 10 de outubro de 1389, dada nessa cidade” in SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 62.

²³ “Em 26 de janeiro de 1403, por carta de mercê, dada em Santarém” in SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 62.

²⁴ GUIMARÃES, J. – *Caldas de Vizela (Notas Históricas)*, 1899, p. 75-77.

²⁵ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 60.

1.2.2. O Enredo Político e o Simultâneo Crescimento Económico a partir da Segunda Metade do Século XIX

“Passaram-se vários séculos até que a situação se alterasse ou fosse, sequer, alvo da mínima contestação. A população de Vizela resignou-se, os anos foram passando e tudo se esqueceu. Tudo não. Quase tudo. A pequena semente de independência ficou [...]”²⁶.

Intimamente relacionado com esta antiga ambição de independência está a herança da civilização romana que por esta terra havia passado: a atividade termal²⁷. Primeiro, sob a forma de *“rudes e pouco cómodos quartos de banho”²⁸*, a Câmara Municipal de Guimarães ia explorando estas águas, com a certeza de que destas obteria uma fonte de rendimento segura; depois, numa tentativa de a exonerar, em *“meados de 1866 [...] resolveu levantar uma planta e construir um estabelecimento por sua conta e risco”²⁹*.

No entanto, para além da reprovação do projeto que o engenheiro Achilles Dejant desenvolvera – *“quer por questões orçamentais, sendo considerado demasiado elevado (no montante de 327.000\$00 réis), quer devido à construção da estrada n.º36, entre Guimarães e Penafiel, que passava por parte do terreno destinado ao estabelecimento termal”³⁰* – também a população de Vizela impugnara esta vontade da Câmara de Guimarães, pelo facto de se sentir submissa às condições que esta impunha³¹.

²⁶ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 85.

²⁷ *“A água era retirada de qualquer uma das piscinas ou bicas – ainda de origem romana – e em pipas conduzida para diversos pontos do País. Eram estas piscinas em número de 26, sendo 18 em S. Miguel e 8 em S. João [...]”* in DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 33.

²⁸ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 40.

²⁹ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 40.

³⁰ CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 18.

³¹ *“Mas para verificarmos o estado de coisas entre a Câmara de Guimarães e os vizelenses, recuemos ao ano de 1788, e vamos até às águas do Mourisco. No ano supra, no local onde hoje se encontra o estabelecimento do Mourisco, leiras de terras de cultivo junto ao rio, brotavam águas sulfurosas de quatro fontes, sendo mais duas mesmo ao meio do leito do Vizela. Em 1840, o proprietário dos terrenos marginais mandou edificar uma barraca de madeira e uma tina do mesmo material, colocando-a ao serviço do público. Tempos depois a barraca caiu em ruínas e o então Abade de S. Miguel, P.º Miguel Joaquim de Sá, [...] adquiriu esta propriedade e mandou construir outro banho em pedra. A afluência do público foi enorme. Então a Câmara de Guimarães quis apoderar-se destes banhos e começou a nomear para ali banheiros até 25 de Abril de 1866. No entanto, o proprietário (e o público) considera os banhos como seus e ia-os fornecendo e administrando. «Ora em 9 de Julho de 1866 a Câmara resolveu intentar um pleito judicial contra o então (Pinho Leal) seu proprietário Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, para haver estas nascentes e banhos, terminando a questão em 1875 pela desistência da Câmara feita no Supremo Tribunal.»* in DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 41-42.



07 | Espaço urbano de Caldas de Vizela em 1867 (sem escala). Autoria do Engenheiro Achilles Dejant.

Estando já descontentes desde a “desditosa representação a D. Maria II”³², os vizelenses, “como [...] não eram atendidos nas suas justas petições e sugestões, fizeram em 1869 [...] o seu primeiro pedido de independência”³³, clarificando que “não sendo isto possível, se dignasse [S. Majestade] transferir aquelas duas paróquias para o concelho limítrofe (Lousada), cuja Câmara, por certo, daria mais impulso aos melhoramentos de Vizela”³⁴. Contudo, este pedido fora, de certa forma, sabotado e, meses depois, havia-se enviado o segundo de vários pedidos de independência.

Vizela ultrapassava um período de grande agitação, essencialmente, política, devido à falta de entendimento, que teimava em se perpetuar, entre estas duas terras. No entanto, e em simultâneo, iam-se alcançando pequenas conquistas, que começavam a tecer uma narrativa mais consolidada. Narrativa que ia de encontro aos avanços tecnológicos que se faziam sentir, por todo o Norte de Portugal, durante o reinado de D. Luís; tais como, em 1875, a chegada do caminho-de-ferro a Braga, com ligação ao Porto; em 1877, a inauguração da Ponte D. Maria Pia, sobre o Rio Douro; ou, ainda, em 1887, a inauguração da linha do Tua³⁵.

Nestes “novos tempos de modernização”³⁶, em Vizela, salientam-se os seguintes feitos: em 1862, o início da construção da Estrada Real n.º 36³⁷; em 1871, a abertura da Ponte de D. Luís I³⁸; em 1876, o início da “construção do edifício termal, sendo as obras e o projeto dirigidos pelo engenheiro Cesário Augusto Pinto”³⁹, a mando da Companhia de Banhos de Vizela⁴⁰; em 1878, “a inauguração do telégrafo, que funcionava inicialmente apenas entre Maio e Outubro, época alta nas termas de Vizela”⁴¹; em dezembro de 1883, a inauguração da linha férrea e, cinco anos depois, em outubro de 1888, o término da construção do estabelecimento termal⁴².

³² Episódio de “17 de maio de 1852 [...] num tempo em que se perspectivava nova reforma administrativa [...] os políticos vimaranenses, cientes que Vizela iria representar à rainha D. Maria II a sua emancipação administrativa, por artifícios políticos de bastidores, convenceram a monarca a suprimir do itinerário régio a ultimada visita a Vizela” in SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 161.

³³ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 41.

³⁴ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 61.

³⁵ SILVEIRA, L. – *D. Luís*, 2009, p. 76. Cit RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 22-23.

³⁶ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 24.

³⁷ SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 69.

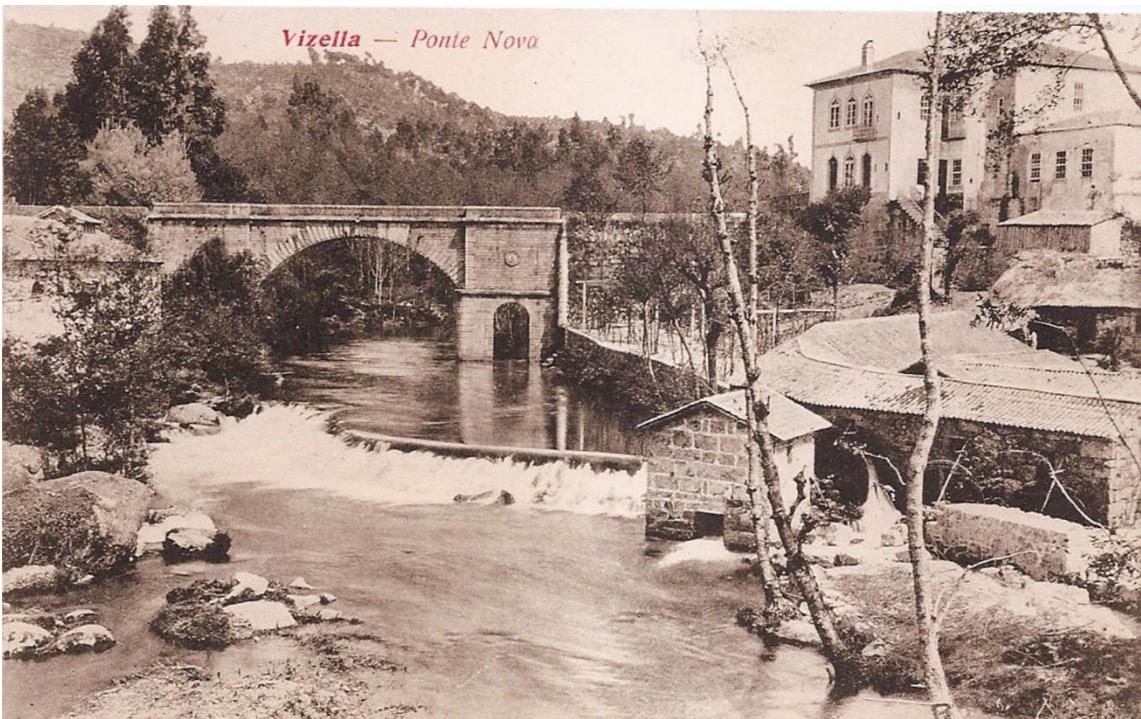
³⁸ SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 70.

³⁹ CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 18.

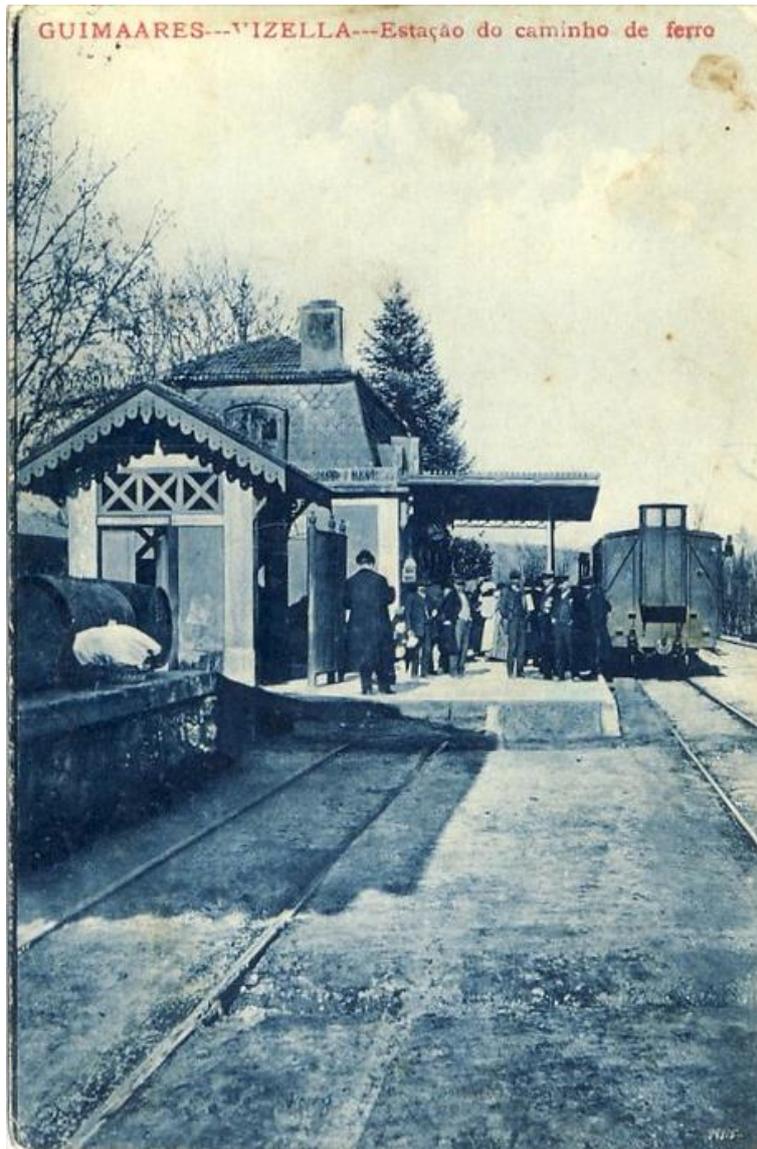
⁴⁰ “[...] constituída por António José Ferreira Caldas – (filho de Vizela) –, Joaquim Ribeiro da Costa e Alberto da Cunha Sampaio” in DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 41.

⁴¹ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 25.

⁴² DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 43.



08 | Vizela na segunda metade do século XIX. Ponte Nova (Ponte D. Luís I). Postal.



09 | Vizela na segunda metade do século XIX. Estação de Caminho-de-ferro. Postal.

“[...] todas as evoluções tecnológicas das quais temos vindo a dar conta, fruto de uma tendência industrializada inevitável e fulcral para o desenvolvimento do país, foram igualmente acompanhadas de uma nova consciência social. O homem, que passava a ser coadjuvado pela máquina no processo produtivo, pôde desfrutar igualmente dos avanços da medicina, quer por via do desenvolvimento científico, quer pela recuperação de métodos ancestrais [...]”⁴³.

Dada a conclusão do novo complexo termal, *“Vizela [...] torna-se num ponto de chegada de todos aqueles que procuravam o poder curativo das águas”⁴⁴*. E, apesar deste se encontrar em funcionamento desde 1881 e de ter *“contabilizados 71.689 banhos”⁴⁵* no seu primeiro ano, conjecturou-se, desde a primeira instância, num fator preponderante no desenvolvimento socioeconómico deste local. Uma vez que gerava, em seu torno, inúmeras especificidades, desde logo se ressalta a necessidade de alojamento para a crescente afluência de aquistas *“que chegavam a Vizela, predominantemente por via ferroviária”⁴⁶*.

Tendo-se verificado tal facto, regista-se um significativo aumento no número de casas construídas – segundo DAMAS (1965), *“em 1757 Vizela tinha 275 fogos, e 117 anos depois (1874), tinha o seu número elevado para 460 fogos”⁴⁷*. No entanto, a população residente via-se, ainda assim, incapaz de responder a todos os pedidos de alojamento nas suas próprias casas, o que levava ao surgimento dos primeiros hotéis e pensões. De acordo com Jaime de Oliveira, no espaço temporal de 1854 a 1925, existiram, em Vizela, onze hotéis⁴⁸ – registando-se, nos anos de 1887 e 1888, o maior número de unidades hoteleiras coexistentes (sete) – para além da, ainda maior, oferta de pensões e restaurantes. *“Em paralelo com o diligente setor hoteleiro, verificou-se, [...], um acentuado crescimento das atividades comerciais a partir de 1881, intimamente vocacionadas para o apoio da vida termal ou por ela fomentada, ao contabilizar-se, nessa data, a passagem de 36 estabelecimentos comerciais para 130, registados até 1906”⁴⁹*.

⁴³ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 25.

⁴⁴ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 26.

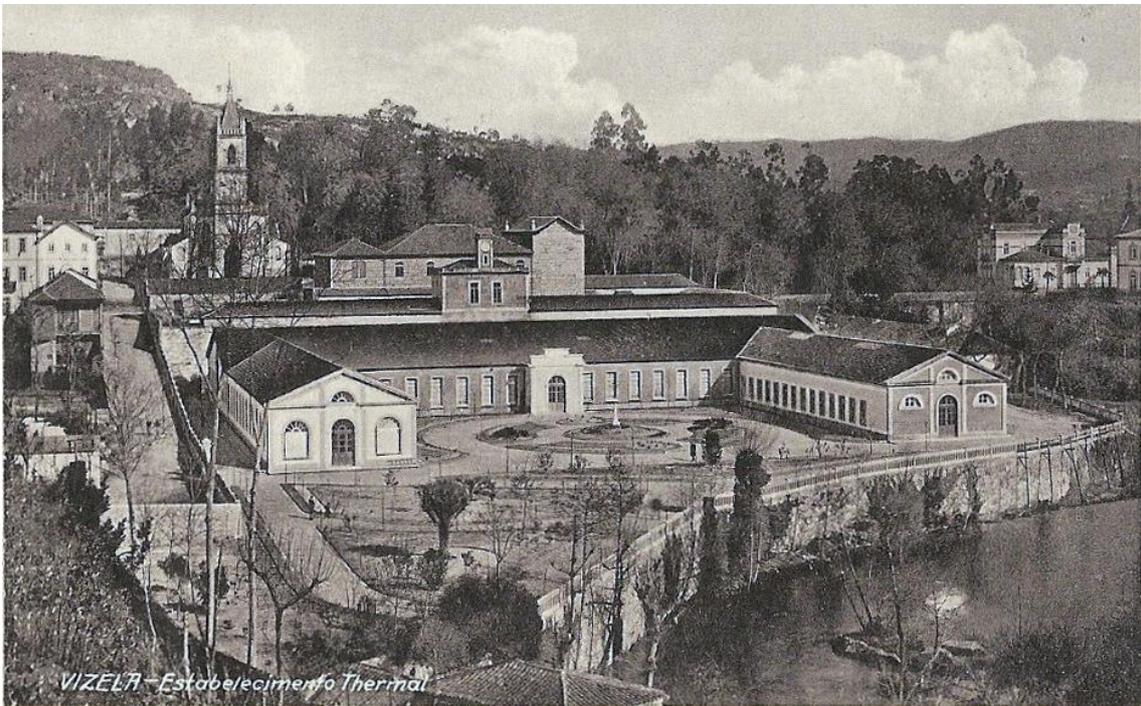
⁴⁵ CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 17.

⁴⁶ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 28.

⁴⁷ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 34.

⁴⁸ *“Avenida; Balneário; Bragança; Central; Cruzeiro Sul; Frankfort; Sul Americano; União; Universal; Vizela; Vizelense”* in OLIVERIA, J. – *Vizela...*, 2008, p. 24.

⁴⁹ SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 176.



10 | Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Estabelecimento Termal. Postal.



11 | Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Hotel Sul-Americano. Postal.

Neste seguimento, e respondendo “às exigências dos aquistas endinheirados que recorriam às Caldas”⁵⁰, a Companhia de Banhos de Vizela manda construir “entre 1884 e 1886 [...] um parque com um lago, considerado à época, um dos maiores do país”⁵¹. Sito na proximidade do estabelecimento termal e delimitado por um troço do Rio Vizela, fora idealizado e erigido por “José Marques Loureiro, horticultor do Porto, e Jerónimo Monteiro da Costa, jardineiro, projetista e responsável pelos jardins do município portuense”⁵² – custara “a organização, a arborização e a ornamentação [...] 4.500\$000 réis à companhia”⁵³.

“Não são as margens do Tamisa ou do Sena, [...], nem as margens do Reno, [...], mas sim as margens de um riozito inocente, que desliza serenamente, cantando endechas pastoris que nos arroubam e nos atraem. É preciso ser poeta para compreender os seus encantos; [...] ser artista para avaliar as suas belezas”⁵⁴.

O quotidiano via-se marcado pela presença de inúmeros aquistas, entre os quais, predominavam, colónias brasileiras e inglesas⁵⁵, que “alegravam a vida balnear da época [...]. Bailes, piqueniques, arraiais minhotos e as famosas batalhas de flores”⁵⁶ haviam criado o ambiente entusiasta ambicionado, cativando célebres personalidades – “Hintze Ribeiro, Brito Camacho, Silva Porto, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro ou Carolina Michaelis, para além do inesquecível Camilo Castelo Branco”⁵⁷ – que, por entre os seus legados, deixaram testemunhos de tal lugar⁵⁸.

Vivia-se, assim, um marcante progresso que, num ritmo continuamente crescente, restituía a Vizela o auge que tanto desejava – fazendo com que, anos mais tarde, diferentes autores a citem como “a Cauterets portuguesa”⁵⁹ ou como um dos locais de “rendez-vous da elite da sociedade portuguesa”⁶⁰.

⁵⁰ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 27.

⁵¹ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 27.

⁵² CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 21.

⁵³ CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 22.

⁵⁴ OLIVEIRA, José Duarte de, in *Jornal de Horticultura Prática* (1886). Cit. GUIMARÃES, R. – *Em Demanda do Passado...*, 2016, p. 25.

⁵⁵ PINTO, E. – *Um Olhar Sobre Vizela*, 2003, p. 56.

⁵⁶ PINTO, E. – *Um Olhar Sobre Vizela*, 2003, p. 56.

⁵⁷ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 27.

⁵⁸ “[...] Era, pois, em 1851, aos 15 de Junho, nas Caldas de Vizela. Entre os salgueiros que enverdecem uma ilha acima da ponte que chamam «velha», à hora da sesta, emboscaram-se sete pessoas que preferiam aquele frescor acre do arvoredado, golpeado por meandros do rio, ao cheiro sulfuroso e até sulfídrico da «lameira» [...]” in CASTELO BRANCO, C. – *Novelas do Minho*, 2006, p. 37.

⁵⁹ “Cauterets, estação termal francesa, sita nos Altos Pireneus” in PACHECO, M. – *Avicella...*, 1984, p. 114.

⁶⁰ VAQUINHAS, I, CASCÃO, R. – *Evolução da Sociedade em Portugal...*, 1993, p. 455. Cit CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 21.



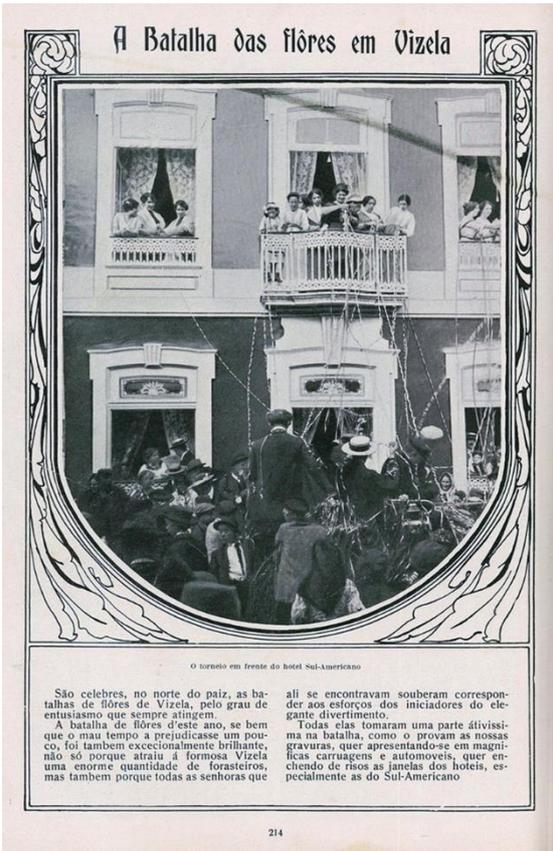
12 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Avenida Central do Parque. Postal.



13 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Uma regata com hóspedes do Hotel Sul Americano. Postal.



14 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. "Ponte Velha", Silva Porto (1884). Óleo sobre madeira. 375 x 560 mm.



15 | Quotidiano de Vizela no final do século XIX e no início do século XX. Batalha de Flores. Reprodução de *Ilustração Portuguesa*. N.º 338.



16 | Idem.

1.2.3. O Terceiro Pedido de Independência

Com uma nova consciencialização social e perante um evidente desenvolvimento económico, cria-se, em Vizela, um ambiente propício a mudanças. Cientes de tal, chegando o ano de 1905, eis que surge o terceiro pedido de independência – sendo este esboçado pelo *“Ilustre Médico e Bairrista Vizelense Dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria, e ainda outros Vizelenses, firmados em promessas de políticos amigos seus”*⁶¹. No entanto, como resposta, fora-lhes imposta uma condição: a construção de um edifício capaz de albergar os Paços de Concelho.

Pela análise da *“correspondência trocada entre o [...] Dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria e o Dr. Manuel Pereira, chefe de Gabinete da Presidência do Conselho de Ministros presidido por Luciano de Castro”*⁶², salienta-se a frase que, formalmente, daria o mote a tão singular construção:

*“[Lisboa, 5-5-905] É prudente ir preparando todos os materiaes para o edificio – delinear-lhe os contornos, cavar fundo os alicerces e escolher até o pessoal para à primeira voz se dar começo à obra”*⁶³.

Perante isto, e como consequência da emancipação que se fazia sentir, em Vizela, desde finais do século XIX, adivinha-se uma obra de forte cariz monumental. Assim, *“o Dr. Armindo de Freitas R. de Faria, comprometendo a sua fortuna pessoal, mandou construir o edificio que serviria de Paços do Concelho, o Castelo da Ponte, como o vulgo ainda hoje o conhece. Ficou concluído em 1906 e tem, ainda hoje, capacidade suficiente para abrigar todas as repartições necessárias a uma Câmara, Fazenda, Tribunal, Polícia [...]”*⁶⁴ sendo que *“nos baixos do mesmo edificio ficariam instalados depósitos, garagens, armazéns, habitações, etc.”*⁶⁵.

DAMAS (1965) refere ainda que *“custou essa construção ao preclaro vizelense 60 contos ouro, e, na parte superior 1º andar e 2º e 3º andares do torreão, está actualmente instalado o Externato de Vizela [...]”*⁶⁶.

⁶¹ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 62.

⁶² DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 62.

⁶³ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 63.

⁶⁴ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 62.

⁶⁵ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 62.

⁶⁶ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 62.

No entanto, é verdadeiramente questionável, como é possível, no curto prazo de um ano – de acordo com as referências acima mencionadas, em 1905, dá-se a formalização do terceiro pedido de independência e, em 1906⁶⁷, a conclusão do edifício – se erguer um edifício de tal envergadura, tendo em consideração as tecnologias disponíveis à época. Diante de tal incoerência, e após a análise das escassas referências sobre este, parece que, muito provavelmente, o ano que se aponta na breve memória descritiva, fornecida pela atual Câmara Municipal de Vizela, seja o mais sensato para o início desta construção: 1898.

Com isto, aqui se supõem duas situações. Ou este edifício, que se havia iniciado no final do século XIX, por conta do Dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria, estaria a ser pensado para um determinado fim e fora depois readaptado, em 1905, para dar resposta à exigência da Presidência de Conselhos de Ministros; ou, por sua vez, o impulsionador desta construção, pelas relações políticas que mantinha⁶⁸, estaria, de certa forma, a prever tal exigência e, querendo-se antecipar, inicia esta construção anos antes de realizar o pedido, para que, quando a obra se visse prestes a concluir, o realizasse e, dessa forma, daria quase por garantido o que havia solicitado.

No entanto, tal não aconteceu; não se obtivera parecer positivo a este terceiro pedido, tal como se denota na resposta do Dr. Manuel Monteiro:

“[Lisboa, 15-7-905] Os acontecimentos políticos obrigam-me a pôr de lado o nosso projeto, até que chegue a ocasião de me parecer viável; e essa ocasião já não pode deparar-se no anno corrente por circunstancias especialissimas que conheço. Nós tambem não marcamos praso [...] e, se vivermos mais algum tempo, que não é necessário que seja muito [...], sentiremos o praser de dever-se à nossa iniciativa a transformação d’essa formosipsima terra.....”⁶⁹.

Todavia, a obra idealizada estava concluída e com alicerces que a tornaria num dos símbolos da luta pela independência administrativa de Vizela, que se travava durante anos.

⁶⁷ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 65.

⁶⁸ “Porém, para além do bairrismo, as razões das dissidências deveriam ser muito determinantes, tendo em atenção que o primeiro subscritor deste pedido secessionista, o dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria, era vereador na CMG desde 1902, alinhado no grupo regenerador” in SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 165.

“[...] viria a ser médico, líder distrital do Partido Evolucionista e senador durante a Primeira República” in PACHECO, M. – *Das Margens do Vizela...*, 2007, p. 368.

⁶⁹ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 64.



17 | Evolução de Caldas de Riba de Vizella até ao século XIX (sem escala). Autoria dos arquitetos Arménio Losa, Carlos Prata e Henrique de Carvalho.

1.2.3.1. A Construção d'O Castelo da Ponte

Interrompe-se, por momentos, a análise ao contexto histórico – que se fez conduzir até à construção deste edifício – e direciona-se a narrativa para o próprio *Castelo da Ponte*. Implantando-se contigualmente à Estrada Real n.º 36, atual Estrada Nacional 106, o *Castelo* apresenta-se com a sua fachada principal voltada a nascente⁷⁰, sendo esta visível ao longo das margens do troço do rio que delimita o Parque das Termas – local que era frequentado pelas mais altas classes sociais na altura em que o edifício fora construído, e tal como anteriormente se referira.

Ante tal facto, julga-se que aqui se havia implantado por dois motivos: o primeiro, e possivelmente o mais óbvio, porque se crê que aquele terreno fora doado por Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria ao seu filho Armindo de Freiras Ribeiro de Faria⁷¹; e o segundo, para que, de certo modo, se manifestasse quer a ânsia pela subida no poder administrativo (metaforicamente marcada pela diferença de cotas que se faz sentir, fazendo com que do seu interior se domine visualmente as redondezas e, de qualquer ponto destas, o transeunte se veja obrigado a olhar para cima para total perceção do edifício); quer a centralidade de que Vizela se achava merecedora (enfatizada pelas dimensões que este edifício admite e pela presença de uma torre ao centro – a torre, por si só, acarreta um claro simbolismo de defesa, neste caso, de defesa de interesses, vendo-se ornamentada, no topo, por fâcies militares: presença de ameias e de merlões pontiagudos).

Analisando a fachada principal, apesar de se desenvolver no mesmo plano e de forma quase simétrica em relação ao eixo vertical da torre, percebe-se, numa primeira instância, a existência de, pelo menos, dois tempos de construção distintos – não só pela linguagem que neles se aplica, como também pela tonalidade da pedra empregue, sendo esta evidenciada por duas juntas verticais que claramente tentam coser estes dois tempos. Assim sendo, desde logo se distinguem três corpos: um central, caracterizado pela torre, de quatro pisos, ladeada por dois volumes, de dois pisos, ambos com a mesma linguagem; e, os extremos, com uma linguagem claramente distinta do corpo central, caracterizados pelas mansardas que os compõem, para além dos seus dois pisos.

⁷⁰ Consequentemente, a fachada tardoiz volta-se a poente, com vista sobre os vastos terrenos que a este edifício pertencem, com aproximadamente 7 458 m² de área; a fachada norte volta-se para os jardins e a fachada sul volta-se para a demarcada entrada para os terrenos.

⁷¹ “Após a abertura da Estrada Real, de Guimarães a Vizela e Penafiel, Joaquim Ribeiro de Faria entendeu ser chegada a oportunidade de iniciar o loteamento e a urbanização dos seus terrenos, muito contribuindo para o progresso da povoação. Adquiriu também a Quinta do Poço Quente e construiu para si uma grande casa, na rua que viria a ter o seu nome e fazia esquina com a actual rua de Dr. Pereira Reis. Pai de oito filhos, dos quais, dois se licenciaram em Medicina e um em Teologia, a todos deu terrenos para a construção de casas, nascendo, assim, o elegante bairro do Mourisco” in PACHECO, M. – *Das Margens do Vizela...*, 2007, p. 368.



18 | Vista sobre o lago do Parque das Termas com o *Castelo da Ponte* em plano de fundo. Postal.

Ainda em relação a esta fachada, e pela observação de uma fotografia de 1931, constata-se que os dois volumes que ladeiam a torre eram apenas de um piso – colocando-a, claramente, em destaque – e, com um olhar mais atento sobre a mesma, decifra-se uma junta horizontal que o confirma⁷². Com isto, e em simultâneo, analisam-se vários postais da época que, apesar de muitos deles não serem datados, se conseguem organizar cronologicamente pelas alterações que se foram denotando na paisagem. Curiosamente, naqueles em que ainda não era visível a torre do *Castelo*, já eram perceptíveis as mansardas da extremidade norte, sendo as da sul imperceptíveis, quer pela sua ausência, quer pela vegetação que as obstruía no momento do registo fotográfico.

Perante tais factos, pressupõe-se que a torre, de planta retangular (8,60 x 6,90 metros), fora construída autonomamente, apenas se relacionando com a pré-existência através dos alinhamentos que esta definira – talvez assim se justifique que, no seu interior, apenas se estabeleçam posteriores ligações com os restantes compartimentos. Seguidamente, pensa-se que foram, então, adossados os dois volumes que a ladeiam, inicialmente apenas de piso térreo, como acima se havia referido, e com os quais não se estabeleceram quaisquer ligações interiores. Por fim, com o acrescento de um segundo piso, a estes dois últimos volumes mencionados, possibilita-se uma ligação longitudinal que, atravessando a torre, percorre o edifício em toda a sua extensão, nesse mesmo nível – não são conhecidos registos que elucidem o ano de tal alteração, apesar de, na edição de 15 de outubro de 1951 do *Jornal de Vizela*⁷³, se dar a conhecer uma fotografia do *Castelo* na qual a composição da fachada é equiparável à atual.

Equiparável, também, contudo longe do esplendor que outrora emanara, apresenta-se o pequeno e sublime jardim romântico, de frente para a fachada norte do edifício, e sobre o qual se adivinham horas de contemplação desse varandim – tal como se desconhece o autor da traça do *Castelo*, permanece também incógnito o responsável deste arranjo. O jardim, atravessado por um percurso sinuoso com pouco mais de trinta metros e embebido nas espécies que nele se desenvolvem, mimetiza, cenograficamente, elementos da natureza que o organizam. Troncos entrelaçados, por entre outros cortados, desenham as guardas do percurso que, culminando com um mirante sobre o vale, convidam, entretanto, a que o transeunte atravesse, cerca de cinco metros, numa ponte, que o conduz até a uma exígua (porém, misteriosa) gruta, na qual até estalactites fazem parte.

⁷² Apesar do ângulo em que a fotografia fora tirada, pensa-se que estes eram encimados com uma balastrada que, mesmo sendo uma peça meramente ornamental, se poderia traduzir em terraços – à semelhança da *Casa do Castelo* que se situava de frente à extremidade Norte do *Castelo*, demolida em março de 2011, segundo o *Jornal Digital de Vizela* –, aos quais apenas se teria acesso através do segundo piso da torre, enaltecendo o poder local desejado. (Para visualizar parte dos trabalhos de demolição, ver “DEMOLIÇÃO CASA DO CASTELO ddV” acessível através do URL: <https://www.youtube.com/watch?v=XaSLf3cv4aA>).

⁷³ O Externato de Vizela reabriu as suas aulas. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 25 (1951).



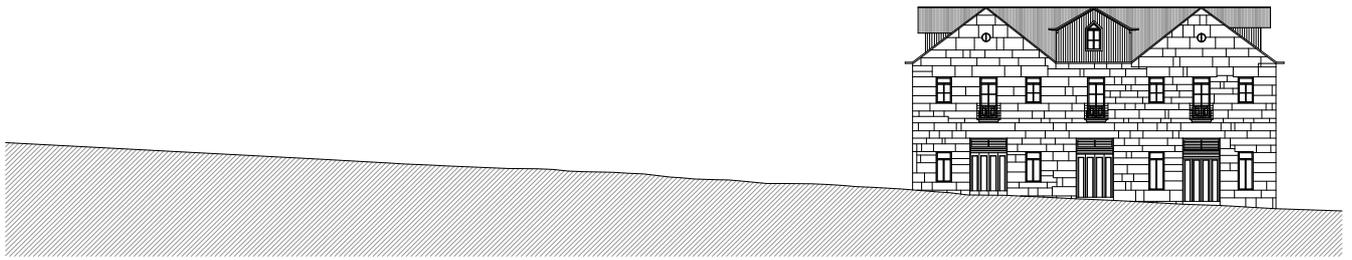
19 | *Castelo da Ponte* (volumes que ladeiam a torre com apenas um piso, encimados por balaustradas). Fotografia. 1931.



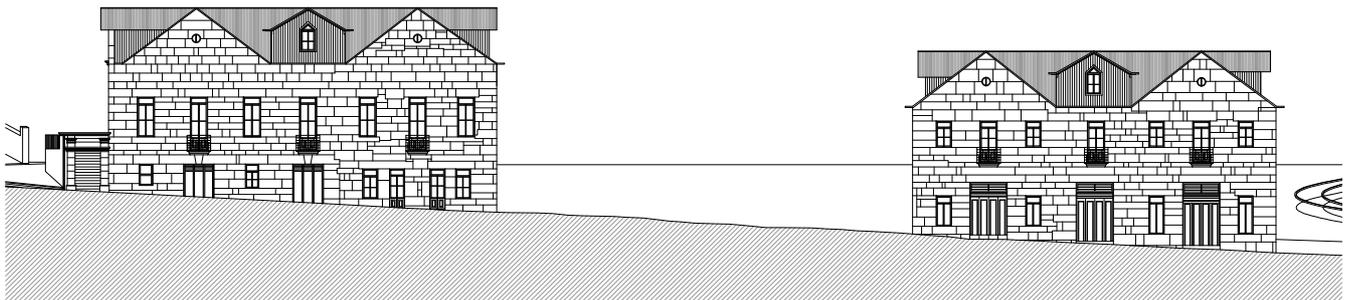
20 | Bairro Mourisco (sem a presença da torre do Castelo). Segundo CAMPANTE (2016), este momento fora registado entre 1904 e 1905. Postal.



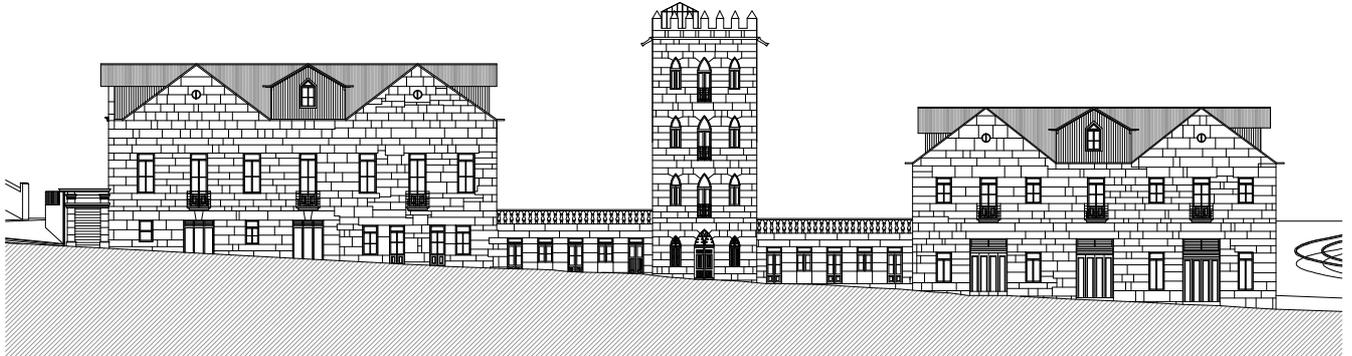
21 | Bairro Mourisco (com a presença da torre do Castelo). Posterior a 1906. Postal.



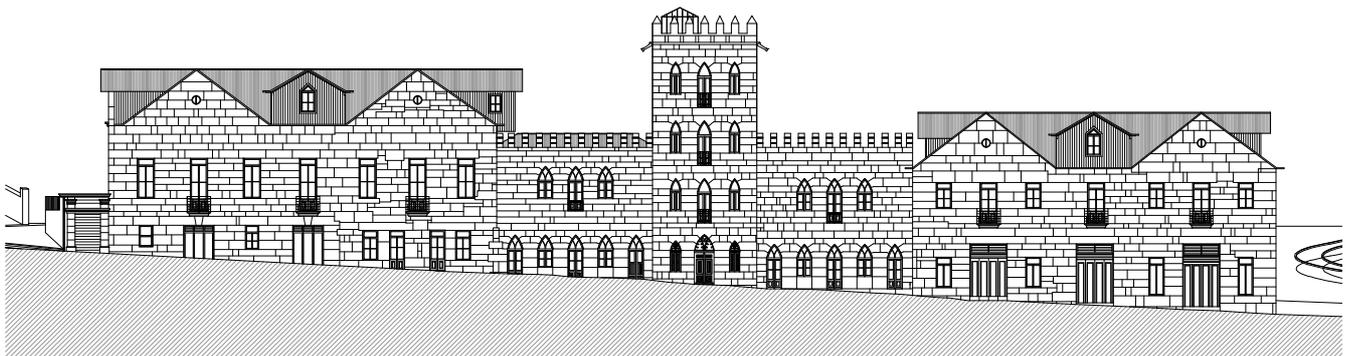
22 | ESTUDOS DA EVOLUÇÃO DO ALÇADO NASCENTE: FASE 1 (BASEADO EM POSTAIS DA ÉPOCA) | ESCALA 1:500



22 | ESTUDOS DA EVOLUÇÃO DO ALÇADO NASCENTE: FASE 1.1 (BASEADO EM POSTAIS DA ÉPOCA) | ESCALA 1:500



22 | ESTUDOS DA EVOLUÇÃO DO ALÇADO NASCENTE: FASE 2 (BASEADO EM FOTOGRAFIAS DA ÉPOCA - REGISTO FOTOGRÁFICO DE 1931) | ESCALA 1:500



22 | ESTUDOS DA EVOLUÇÃO DO ALÇADO NASCENTE: FASE 3 - ATUAL (REGISTO FOTOGRÁFICO DE 1951) | ESCALA 1:500

Pontualmente, já foram aqui enunciadas algumas das relações que se estabelecem no interior deste edifício, contudo inicia-se agora uma análise pragmática sobre estas. Saliendo-se, desde já, que este conjunto edificado se organiza segundo uma planta de base retangular, com 8,60m de largura (referente às fachadas norte e sul) por 77,00m de comprimento (referente às fachadas nascente e poente), perfazendo uma área bruta total de, aproximadamente, 1 865,00m².

Analisando o piso térreo, encontram-se os maiores espaços do *Castelo*, justificando o que DAMAS descrevera no seu livro *Ad Perpetuam* (1965) – e como anteriormente fora citado – sendo que, a partir destes, não se estabelecem ligações interiores com os restantes pisos, à exceção da torre que comunica verticalmente. É, então, a partir desta que se chega ao segundo piso, no qual, se dispõem os salões nobres, apresentando tetos ornamentais e diversos pormenores de remate. Ainda neste nível, e já na extremidade sul, é estabelecida uma precária ligação interior com a mansarda desta; contrariamente ao que se verifica na extremidade norte, na qual apenas existe uma ligação exterior. Continuando o percurso ascensional através da torre, por um terceiro e quarto pisos, vêem-se dispostas outras salas, de menores dimensões, sendo ainda visível a claraboia que as ilumina.

Ainda que, posteriormente, se descreva com maior minúcia os processos construtivos empregues nesta construção, conclui-se esta análise com uma sumária referência aos mesmos. Assim, salienta-se que o *Castelo da Ponte* se ergue sobre um consolidado aparelho granítico – que sustenta toda a sua construção e onde, sucessivamente, se rasgam vãos, ora em arco quebrado no corpo central, ora retangulares nos restantes, ambos com caixilharias e portadas de madeira, no exterior e no interior, respetivamente – com exceção do lado tardoz dos últimos dois volumes acrescentados, onde, recorrendo-se a uma leve estrutura de madeira revestida a chapa ondulada pelo exterior, se denota uma clara sobreposição de tempos.

Esta construção em pedra combina-se, pelo interior, com a construção em madeira, sendo esta empregue estruturalmente na execução da cobertura (revestida a telha) e nos vigamentos que, se por um lado dão suporte aos pavimentos em soalho, por outro dão suporte aos tetos, maioritariamente, de estuque – com exceção dos caixotões, também estes de madeira, presentes no teto do piso térreo da torre. Para além destes elementos, este material também se vê empregue em paredes divisórias (construídas através da tradicional técnica de tabique simples e que, tal como na maioria dos tetos, se veem estucadas) e em corrimões e escadas (à exceção das que comunicam entre o piso térreo e o primeiro piso da torre, visto serem de pedra).

1.2.4. O Declínio das Termas, a Forte Industrialização e a Criação do Concelho

De forma a concluir este enredo, retoma-se novamente a linha cronológica, ainda em pleno “frenesim social”⁷⁴. Desta feita, com a crescente afluência de aquistas, surge também a necessidade de resposta a uma das atividades mais procuradas por estes e pela “gente endinheirada que passava todos os anos por Vizela”⁷⁵: o jogo – “muito embora tivesse sido, até a implantação da República, clandestino”⁷⁶. Como consequência, organiza-se um Club privado, o “Mourisco Club, que terá sido criado à semelhança dos existentes nas estâncias termais de Spa, Baden ou Hamburgo”⁷⁷, desempenhando “um papel importante na vida social de Vizela”⁷⁸ e que funcionara “desde 1908, no vulgarmente denominado ‘castelo’, propriedade do médico vizelense, dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria”⁷⁹.

Já com a destituição da Monarquia e com o Regime Republicano implementado, o desejo pela independência administrativa manifestara-se, uma e outra vez, na esperança de cumprir tal pretensão. Primeiro, “em 1914 os vizelenses tentaram novamente formular ao Governo da Nação um novo pedido [...] que não se realizou devido à eclosão da Grande Guerra de 1914-1918”⁸⁰; depois, em 1926, com a forte industrialização que se fazia sentir na década de 20, formaliza-se o quarto pedido de independência, o qual envolvia representantes de onze freguesias⁸¹.

Em paralelo a tais questões, o quotidiano dos aquistas e dos demais via-se animado pelos três casinos de que dispunham, desde 1918: “Bristol, Peninsular e Requite”⁸². Contudo, dada a sazonalidade da atividade termal, a Companhia de Banhos de Vizela reconhece a importância que estes espaços desempenham na economia local e, numa reunião datada a 30 de julho de 1928, refere que, para além de obras de melhoramentos das ruas, por “não haver divertimento algum pela falta de jogo, [...] a abertura do Casino Peninsular”⁸³ ao público em geral, o que leva a crer que o posterior período de declínio se tivesse, desde então, começado a manifestar.

⁷⁴ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 30.

⁷⁵ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 30.

⁷⁶ RIBEIRO, J. – *Joaquim da Costa Chicória...*, 2017, p. 30.

⁷⁷ SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 114.

⁷⁸ SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 114.

⁷⁹ SILVA, J. – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos...*, 2013, p. 114.

⁸⁰ DAMAS, J. – *Ad Perpetuum...*, 1965, p. 66.

⁸¹ “Em 1926 os habitantes da região, dos quais faziam parte representantes de S. João e S. Miguel das Caldas, Infias, Tãgilde, Moreira de Cónegos, S. Paio, S. Faustino, Gandarela, Guardizela, Lordelo, Nespereira e S. Martinho do Conde, dirigindo-se por representação escrita ao Governo da Nação pediram a sua autonomia e a criação do Concelho de Vizela” in DAMAS, J. – *Ad Perpetuum...*, 1965, p. 66.

⁸² OLIVERIA, J. – *Vizela...*, 2008, p. 44.

⁸³ AMAP – *Actas da Comissão da Iniciativa das Termas de Vizela, 1925-1937*. Cit CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 133.

MOURISCO-CLUB

No elegante theatro do Mourisco,
terá logar a

13 DE AGOSTO DE 1912

As 8 1/2 horas da noite

A maravilhosa, espectacular e hyper-sulfurea

Revista de Vizella

(produção genial da symbolica firma theatral FRATERNAES
AMIGOS & C.) a qual, sob a chuchante epigraphe de

“Canna-Dôce,,

depositará nas augustas e bendosas mãos des primoreses artistas, cujas nomenclaturas, per modestia, se conservam entre bastidores, o exito assegurado da hilariante REVISTA, com que o selecto e benemerito publico acudirá a enxugar as lágrimas des desvalides da formosa Vizella.

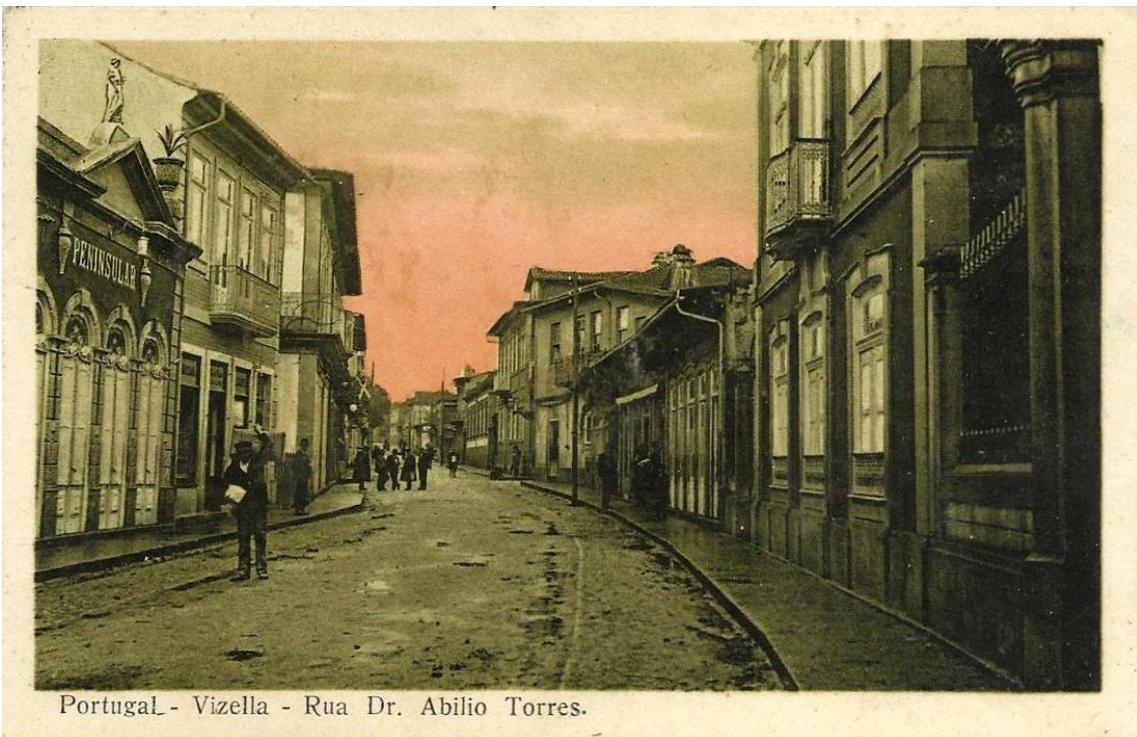
Á URNA, ELEITORES,

QUE É O MESMO QUE

Á revista, senhores.

Pop., Enc. e Tip. Minerva Vimezanense

23 | Quotidiano de Vizela no início do século XX. Presença da Revista de Vizela, no *Mourisco Club*.



Portugal - Vizella - Rua Dr. Abilio Torres.

24 | Quotidiano de Vizela no início do século XX. Rua Dr. Abilio Torres (Casino Peninsular à esquerda; Hotel Sul-Americano à direita). Postal.

A atividade deste último casino mencionado fora efémera. A partir da década de 30, “os casinos foram extintos nas localidades termais e apenas permitidos nas localidades balneares”⁸⁴. No entanto, reconhecida a procura que tais espaços detinham e a receita que geravam, contornara-se esta proibição com a prática do jogo justificada “*pelas pessoas doentes [...] como remédio para as suas doenças*”⁸⁵. Todavia, “*a trilogia dos espaços termais: termas, casino e hotel*”⁸⁶ quebrara-se e verifica-se que, “*depois desse apogeu, que se prolongou por vários anos e que conferiu a Vizela o título de Rainha das Termas de Portugal, registou-se um período de declínio*”⁸⁷.

Ressentindo-se da decadência do termalismo, Vizela encontra na indústria o caminho progressista que havia começado a percorrer e o qual acredita ser o que, um dia, cumprirá o seu ideal independentista⁸⁸. Assim, repegando no anterior pedido de independência – elaborado em 1926, onde se clarifica a escala que esta ânsia tomara – e, apesar de mais uma vez não se realizar “*a aspiração máxima dos vizelenses [...], em 1931, o Governo da Nação para amenizar o desgosto causado aos aborígenes, concedeu-lhes o título honorífico de Vila*”⁸⁹.

Com o evidente crescimento da indústria, verifica-se a sua expansão um pouco por todo o território de Vizela – pese embora, sempre que possível, com construções junto às margens do rio para o aproveitamento da força motriz. Com uma forte incidência na indústria têxtil e, mais tarde, na indústria de calçado, Vizela conseguira garantir, aos seus habitantes, postos de trabalho estáveis (em oposição à sazonalidade do termalismo). Regista-se, assim, uma nova subida no nível de vida que, conseqüentemente, se traduziu num maior número de casas e de população residente⁹⁰ – por volta de “*1930, tinha Vizela 985 fogos e cerca de 5500 habitantes*”⁹¹.

“*À medida que Vizela se desenvolvia economicamente, os gritos de independência iam soando mais alto*”⁹², vendo-se intensificados os pedidos, com esse propósito, mesmo durante o Estado Novo. Existindo, portanto, um quinto, em 1931, e um sexto, em 1964, no qual “*as razões aduzidas [...] são as mesmas de há 100 anos: os povos do feracíssimo vale do Vizela, um dos mais belos de Portugal, querem ser autónomos, independentes na sua administração*”⁹³.

⁸⁴ CUNHA, M. – *As Termas de Vizela...*, 2016, p. 84.

⁸⁵ CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 23.

⁸⁶ CUNHA, M. – *Caldas de Vizela...*, 2012, p. 24.

⁸⁷ PINTO, E. – *Um Olhar Sobre Vizela*, 2003, p. 56.

⁸⁸ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 57.

⁸⁹ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 67.

⁹⁰ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 57.

⁹¹ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 91.

⁹² PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 92.

⁹³ DAMAS, J. – *Ad Perpetuam...*, 1965, p. 74.



25 | Espaço urbano de Caldas de Vizela em 1949 (sem escala). Autoria dos arquitetos Arménio Losa, Carlos Prata e Henrique de Carvalho.

1.2.4.1. O Castelo da Ponte enquanto Estabelecimento de Ensino

Entretanto, a 30 de novembro de 1950, no *Jornal de Vizela*⁹⁴, anuncia-se a vontade da criação do “Grande Colégio de Vizela”⁹⁵ que se viria a consistir num “estabelecimento de ensino de valor e importância”⁹⁶. Avançando-se, já na posterior edição de 15 de Dezembro, que estava “definitivamente assente a instalação em Vizela deste estabelecimento, aguardando-se apenas a celebração do contrato de arrendamento para que se torne um facto concreto”⁹⁷. Ainda nesta, se refere que a direção do colégio seria composta pelo “Dr. Arlindo Lima de Magalhães Júnior, Dr. José Lopes Craveiro da Costa e Escultor Manuel da Cunha Monteiro”⁹⁸ e que o ensino seria distribuído “pelos cursos primário, técnico (cursos da Escola Comercial) e liceal (este até ao 7º ano) [...] nos três regimes de externato (aulas e salas de estudo), semi-internato (frequência escolar e almoço) e internato (estudo e pensionato)”⁹⁹.

Sucessivamente, a imprensa local dava conta do desenvolvimento deste processo. Vendo-se frisado, pelo *Jornal de Vizela*, a 30 de janeiro de 1951, o desejo de que “a fundação do Colégio seja o primeiro passo para o engrandecimento cultural da terra”¹⁰⁰. Chegadas as posteriores edições de 15 e de 28 de fevereiro, refere-se, respetivamente, que “o Ex.^{mo} Sr. Dr. Ary de Almeida Elias da Costa [...] consegue a fundação de um Colégio”¹⁰¹ e que “todos os detentores de boletins de inscrição os devolvam preenchidos à Secretaria, no «Castelo da Ponte»”¹⁰².

Dava-se, assim, início a um novo (e, possivelmente, o mais importante) ciclo que, até então, passara naquele edifício – uma vez que se desconhece a presença de quaisquer outras atividades desde 1916 (ano em, pela última vez, este fora mencionado como *Mourisco Club*)¹⁰³ – e que havia sido, formalmente, anunciado a 18 de fevereiro de 1951, no jornal *Notícias de Guimarães*:

⁹⁴ O *Jornal de Vizela* era um jornal regional de edição quinzenal. Tinha, como diretor, editor e proprietário, o Dr. Ary de Almeida Elias da Costa e, como chefe de redação, Ângelo Pinto Camelo.

⁹⁵ Verba volant, opera manent. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 4 (1950), p. 1.

⁹⁶ Verba volant, opera manent. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 4 (1950), p. 1.

⁹⁷ Grande Colégio de Vizela. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 5 (1950), p. 1-2.

⁹⁸ Grande Colégio de Vizela. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 5 (1950), p. 1-2.

⁹⁹ Grande Colégio de Vizela. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 5 (1950), p. 1-2.

¹⁰⁰ Iniciativas que honram uma terra. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 8 (1951), p. 1.

¹⁰¹ Vizela em Marcha. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 9 (1951), p. 1-2.

¹⁰² Colégio de Vizela. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 10 (1951), p. 1.

¹⁰³ *Commercio de Guimarães* (04 Jan.1916). Cit OLIVEIRA, J. – *Vizela...*, 2008, p. 43.

*“Abre no próximo dia 1 de Março o Grande Colégio de Vizela o qual fica situado num dos pontos mais lindos da vila, no grandioso edifício do Castelo do Mourisco. Este magnífico estabelecimento de ensino do primeiro ao sétimo ano, inicia a sua vida com 14 magnificas salas, todas de modernos requesitos para o classificarem como um dos melhores do género em Portugal”*¹⁰⁴.

No entanto, sem serem conhecidos os motivos para tal, avança o Jornal *O Conquistador*, a 30 de setembro de 1954, que “o Colégio fechou...”¹⁰⁵ – pese embora a falta de certeza de que se trate deste ou de um outro colégio, o *Colégio Moderno*¹⁰⁶, que, por ventura, ainda pudesse existir. Certo é que, passado um (ainda) indeterminado espaço de tempo, se veio a instalar, neste mesmo edifício, o *Externato de Vizela*, o qual ainda permanece na memória coletiva de muitos dos seus antigos alunos. Como testemunho deste último, presenciaram-se as estantes, os espaldares e as carteiras partidas; o velho quadro de ardósia; o letreiro enferrujado e um amontoar de folhas de papel que reveste o piso assoalhado, por entre as quais, se registam os anos letivos de 1963-64 a 1974-75¹⁰⁷.

¹⁰⁴ Carta de Vizela. *Notícias de Guimarães - Jornal Defensor dos Interesses do Concelho*. Guimarães. (1951), p. 4.

¹⁰⁵ Fechou o Colégio.... *O Conquistador - Semanário Católico e Regionalista de Guimarães*. Guimarães. N.º 54 (1954), p. 8.

¹⁰⁶ “Pode-se ter uma ideia deste colégio feminino, situado na actual R. António Pereira da Silva (nº25), através dos artigos e notícias que o jornal “Comercio de Guimarães” publicou: Em 04.01.916: - “No passado Domingo 22 de Dezembro realizou a sua festa o novo e já tão acreditado Colégio Moderno de Vizela de que são digníssimas directoras as Exmas. Sras. D. Aurora da conceição Ribeiro e D. Etelvina Alice de Castro, conhecidas no nosso meio pelo seu muito talento, competência e probidade, demonstradas exuberantemente durante o tempo que leccionaram num colégio em Guimarães [...]” in OLIVEIRA, J. – *Vizela...*, 2008, p. 42.

¹⁰⁷ Ver subcapítulo “6.5. Vestígios do Funcionamento do Externato de Vizela no Castelo da Ponte”, na página 247, da presente dissertação.



26 | O Castelo da Ponte enquanto Externato de Vizela. Fotografia.

1.2.4.2. O (até e o após) 19 de Março de 1998

Em paralelo a esta narrativa do *Castelo da Ponte*, a vida política continuara agitada, em Vizela.

Apesar de muito se poder enumerar sobre esta, expõem-se, sumariamente, os acontecimentos de maior relevância, desta vez com a criação do MRCV, Movimento para Restauração do Concelho de Vizela, a 27 de outubro de 1964¹⁰⁸ (ano em que se havia realizado o sexto pedido de independência).

Este Movimento, que se propusera a *“liderar toda a contestação futura e combater todos os argumentos contrários”*¹⁰⁹, dera, afincadamente, continuidade a esta luta pela independência administrativa, que teimava em persistir. Contudo, o árduo caminho que o Movimento palmilhava – e que *“atravessara as fronteiras da região”*¹¹⁰ sendo *“objeto de notícia em todos os jornais nacionais”*¹¹¹ – acreditava ver renovadas as esperanças, dada a Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974. No entanto, e apesar de não obterem resultados de imediato, a cada passo, este assunto inquietava o Parlamento – sendo o PPM, Partido Popular Monárquico, o primeiro a propor a criação deste concelho, em 1981¹¹².

No decorrer da década de 80, *“os acontecimentos que se viveram na Assembleia da República foram tumultuosos”*¹¹³ – e, em Vizela, também. Em maio de 1982, foram *“defraudadas, mais uma vez, as expectativas dos sete mil vizelenses que nesses dias tinham ido propositadamente a Lisboa”*¹¹⁴. Como consequência destas consecutivas deceções, em forma de protesto, a 05 de agosto deste mesmo ano, vêm-se levantados os carris da linha férrea de Vizela – ação que desencadeou *“fogo de metralhadora, manchas de sangue e nuvens de gases lacrimogéneos [...] no decurso dos confrontos entre populares e tropas de campanha da Guarda Nacional Republicana”*, tal como se pode ler no Jornal *O Comércio do Porto*, na edição de 06 de agosto de 1982¹¹⁵.

¹⁰⁸ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 95.

¹⁰⁹ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 95.

¹¹⁰ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 97.

¹¹¹ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 97.

¹¹² PINTO, E. – *Um Olhar Sobre Vizela*, 2003, p. 58.

¹¹³ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 98.

¹¹⁴ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 99.

¹¹⁵ “[...] A equipa de reportagem que, apesar das barreiras – policiais e populares – conseguiu movimentar-se na vila pôde auscultar os ânimos da população, toda ela indignada pelo que considerava ser a exagerada e absurda presença dos «caceteiros da Guarda» em terras vizelenses. Cerca de quarenta jipes, oito autometalhadoras e outros tantos camiões de transporte conferiam à zona da estação o aspecto de «sítio de guerra», adensado pela presença de atiradores da GNR em pontos sobranceiros àquela área” in CAMPELOS, M. – *A Luta Autonómica de Vizela Após a Revolução de Abril*, 2003, p. 203.



27 | Protesto de 05 de agosto de 1982. Carris levantados da linha férrea de Vizela. Fotografia.

Por entre infindáveis enredos políticos¹¹⁶, chega-se, finalmente, aos finais da década de 90. Onde, com o apoio dos partidos maioritários, se regista a maior vitória de todo este processo:

“Uma vitória que dava satisfação ao desejo de sucessivas gerações vizelenses e que só foi possível pela inultrapassável dedicação, persistência e sacrifício do MRCV. Dezanove de Março de 1998 foi, assim, um dia inolvidável com o povo a festejar em delírio tão grande vitória, passando a constituir o marco mais relevante de toda a história de Vizela”¹¹⁷.

Perante tal resolução da Assembleia da República – Lei n.º 63/98 – Vizela ascende à categoria de cidade e vê de novo, passados mais de cinco séculos, restituído o seu Concelho, desta vez, *“englobando as freguesias de S. João, S. Miguel, Santa Eulália, Santo Adrião, Infias, Tagilde e S. Paio. Com uma área de 23,921 km², 16246 eleitores e cerca de 24 mil habitantes”¹¹⁸.*

...

Parte integrante desta história está, sem dúvida, o *Castelo da Ponte*. Sem nunca ter desempenhado a função para o qual fora pensado, sempre fora encarado como uma resposta às necessidades sociais que, por ventura, surgiram. Primeiro sob a forma de *Mourisco Club*, depois como *Grande Colégio de Vizela* e, posteriormente, como *Externato de Vizela*, abriu as suas portas à população. Aquando do encerramento do *Externato*, o *Castelo* caiu ao abandono – embora servisse de habitação a diversas famílias. Mantendo-se na posse de privados até 2007, ano em que a Câmara Municipal de Vizela anuncia a sua compra, torna-se formalmente propriedade desta, no dia em que se comemorou o 10º aniversário da restauração do Concelho¹¹⁹, com a promessa de que *“pela sua elevada simbologia, seja dado um destino condigno e que finalmente se cumpra o objetivo inicial da sua construção: a sua colocação ao serviço da causa pública e ao serviço de todos os Vizelenses”¹²⁰*. Uma década depois, o *Castelo*, devoluto, ressentindo-se claramente do abandono a que está sujeito, encontra-se já num avançado (e contínuo) estado de degradação.

¹¹⁶ Para um maior aprofundamento sobre este assunto, consultar a bibliografia apresentada referente à história de Vizela.

¹¹⁷ PINTO, E. – *Um Olhar Sobre Vizela*, 2003, p. 59.

¹¹⁸ PINTO, E. – *Um Olhar Sobre Vizela*, 2003, p. 59.

¹¹⁹ VIZELA, C. – *Boletim Municipal*. N.º16 (2007), p. 1.

¹²⁰ VIZELA, C. – *Boletim Municipal*. N.º16 (2007), p. 40.



28 | Castelo da Ponte. Fotograma. 13 Out 2017. 18h28.

2 | DIAGNÓSTICO

2.1. Levantamento Arquitetónico e Registo Vídeo-Fotográfico

“[...] os registos de imagem constituem suporte da historiografia dos monumentos [...], sejam diagramas gráficos ou levantamentos numéricos, sejam ainda fotográficos ou fotogramétricos [...] representam uma componente da inventariação do construído”¹²¹.

Consciente da importância que os *registos de imagem* assumem, apresenta-se o levantamento arquitetónico do *Castelo da Ponte* acompanhado por um registo vídeo-fotográfico que, quando analisados em conjunto, possibilitam uma melhor e mais completa compreensão deste edifício. No entanto, dada a incapacidade de visitar presencialmente todos os compartimentos, pela atual instabilidade da estrutura e conseqüente falta de segurança, toma-se por base o levantamento realizado pelos técnicos especializados da Câmara Municipal de Vizela, entre 2007 e 2008 – momento em que esta toma posse do imóvel e dá início ao projeto de reconversão e requalificação deste, idealizando para tal uma biblioteca, um auditório e uma sala de exposições permanente¹²².

Desta forma, repegando no material facultado e cruzando-o com a investigação prévia, atualizam-se e completam-se os desenhos (plantas, cortes e alçados), nomeadamente com informação relativa à caracterização dos elementos construtivos – desenvolvida, em pormenor, no subcapítulo seguinte. Ainda sobre o levantamento fornecido, refere-se que, para além dos elementos gráficos, consta um detalhado registo fotográfico que, não só permite conhecer os demais espaços, como realizar uma análise da evolução da ruína, ao longo desta última década, quando comparado com um registo atual. Este último apresenta-se sob a forma de fotografia, com datas e horas distintas; e sob a forma de vídeo, com captação de imagens aéreas realizadas com recurso a um *drone* – “*Castelo da Ponte | Vizela, Portugal*” acessível através do URL: <https://youtu.be/4qzCa-UzcX4>.

¹²¹ FERREIRA, C. – *Restauro dos Monumentos Históricos*, 1992, p. 14.

¹²² Ver subcapítulo “6.6. “*De Paços de Concelho a Castelo Cultural*””, na página 249, da presente dissertação.





30 | Ortofoto. 10 Mai 2004.



31 | Ortofoto. 30 Out 2006.



32 | Ortofoto. 04 Jul 2010.



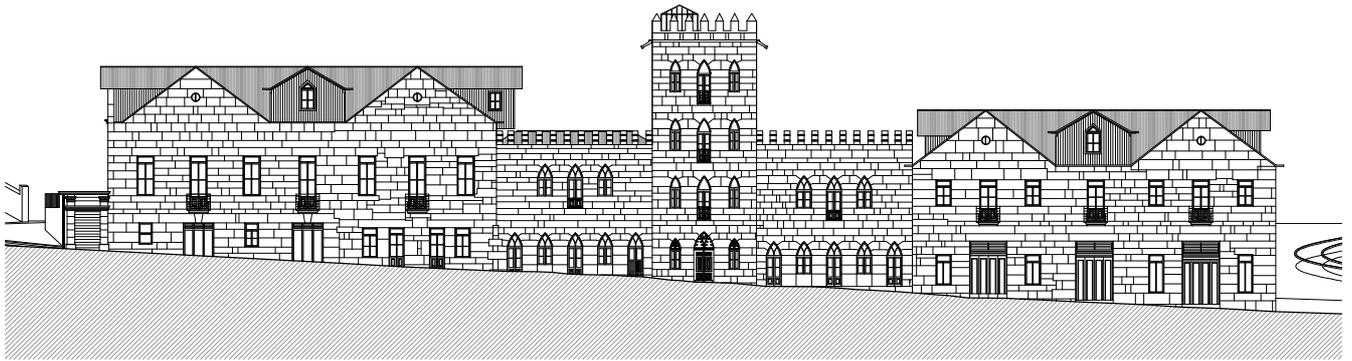
33 | Ortofoto. 25 Jun 2012.



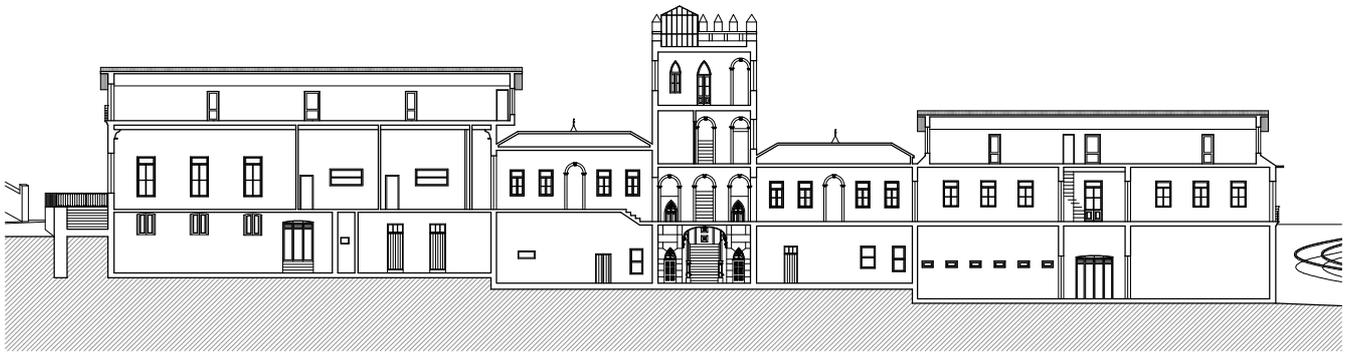
34 | Ortofoto. 12 Mai 2013.



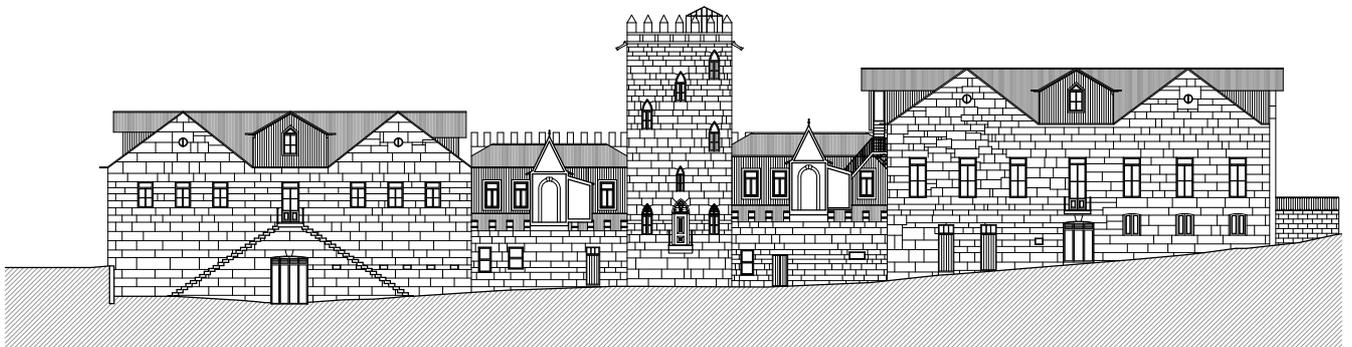
35 | Ortofoto. 03 Jul 2016.



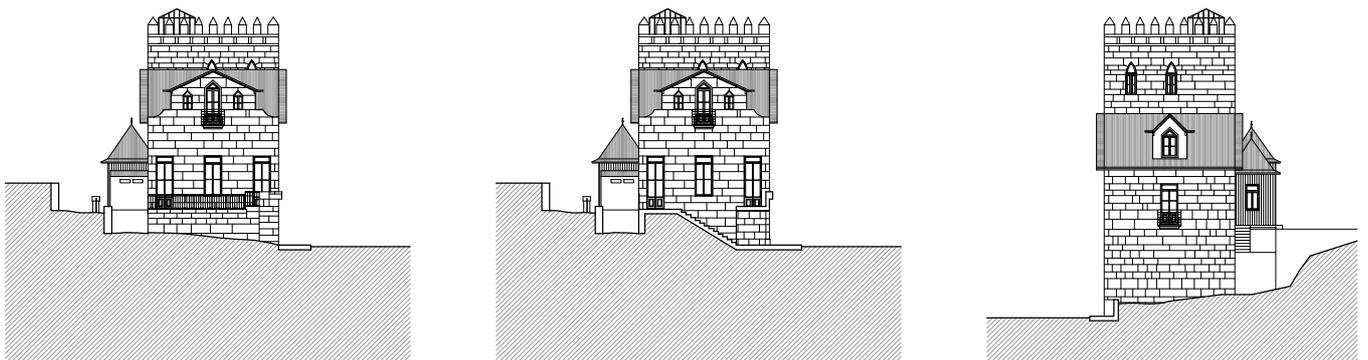
36 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: ALÇADO NASCENTE | ESCALA 1:500



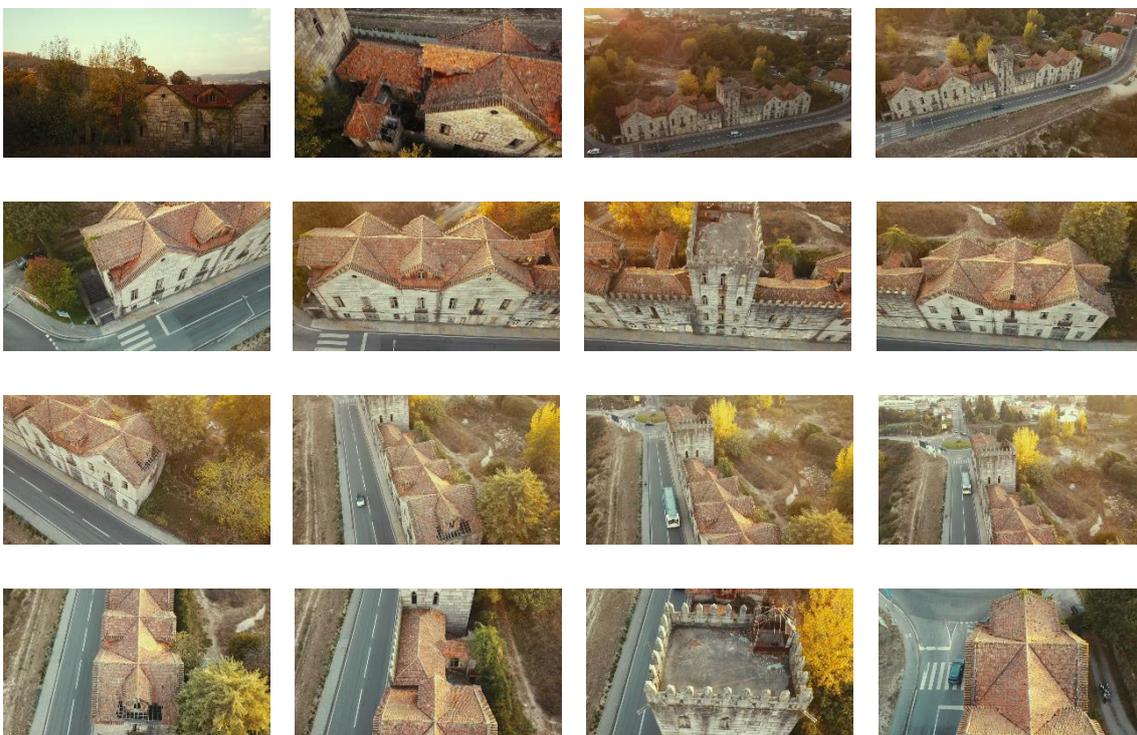
36 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: CORTE LONGITUDINAL | ESCALA 1:500



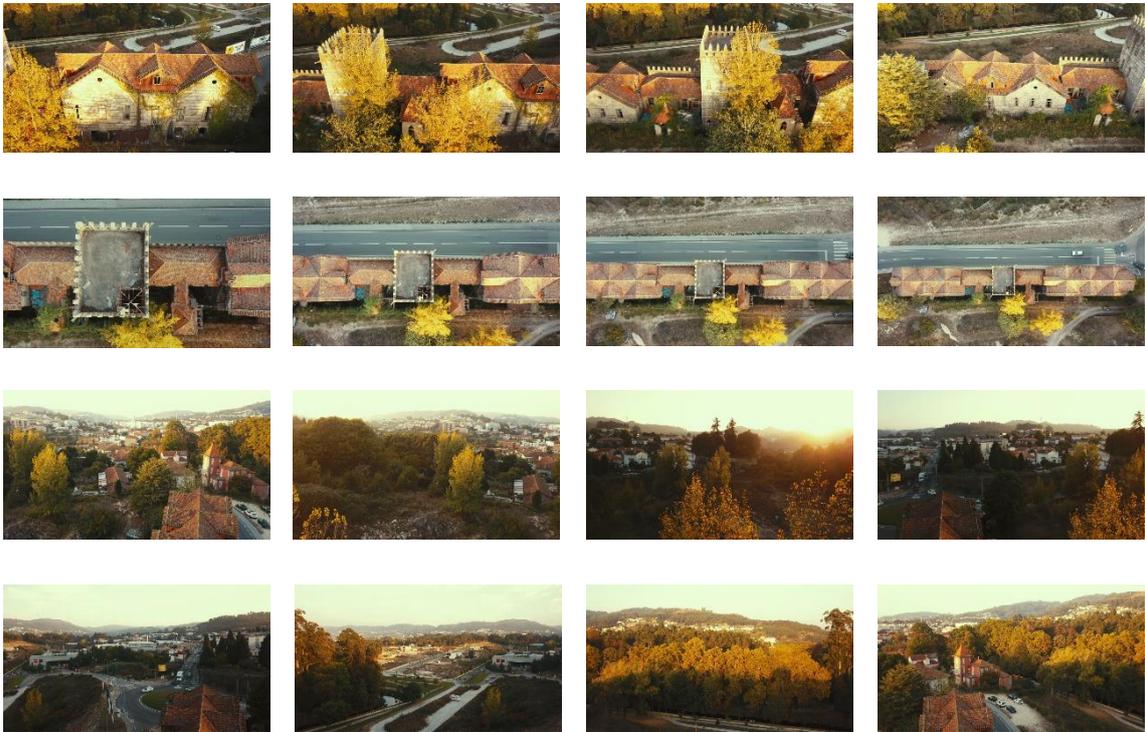
36 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: ALÇADO POENTE | ESCALA 1:500



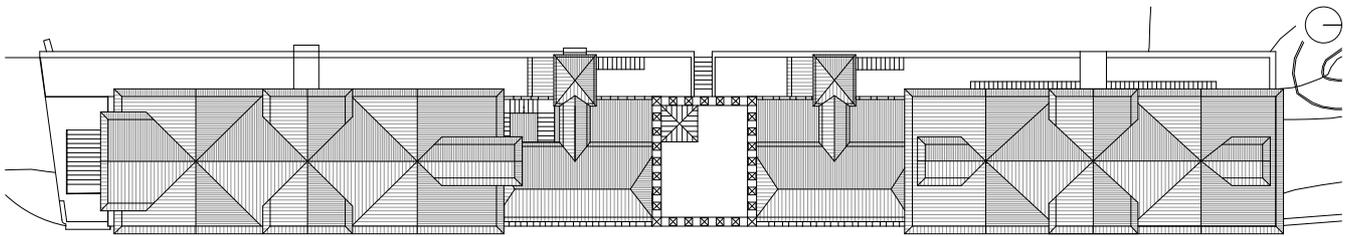
36 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: ALÇADO SUL | CORTE-ALÇADO SUL | ALÇADO NORTE | ESCALA 1:500



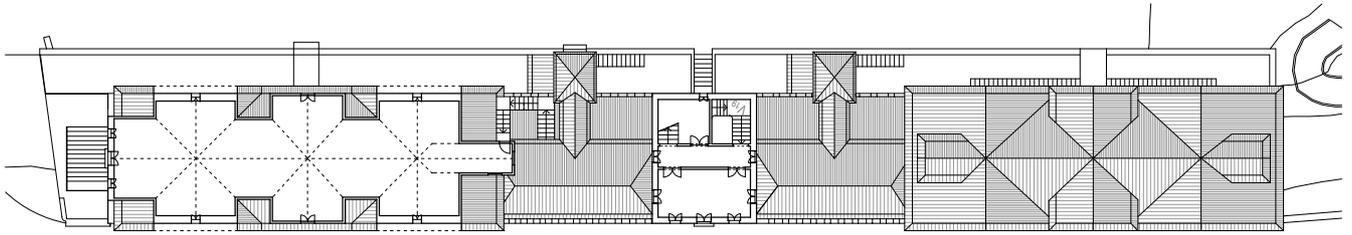
37 | Fotogramas do vídeo "Castelo da Ponte | Vizela, Portugal". 13 Out 2017. 18h08 – 18h26.



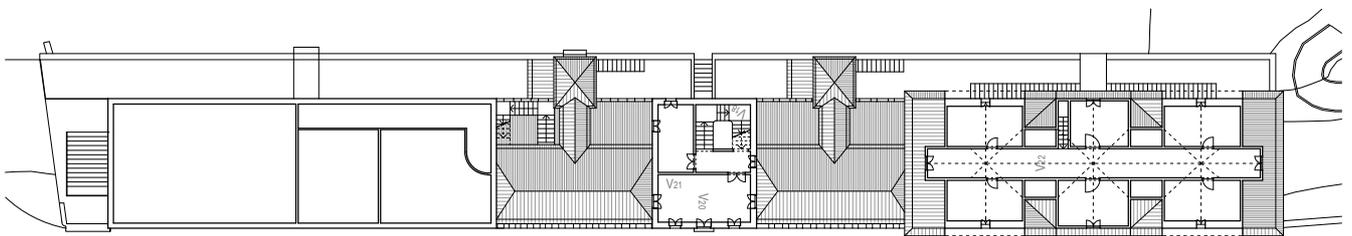
38 | Idem.



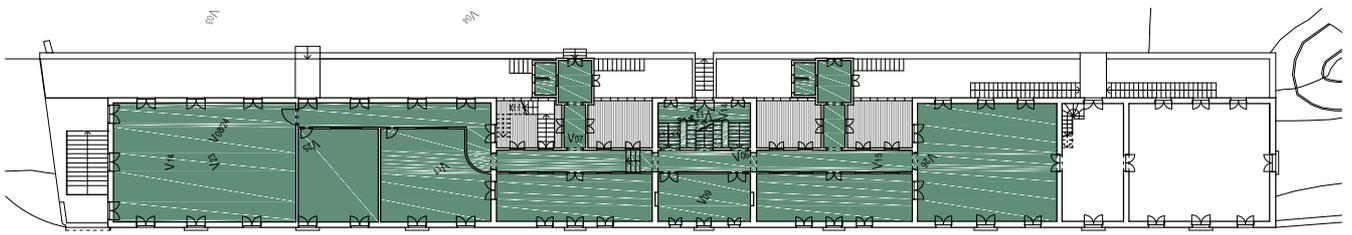
39 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1:500



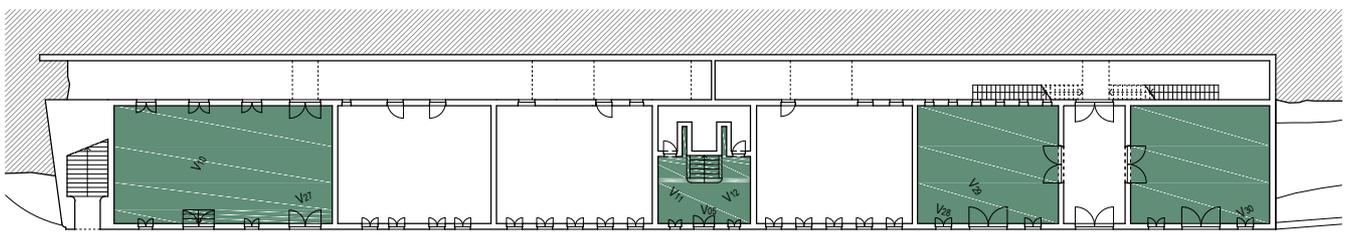
39 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: PLANTA PISO 3 | ESCALA 1:500



39 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: PLANTA PISO 2 | ESCALA 1:500

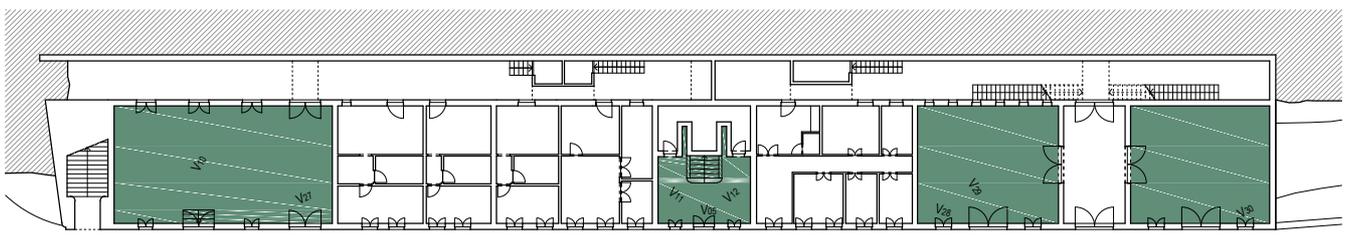


39 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500



39 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: PLANTA PISO 0 - SUOPSIÇÃO DO DESENHO ORIGINAL | ESCALA 1:500

V02



39 | LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO: PLANTA PISO 0 - ADAPTAÇÃO A ESPAÇO DOMÉSTICO | ESCALA 1:500

V02

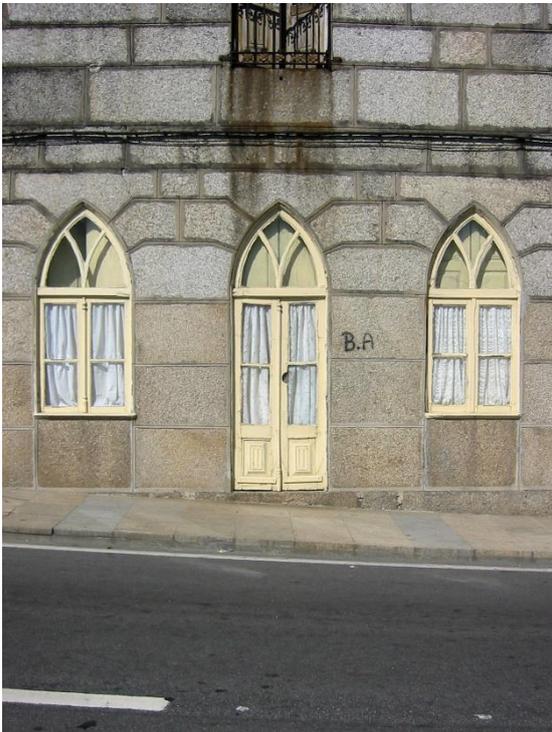
■ ESPAÇOS VISITADOS



40 | Vista 01. 06 Nov 2008. 11h14.



41 | Vista 01. 15 Feb 2017. 15h44.



42 | Vista 02. 27 Ago 2009. 10h32.



43 | Vista 02. 30 Mar 2017. 15h45.



44 | Vista 03. 05 Nov 2008. 16h41.



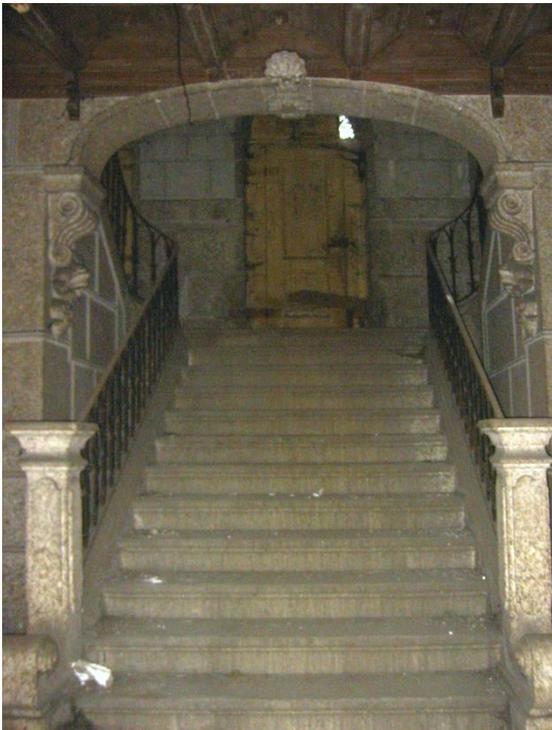
45 | Vista 03. 01 Abr 2016. 16h05.



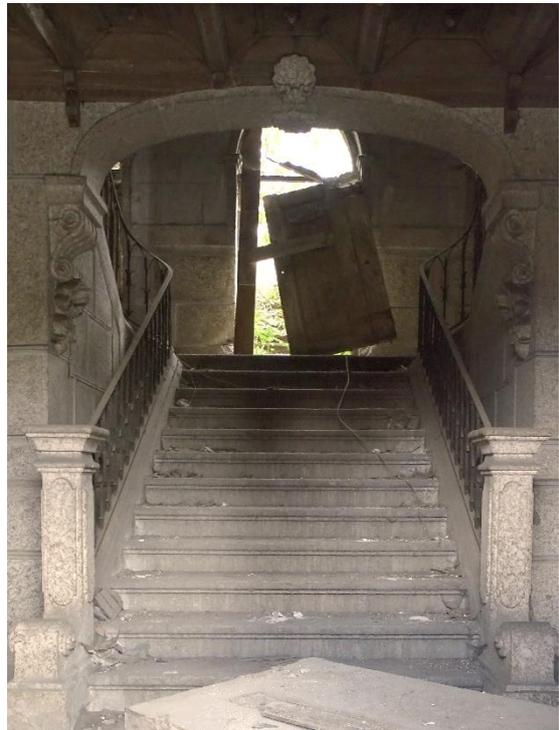
46 | Vista 04. 15 Out 2007. 11h15.



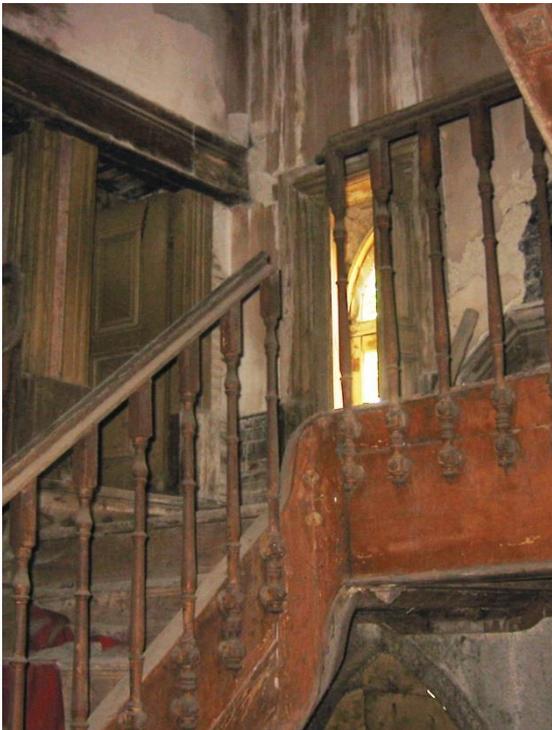
47 | Vista 04. 02 Mar 2017. 14h56.



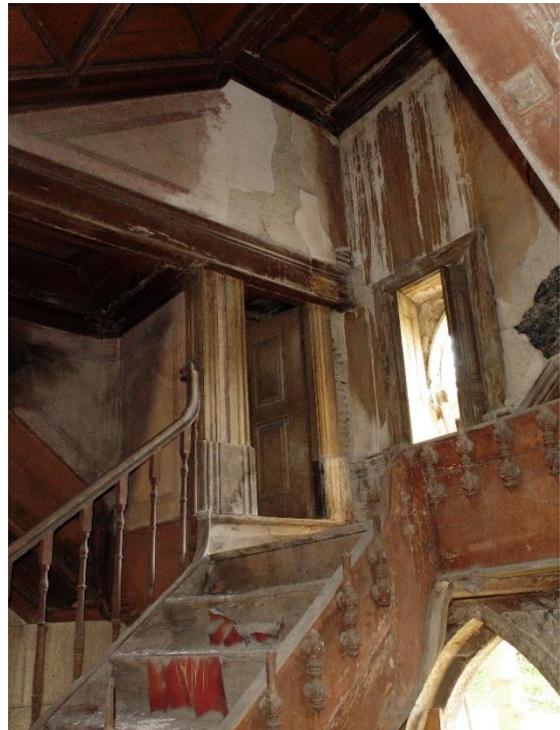
48 | Vista 05. 02 Out 2007. 14h59.



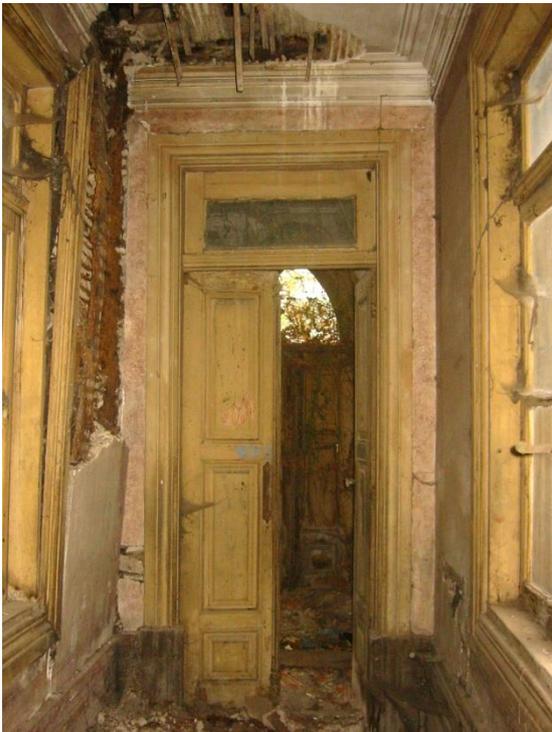
49 | Vista 05. 02 Nov 2017. 15h05.



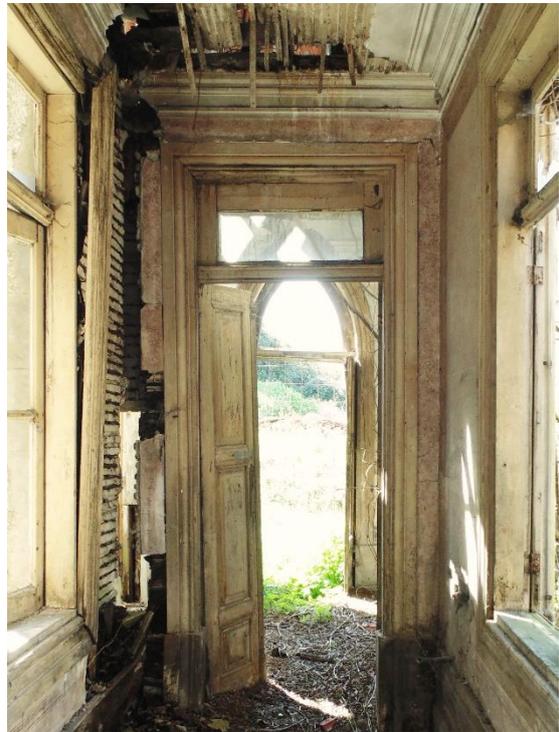
50 | Vista 06. 22 Out 2007. 14h12.



51 | Vista 06. 01 Abr 2016. 15h45.



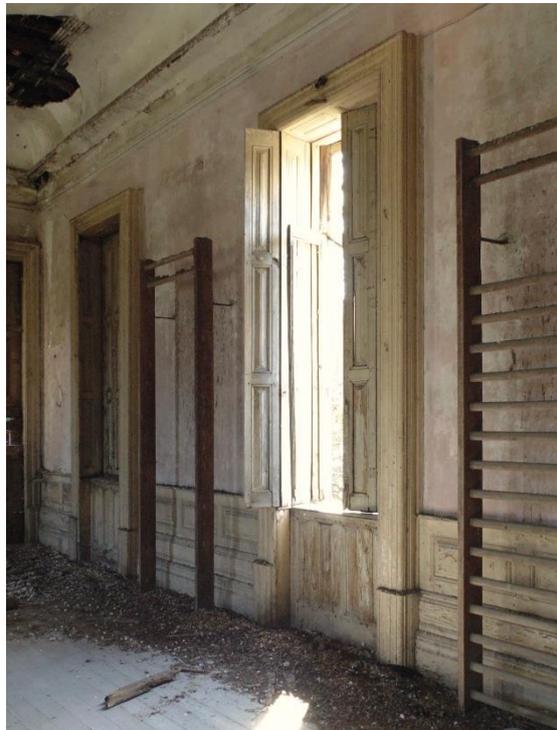
52 | Vista 07. 03 Out 2007. 15h08.



53 | Vista 07. 01 Abr 2016. 15h46.



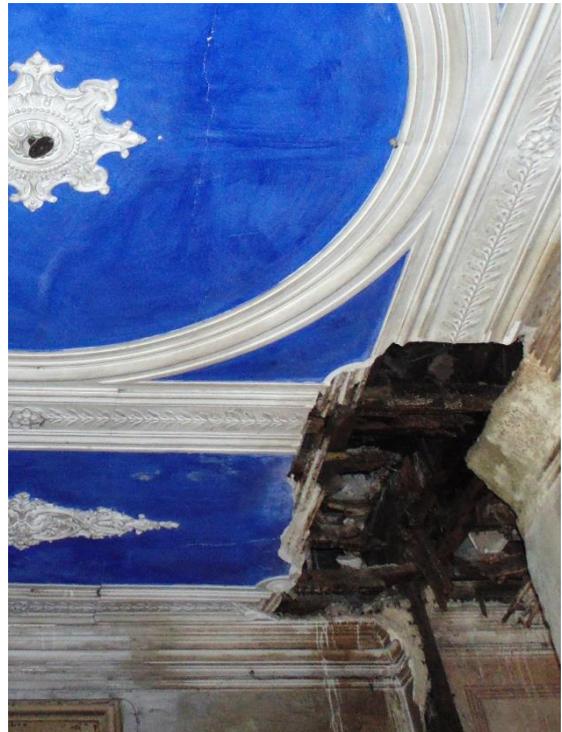
54 | Vista 08. 02 Out 2007. 14h29.



55 | Vista 08. 01 Abr 2016. 15h58.



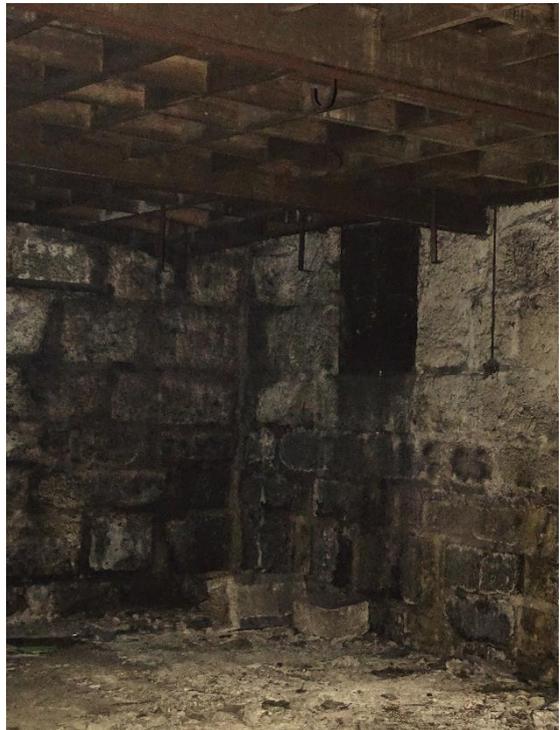
56 | Vista 09. 03 Out 2007. 15h11.



57 | Vista 09. 01 Abr 2016. 15h48.



58 | Vista 10. 22 Out 2007. 15h43.



59 | Vista 10. 02 Mar 2017. 14h57.



60 | Vista 11. 03 Out 2007. 15h03.



61 | Vista 12. 03 Out 2007. 14h59.



62 | Vista 13. 29 Mai 2012. 14h54.



63 | Vista 14. 03 Out 2007. 15h07.



64 | Vista 15. 22 Out 2007. 14h17.



65 | Vista 16. 03 Out 2007. 15h34.



66 | Vista 17. 29 Mai 2012. 14h40.



67 | Vista 18. 22 Out 2007. 14h38.



68 | Vista 19. 22 Out 2007. 14h46.



69 | Vista 20. 03 Out 2007. 15h40.



70 | Vista 21. 03 Out 2007. 15h39.



71 | Vista 22. 22 Out 2007. 15h05.



72 | Vista 23. 01 Abr 2016. 15h57.



73 | Vista 24. 01 Abr 2016. 15h58.



74 | Vista 25. 01 Abr 2016. 15h57.



75 | Vista 26. 01 Abr 2016. 15h46.



76 | Vista 27. 17 Out 2017. 13h36.



77 | Vista 28. 29 Set 2017. 11h04.



78 | Vista 29. 29 Set 2017. 09h23.



79 | Vista 30. 15 Fev 2017. 16h13.



80 | Vista 31. 30 Mar 2017. 15h49.



81 | Vista 32. 30 Mar 2017. 15h40.



82 | Vista 33. 11 Abr 2017. 11h15.



83 | Vista 34. 30 Mar 2017. 15h39.

2.2. Caracterização Construtiva

“Segundo os Censos de 2001, existiam em Portugal 598 816 edifícios construídos anteriormente a 1945, utilizando, sobretudo, a alvenaria e a madeira”¹²³.

Tendo em vista uma proposta de reabilitação para o *Castelo da Ponte*, torna-se indispensável conhecer as técnicas construtivas que estiveram na origem deste edifício, para que a proposta assente numa base sustentada. Deste modo, repegando na sequência de construção como linha de raciocínio, caracterizam-se sumariamente os principais sistemas identificados, descrevendo-os segundo a sua própria linguagem construtiva e ilustrando-os não só por fotografias elucidativas, mas também por esboços do pormenor construtivo, baseados na observação *in situ* e na revisão bibliográfica realizada.

¹²³ CÓIAS, V. – *Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos...*, 2007, p.19.

2.2.1. Fundações

Inicia-se esta análise pela caracterização construtiva das fundações – responsáveis pela “transmissão das cargas da estrutura da construção para o terreno”¹²⁴. Segundo APPLETON (2003), de acordo com a profundidade e resistência do solo de fundação, organizam-se em três tipos: “*fundações directas constituindo o simples prolongamento, até ao terreno, das próprias paredes resistentes, com a mesma largura ou com ligeiro alargamento, em função das características do terreno; fundações semi-directas constituídas por poços de alvenaria de pedra, encimados por arcos de alvenaria de pedra ou de tijolo; fundações indirectas constituídas por estacarias de madeira, atravessando aterros e formações recentes e atingindo estratos profundos de solo resistente*”¹²⁵.

Uma vez que não são conhecidos desenhos do projeto original do edifício e dada a impossibilidade de observação das mesmas, crê-se que este esteja assente sobre fundações diretas, visto que o solo, onde se implanta, apresenta propriedades resistentes propícias a tal: solo granítico¹²⁶, característico da zona norte de Portugal, alcançável a pouca profundidade.

No entanto, salienta-se que para a sua correta caracterização se deve recorrer a métodos de prospeção, tais como, “*abertura de poços de inspeção, com dimensão que permita o acesso e movimento de um homem, junto das fundações e até uma profundidade tal que permita a observação da fundação e do próprio terreno de fundação*”¹²⁷ ou, em alternativa, furos de sondagem que “*deverão atravessar a fundação, possibilitando a identificação dos materiais constituintes e detectando eventuais anomalias, até se atingir a base da mesma, de modo a identificar os estratos de terreno de fundação*”¹²⁸.

¹²⁴ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: I...*, 2006, p. 77.

¹²⁵ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 10.

¹²⁶ “Os granitos pertencem ao grupo das rochas ígneas profundas ou pedras siliciosas, formadas pela aglomeração de três minerais: o quartzo ou sílica, o feldspato e a mica. Apresentam densidades que variam entre 2,5 a 3,0; a resistência que varia entre os 1500 e os 2700 kg/cm² à compressão; muito boa aderência às argamassas e uma trabalhabilidade variável, agravando-se com o tempo” in TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 51.

¹²⁷ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 17.

¹²⁸ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 17.

2.2.2. Paredes | Resistentes de Alvenaria de Pedra

No seguimento da análise construtiva, surgem as paredes resistentes¹²⁹ exteriores e interiores; identificando-se, como tipologia principal, paredes de alvenaria de pedra e, como tipologia excecional, paredes de tabique simples (também designadas por taipa de fasquio¹³⁰).

As primeiras, perfazendo cerca de quarenta centímetros de espessura¹³¹, caracterizam-se por um pano de alvenaria, com um aparelho granítico regular de junta desfasada “de modo a criar um imbricado que dificulte a progressão de uma fenda”¹³², vulgarmente conhecido por “matar as juntas”¹³³ – tal estereotomia apenas deturpa na união entre o corpo central com os laterais, justificando-se pelos fundamentos já anteriormente expostos.

Esta “alvenaria de perpeanhos, usada no norte do país, é constituída por pedras em forma de paralelepípedos e argamassa de qualquer tipo”¹³⁴, sendo que, o perpianho – “pedra que atravessa o pano de parede de uma face a outra”¹³⁵ – garante o seu travamento transversal e a argamassa contribui para “a construção de paramentos mais estáveis [...] podendo-se construir com vários pisos de altura”¹³⁶. Aquando da presença de vãos, uma vez que o plano de parede se interrompe, torna-se necessário reforçar o seu perímetro, neste caso, com a colocação de “um elemento horizontal – [intel de pedra granítica] – que atravessa a abertura, apoiando-se pelas suas extremidades na própria parede”¹³⁷.

“Como resultado temos um material compósito heterogéneo, intrinsecamente descontínuo, com boa resistência à compressão, fraca resistência à tracção e, sob a acção exclusiva da gravidade, com um baixo risco de deslizamento”¹³⁸.

¹²⁹ “[...] designam-se por paredes resistentes aquelas que representam um papel relevante na estrutura do edifício, no que se refere à resistência a cargas verticais – nomeadamente as de natureza gravítica – e também a forças horizontais – como, por exemplo, o vento e os sismos” in APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 18.

¹³⁰ FLÓRIDO, F. – *Tipificação de Soluções de Reabilitação de Paredes de Madeira em Edifícios Antigos*, 2010, p. 13.

¹³¹ A espessura das paredes resistentes de alvenaria de pedra pode variar “entre 28 e 80cm” in *Reabilitação de Edifícios do Centro Histórico do Porto...*, 2010, p. 7.

¹³² APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 25.

¹³³ ROQUE, J. – *Reabilitação Estrutural de Paredes Antigas de Alvenaria*, 2002, p. 5.

¹³⁴ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 13, 1930-1939*, p. 3.

¹³⁵ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 25.

¹³⁶ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: III...*, 2006, p. 25.

¹³⁷ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 26.

¹³⁸ ROQUE, J. – *Reabilitação Estrutural de Paredes Antigas de Alvenaria*, 2002, p. 5.



84 | Parede resistente (interior) de alvenaria de pedra. Fotografia. 28 Set 2017. 09h24.

Revestimento e/ou Acabamento

Em relação ao seu revestimento e acabamento, refere-se que, pelo exterior, tem-se sempre a pedra à vista; contudo, pelo interior, estas encontram-se, na sua maioria, rebocadas e estucadas com aplicação direta, para além de outras que se revestem a azulejo até meia altura. Admitindo que tal se fez segundo as técnicas construtivas recorrentes da época, descreve-se, sucintamente, esse processo.

Inicia-se com a regularização da superfície através do barramento do emboço que “*consta simplesmente de um chapado de argamassa sobre a alvenaria. Geralmente o emboço anda junto com o reboco, que por sua vez consta de uma camada de argamassa de cerca de 0^m,01 de espessura*”¹³⁹. Depois de bem secos, procede-se ao “*esboço da parede com uma massa de cal gorda em pasta e areia fina*”¹⁴⁰. Uma vez que este antecede a camada de estuque e de modo a não a comprometer, segundo COSTA (1930-1939), o esboço deve ser “*preparado com areia muito fina, [...], numa argamassa bem amassada com cal em pasta que se hidrata no próprio local da obra, para não perder as boas qualidades*”¹⁴¹ e menciona, ainda, que tal deve ser “*aplicado com esmero*”¹⁴².

Por fim, aplica-se o estuque seguido da caição “*a branco ou com cores que são conferidas à cal por pigmentos e corantes naturais*”¹⁴³. Sobre este, que tanto se difundiu em Portugal a partir do século XVI¹⁴⁴, refere-se que consiste numa “*massa de cal e gesso aplicada directamente sobre o esboço*”¹⁴⁵, sendo que “*a cal é utilizada em pasta hidratada no local da obra para garantir a sua frescura*”¹⁴⁶ e que “*o gesso deve ser muito fino e bem cozido*”¹⁴⁷. Mais ainda se refere que, sendo “*um material versátil, robusto e duradouro (quando realizado devidamente), [...] propiciando uma superfície regular, durável e de fácil limpeza*”¹⁴⁸, pode ser aplicado sobre “*construções em tijolo, pedra e madeira*”¹⁴⁹, num qualquer plano (paredes e tetos), tal como, posteriormente, se verificará.

¹³⁹ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26*, 1930-1939, p. 5.

¹⁴⁰ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26*, 1930-1939, p. 6.

¹⁴¹ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26*, 1930-1939, p. 6.

¹⁴² COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26*, 1930-1939, p. 6.

¹⁴³ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 60.

¹⁴⁴ PEREIRA, M. – *Reabilitação de Tectos Estucados Antigos*, 2010, p.12.

¹⁴⁵ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26*, 1930-1939, p. 6.

¹⁴⁶ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26*, 1930-1939, p. 6.

¹⁴⁷ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26*, 1930-1939, p. 6.

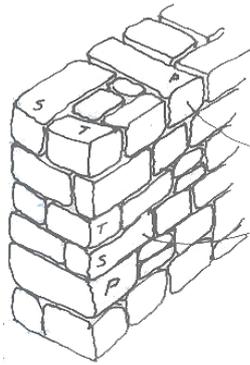
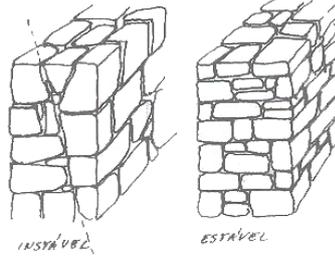
¹⁴⁸ PEREIRA, M. – *Reabilitação de Tectos Estucados Antigos*, 2010, p.17.

¹⁴⁹ PEREIRA, M. – *Reabilitação de Tectos Estucados Antigos*, 2010, p.17.

TRAVAMENTO DAS CANTARIAS

POR FORMA A SE CONSEGUIR
UMA PAREDE ESTÁVEL AS
PEDRAS DEVEM SER CUIDA-
DOSAMENTE TALHADAS E
COLOCADAS.

À DIREITA VÊ-SE QUE NA
INSTÁVEL HÁ UMA CONTINUIDADE
DA JUNTA.

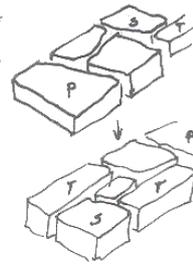


AS PEDRAS SÃO COLOCADAS
POR FORMA A CONSEGUIR-SE
O TRAVAMENTO DO CONJUNTO.

TRAVAMENTO TRANSVERSAL
→ O PEIRANHO (P)

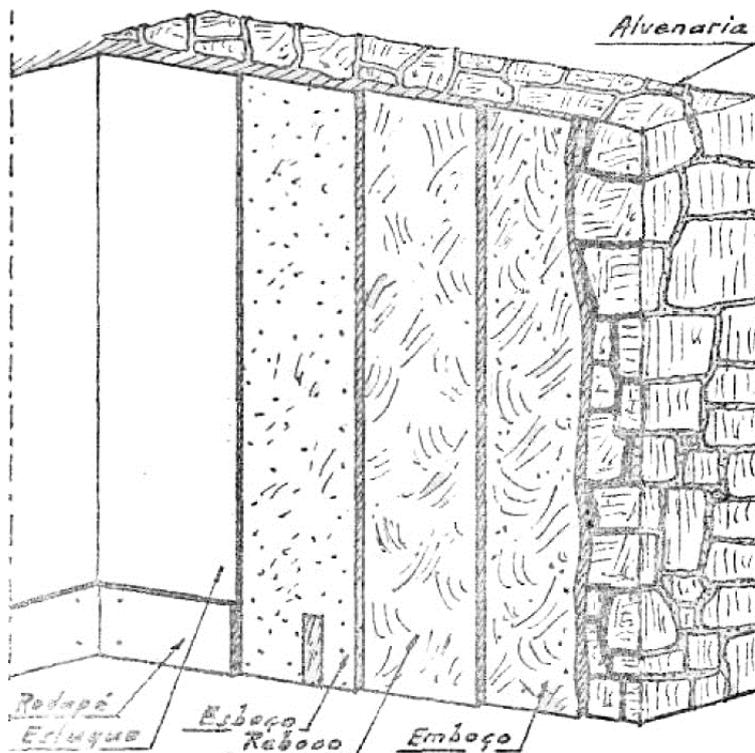
TRAVAMENTO LONGITUDINAL
→ A SOGA (S)

OTICAÇÃO (Y) COMPLETA A
SOGA NA LARGURA
DO MURO



COM PEDRAS NÃO
APARECHADAS

85 | Esquema exemplificativo: travamento das cantarias (MASCARENHAS, 2006).



86 | Esquema exemplificativo: parede de alvenaria de pedra emboçada, rebocada, esboçada e estucada (COSTA, 1930-1939).

2.2.3. Paredes | Resistentes e de Compartimentação de Tabique Simples

As demais paredes resistentes, bem como as de compartimentação¹⁵⁰, presentes nos pisos superiores, apresentando uma secção muito reduzida de quinze e dez centímetros de espessura, respetivamente, erguem-se segundo o tradicional sistema construtivo de tabique simples e, por isso, enquadram-se no “*panorama do património construído português que imperou até inícios do século XX*”¹⁵¹. Esta técnica, “*sustentável, económica e versátil*”¹⁵², consiste, essencialmente, na “*pregagem de um fasquiado sobre tábuas colocadas ao alto, sendo o conjunto revestido, em ambas as faces, com barro ou com rebocos de argamassa de cal e saibro*”¹⁵³, de modo a preparar a superfície para receber o acabamento.

Assim, de acordo com TEIXEIRA (2004), estas paredes são constituídas por um conjunto de “*elementos verticais – prumos – espaçados entre si cerca de 1m*”¹⁵⁴, sendo tal estrutura reforçada “*por travessanhos e vergas quando é necessário definir vãos*”¹⁵⁵ e “*preenchida por um duplo tabuado, formado por tábuas com cerca de 2cm de espessura, colocadas na vertical e na diagonal, sobre o qual é pregado um fasquiado*”¹⁵⁶ – tiras compridas de madeira, com cerca de quinze a dezoito milímetros de espessura e, no máximo, vinte milímetros de largura, de secção trapezoidal para melhor suportar a argamassa, pregadas horizontalmente, em cada um dos lados do tabuado, com a base de menor dimensão para dentro, e espaçadas entre si na ordem dos quatro centímetros¹⁵⁷.

É igualmente importante salientar que, segundo COSTA (1930-1939), as tábuas costaneiras poderiam ser, em alternativa, “*pregadas numas calhas que se fixaram sobre o vigamento [...], em baixo, e nas vigas do tecto, em cima*”¹⁵⁸, sendo que estas se traduziriam em “*serrafões com um rebaixo*”¹⁵⁹, cuja espessura corresponderia à das tábuas, para o seu assentamento.

¹⁵⁰ “[...] deve entender-se que parede de compartimentação é aquela que foi concebida para desempenhar essencialmente o papel de elemento de separação de espaços interiores no edifício, ou seja, que foi projectada considerando que a sua função estrutural é teoricamente nula, não sendo por isso considerada no cômputo geral da resistência estrutural” in APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 18.

¹⁵¹ PINTO, J. [et. al.] – *Caracterização de Paredes Tradicionais de Tabique*. In LOURENÇO, P. [et. al.] – *Paredes Divisórias...*, 2015, p. 25.

¹⁵² PINTO, J. [et. al.] – *Caracterização de Paredes Tradicionais de Tabique*. In LOURENÇO, P. [et. al.] – *Paredes Divisórias...*, 2015, p. 33.

¹⁵³ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 54.

¹⁵⁴ TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 112.

¹⁵⁵ TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 112.

¹⁵⁶ TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 112.

¹⁵⁷ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26, 1930-1939*, p. 2.

¹⁵⁸ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26, 1930-1939*, p. 4.

¹⁵⁹ “A espessura deles gira em volta de 0^m,04 e a espessura do rebaixo mede 0^m,025, que corresponde à espessura das tábuas” in COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 26, 1930-1939*, p. 4.



87 | Parede de compartimentação de tabique simples. Fotografia. 03 Out 2007. 15h39.

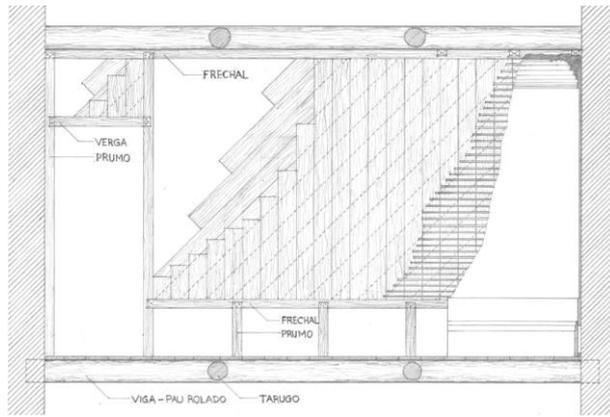
Revestimento e/ou Acabamento

Sobre o revestimento e acabamento destas paredes, refere-se que, pelo exterior, poderiam ser rebocadas, “contudo [...] era adicionado sebo ou colas naturais ao acabamento dos rebocos, conferindo-lhes assim maior consistência e propriedades hidrófugas”¹⁶⁰; revestidas a azulejo ou, ainda, revestidas “com soletos de ardósia ou chapa zincada, pregados a um ripado espaçado segundo as dimensões destes elementos”¹⁶¹, tal como se havia vulgarizado nos finais do século XIX¹⁶² e se aplicara, este último, no edifício em estudo. Pelo interior, o seu acabamento dá continuidade ao das paredes resistentes de pedra, sendo, por isso, em tudo semelhante.

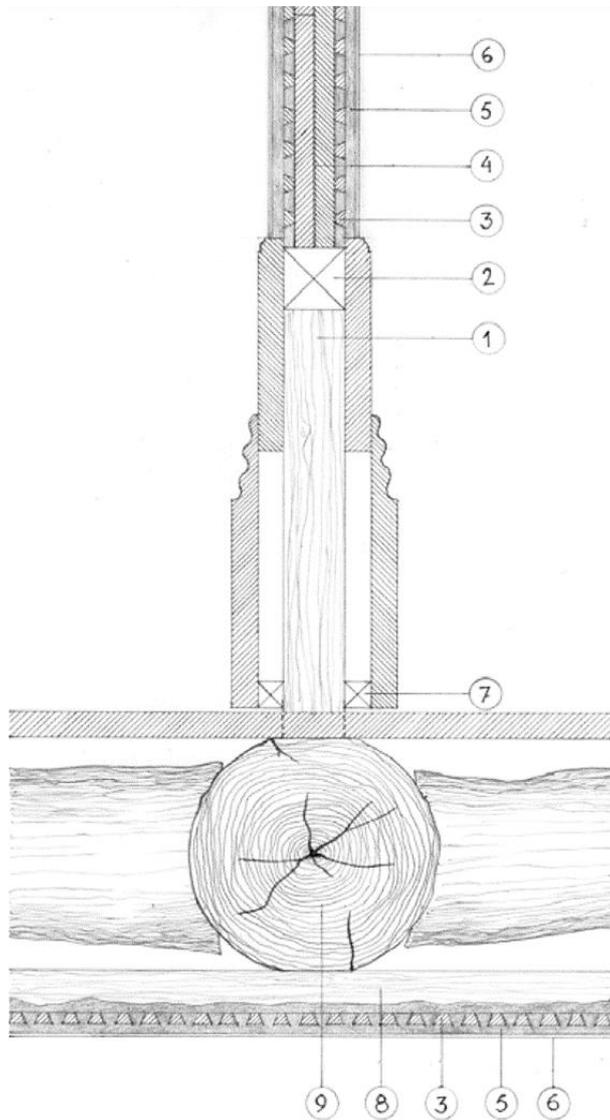
¹⁶⁰ TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 113.

¹⁶¹ TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 113.

¹⁶² TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 113.



88 | Esquema exemplificativo: parede de tabique interior, com duplo tabuado e frechal inferior elevado, apoiado em prumos distanciados cerca de 1 m (TEIXEIRA, 2004).



89 | Esquema exemplificativo: parede de tabique simples e sobrado (TEIXEIRA, 2004).

LEGENDA: 1. Prumo; 2. Travessanho; 3. Fasquio; 4. Duplo tabuado; 5. Argamassa de emboço; 6. Acabamento de estuque; 7. Ripa; 8. Barrote; 9. Viga.

2.2.4. Pavimentos

*“Responsáveis pela definição dos pisos, pelo contraventamento dos elementos estruturais verticais, pelo suporte dos elementos de compartimentação e ainda pela resistência às solicitações impostas pela própria utilização, os pavimentos, a par das paredes resistentes, constituem os elementos cujo dimensionamento exige maiores cuidados”*¹⁶³.

Relativamente à caracterização construtiva destes, dá-se ênfase aos dos pisos superiores, uma vez que *“os pavimentos térreos apresentam uma constituição muito simples, geralmente baseada em terra batida, ou enrocamentos de pedra arrumada à mão, sobre o que se coloca a camada de revestimento e desgaste”*¹⁶⁴, neste caso, em lajedo de pedra. Contudo, analisando os pavimentos superiores, constata-se que, na sua execução, predomina o uso da madeira como material estrutural. Também conhecidos como sobrados, *“são constituídos pelo vigamento e pelo soalho, apresentando elementos secundários, normalmente designados por tarugos e cadeia que [...] tornam o conjunto mais homogêneo”*¹⁶⁵. Deste modo, permite-se que a secção das vigas diminua, apesar de, naquela época, se contruir com base em conhecimentos empíricos e, por isso, em muitas construções, é comum que haja um sobredimensionamento destes elementos.

Esta estrutura organiza-se, então, com o assentamento do vigamento (neste caso, de secção variável, ora retangular, ora circular) de forma paralela e equidistante entre si, com um afastamento compreendido *“entre cerca de 0,20m a 0,40m”*¹⁶⁶. Encontrando-se apoiado em frechais e encastrado nas paredes resistentes pelas suas extremidades, designadas por *“entregas”*¹⁶⁷, o vigamento deve-as transpor pelo menos 0,20m ou 0,25m, para aumentar a sua estabilidade e diminuir as vibrações¹⁶⁸. Para que as entregas das vigas não apodrecessem precocemente, era comum aplicar um tratamento à base de *“tinta de óleo, zarcão, ou [...] alcatrão”*¹⁶⁹, sendo que também poderiam ser aplicadas placas de cortiça, no entanto, tal não se consegue confirmar, dada a impossibilidade de observar tal detalhe.

Ainda sobre esta solução construtiva, é crucial direccionar a atenção para o que tal suporta: por um lado, o soalho, neste caso, à portuguesa; por outro lado, a subestrutura de suporte dos revestimentos (caso se verificarem) dos tetos dos compartimentos que lhe estão adjacentes.

¹⁶³ MOREIRA, M. – *Reabilitação de Estruturas de Madeira em Edifícios Antigos*, 2009, p. 11.

¹⁶⁴ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 29.

¹⁶⁵ DIAS, T. – *Pavimentos de Madeira em Edifícios Antigos...*, 2008, p. 56.

¹⁶⁶ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos*, 2003, p. 35.

¹⁶⁷ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 7, 1930-1939*, p. 3.

¹⁶⁸ DIAS, T. – *Pavimentos de Madeira em Edifícios Antigos...*, 2008, p. 56.

¹⁶⁹ DIAS, T. – *Pavimentos de Madeira em Edifícios Antigos...*, 2008, p. 57.



90 | Pavimentos. Fotografia. Maio 2012 (?).

Revestimento e/ou Acabamento

Pela observação *in situ* e confirmando-se com uma posterior revisão bibliográfica, verifica-se que as tábuas de soalho, colocadas lado a lado, se sobrepõem umas às outras – pelo facto de terem as juntas a “*meio-fio [...] uma espécie de rebaixo até ao meio da espessura da tábua*”¹⁷⁰ – e se pregam diretamente às vigas e aos tarugos. Segundo COSTA (1930-1939), a espessura destas, de uso corrente, é de 0,022m, enquanto que a largura pode variar entre 0,14m e 0,22m.

No entanto, tal como supramencionado, sob os sobrados, adotando-se uma solução estrutural solidária com o piso superior¹⁷¹, dá-se a pregagem do fasquiado direta e perpendicularmente sob o vigamento de madeira, seguido das restantes camadas de reboco e estuque, à semelhança do processo já descrito – aqui, “*as distâncias entre fasquias teriam cerca de 1 cm, de modo a garantir a resistência da ligação com o reboco, e deste modo a argamassa ter capacidade de suportar o seu peso próprio*”¹⁷². Para além de tetos estucados e caiados, com ornamentações em gesso nos tetos dos pisos superiores da torre; também ressalta a presença de caixotões de madeira, no teto do piso térreo desta.

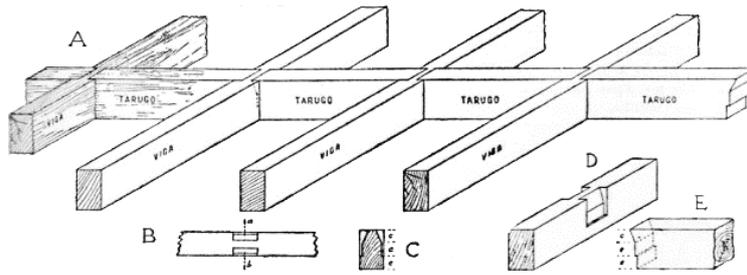
“[...] os tetos de caixotões barrocos, de castanho, às vezes decorados com pinturas ornamentais, ou de finos estuques em puro gosto Adam ou Wedgewood, testemunhado influências inglesas, quando não nos exuberantes motivos da época vitoriana, que são também uma tradição corrente no Minho [...]”¹⁷³.

¹⁷⁰ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil* 7, 1930-1939, p. 9.

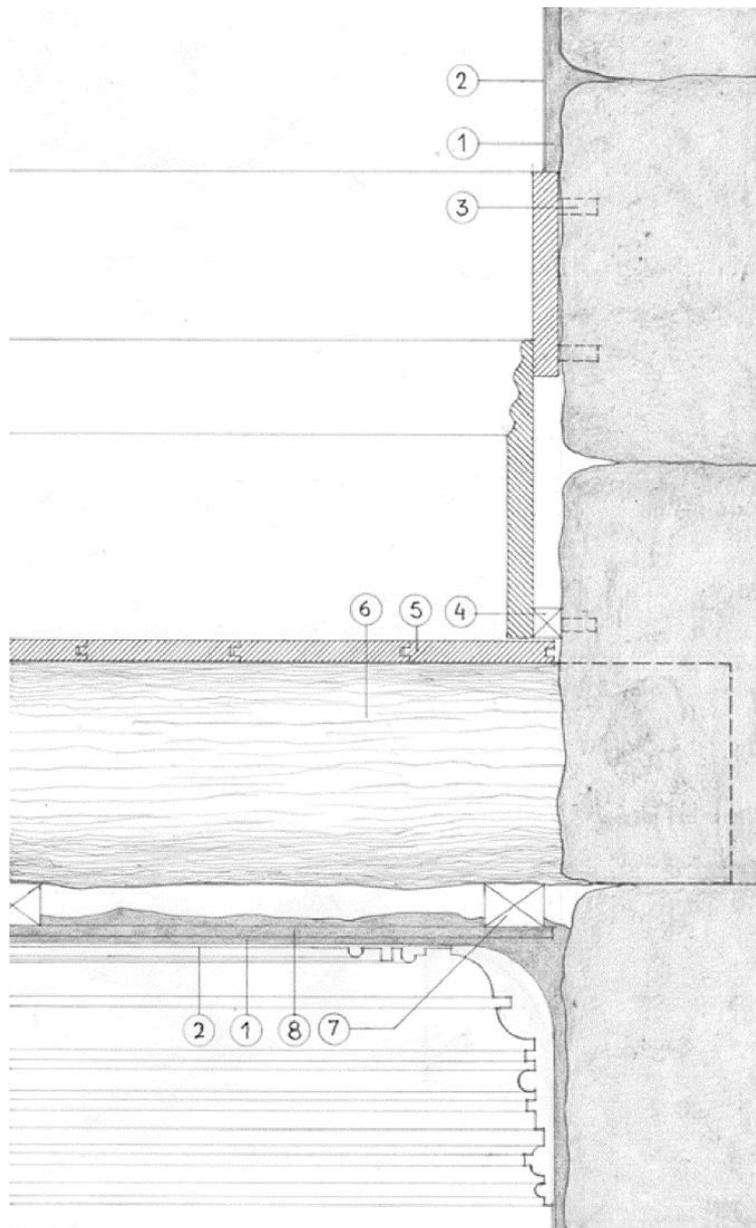
¹⁷¹ PEREIRA, M. – *Reabilitação de Tectos Estucados Antigos*, 2010, p. 24.

¹⁷² PEREIRA, M. – *Reabilitação de Tectos Estucados Antigos*, 2010, p. 25.

¹⁷³ OLIVEIRA, E., GALHANO, F. – *Casas do Porto in Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Cit TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 93.



91 | Esquema exemplificativo: tarugagem de vigamentos (COSTA, 1930-1939).



92 | Esquema exemplificativo: parede de alvenaria de pedra e sobrado (TEIXEIRA, 2004).

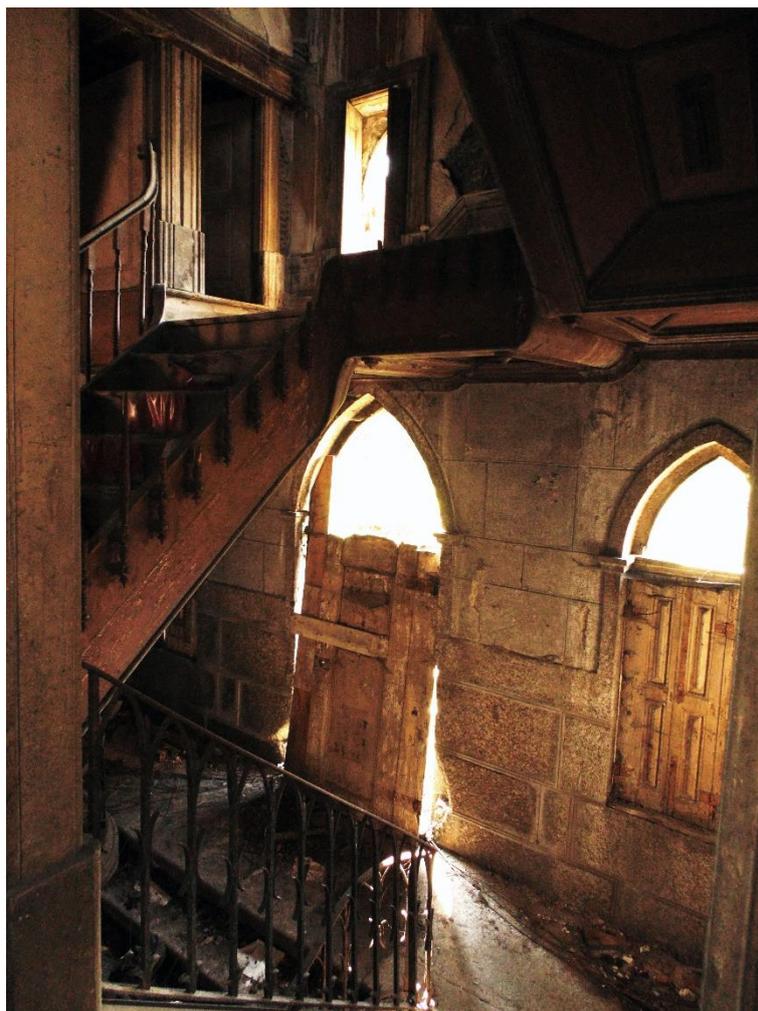
LEGENDA: 1. Argamassa de emboço; 2. Acabamento de estuque; 3. Taco ou Chapuz; 4. Ripa; 5. Tábuas de soalho; 6. Viga (pau rolado); 7. Barrote; 8. Fasquio.

2.2.5. Escadas Interiores

No interior do *Castelo da Ponte*, a comunicação vertical entre os vários pisos é garantida através de escadas de pedra (presentes no piso térreo da torre e que comunicam com o piso superior que lhe está adjacente) e escadas de madeira (presentes na restante construção).

As primeiras enumeradas, enquadrando-se sob um arco abatido apoiado sobre mísulas de pedra e ornamentado com trabalhos de cantaria, desenvolvem-se em três lanços paralelos, sendo o primeiro de maior largura (1,90m) e através do qual se tem acesso aos terrenos a poente; e os demais, mais estreitos cinquenta centímetros e simétricos em relação ao eixo central do primeiro lanço, que, por sua vez, vencem até à cota do piso superior. Nestas, são ainda visíveis as guardas de ferro forjado providas de duas pilastras de pedra, no seu arranque; para além, de ser ainda acessível o compartimento integrado no desvão do primeiro lanço.

A comunicação entre os restantes pisos continua a desenvolver-se pela torre e é feita através de escadas de madeira, com lanços perpendiculares entre si, de largura variável entre 1,05m e 1,20m – o teto sob estes encontra-se revestido por caixotões com a mesma linguagem dos presentes no piso térreo da torre. Apesar de muito deterioradas, desaconselhando-se o seu atravessamento por risco iminente de queda, percebem-se ainda os elementos que as adornavam, tais como, o focinho (peça de remate do cobertor), a fasquia (peça colada entre focinho e o espelho) e as guardas de madeira com equiparável cuidado de ornamentação.



93 | Escadas interiores. Fotografia. 01 Abr 2016. 15h45.

2.2.6. Coberturas

Prestes a concluir a caracterização construtiva do edifício em estudo, analisam-se as suas coberturas – “conjunto de elementos resistentes que protegem e fecham o edifício”¹⁷⁴. Estas apresentam uma complexidade acrescida, uma vez que incorporam soluções para coberturas inclinadas com reentrâncias de diferentes geometrias – identificando-se coberturas de uma água ou “vertente”¹⁷⁵; de duas águas com mansardas¹⁷⁶ (revestidas lateralmente por chapas zincadas, de perfil ondulado, e vazadas por trapeiras); de quatro águas com empenas cortadas e, ainda, piramidais de base quadrangular – para além de uma cobertura em terraço com claraboia. Assim, e apesar da impossibilidade de observação das estruturas de grande parte destas, crê-se que tenham sido construídas de acordo com as tecnologias recorrentes na época.

Deste modo, direcionando o estudo para as presentes coberturas inclinadas¹⁷⁷, refere-se que tais se constituem pelo madeiramento – “estrutura ou armação de madeira”¹⁷⁸ – e pelo telhado – assente sobre o anterior e, em particular, caracterizado pelo recurso à telha cerâmica Marselha que, de acordo com TEIXEIRA (2004), se começou a vulgarizar durante o século XIX, uma vez que “dispensava a utilização de argamassa de assentamento e permitia maiores pendentes nas coberturas”¹⁷⁹.

Concisamente, estas organizam-se segundo uma estrutura principal, constituída pelos “elementos de suporte do conjunto da cobertura”¹⁸⁰, por sua vez, formados por asnas¹⁸¹ (pernas, linhas, escoras e pendurais¹⁸²) e travamentos (frechais, madres, fileiras e diagonais¹⁸³); uma estrutura secundária ou subestrutura, responsável por “transmitir as cargas do revestimento às asnas nos pontos correctos”¹⁸⁴ e “constituída pelos elementos de suporte do revestimento”¹⁸⁵ (varas, guarda-

¹⁷⁴ MORAIS, A. – *Reabilitação de Coberturas Tradicionais em Edifícios Antigos...*, 2016, p. 19.

¹⁷⁵ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil* 8, 1930-1939, p. 2.

¹⁷⁶ A principal vantagem das mansardas é exponenciar o espaço que apenas estaria destinado a um desvão ventilado, tornando-o habitável.

¹⁷⁷ “[...] cobertura inclinada distingue-se das coberturas planas por ter inclinações superiores a 8% (ou 4,5°)” in MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI*, 2006, p. 13.

¹⁷⁸ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil* 8, 1930-1939, p. 1.

¹⁷⁹ TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 74.

¹⁸⁰ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.

¹⁸¹ Apesar das inúmeras configurações possíveis, por norma, o espaçamento entre asnas, de eixo a eixo, está compreendido entre 0,70m e 5m. Caso se verifique o afastamento mínimo, as secções tornam-se mais esbeltas e dispensa-se a presença de madres para suportar o revestimento; caso contrário, verificando-se um afastamento igual ou superior a dois metros, tais elementos tornam-se imperativos para o correto desempenho da estrutura. In LOPES, M. – *Tipificação de Soluções de Reabilitação de Estruturas de Madeira em Coberturas de Edifícios Antigos*, 2007, p. 23.

¹⁸² MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.

¹⁸³ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.

¹⁸⁴ LOPES, M. – *Tipificação de Soluções de Reabilitação de Estruturas de Madeira em Coberturas de Edifícios Antigos*, 2007, p. 10.

¹⁸⁵ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.



94 | Coberturas. Fotograma. 13 Out 2017. 18h17.

-pó e ripas¹⁸⁶); e um revestimento, constituído por telhas ou chapas¹⁸⁷ ou, em casos específicos, por pedra ou revestimentos de origem vegetal¹⁸⁸.

Para além destes elementos, é ainda comum aplicar-se um forro¹⁸⁹, também designado por guarda-pó, que se caracteriza por um conjunto “de tábuas de 0^m,015 de espessura, sobre o varedo”¹⁹⁰ e que, para além do travamento deste, é capaz de garantir proteção térmica, proteção acústica e proteção contra infiltrações ou condensações no revestimento¹⁹¹ – caso o desvão adjacente seja utilizado, ainda cumpre a função de acabamento¹⁹².

¹⁸⁶ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.

¹⁸⁷ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.

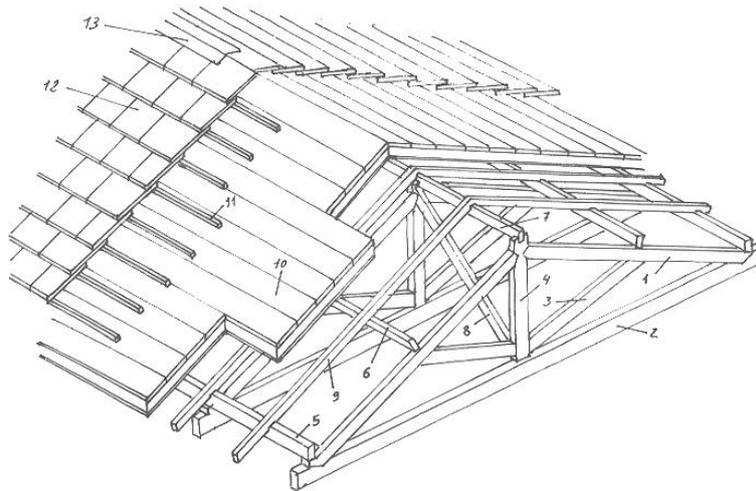
¹⁸⁸ LOPES, M. – *Tipificação de Soluções de Reabilitação de Estruturas de Madeira em Coberturas de Edifícios Antigos*, 2007, p. 10.

¹⁸⁹ Aquando da sua ausência, a solução construtiva denomina-se de “Telha Vã” in MORAIS, A. – *Reabilitação de Coberturas Tradicionais em Edifícios Antigos...*, 2016, p. 19.

¹⁹⁰ COSTA, F. – *Enciclopédia Prática da Construção Civil 8, 1930-1939*, p. 6.

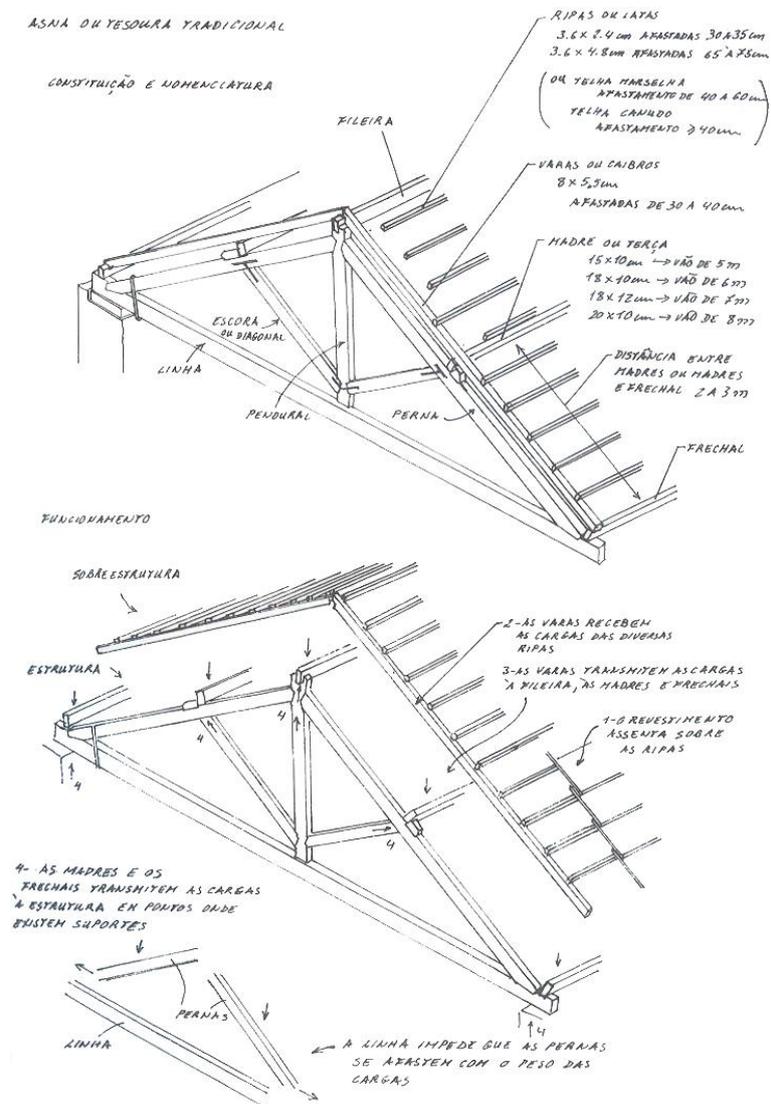
¹⁹¹ MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.

¹⁹² MASCARENHAS, J. – *Sistemas de Construção: VI...*, 2006, p. 14.



95 | Esquema exemplificativo: constituintes de uma cobertura inclinada (MASCARENHAS, 2006).

LEGENDA: 1. Perna; 2. Linha; 3. Escora; 4. Pendural; 5. Frechal; 6. Madre; 7. Fileira ou pau de fileira; 8. Diagonal; 9. Vara; 10. Guarda-pó; 11. Ripas; 12. Telhas; 13. Chapas.



96 | Esquema exemplificativo: asna tradicional (MASCARENHAS, 2006).

2.2.7. Caixilharias

Finalizando, abordam-se, ainda, as caixilharias exteriores – *“elementos fundamentais da arquitetura e da construção, na mediação interior/exterior e de fruição das necessidades elementares do habitar pela regulação da luz natural e das vistas, enquanto asseguram a protecção das agressividades externas, incluindo as do clima”*¹⁹³.

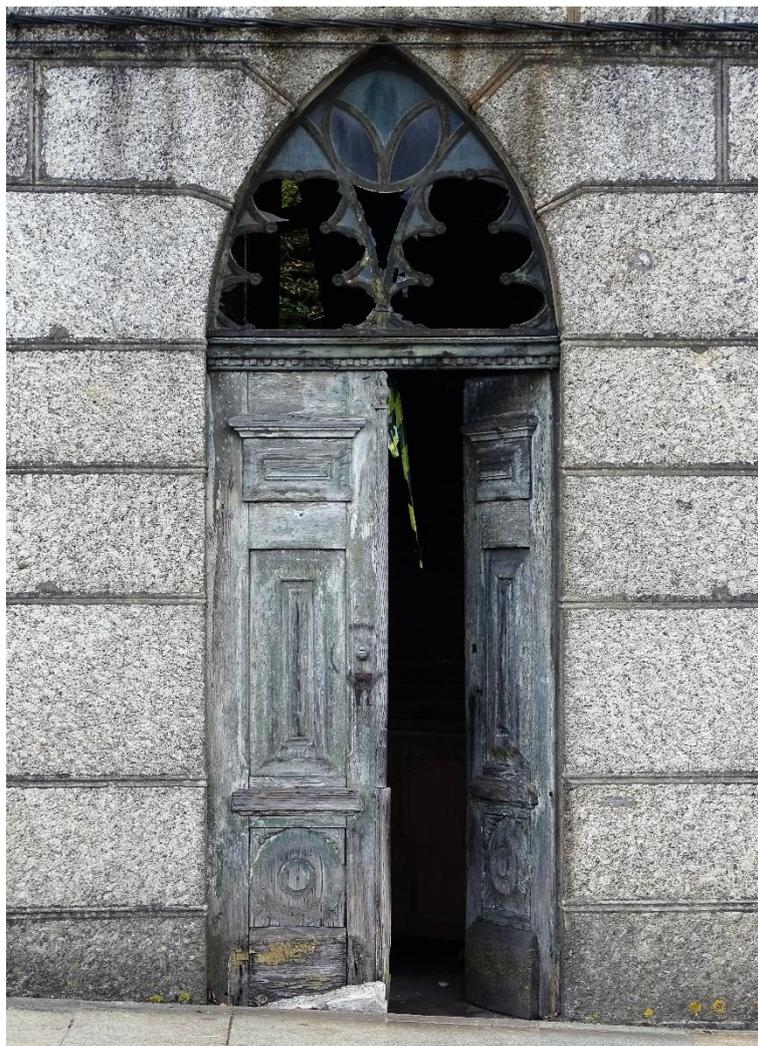
Por entre as existentes, identificam-se desde logo, caixilharias de diferentes geometrias, na composição das fachadas, que enfatizam a importância dos espaços que se abrem para o exterior. Deste modo, nos corpos das extremidades norte e sul, predominam vãos com recorte retangular; enquanto que, no corpo central, se observam os demais, igualmente regulares, no entanto, encimados com o recorte de um arco quebrado. Pese embora esta distinção, ambos se caracterizam pelo recurso ao vidro simples (cerca de 2,5mm ou 3mm de espessura) e à madeira, na sua execução; pela ausência de corte térmico; pela definição de uma bandeira envidraçada, de caixilho fixo; e pela presença de portadas de madeira, pelo interior, que, quando abertas, ficam recolhidas na espessura das ombreiras.

Assim, se enumera, pelo exterior:

- Uma porta almofadada, de madeira, com uma folha de abrir para dentro, encimada por um vitral, de caixilho fixo, metálico;
- Uma porta almofadada, de madeira, com duas folhas de abrir para dentro, encimada por um vitral, de caixilho fixo, metálico¹⁹⁴;
- Três portas almofadadas, de madeira, com três folhas de abrir para dentro, incorporando um postigo para ventilação, em cada uma das folhas;
- Quatro portas almofadadas, de madeira, com quatro folhas de abrir para dentro, encimadas por postigos fixos para ventilação;
- Uma porta entaleirada, de madeira, com uma folha de abrir para dentro;
- Três portas entaleiradas, de madeira, com uma folha de abrir para dentro, encimadas por bandeiras, envidraçadas, de caixilho fixo, metálico;

¹⁹³ *Reabilitação de Edifícios do Centro Histórico do Porto...*, 2010, p. 8.

¹⁹⁴ *“Durante o século XIX vulgarizaram-se as portas de entrada com duas folhas de abrir, frequentemente encimadas por bandeira, que nalguns exemplos atingem dimensões consideráveis [...]”* in TEIXEIRA, J. – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Séculos XVIII e XIX*, 2004, p. 146.

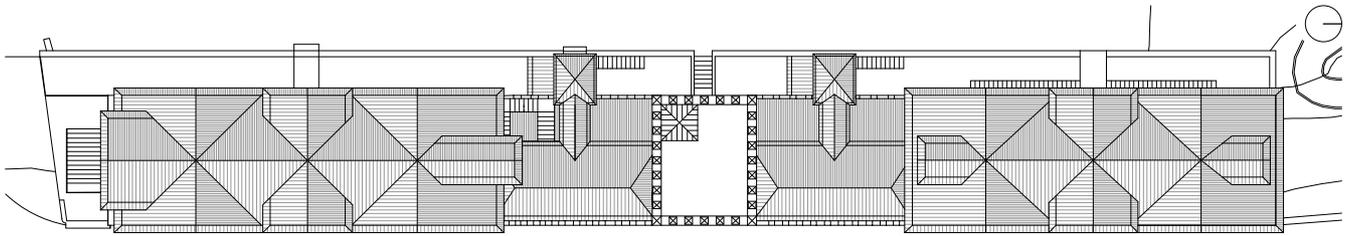


97 | Caixilharia exterior (porta principal). Fotografia. 02 Nov 2017. 15h03.

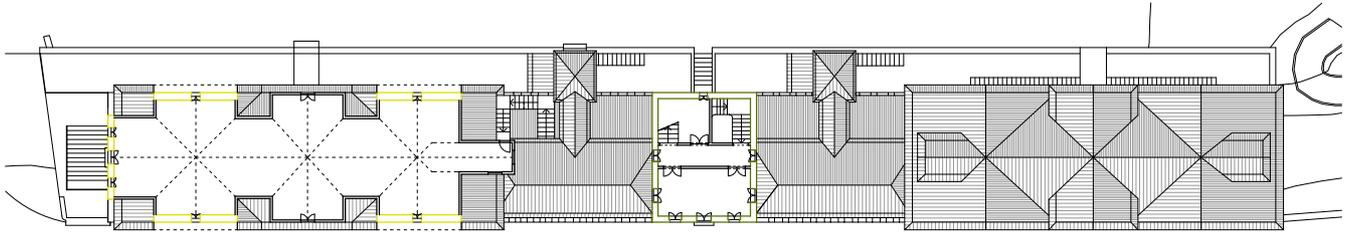
- Vinte e seis portas envidraçadas, com almofada na parte inferior, de madeira, com duas folhas de abrir para dentro, encimadas por bandeiras, envidraçadas, de caixilho fixo, de madeira;
- Quatro janelas de peito, de caixilharia de madeira, com duas folhas de abrir para dentro, encimadas por vitrais, de caixilho fixo, metálico;
- Cinquenta e oito janelas de peito, de caixilharia de madeira, com duas folhas de abrir para dentro, encimadas por bandeiras, envidraçadas, de caixilho fixo, de madeira;
- Treze janelas de peito, de caixilharia de madeira, com duas folhas de abrir para fora, encimadas por bandeiras, envidraçadas, de caixilho fixo, de madeira;
- Sete trapeiras, de caixilharia de madeira, com duas folhas de abrir para dentro, encimadas por bandeiras, envidraçadas, de caixilho fixo, de madeira;
- Três janelas de guilhotina, de caixilharia de madeira, com duas folhas de correr;
- Oito óculos, de caixilharia de madeira;
- Oito postigos, de caixilharia de madeira, basculantes;
- Seis vãos indefinidos.

2.2.8. Desenhos Síntese

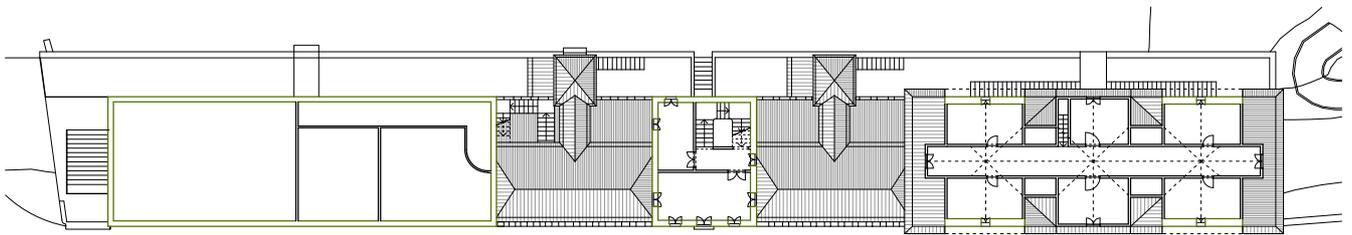
Página 134	Identificação dos Revestimentos das Paredes Resistentes de Alvenaria de Pedra	Escala 1:500
Página 135	Identificação dos Revestimentos das Paredes Resistentes e de Compartimentação de Tabique Simples	Escala 1:500
Página 136	Identificação dos Revestimentos dos Pavimentos	Escala 1:500
Página 137	Identificação dos Revestimentos dos Tetos	Escala 1:500
Página 138	Pormenor de Caixilharia (Porta Envidraçada)	Escala 1:20
Página 139	Pormenor de Caixilharia (Janela de Peito)	Escala 1:20
Página 140	Pormenor de Caixilharia (Porta Envidraçada)	Escala 1:20
Página 141	Pormenor de Caixilharia (Janela de Peito)	Escala 1:20
Página 143	Pormenor Horizontal – Piso 1 – Extremidade Norte	Escala 1:100
Página 144	Pormenor Vertical – Extremidade Norte	Escala 1:100



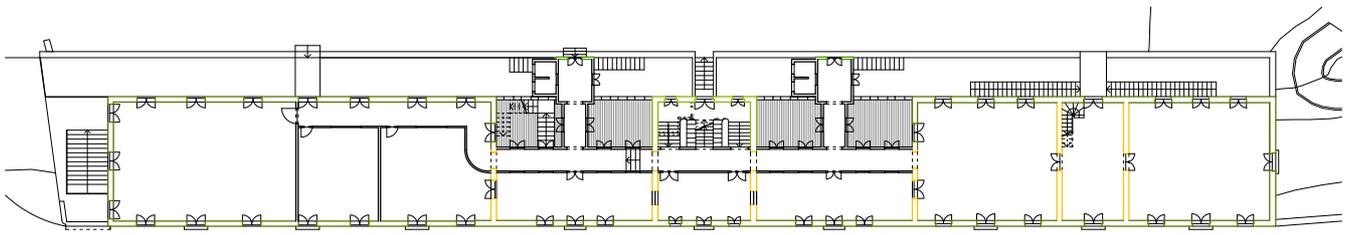
PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1:500



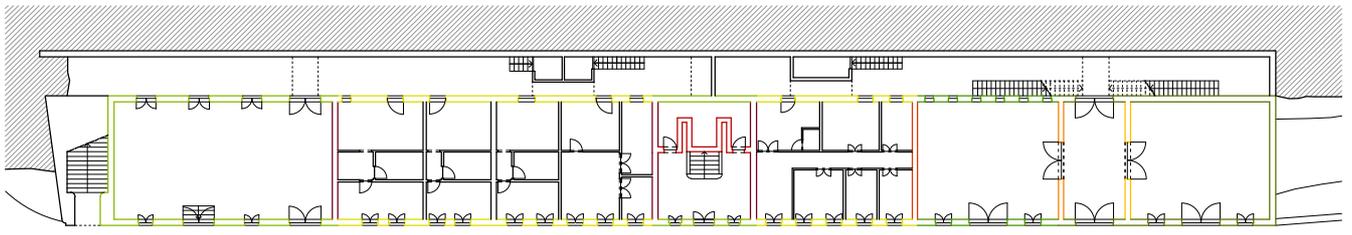
PLANTA PISO 3 - TORRE | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 2 - TORRE | ESCALA 1:500



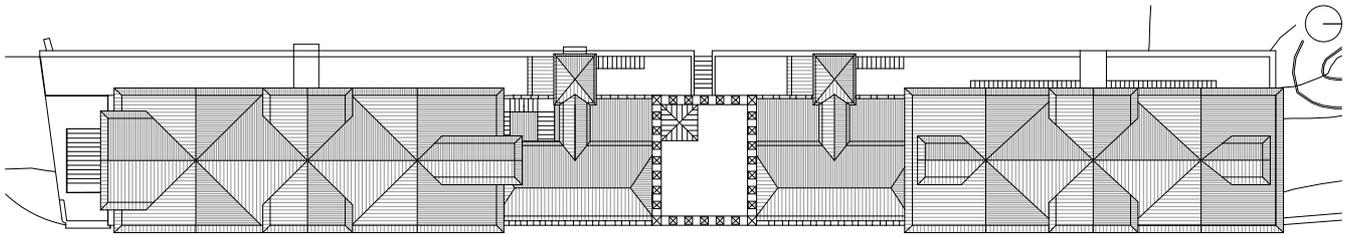
PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500



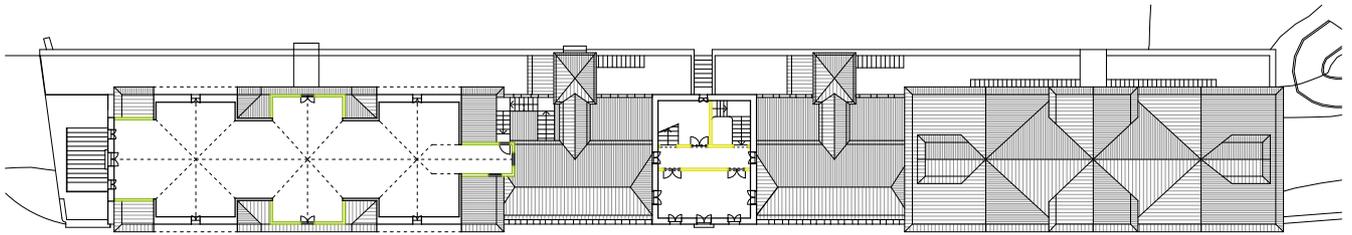
PLANTA PISO 0 | ESCALA 1:500

IDENTIFICAÇÃO DOS REVESTIMENTOS DAS PAREDES RESISTENTES DE ALVENARIA DE PEDRA

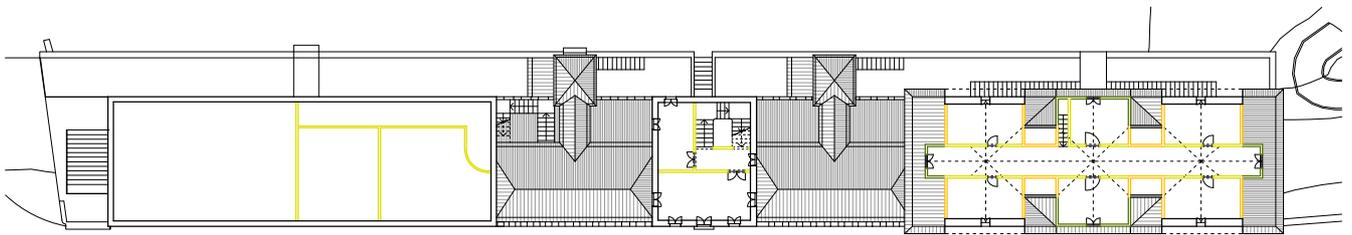
- PEDRA À VISTA, PELO EXTERIOR; REBOCO E ESTUQUE COM APLICAÇÃO DIRETA, PELO INTERIOR
- PEDRA À VISTA, PELO EXTERIOR; REBOCO E ESTUQUE COM APLICAÇÃO DIRETA E AZULEJO ATÉ MEIA ALTURA, PELO INTERIOR
- PEDRA À VISTA, PELO EXTERIOR; SEM REVESTIMENTO, PELO INTERIOR
- PEDRA À VISTA, PELO EXTERIOR; SEM INFORMAÇÕES, PELO INTERIOR
- SEM INFORMAÇÕES / OUTROS ELEMENTOS
- REBOCO E ESTUQUE COM APLICAÇÃO DIRETA, PELO INTERIOR, EM AMBAS AS FACES
- REBOCO E ESTUQUE COM APLICAÇÃO DIRETA, PELO INTERIOR, NUMA FACE; REBOCO E ESTUQUE COM APLICAÇÃO DIRETA E AZULEJO ATÉ MEIA ALTURA, PELO INTERIOR, NOUTRA FACE
- REBOCO E ESTUQUE COM APLICAÇÃO DIRETA E AZULEJO ATÉ MEIA ALTURA, PELO INTERIOR, NUMA FACE; SEM INFORMAÇÕES, PELO INTERIOR, NOUTRA FACE
- PEDRA À VISTA, PELO INTERIOR, EM AMBAS AS FACES
- PEDRA À VISTA, PELO INTERIOR, NUMA FACE; SEM INFORMAÇÕES, PELO INTERIOR, NOUTRA FACE



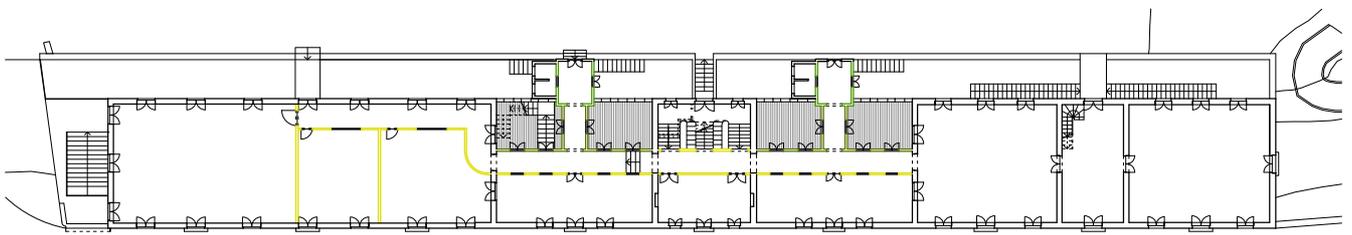
PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1:500



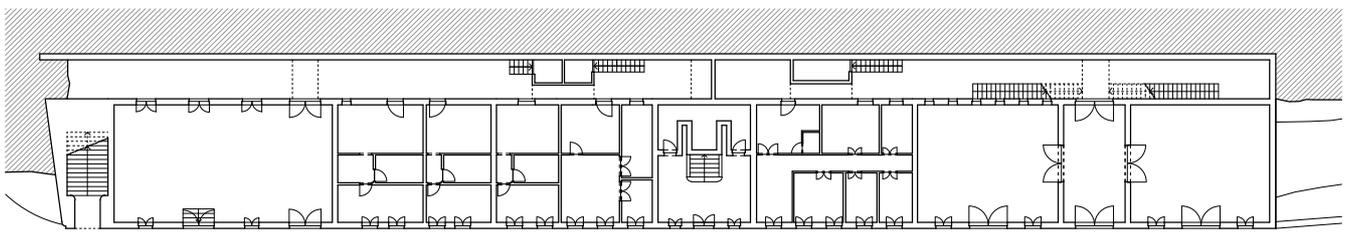
PLANTA PISO 3 - TORRE | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 2 - TORRE | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500

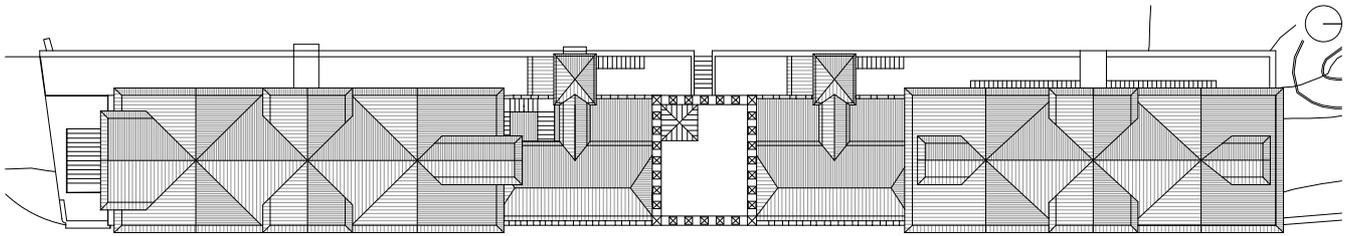


PLANTA PISO 0 | ESCALA 1:500

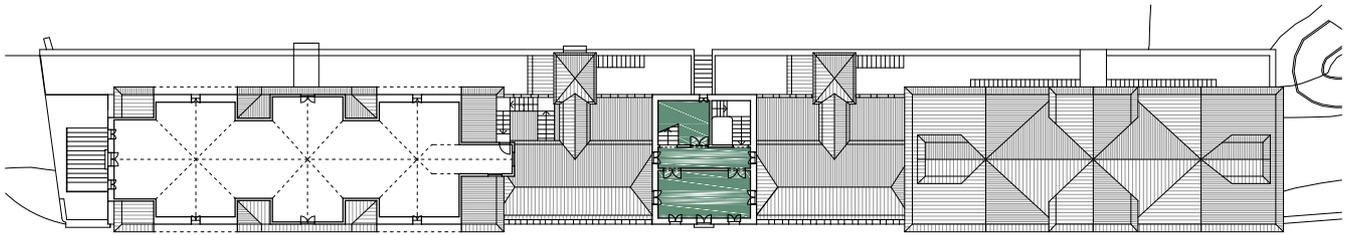
99 | IDENTIFICAÇÃO DOS REVESTIMENTOS DAS PAREDES RESISTENTES E DE COMPARTIMENTAÇÃO DE TABIQUE SIMPLES

- CHAPA ZINCADA DE PERFIL ONDULADO, PELO EXTERIOR; REBOCO E ESTUQUE, PELO INTERIOR
- CHAPA ZINCADA DE PERFIL ONDULADO, PELO EXTERIOR; REBOCO, ESTUQUE E AZULEJO ATÉ MEIA ALTURA, PELO INTERIOR
- CHAPA ZINCADA DE PERFIL ONDULADO, PELO EXTERIOR; SEM INFORMAÇÕES, PELO INTERIOR
- REBOCO E ESTUQUE, PELO INTERIOR, EM AMBAS AS FACES
- REBOCO E ESTUQUE, PELO INTERIOR; SEM INFORMAÇÕES, PELO EXTERIOR

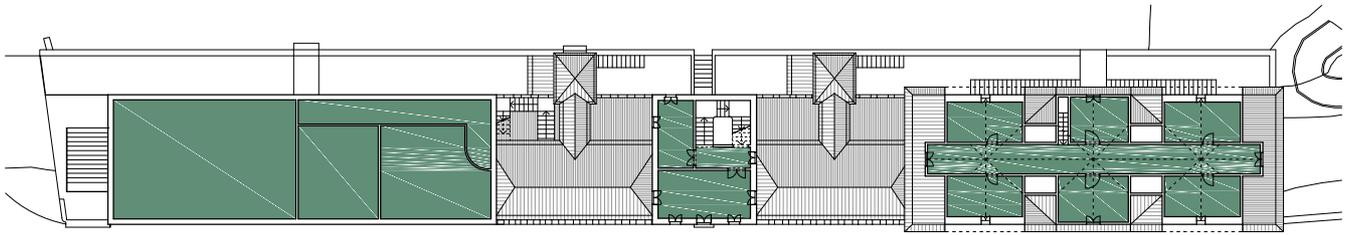
□ SEM INFORMAÇÕES / OUTROS ELEMENTOS



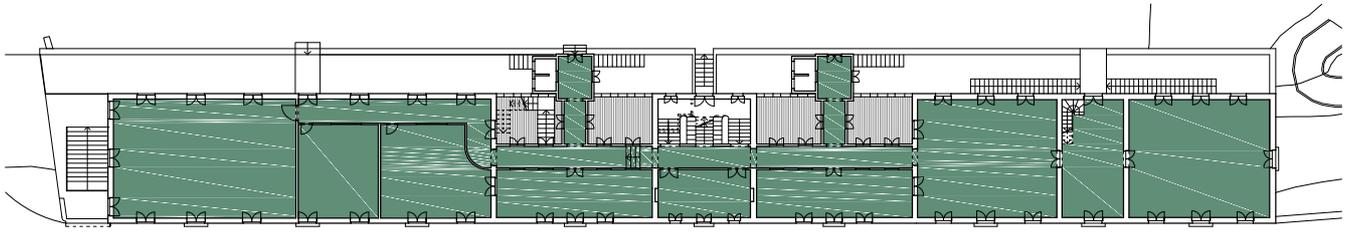
PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1:500



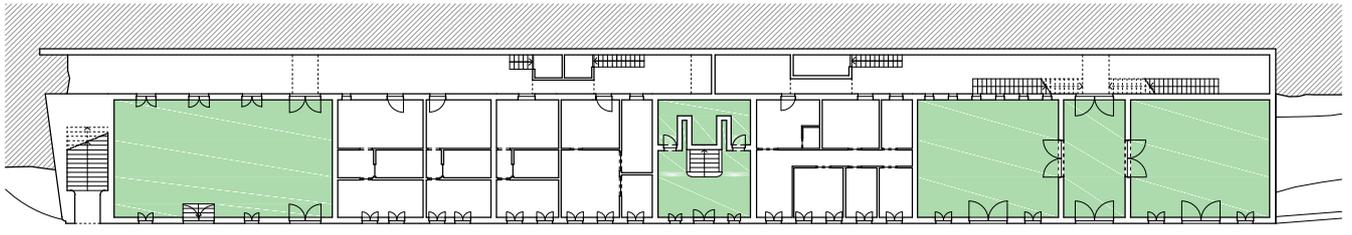
PLANTA PISO 3 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 2 | ESCALA 1:500



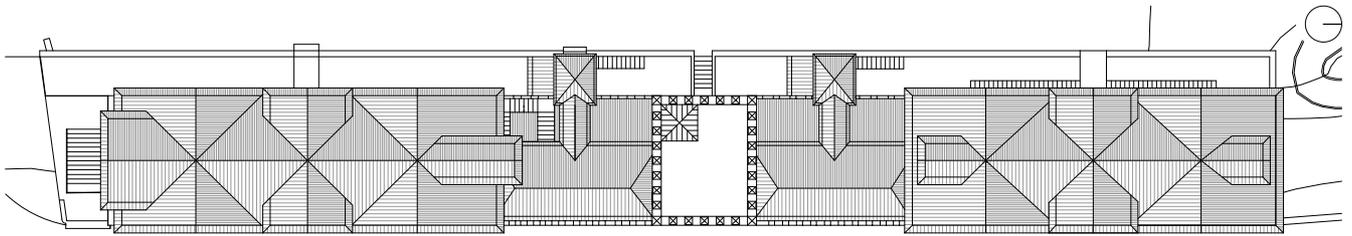
PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500



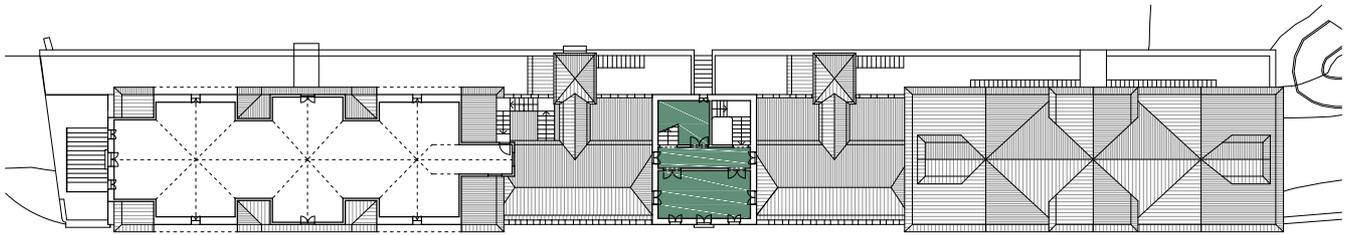
PLANTA PISO 0 | ESCALA 1:500

100 | IDENTIFICAÇÃO DOS REVESTIMENTOS DOS PAVIMENTOS

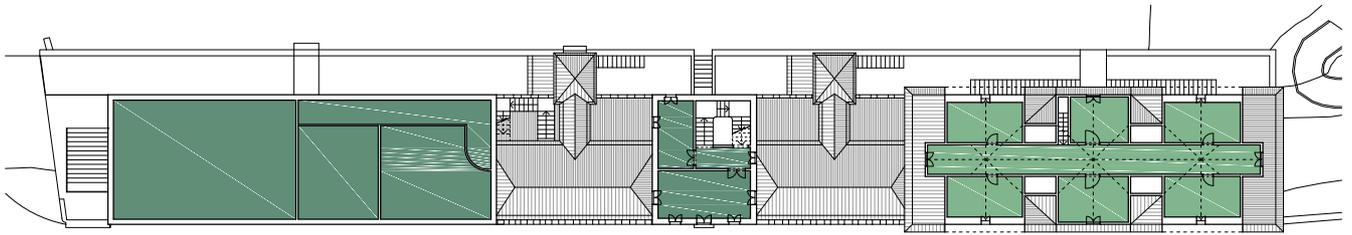
-  SOALHO
-  LAJEDO DE PEDRA
-  SEM INFORMAÇÕES



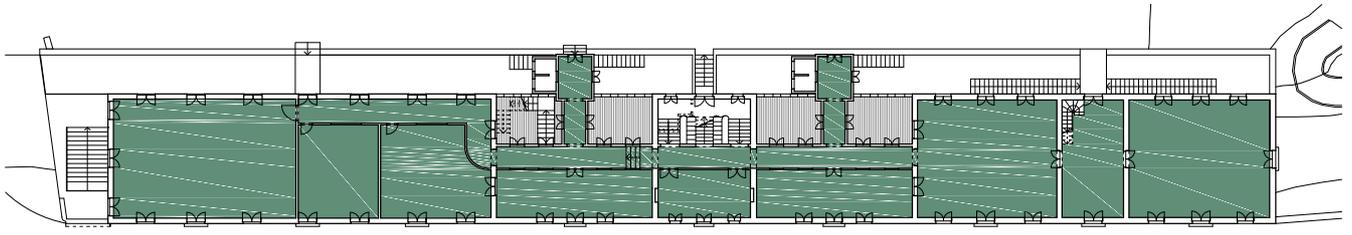
PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1:500



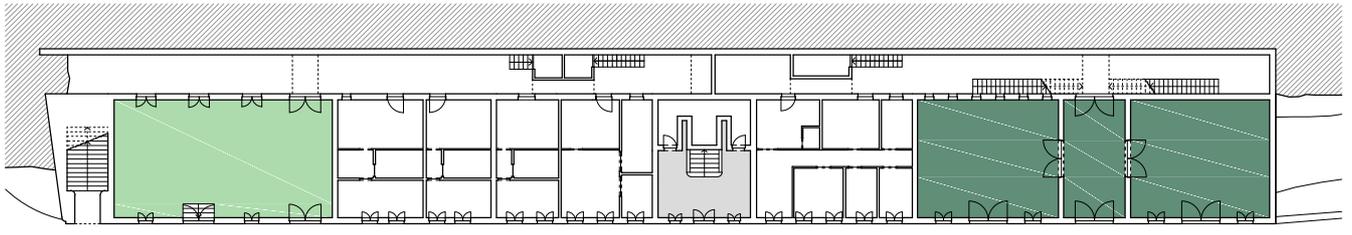
PLANTA PISO 3 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 2 | ESCALA 1:500



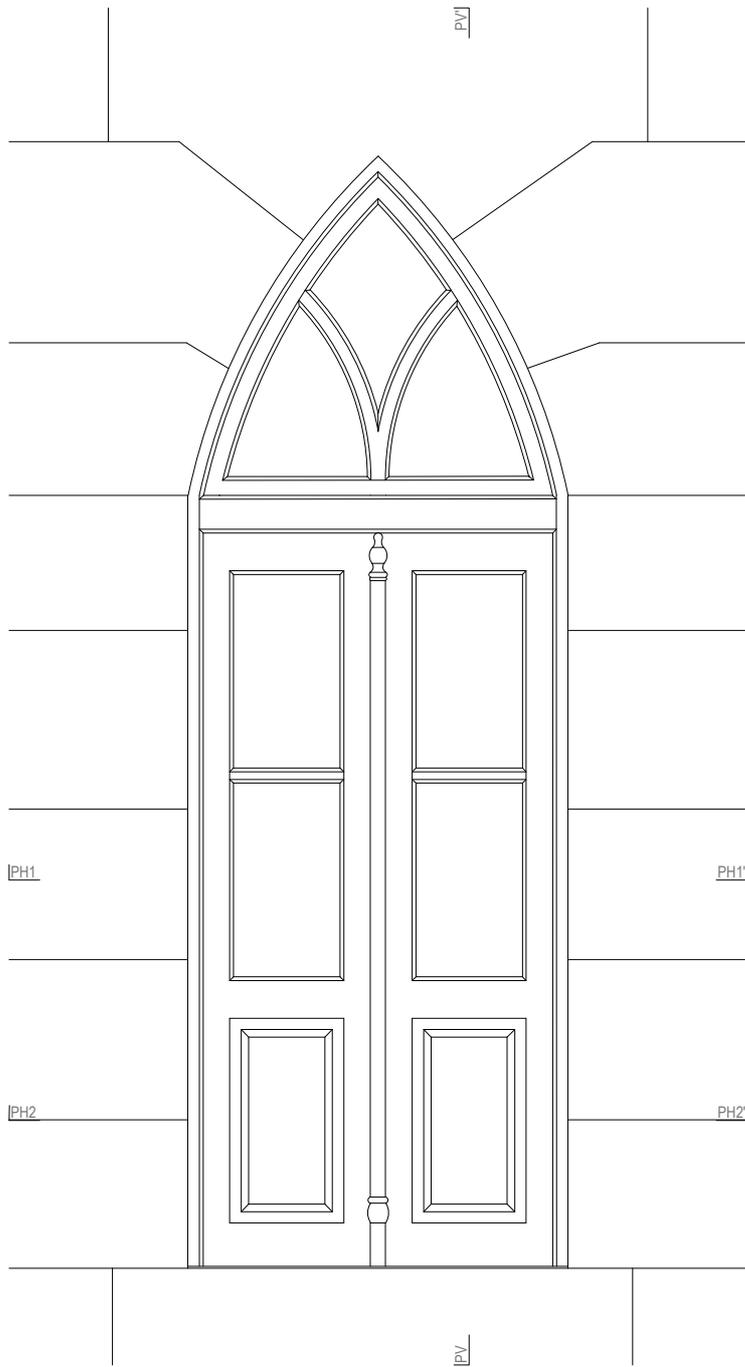
PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500



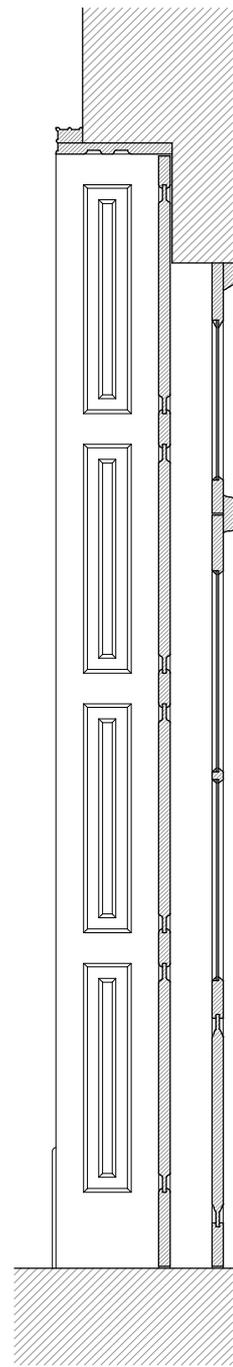
PLANTA PISO 0 | ESCALA 1:500

101 | IDENTIFICAÇÃO DOS REVESTIMENTOS DOS TETOS

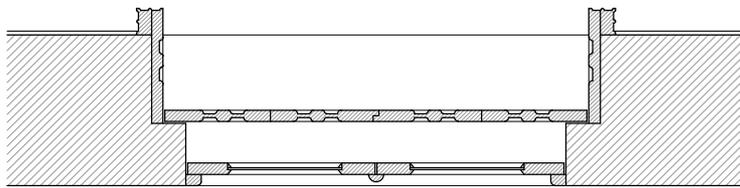
- ESTUQUE
- FORRO DE MADEIRA
- SEM REVESTIMENTO (ESTRUTURA À VISTA)
- CAIXOTÕES DE MADEIRA
- SEM INFORMAÇÕES



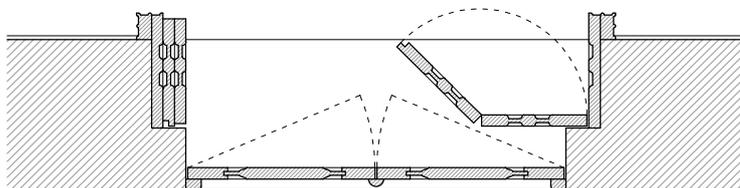
ALÇADO EXTERIOR | ESCALA 1:20



PORMENOR PV-PV' | ESCALA 1:20

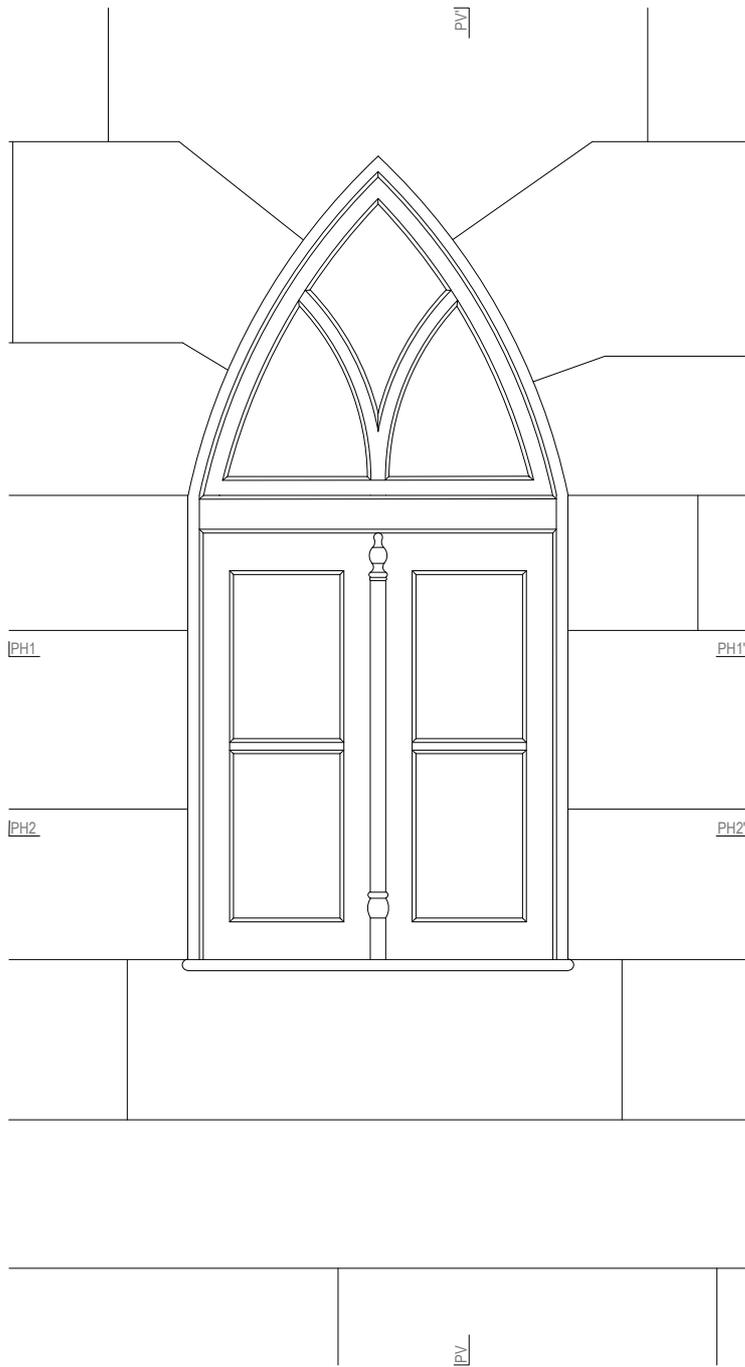


PORMENOR PH1-PH1' | ESCALA 1:20

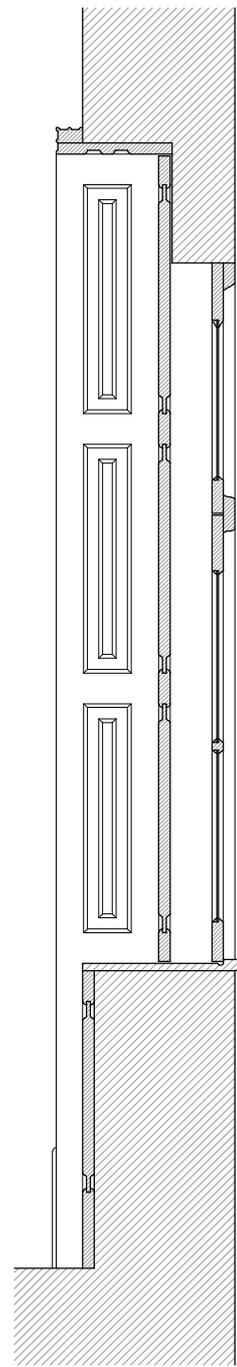


PORMENOR PH2-PH2' | ESCALA 1:20

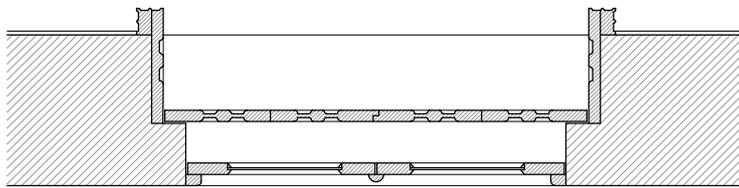
102 | PORMENOR DE CAIXILHARIA.
 PORTA ENVIDRAÇADA, COM
 ALMOFADA NA PARTE INFERIOR,
 DE MADEIRA, COM DUAS FOLHAS
 DE ABRIR PARA DENTRO,
 ENCIMADA POR BANDEIRA,
 ENVIDRAÇADA, DE CAIXILHO FIXO.
 PELO INTERIOR, PORTADA DE
 MADEIRA, COM QUATRO FOLHAS.



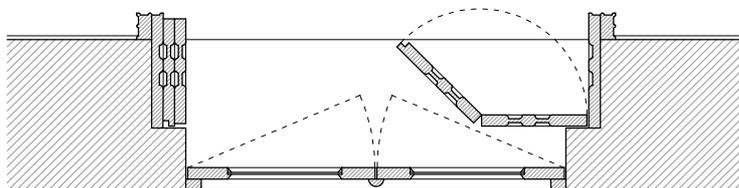
ALÇADO EXTERIOR | ESCALA 1:20



PORMENOR PV-PV' | ESCALA 1:20

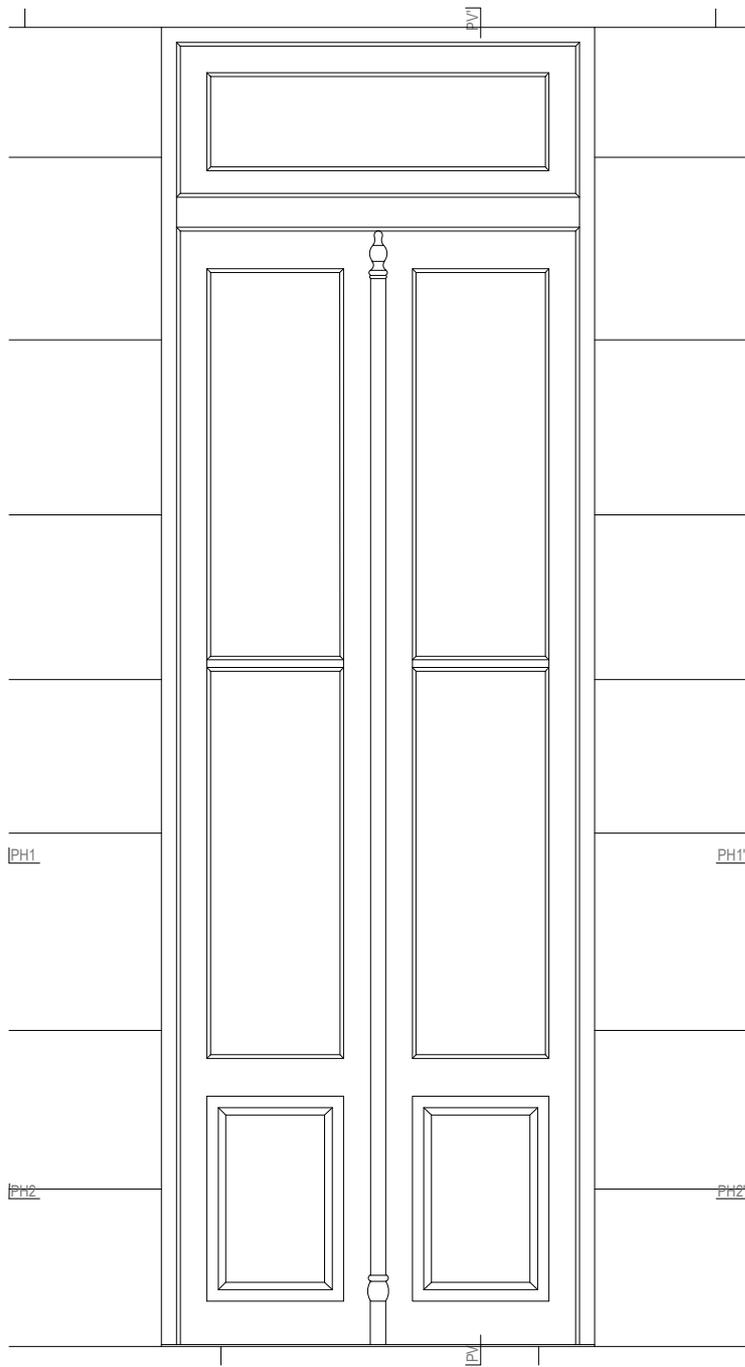


PORMENOR PH1-PH1' | ESCALA 1:20

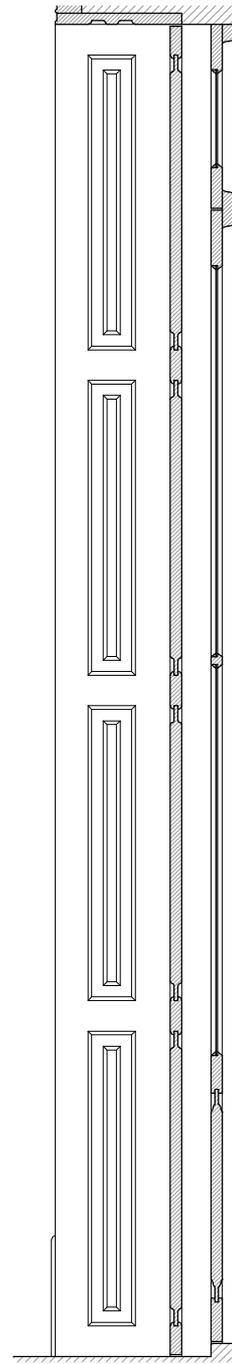


PORMENOR PH2-PH2' | ESCALA 1:20

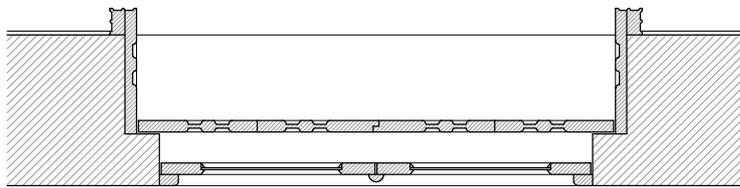
103 | PORMENOR DE CAIXILHARIA.
 JANELA DE PEITO, DE
 CAIXILHARIA DE MADEIRA, COM
 DUAS FOLHAS DE ABRIR PARA
 DENTRO, ENCIMADA POR
 BANDEIRA, ENVIDRAÇADA, DE
 CAIXILHO FIXO.
 PELO INTERIOR, PORTADA DE
 MADEIRA, COM QUATRO FOLHAS.



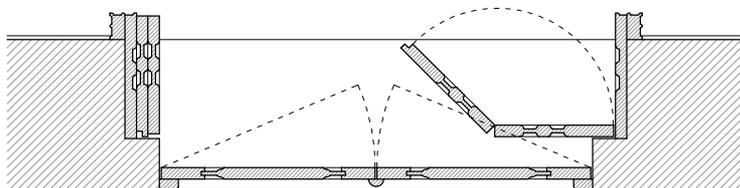
ALÇADO EXTERIOR | ESCALA 1:20



PORMENOR PV-PV' | ESCALA 1:20

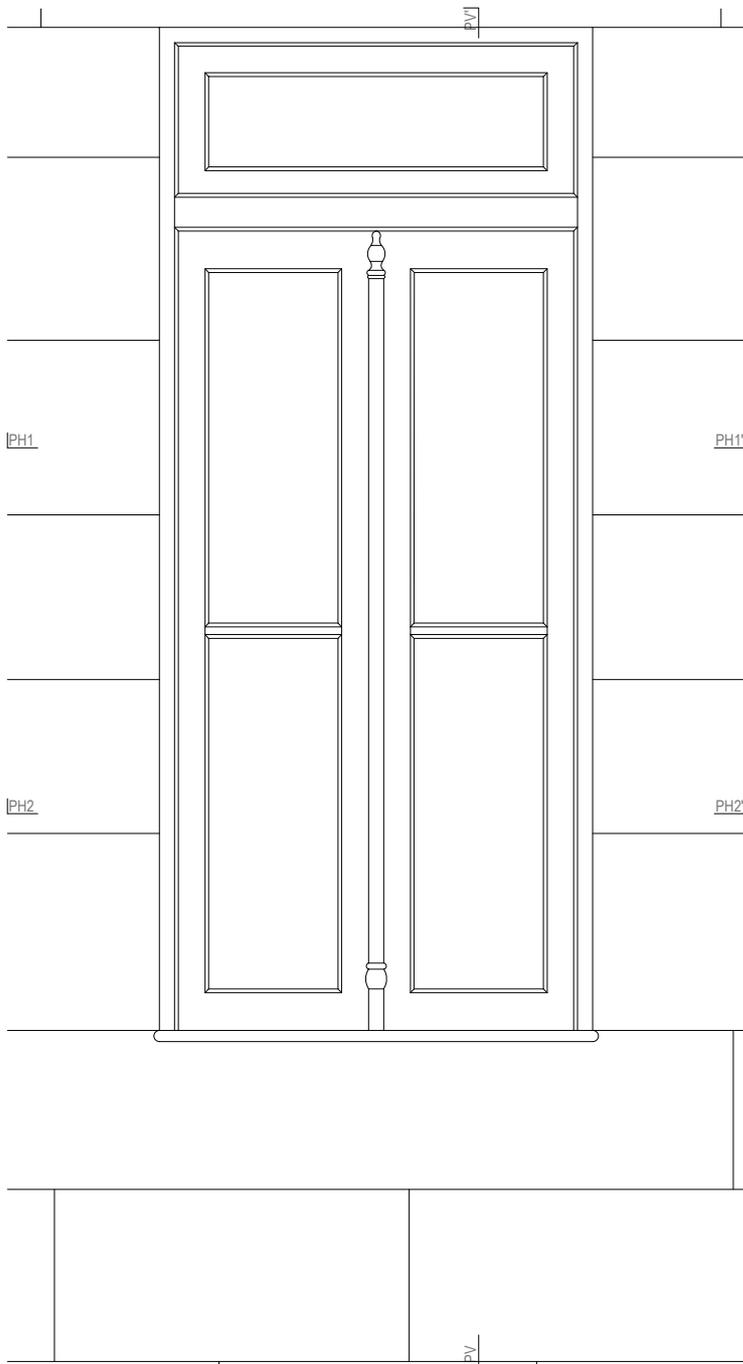


PORMENOR PH1-PH1' | ESCALA 1:20

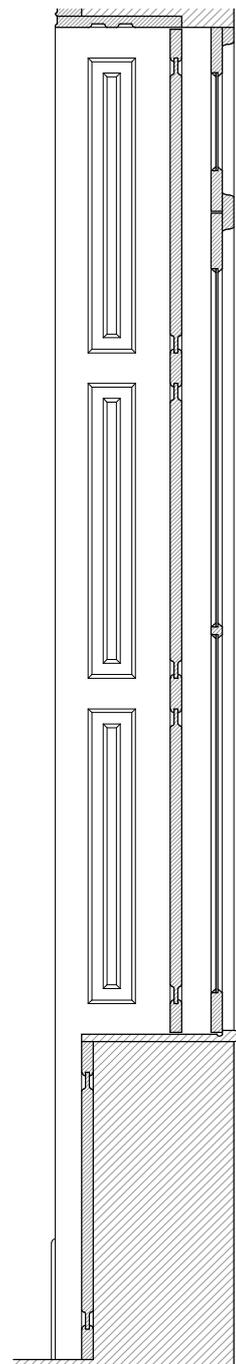


PORMENOR PH2-PH2' | ESCALA 1:20

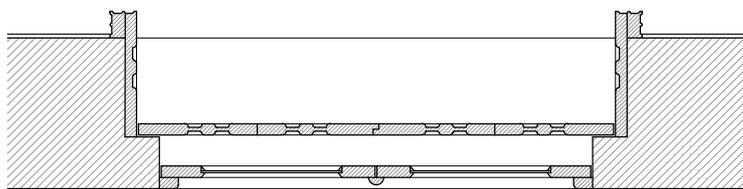
104 | PORMENOR DE CAIXILHARIA.
 PORTA ENVIDRAÇADA, COM
 ALMOFADA NA PARTE INFERIOR,
 DE MADEIRA, COM DUAS FOLHAS
 DE ABRIR PARA DENTRO,
 ENCIMADA POR BANDEIRA,
 ENVIDRAÇADA, DE CAIXILHO FIXO.
 PELO INTERIOR, PORTADA DE
 MADEIRA, COM QUATRO FOLHAS.



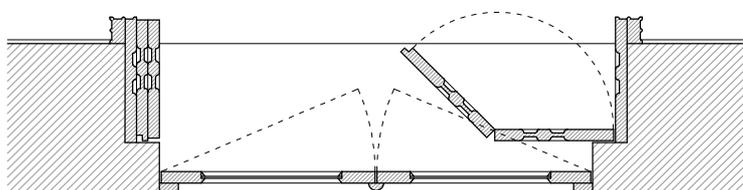
ALÇADO EXTERIOR | ESCALA 1:20



PORMENOR PV-PV' | ESCALA 1:20

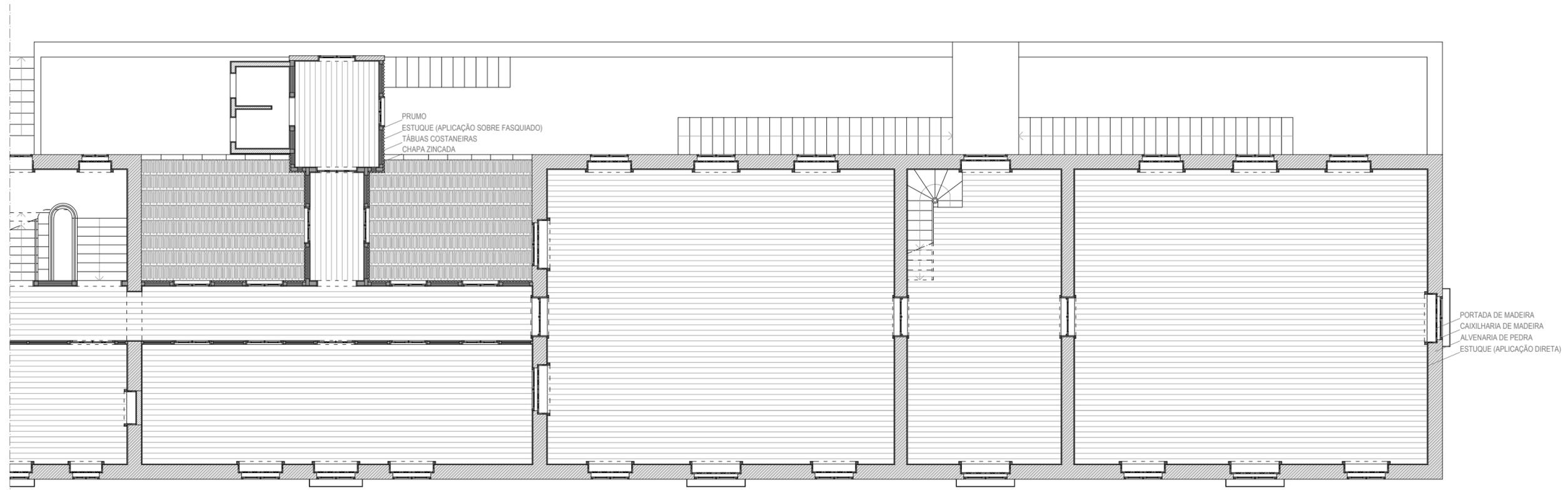


PORMENOR PH1-PH1' | ESCALA 1:20

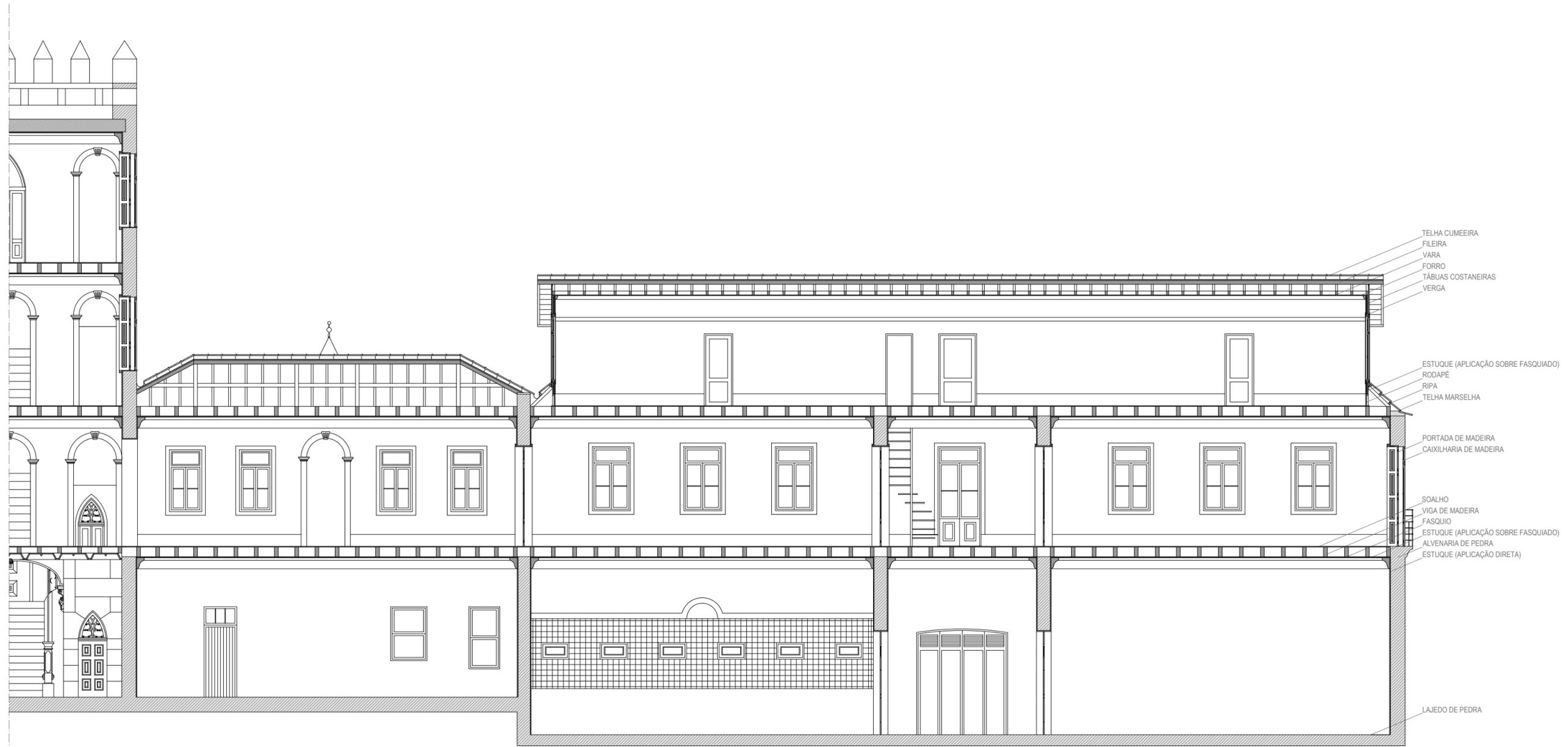


PORMENOR PH2-PH2' | ESCALA 1:20

105 | PORMENOR DE CAIXILHARIA.
 JANELA DE PEITO, DE
 CAIXILHARIA DE MADEIRA, COM
 DUAS FOLHAS DE ABRIR PARA
 DENTRO, ENCIMADA POR
 BANDEIRA, ENVIDRAÇADA, DE
 CAIXILHO FIXO.
 PELO INTERIOR, PORTADA DE
 MADEIRA, COM QUATRO FOLHAS.



106 | PORMENOR HORIZONTAL - PISO 1 - EXTREMIDADE NORTE | ESCALA 1:100



2.3. Identificação e Caracterização das Patologias

Intrinsecamente relacionado com as construções mais antigas, o seu abandono traduz-se num acumular de patologias que, essencialmente, advêm do inevitável envelhecimento dos materiais e são agravadas pela falta de conservação e/ou manutenção dos mesmos. Uma vez que as propriedades dos materiais se alteram, estes tornam-se progressivamente menos resistentes e, deixando de cumprir os seus requisitos funcionais e estruturais, propiciam colapsos ou danos irreversíveis.

Posto isto, e salientando que a inspeção realizada fora exclusivamente visual – apesar de serem conhecidas e recomendadas outras técnicas de inspeção, que aqui não foram tidas em consideração devido ao período de análise – enumeram-se, seguidamente, as principais patologias identificadas:

- *Sistema de impermeabilização e/ou drenagem insuficientes (ou ausentes):*
 - Todo o conjunto edificado carece de falta de manutenção das coberturas que, exponenciando infiltrações de águas pluviais para o interior, acarreta graves consequências para os materiais empregues nos sistemas construtivos, nomeadamente, para os elementos de madeira e para os revestimentos e/ou acabamentos das paredes.
- *Isolamento térmico e/ou acústico insuficientes (ou ausentes):*
 - Se por um lado, os quarenta centímetros de espessura das paredes resistentes de alvenaria de pedra conferem “*uma resistência térmica razoável e uma boa inércia térmica*”¹⁹⁵, apesar destas se basearem num material de grande condutibilidade térmica; por outro lado, a área destinada a vãos envidraçados é considerável e, por isso, conduz a grandes perdas de energia, uma vez que as caixilharias de madeira e de vidro simples, com presença de portadas de madeira pelo interior, garantem um mínimo isolamento.
 - Para além da falta de isolamento térmico e/ou acústico na composição destes elementos construtivos, a qualidade do ambiente interior também se vê agravada pelas inúmeras frinchas que existem, não só no contacto entre diferentes

¹⁹⁵ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 95.

materiais, como também nas caixilharias, não permitindo manter uma temperatura interior dentro dos níveis de conforto, principalmente no inverno¹⁹⁶.

- Especificamente sobre o isolamento acústico, há que referir ainda que os problemas advêm de três níveis distintos: *“isolamento a sons de condução aérea através de pavimentos de madeira, isolamento a sons de percussão nestes pavimentos e isolamento a sons de condução aérea através de tabiques de compartimentação. Estas questões prendem-se com a massa excessivamente reduzida de alguns elementos de construção – isolamento a sons aéreos – e com a “dureza” dos revestimentos utilizados – isolamento a sons de percussão”*¹⁹⁷.
- *Rede elétrica, rede de abastecimento de águas e/ou rede de esgotos residuais precárias:*
 - Pela adaptabilidade da construção a novos tempos, foram-se introduzindo, empiricamente, infraestruturas que tentaram dar resposta às necessidades de quem habitava aquele espaço. No entanto, tais intervenções não cumprem os requisitos de segurança e salubridade, dos dias de hoje.

¹⁹⁶ Ver subcapítulo “6.3.5. *Psicometria*”, na página 241, da presente dissertação.

¹⁹⁷ APPLETON, J. – *Reabilitação de Edifícios Antigos...*, 2003, p. 95.

2.4. Identificação e Caracterização das Anomalias

Após enumeradas as principais patologias identificadas, prossegue-se com o diagnóstico das anomalias mais recorrentes no edifício em estudo – crucial para que, com o propósito de as contornar em futuras intervenções, as causas sejam devidamente apuradas. Deste modo, a posterior exposição individual de cada anomalia faz-se acompanhar por uma breve descrição, por fotografias exemplificativas e por uma classificação, que aqui fora atribuída tendo por base o *Método de Avaliação do Estado de Conservação dos Imóveis* (MAEC).

Tal método, a par da *Metodologia de Certificação das Condições Mínimas de Habitabilidade* (MCH) e do *Método de Avaliação das Necessidades de Reabilitação* (MANR)¹⁹⁸, fora desenvolvido pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) e aplicado a partir do ano de 2006 – esta tríade metodológica surgiu aquando da tomada de consciência da importância que as obras de reabilitação tem vindo a assumir e visa “*apoiar a implementação das políticas públicas de reabilitação do parque edificado*”¹⁹⁹.

Especificamente, e dada a possibilidade de “*determinar com rigor, objectividade e transparência o estado de conservação do locado e a existência de infra-estruturas básicas*”²⁰⁰, através de uma atenta inspeção visual, tomou-se como premissa desta análise o MAEC. Implicando o preenchimento, por técnicos especializados, de uma ficha de avaliação modelo²⁰¹, aprovada pela Portaria n.º 1192-B/2006, de 3 de novembro²⁰², foram estabelecidos, pelo LNEC, critérios de avaliação e regras de aplicação para determinar o coeficiente de conservação²⁰³, numa escala de cinco níveis.

Nível	5	4	3	2	1
Estado	Excelente	Bom	Médio	Mau	Péssimo
Coeficiente	1,2	1,0	0,9	0,7	0,5

108 | Critérios de determinação do coeficiente de conservação (PORTUGAL, 2007).

¹⁹⁸ PEDRO, J., VILHENA, A., PAIVA, J. – *Método de Avaliação do Estado de Conservação de Edifícios desenvolvidos no LNEC...*, 2012.

¹⁹⁹ PEDRO, J., VILHENA, A., PAIVA, J. – *Método de Avaliação do Estado de Conservação de Edifícios desenvolvidos no LNEC...*, 2012, p. 5.

²⁰⁰ PORTUGAL, M. – *NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis...*, 2007, p. 1.

²⁰¹ “Ficha de Avaliação do Estado de Conservação” e “Método de Avaliação do Estado de Conservação de Edifícios” disponíveis em: <http://www.portaldahabitacao.pt/pt/nrau/home/Formulario.html>. Ver subcapítulo “6.7. “Ficha de Avaliação do Nível de Conservação de Edifícios””, entre as páginas 251 e 254, da presente dissertação.

²⁰² PORTUGAL, M. – *NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis...*, 2007, p. 5.

²⁰³ “O Regime de Arrendamento Urbano aprovado pela Lei n.º 6/2006, de 27 de Fevereiro, permite a actualização extraordinária do valor das rendas. O valor máximo de actualização depende do valor patrimonial tributário e de um coeficiente de conservação” in PEDRO, J., VILHENA, A., PAIVA, J. – *Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis...*, 2009, p. 57.

ANOMALIAS

<i>Muito ligeiras</i>	<i>Ligeiras</i>	<i>Médias</i>	<i>Graves</i>	<i>Muito graves</i>
<p>Ausência de anomalias ou anomalias sem significado.</p>	<p>Anomalias que prejudicam o aspecto, e que requerem trabalhos de fácil execução.</p>	<p>Anomalias que prejudicam o aspecto, e que requerem trabalhos de difícil execução.</p> <p>Anomalias que prejudicam o uso e conforto e que requerem trabalhos de limpeza, substituição ou reparação de fácil execução.</p>	<p>Anomalias que prejudicam o uso e conforto e que requerem trabalhos de difícil execução.</p> <p>Anomalias que colocam em risco a saúde e/ou a segurança, podendo motivar acidentes sem gravidade, e que requerem trabalhos de fácil execução.</p>	<p>Anomalias que colocam em risco a saúde e/ou a segurança, podendo motivar acidentes sem gravidade, e que requerem trabalhos de difícil execução.</p> <p>Anomalias que colocam em risco a saúde e/ou a segurança, podendo motivar acidentes graves ou muito graves.</p> <p>Ausência ou inoperacionalidade de infra-estrutura básica.</p>

109 | Critérios de avaliação da gravidade da anomalia (PORTUGAL, 2007).

Estrutura | Alvenaria de pedra granítica

Anomalia ligeira

- *Sinais de intervenções anteriores pouco cuidadas:*

O consolidado aparelho granítico apresenta-se intacto. Não ressaltando anomalias com gravidade, apenas se destacam sinais de intervenções anteriores denunciadas pela diferenciação das juntas.



110 | Vista 35. 13 Out 2017. 18h26.

Estrutura | Madeira

Anomalia muito grave

- *Ataques de agentes biológicos ativos e desabamento total ou parcial de revestimentos:*

A deterioração das estruturas de madeira, como a perda de secção significativa, deve-se ao apodrecimento e ao ataque de insetos (térmitas e carunchos) promovidos pelo excesso de humidade (APPLETON, 2003).



111 | Vista 36. 01 Abr 2016. 15h46.



112 | Vista 37. 01 Abr 2016. 15h52.

Anomalia muito grave

- *Fissuração de grande abertura (superior a 5 mm) e assentamento do pavimento:*

Consequência dos ataques de agentes biológicos ativos, verifica-se um assentamento progressivo do pavimento (manifestado pela fissuração de grande abertura) que o levou ao colapso, no inverno de 2016/17.



113 | Vista 38. 01 Abr 2016. 15h43.



114 | Vista 39. 02 Mar 2017. 14h56.

Cobertura | Partes opacas das coberturas inclinadas

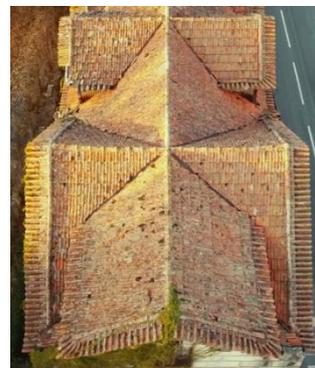
Anomalia média

- *Presença de colonização biológica:*

A acumulação de musgos, líquenes e de outros micro-organismos, presentes um pouco por todas as coberturas, comprometem a estanquidade à água e obstruem o escoamento das águas pluviais.



115 | Vista 40. 15 Fev 2017. 16h08.



116 | Vista 41. 13 Out 2017. 18h14.

Anomalia muito grave

- *Fragmentação de elementos:*

A falta e/ou a presença de telhas já envelhecidas, partidas ou deslocadas deixam o interior exposto às intempéries e favorecem o apodrecimento da madeira da estrutura de suporte e o colapso parcial dos tetos.



117 | Vista 42. 09 Out 2007. 09h57.



118 | Vista 43. 13 Out 2017. 18h12.

Anomalia muito grave

- *Colapso parcial da estrutura de suporte:*

Consequência da falta de colmatação das anomalias anteriores, a estrutura de madeira apodrecida, das lajes dos pisos superiores, cedeu e incitou o colapso da parede exterior e de parte da cobertura.



119 | Vista 44. 02 Mar 2017. 14h56.



120 | Vista 45. 13 Out 2017. 18h25.

Cobertura | Partes opacas das coberturas planas

Anomalia muito grave

- *Falta de sistema de impermeabilização:*

A estanquidade à água vê-se comprometida, não só pela sujidade acumulada, mas também pela falta de um sistema de impermeabilização que previna infiltrações generalizadas.



121 | Vista 46. 13 Out 2017. 18h16.

Cobertura | Vãos envidraçados

Anomalia muito grave

- *Deterioração e falta de elementos:*

Para além da oxidação dos perfis metálicos e do risco de queda de elementos soltos, a ausência, quase na totalidade, de vidros permite uma franca entrada das águas pluviais para o interior do edifício.



122 | Vista 47. 27 Maio 2012. 15h19.



123 | Vista 48. 13 Out 2017. 18h15.

Cobertura | Sistema de drenagem de águas pluviais

Anomalia muito grave

- *Inoperacionalidade do sistema:*

Dado o envelhecimento e a falta de manutenção, todo o sistema se encontra inoperacional. Caleiras entupidas e corroídas, tubos de queda partidos e uma deficiente ligação entre ambos motivam constantes infiltrações.



124 | Vista 49. 22 Out 2007. 15h18.



125 | Vista 50. 13 Out 2017. 18h11.

Elementos salientes

Anomalia muito grave

- *Oxidação de perfis metálicos:*
As escadas metálicas exteriores de acesso às mansardas da extremidade sul vêem-se, na sua totalidade, oxidadas. Prevê-se que, com o aumento do perfil metálico, a parede resistente fissure e esta estrutura desabe.



126 | Vista 51. 15 Feb 2017. 16h01.

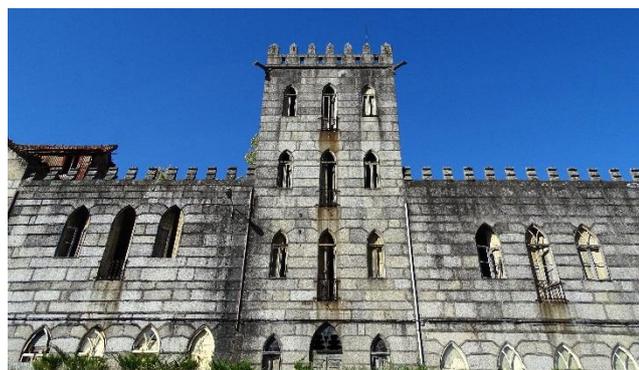


127 | Vista 52. 15 Feb 2017. 16h02.

Paredes | Partes opacas de paredes exteriores

Anomalia muito grave

- *Eflorescências, ataques de agentes biológicos ativos e filmes negros:*
Denunciando a constante exposição à humidade, por todas as superfícies de pedra, se veem generalizados sinais de eflorescências de sais solúveis, vestígios de ataques de agentes biológicos ativos e filmes negros.



128 | Vista 53. 28 Set 2017. 11h19.

Paredes | Partes opacas de paredes interiores

Anomalia muito grave

- *Empolamento, destacamento e desagregação da camada de revestimento:*
Consequência das infiltrações resultantes das anomalias da cobertura, assiste-se ao empolamento, destacamento e posterior desagregação da camada de revestimento interior das paredes.



129 | Vista 54. 28 Set 2017. 11h02.



130 | Vista 55. 01 Abr 2016. 15h45.

Revestimentos | Pavimentos interiores

Anomalia média

- *Desgaste e sujidade:*

Pelo seu estado devoluto, são vários os sinais de vandalismo. Por todo o soalho, claramente desgastado, de imediato, ressalta um amontoado de lixo, por entre antigos registos do *Externato de Vizela*.



131 | Vista 56. 01 Abr 2016. 15h44.



132 | Vista 57. 29 Mai 2012. 14h43.

Anomalia muito grave

- *Deterioração e falta de elementos:*

Resultado da deterioração em que se encontra, verifica-se a presença de tábuas de soalho soltas, a falta e o empolamento de outras, em grandes áreas, implicando a sua substituição ou reparação total.



133 | Vista 58. 01 Abr 2016. 15h48.

Anomalia muito grave

- *Aberturas resultantes da degradação:*

A podridão e os ataques de agentes biológicos ativos, reduzindo a secção das vigas, provocam deformações que podem incitar o colapso (total ou parcial) dos pavimentos e motivar acidentes graves.



134 | Vista 59. 01 Abr 2016. 15h46.



135 | Vista 60. 01 Abr 2016. 15h46.

Revestimentos | Tetos

Anomalia média

- *Alteração de tom e fendilhação:*
Aquando da constante presença de humidade e dada a falta de manutenção, confirma-se uma tênue descoloração na pintura, para além de fendas resultantes de movimentos higrotérmicos (tração e retração)²⁰⁴.



136 | Vista 61. 01 Abr 2016. 15h48.



137 | Vista 62. 01 Abr 2016. 15h48.

Anomalia muito grave

- *Destacamento do revestimento:*
Consequência das prolongadas infiltrações, veem-se manchas de humidade generalizadas que, favorecendo a diminuição da aderência do revestimento, se traduzem no destacamento total ou parcial deste.



138 | Vista 63. 01 Abr 2016. 15h43.



139 | Vista 64. 01 Abr 2016. 15h52.

Anomalia muito grave

- *Aberturas resultantes da degradação:*
Com o agravamento e a falta de colmatação dos casos prévios, verificam-se aberturas que, não só permitem a proliferação indesejada de pragas, como indiciam risco de queda total da camada de revestimento.



140 | Vista 65. 29 Mai 2012. 14h39.



141 | Vista 66. 29 Mai 2012. 14h39.

²⁰⁴ "Movimentação causada pelas ações da humidade e da temperatura" in <https://www.engenhariacivil.com/dicionario/movimentos-higrotermicos>.

Escadas

Anomalia muito grave

- *Degradação de elementos estruturais e ausência de corrimões:*

A avançada deterioração, deformação e desgaste dos elementos estruturais das escadas de madeira, por atos de vandalismo ou por ataques de agentes biológicos, indiciam risco de colapso iminente.



142 | Vista 67. 01 Abr 2016. 15h53.



143 | Vista 68. 01 Abr 2016. 15h45.

Caixilharias | Vãos exteriores

Anomalia muito grave

- *Deterioração e falta de elementos:*

Com sinais de apodrecimento, a caixilharia exterior de madeira e de vidro simples (quase inexistentes na sua totalidade) não garante qualquer estanquidade à água, nem permeabilidade ao ar.



144 | Vista 69. 29 Mar 2017. 09h09.

Anomalia muito grave

- *Manutenção insuficiente:*

Dada a tração e retração dos elementos de madeira, pela ação da chuva e pela incidência da radiação solar, verifica-se a formação de fissuras – local propício a propagações de agentes biológicos ativos.



145 | Vista 70. 15 Fev 2017. 15h57.



146 | Vista 71. 11 Abr 2017. 11h12.

Caixilhariás | Vãos interiores

Anomalia muito grave

- *Deterioração e falta de elementos:*

Com elementos francamente deteriorados ou removidos, os vãos interiores apresentam caixilhariás inoperacionais que requerem substituição ou reparação total, a fim de evitar acidentes com gravidade.



147 | Vista 72. 29 Mai 2012. 14h50.



148 | Vista 73. 29 Mai 2012. 14h49.

Dispositivo de proteção de vãos | Portadas e estores

Anomalia muito grave

- *Deterioração e falta de elementos:*

Apodrecidas, partidas e com a sua função comprometida, as portadas de madeira constituem um sério risco de queda. Por também se situarem a cotas superiores, colocam em perigo a segurança pública.



149 | Vista 74. 28 Set 2017. 11h06.

Dispositivos de proteção contra queda | Guardas

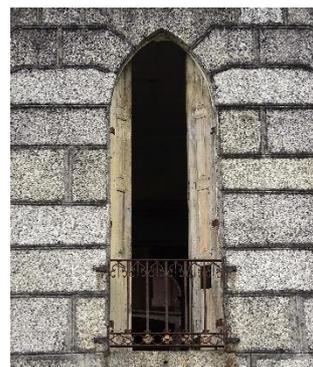
Anomalia média

- *Deterioração de elementos e/ou fixações:*

As guardas de ferro forjado, pela sua oxidação, apresentam-se corroídas, deformadas e com alguns elementos decorativos degradados. No entanto, crê-se que, por enquanto, não indicam risco de acidente por queda.



150 | Vista 75. 15 Fev 2017. 15h54.



151 | Vista 76. 15 Fev 2017. 15h55.

Equipamento sanitário

Anomalia muito grave

- *Inoperacionalidade do equipamento:*

Como resposta a novos hábitos, distingue-se uma posterior construção de dois módulos, com 3.80m² cada, que haviam funcionado como instalações sanitárias. Contudo, hoje vêem-se totalmente inviabilizadas.



152 | Vista 77. 01 Abr 2016. 15h42.



153 | Vista 78. 01 Abr 2016. 15h59.

Instalação elétrica

Anomalia muito grave

- *Inoperacionalidade da instalação:*

Precária e definida ao acaso, o que resta da instalação elétrica encontra-se inoperacional e não respeita quaisquer requisitos de segurança atualmente exigidos. A sua total substituição é, por isso, imprescindível.



154 | Vista 79. 03 Out 2007. 15h08.

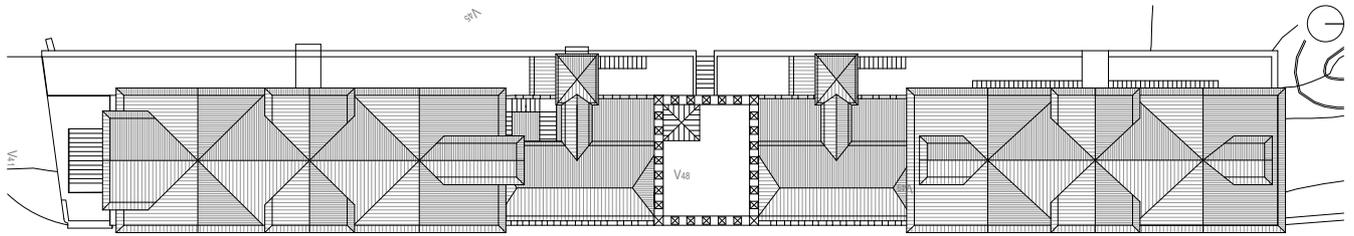


155 | Vista 80. 03 Out 2007. 15h04.

2.4.1. Desenhos Síntese

Página 160 | Classificação das Anomalias Identificadas nos Pavimentos Escala 1:500

Página 161 | Classificação das Anomalias Identificadas nos Tetos Escala 1:500

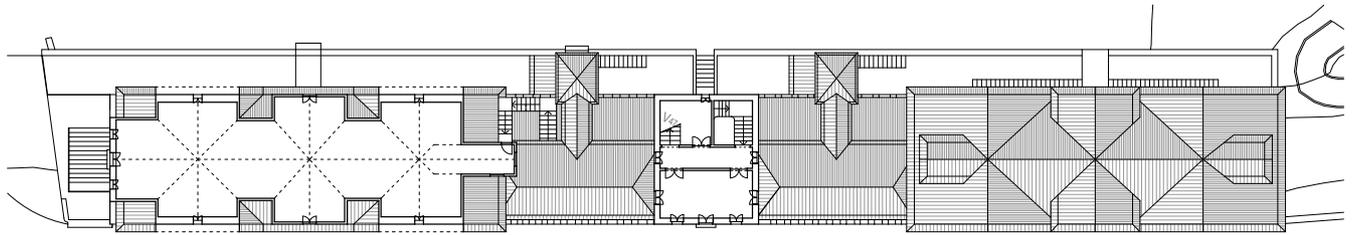


PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1:500

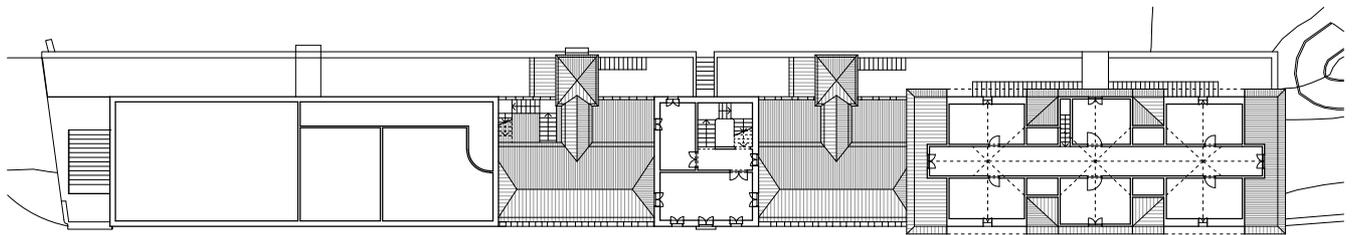
V50

V45

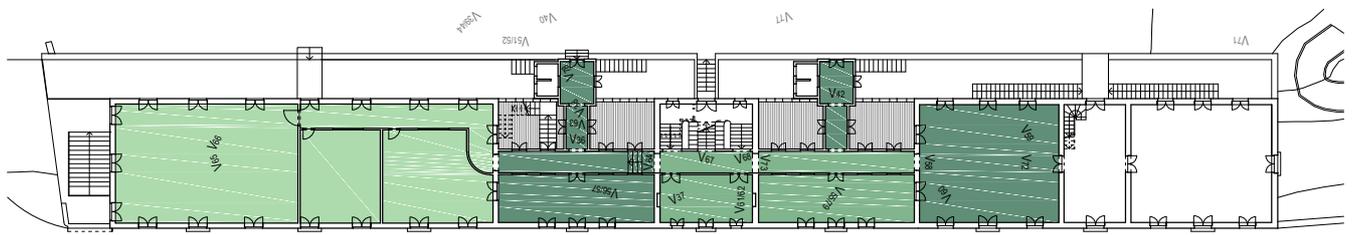
V45



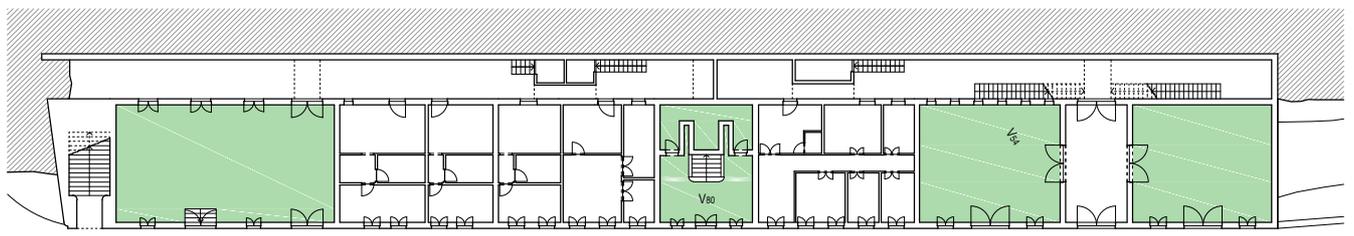
PLANTA PISO 3 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 2 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 0 | ESCALA 1:500

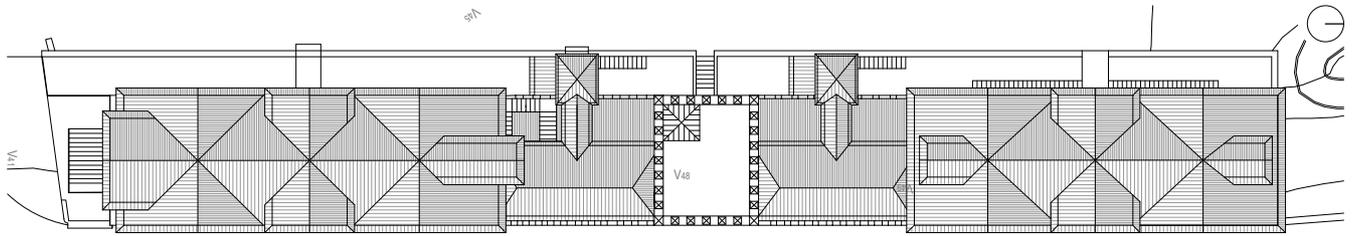
V75

V69/74/76

V53/70

156 | CLASSIFICAÇÃO DAS ANOMALIAS IDENTIFICADAS NOS PAVIMENTOS

- MUITO GRAVES - PREJUDICAM O ASPETO, O USO E O CONFORTO; COLOCAM EM RISCO A SAÚDE E/OU A SEGURANÇA; REQUEREM TRABALHOS DE DIFÍCIL EXECUÇÃO
- GRAVES - PREJUDICAM O ASPETO, O USO E O CONFORTO; COLOCAM EM RISCO A SAÚDE E/OU A SEGURANÇA; REQUEREM TRABALHOS DE FÁCIL EXECUÇÃO
- MÉDIAS - PREJUDICAM O ASPETO, O USO E O CONFORTO; REQUEREM TRABALHOS DE LIMPEZA, SUBSTITUIÇÃO OU REPARAÇÃO DE FÁCIL EXECUÇÃO
- LIGEIRAS - PREJUDICAM O ASPETO; REQUEREM TRABALHOS DE FÁCIL EXECUÇÃO
- SEM INFORMAÇÕES

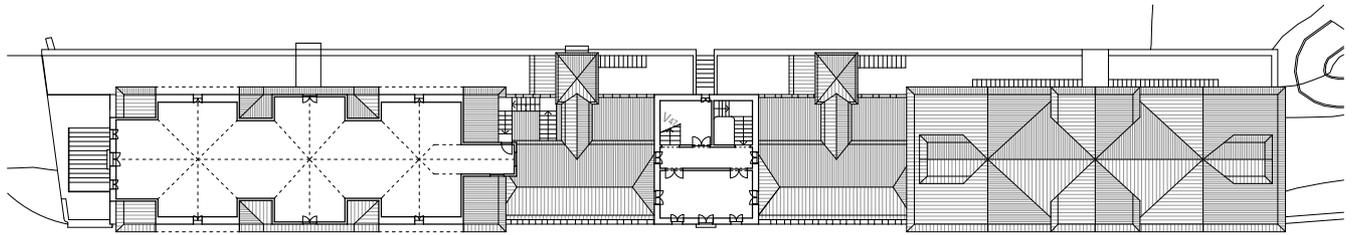


PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1:500

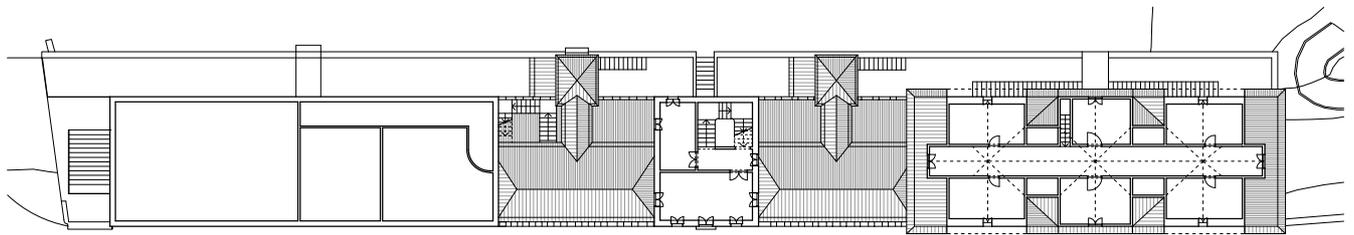
V50

V45

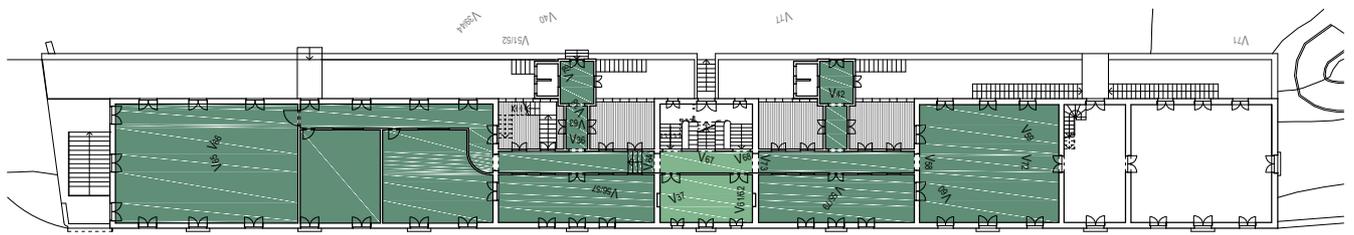
V45



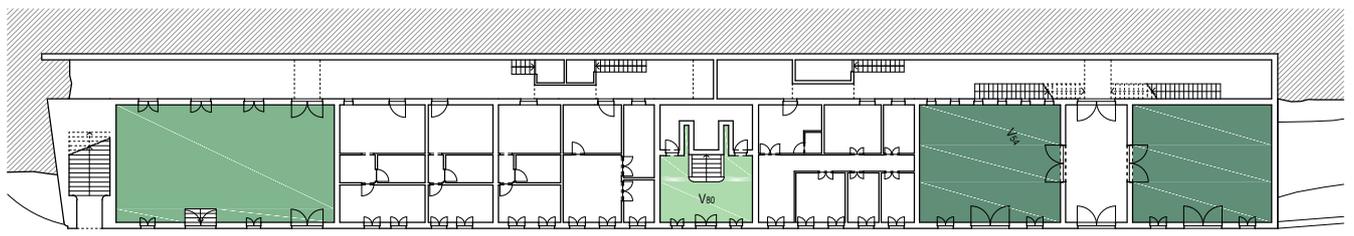
PLANTA PISO 3 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 2 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:500



PLANTA PISO 0 | ESCALA 1:500

V75

V69/74/76

V53/70

157 | CLASSIFICAÇÃO DAS ANOMALIAS IDENTIFICADAS NOS TETOS

- MUITO GRAVES - PREJUDICAM O ASPECTO, O USO E O CONFORTO; COLOCAM EM RISCO A SAÚDE E/OU A SEGURANÇA; REQUEREM TRABALHOS DE DIFÍCIL EXECUÇÃO
- GRAVES - PREJUDICAM O ASPECTO, O USO E O CONFORTO; COLOCAM EM RISCO A SAÚDE E/OU A SEGURANÇA; REQUEREM TRABALHOS DE FÁCIL EXECUÇÃO
- MÉDIAS - PREJUDICAM O ASPECTO, O USO E O CONFORTO; REQUEREM TRABALHOS DE LIMPEZA, SUBSTITUIÇÃO OU REPARAÇÃO DE FÁCIL EXECUÇÃO
- LIGEIRAS - PREJUDICAM O ASPECTO; REQUEREM TRABALHOS DE FÁCIL EXECUÇÃO
- SEM INFORMAÇÕES

3 | PROPOSTA

3.1. Memória Descritiva e Justificativa

“Há arquiteturas que nos tocam, obras que nos perturbam e outras que nos questionam. Mas também há processos, modos de fazer e de conceber, ideias que se desenvolvem e que estão por trás de muitos desses edifícios que ora nos impressionam e marcam, ora são capazes de se apagarem em anonimato, quase sempre tão importante como a exceção, que importa conhecer e sobretudo tentar compreender.”²⁰⁵

Realizada uma análise multicritério ao edifício preexistente e às suas condicionantes, apresenta-se, por fim, uma proposta de reconversão e requalificação do *Castelo da Ponte* que ambiciona sintetizar a aprendizagem e responder à problemática da dissertação. Desta forma, de modo a esclarecer as opções tomadas, inicia-se com uma breve reflexão projetual sobre, o que se adivinha ser, o ato de reabilitar neste exercício específico; seguida de uma definição do programa e da estratégia conceptual, tendo por base obras de referência. Definido um programa de índole cultural, de encontro às necessidades atuais da cidade, projeta-se além da preexistência, dada a extensão deste. Assim, de modo a minimizar o impacto visual da nova construção e a preservar a identidade do lugar, estabelece-se, como premissa, a conceção de uma *arquitetura invisível* que se deixe diluir, nesta paisagem, por entre muros de linguagem depurada.

²⁰⁵ LACERDA LOPES, N. – *Nuno Lacerda Lopes Architecture...*, 2012, p. 9.

3.1.1. Reflexão Projetual

“O século XX ficou para sempre conhecido como um século marcado por massivos ‘atentados’ de destruição patrimonial, quer por intermédio da natureza, quer pela mão humana [...], que conduziram à necessidade de adoção de novas medidas – tanto preventivas como contenciosas – de forma a poder salvaguardar o ainda existente. [...] Reabilitar passa então a ser descrito como “the process of returning a property to a state of utility, through repair or alteration, which makes possible an efficient contemporary use while preserving those portions and features of the property which are significant to its historic, architectural, and cultural values”²⁰⁶.

Símbolo da luta independentista do povo vizelense, o *Castelo da Ponte* surge, no seio da memória material e imaterial da cidade, como um legado intocável. Tomada esta consciência, após um conhecimento mais aprofundado e alargado da sua história²⁰⁷, percebe-se que qualquer toque se adivinha ser *“um acto de amor, longo e lento, persistente e cauteloso, com dúvidas e certezas, [...] um processo sinuoso e flexível e não um projeto de estirador, [...] um desenho de gesto mais do que um desenho no papel”²⁰⁸.*

Assim se estabelece que o diálogo entre esta preexistência e uma qualquer possível intervenção contemporânea deva ter, como premissas, o respeito pelo seu todo e, mediante o entendimento sobre o seu valor histórico, político e social, a intenção de lhe devolver a glória de tempos idos. Certo é que, como resultado desta reinterpretação multidisciplinar, mesmo que assumindo um compromisso com este passado incontornável, se venham a alterar, retirar ou acrescentar elementos, numa tentativa de prolongar, na linha cronológica, o tempo de vida útil deste *Castelo*.

²⁰⁶ JOKILEHTO, J. – *A History of Architectural Conservation*, 1999, p. 268. Cit LEITÃO, D. – *Construir no Construído...*, 2016, p. 81.

²⁰⁷ Ver subcapítulo “1.2. Enquadramento Histórico”, entre as páginas 41 e 79, da presente dissertação.

²⁰⁸ TÁVORA, F. – *Casa da Covilhã, Guimarães 1973-1976. In Fernando Távora*, 1993, p. 130.

3.1.2. Definição do Programa e da Estratégia Conceptual

Fomentado pelas potencialidades que estão inerentes a este lugar – “*espaço de carácter diferenciado*”²⁰⁹ –, o ato de intervir ambiciona adaptá-lo a novas realidades e/ou exigências funcionais, respondendo, desta forma, à sua atual qualidade de abandono. Refere-se, portanto, que a construção preexistente, que desde sempre se adaptara a diferentes finalidades daquela para o qual fora idealizada, detém uma relação privilegiada com a cidade e, beneficiando de uma área (expectante) de 7 458m² de terreno a poente, se consegue projetar em todas as frentes. Neste sentido, as primeiras questões que se levantam prendem-se, especificamente, à necessidade de uma nova redefinição programática e à possibilidade desta se expandir para além das paredes de granito.

Posto isto, direciona-se a investigação para um estudo a nível local²¹⁰ que, recaindo sobre a oferta de equipamentos e serviços nas imediações do edifício em causa, tornou clara a carência de um espaço fechado capaz de abraçar uma multiplicidade de eventos culturais. Partindo deste pressuposto, transmitiu-se esta intenção ao arquiteto da Câmara Municipal de Vizela, responsável pela supervisão do estágio curricular realizado²¹¹. Este lançou o repto de, como exercício de projeto, reconverter este lugar num Museu da Mota, preparado para acolher uma coleção de dois mil exemplares, e complementado, ainda, por um auditório com capacidade para quinhentas pessoas – o restante programa adicional resultaria de livre-arbítrio.

Assumindo este ponto de viragem, a atenção volta-se para a análise de um conjunto alargado de obras que, considerando-se pertinentes dentro do contexto específico desta proposta, se tomam como referências. Deste processo, de onde não só se levantam as problemáticas inerentes a cada exercício, mas também as metodologias adotadas para as solucionar, resulta uma criteriosa seleção de cinco ambientes interiores, com especial enfoque sobre as questões relacionadas com a escala, a forma, o controlo de luz e a materialidade.

Justificando-se pela amplitude que transmite e pela combinação de elementos com linguagens distintas, apresenta-se a *Officina Meccanica Alfredo Ferrari*, parte integrante do atual *Museo Enzo Ferrari*²¹² (Modena, Itália); pela forma circular, pelo movimento que esta representa e pelo controlo

²⁰⁹ DINIS, J. – *O Crastoeiro...*, 2014, p. 32.

²¹⁰ Ver subcapítulo “6.2. Acessibilidades aos Principais Equipamentos e Serviços nas Imediações”, entre as páginas 223 e 224, da presente dissertação.

²¹¹ O estágio curricular realizado, no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, ao abrigo do Protocolo de Cooperação entre a Câmara Municipal de Vizela e a Universidade do Minho celebrado em 09 de fevereiro de 2017, com início em 15 de fevereiro de 2017 e termo em 15 de outubro de 2017, decorreu no Gabinete de Planeamento e Desenvolvimento Estratégico sob a supervisão do Arquiteto Abel Cardoso, desta Câmara Municipal.

²¹² Mais informações disponíveis em: <https://musei.ferrari.com/en/modena>.



158 | *Officina Meccanica Alfredo Ferrari – Museo Enzo Ferrari.*



159 | *Museo Ducati.*



160 | *Mercedes-Benz Museum.*



161 | *Harley-Davidson Museum.*



162 | *BMW Museum.*

de luz sobre os objetos expostos, o *Museo Ducati*²¹³ (Bolonha, Itália); pelos motivos atrás aduzidos, pela tectónica dos materiais e pela atmosfera envolvente recriada, o *Mercedes-Benz Museum*²¹⁴ (Estugarda, Alemanha); e, por fim, pela franca analogia à indústria metalúrgica, o *Harley-Davidson Museum*²¹⁵ (Milwaukee, EUA) e o *BMW Museum*²¹⁶ (Munique, Alemanha).

Consequência desta análise, imediatamente se deduz que, para responder ao desafio colocado, se torna imperativo complementar, a poente, o *Castelo da Ponte* com um novo equipamento – por sua vez, de maior área comparativamente à do preexistente. Contudo, a definição da estratégia conceptual, surgiu de forma intuitiva, aquando de uma nova visita ao lugar. Assim, ainda que distantes e distintos, inconscientemente se repegou no princípio utilizado pelo arquiteto Eduardo Souto Moura, no projeto desenvolvido para o Edifício de Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua, como resposta à premissa de preservar a imagem e/ou memória do lugar e de reduzir o impacto visual de uma qualquer possível intervenção que envolva nova construção. Se, neste projeto específico, se pretendia *“eliminar todo o carácter de ‘edifício’ a esta construção, reduzindo a sua imagem ao carácter de ‘máquina’ inserida na paisagem”*²¹⁷, uma vez que se trata de arquitetura industrial; também, nas décadas de 60 e 70, Bernard Zehrfuss, havia explorado este conceito, no projeto do *Musée Gallo-Romain* de Lyon.

*“Plutôt que d’édifier un bâtiment important à proximité du théâtre, j’ai eu l’idée d’une construction souterraine et, par conséquent, invisible ; cela me donnait la possibilité, tout en respectant le site archéologique, de chercher en toute liberté une architecture intérieure [...] J’ai tout de suite pensé que la structure de cette construction souterraine ne pouvait être qu’en béton armé. La connaissance de ce mode de construction me permettait [...] de trouver dans le ciment brut une matière qui pourrait mettre en valeur la riche collection lapidaire qui devait constituer l’un des principaux éléments du musée”*²¹⁸ (ZEHRFUSS, B.).

²¹³ Mais informações disponíveis em: http://www.ducati.com/ducati_museum/index.do.

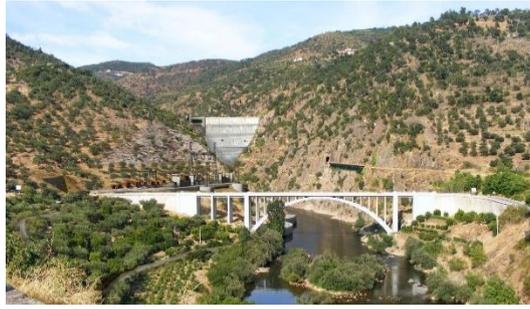
²¹⁴ Mais informações disponíveis em: <https://www.mercedes-benz.com/en/mercedes-benz/classic/museum/>.

²¹⁵ Mais informações disponíveis em: <https://www.harley-davidson.com/us/en/museum.html>.

²¹⁶ Mais informações disponíveis em: <https://www.bmw-welt.com/en.html>.

²¹⁷ Souto Moura revela projeto para a barragem de Foz Tua. In URL: <https://portugal.edp.com/en/news/souto-moura-revela-projeto-para-barragem-de-foz-tua-0>.

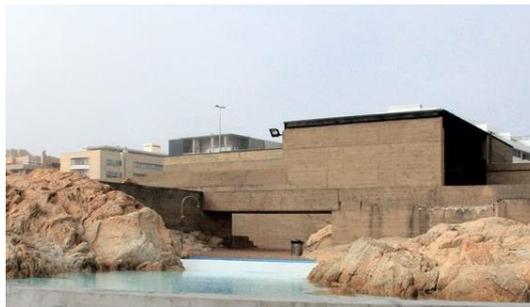
²¹⁸ Bernard Zehrfuss – Le Musée Gallo-Romain de Lyon (1969-1975). In URL: <https://www.amc-archi.com/photos/bernard-zehrfuss-le-musee-gallo-romain-de-lyon-1969-1975,3993/le-musee-gallo-romain-de-lyon.1>.



163 | Edifício de Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua.



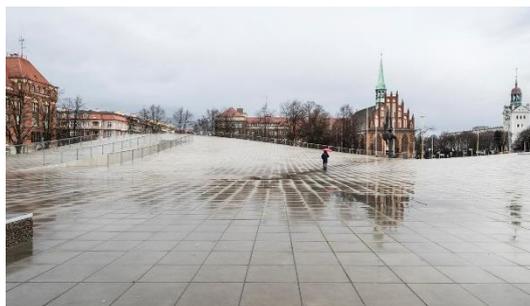
164 | Musée Gallo-Romain.



165 | Piscinas das Marés.



166 | Sede do Parque Natural do Fogo.



167 | National Museum in Szczecin - Dialogue Centre Prezelomy.

Neste contexto, com o objetivo de conseguir uma *arquitetura invisível*, o olhar volta-se para a continuidade dos muros que delimitam este terreno e para a presença da memória de outros que, outrora, delineavam áreas de cultivo. Desta forma, ambiciona-se que a proposta do novo equipamento se dilua nesta paisagem, por entre muros com uma linguagem neutra, onde a orografia se lê, se reinterpreta sem, contudo, se mimetizar e, por isso, se define numa “*natureza, artificialmente natural*”²¹⁹.

É precisamente sobre este princípio que se coleciona e se constrói uma nova biblioteca de referências que, pela intrínseca relação que estabelecem com o meio onde se inserem, oferecem novas perceções deste exercício. Destas, selecionam-se três obras cujo desenho, em diálogo com uma envolvente singular, entra em consonância com a narrativa que esta mantinha.

Inúmeras vezes referenciadas, as *Piscinas das Marés* (Leça da Palmeira, Portugal, 1966), de Álvaro Siza Vieira, apresentam um elevado carácter pedagógico no que respeita a “*dissimulação das formas do construído por entre o que é natural*”²²⁰. Se, por um lado, a cuidada implantação, a textura áspera do betão, a rugosidade da madeira e as nuances do cobre face ao clima austero da costa atlântica²²¹ fazem desta obra pertença daquele lugar; por outro lado, o modo como surge, desenvolve e recria uma topografia racionalizada, de planos de betão revestidos a pedra basáltica, fazem da *Sede do Parque Natural do Fogo* (Chã das Caldeiras - Ilha do Fogo, Cabo Verde, 2013), do grupo português OTO, pertença de um outro lugar – este, por sua vez, numa paisagem tipicamente vulcânica²²², foi consumido pela lava, meses depois da inauguração da *Sede*²²³.

A par desta linha de raciocínio, apresenta-se a obra que se distinguiu, em 2016, como *World Building of the Year*, no *World Architecture Festival: o National Museum in Szczecin – Dialogue Centre Prezelomy* (Polónia), projetado pelo gabinete KWK Promes. Tal, implantando-se num vazio do tecido urbano – consequência da 2ª Guerra Mundial e o qual, a partir da década de 70, se tornou num dos símbolos da luta pela liberdade – reinterpreta o carácter de espaço público daquele lugar e requalifica-o nesse sentido, recriando uma topografia artificial através de um volume monolítico de betão que, se estendendo até aos limites não-físicos do antigo quarteirão, abriga, no subsolo, as áreas expositivas do museu²²⁴.

²¹⁹ Souto Moura revela projeto para a barragem de Foz Tua. In URL: <https://portugal.edp.com/en/news/souto-moura-revela-projeto-para-barragem-de-foz-tua-0>.

²²⁰ FERREIRA, J. – *A Memória e Futuro do Património Indústria de Caldas das Taipas...*, 2017, p. 40.

²²¹ FERREIRA, J. – *A Memória e Futuro do Património Indústria de Caldas das Taipas...*, 2017, p. 40-41.

²²² *Parque Natural do Fogo*. In URL: <https://www.archdaily.com.br/br/621400/parque-natural-do-fogo-oto>.

²²³ *Sede do Parque Natural do Fogo engolida pela lava*. In URL: <https://www.dn.pt/globo/interior/sede-do-parque-natural-do-fogo-engolida-pela-lava-4270070.html>.

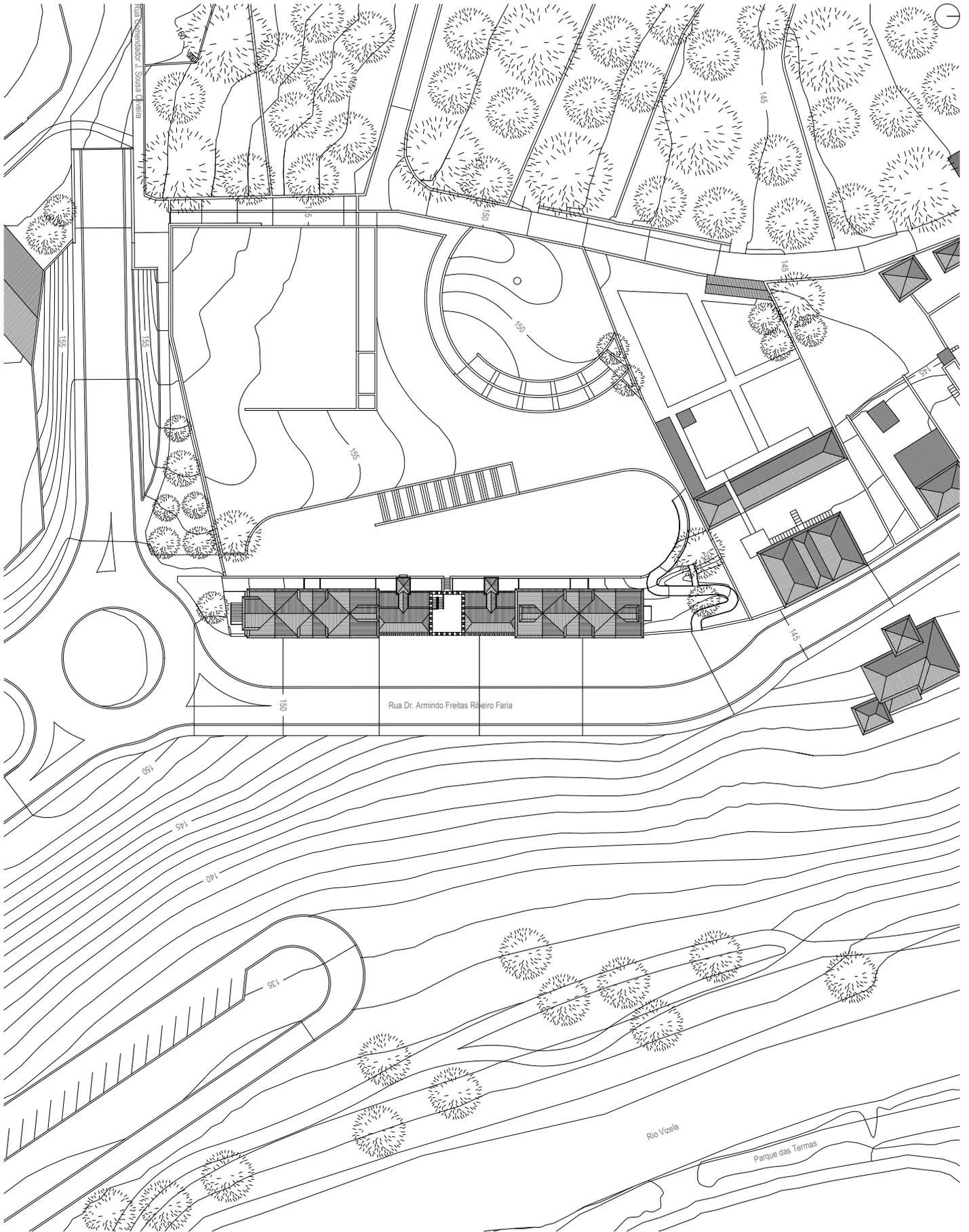
²²⁴ *Public Buildings: Dialogue Centre Prezelomy*. In URL: <http://www.kwkpromes.pl/en/polski-centrum-dialogu-przelomy/12071>.

3.1.3. Relação com a Envolvente e Distribuição Programática

Após analisadas obras que, mesmo expostas a diferentes ambientes e contextos, se deixam diluir na paisagem, resta direcionar o estudo para a envolvente específica que condiciona esta proposta de reconversão e requalificação do *Castelo da Ponte* – deixando claro que todo este processo resulta de um entendimento e de uma interpretação própria e, por isso, discutível. Desta forma, aquando de um olhar mais atento, percebe-se que o terreno, a poente da preexistência, se desenvolve em duas plataformas, sendo que a vertente natural deste, de sul para norte, se define, respetivamente, entre as cotas 159 e 149, sendo a cota 152 que, por se estender numa maior área, quebra a continuidade deste declive. Assim, percorrendo-o, registam-se possíveis relações visuais com pontos de maior interesse, nomeadamente, a este, sobre o *Castelo*, avista-se, em primeiro plano, o contorno do vale por onde atravessa o rio Vizela; a nordeste, num plano mais afastado, o Monte de S. Bento das Peras; e, a norte e a nor-noroeste, o centro histórico da cidade com a presença das torres sineiras, quer da Igreja de São João, quer da Igreja de São Miguel.

Definidos estes alinhamentos – e tendo presente o princípio de intervenção que, desde cedo, se estabelecera – o longo processo de experimentação percorrido culmina com a definição de uma proposta que, traduzindo em arquitetura os muros preexistentes, reinterpretando a memória de outros e redesenhando a topografia original aonde se havia implantado, liberta o maior espaço possível à superfície do terreno e transforma-o em espaço público. Tal, estende-se por uma área verde, articulada com o desenho da praça proposta, na cota 152, que, voltando-se sobre a fachada tardoz do edifício preexistente, se lê como um prolongamento do percurso do jardim romântico.

Justificando-se pela expressa vontade de desmistificar aquele lugar, devolvendo-o à cidade e ao quotidiano de quem a percorre, convida-se o transeunte, que dele beneficie, a deixar-se conduzir pelo desenho dos muros, uma vez que estes, orientando-lhe o olhar sobre o *Castelo* e sobre área envolvente, o levam até ao interior do museu proposto. No entanto, pensando no livre usufruto de tal, privilegia-se uma direta ligação entre a Rua Dr. Armindo Freitas Ribeiro Faria e a Rua Comendador Joaquim de Sousa Oliveira, através de um percurso que se inicia no sinuoso jardim romântico, na cota 146, e que termina após uma antiga viela, agora revitalizada como parte integrante deste projeto, na cota 159. Assim, tendo ainda em consideração os míseros cento e cinquenta centímetros, de largura do passeio, que separam a preexistência da EN106, propõe-se que este se estenda, recriando uma praça que, seguindo a pendente original, se desenvolve, de norte para sul, entre as cotas 145 e 152, respetivamente, e se volta para a fachada principal do edifício – fachada nascente. Desta forma, em articulação com a praça anteriormente definida, consegue-se que o *Castelo* respire e tome uma posição claramente de destaque.

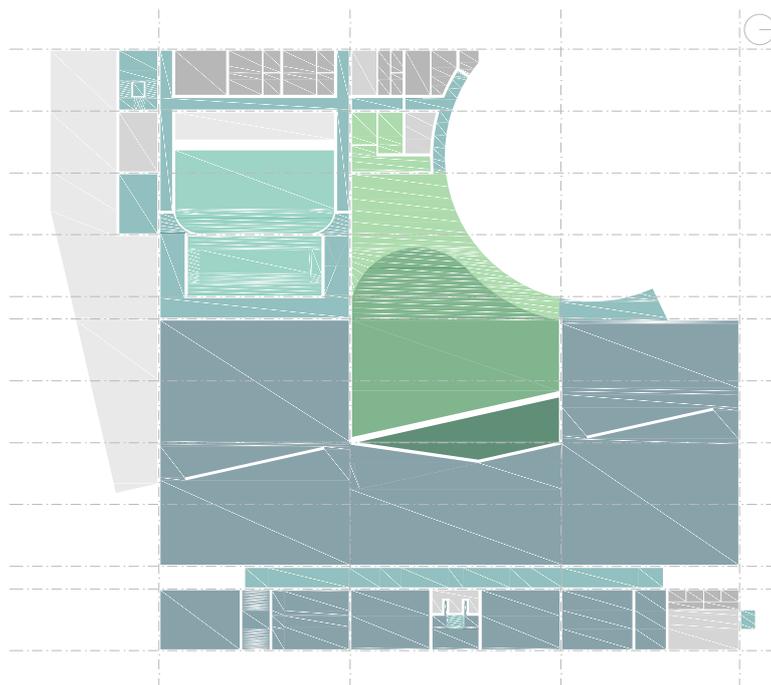


Pese embora o facto de se possibilitarem três entradas para o espaço requalificado, no tardoz do edifício preexistente – a sul, diretamente para a praça; a nascente, atravessando o jardim romântico e, a poente, pela antiga viela – inicia-se a descrição da organização programática, simulando o percurso de quem chega pelo lado sul.

Aqui, a entrada demarca-se pela presença de um troço de um antigo muro, em alvenaria de pedra, que se funde a um novo, por sua vez, em betão armado, com o propósito de, através da robustez dos materiais, estabelecer a ponte de ligação entre estes dois tempos, no entanto, assumindo-os claramente como tal. O novo, que progressivamente entra pelo terreno, afasta-se da direção predefinida e, abrindo-se, direciona o olhar para o centro histórico da cidade. É com este olhar, em plano de fundo, que o transeunte se depara com um acesso que, rasgando a praça, o conduz até ao nível do subsolo.

Dada a sua centralidade, este toma-se como o elemento organizador do espaço em seu torno e, por isso, assume-se o paradigma de uma entrada principal, para o interior do museu, independente da preexistência, mesmo que se tenha ponderado uma distribuição programática considerando a principal porta do *Castelo*, a eixo, como a entrada para todo este complexo. Perante esta realidade, à medida que o transeunte desce, perde gradualmente contacto visual com a área envolvente, no entanto, por se fazer acompanhar de um plano envidraçado protegido por um ripado de madeira, vai-se apercebendo, por entre as lâminas, do que tal espaço abriga – se por um lado, o betão entra em conformidade com a firmeza, a textura e a tonalidade do granito; por outro lado a madeira, muito presente na construção preexistente e, ainda, recorrente nos dias de hoje, pela sua homogeneidade, cose toda a proposta de intervenção.

Entrando, no coração do projeto, com a mesma linguagem depurada dos anteriores muros de betão, depara-se com o átrio de distribuição, através do qual se organiza todo o fluxo de circulação e se acede aos principais espaços, nomeadamente, às salas expositivas, ao auditório e à cafetaria. De grandes dimensões, justificadas pelo facto deste também servir de *foyer*, vê-se, nele disposto, um balcão de atendimento – estrategicamente colocado junto ao plano envidraçado já descrito – e uma série de expositores com possíveis artigos de *merchandising* para venda. Assim, aquando do momento de compra de ingressos, para visitar as exposições e/ou para assistir a um qualquer evento que decorra no auditório, o transeunte, por entre o ripado de madeira que se repete no interior, para além de ler discretamente o recorte das escadas de acesso, avista o cimo da torre do *Castelo* – tal detalhe surgiu de um avanço da estrutura (viga) relativamente ao plano de vidro que, em consequência, perfaz toda a altura do pé direito (3,60m).



PLANTA ESQUEMÁTICA PISO 0 | ESCALA 1:1000

169 | PRINCIPAL DISTRIBUIÇÃO PROGRAMÁTICA

 ACESSO PRINCIPAL	 SALAS DE EXPOSIÇÃO	 CAMARINS / VESTIÁRIOS / SANITÁRIOS
 ÁTRIO DE DISTRIBUIÇÃO	 CIRCULAÇÃO	 SALAS DE APOIO
 CAFETERIA	 AUDITÓRIO	 ARMAZÉM

De modo a enfatizar este avanço, surge, na sua continuidade, o recorte por onde se dá início o percurso através das salas de exposição que compõem este complexo. Pensadas para garantir o maior espaço possível e para que as atenções recaiam sobre os objetos expostos, seguem uma mesma lógica de construção assumida no seu estado mais puro. Assim, se define, neste novo equipamento, uma única sala para esta finalidade, de grandes dimensões, onde apenas se sente a presença de um plano estrutural, quebrado, que, traduzindo-se à superfície na orientação dos muros, conduz o visitante.

Contudo, consciente da extensão da coleção de motas e do restante programa que aqui se propõe, crê-se que as exposições se venham a organizar por temáticas e, por isso, torna-se necessário idealizar um armazém que, abrigando as demais, se relacione diretamente com esta sala e, através desta, com as restantes. Uma vez citado este espaço de apoio, desde já se refere que, desenvolvendo-se na vertical ao longo de três pisos comunicantes por um monta-cargas, estabelece uma franca ligação com a via pública, no piso superior – este, maioritariamente, destinado a cargas e descargas, dá lugar a um pequeno estacionamento privativo, uma vez que, próximo existe um parque de estacionamento público que poderá dar resposta ao museu proposto.

Percorrida já metade da grande sala de exposição, rasga-se o muro preexistente (aqui reconvertido) e cria-se um vão envidraçado, com caixilharia de madeira, que, cobrindo todo o comprimento definido entre a torre e os dois corpos que a ladeiam, convida o transeunte a dirigir-se em direção ao *Castelo da Ponte*. Atravessando-o, é conduzido por um túnel de luz – materializado com recurso a uma estrutura leve de madeira revestida por uma pele de vidro – que estabelece a ligação física entre o novo equipamento e o edifício antigo.

Através deste, tem-se acesso ao piso de rés-do-chão da preexistência, no qual se define, nas extremidades sul e norte, salas expositivas de menores dimensões (resultado de um trabalho de reconversão da preexistência) e, no corpo central, um espaço nobre que, por ser ampliado em relação à traça original, com a abertura de vãos nas paredes outrora intransponíveis da torre, torna-se capaz de se readaptar a entrada principal e autónoma do *Castelo*, se necessário – encarando este cenário, viável se se justificar esta quebra de ligação entre os dois edifícios, fecham-se as portas de vidro do vão que os relaciona. Uma vez neste espaço, o transeunte tem agora oportunidade de aceder ao piso superior, através das presentes escadas de granito – inviabilizando-se a integração de um elevador neste ponto, pela forma como as escadas de madeira se desenvolvem nos restantes pisos e pelas reduzidas dimensões do perímetro da torre, idealiza-se um elevador exterior, em vidro, contíguo à fachada norte que, voltando-se para o jardim romântico, garante comunicação vertical, entre estes dois pisos, a utentes de mobilidade reduzida.

QUADRO COM AS PRINCIPAIS ÁREAS

EN	Átrio de Distribuição / Foyer	500 m ²
EN	Cafeteria	250 m ²
EN	Salas de Exposição	1 950 m ²
EA	Salas de Exposição	990 m ²
EN	Auditório	700 m ²
EN	Antecâmara e Camarins	120 m ²
EN	Instalações Sanitárias e Vestiários	50 m ²
EA	Instalações Sanitárias	20 m ²
EN	Salas de Apoio e Arrecadações	250 m ²
EA	Salas de Apoio	60 m ²
EN	Armazém	2000 m ²
EN	Armazém de Apoio ao Auditório	400 m ²
EN	Estacionamento	40 m ²
EN	Edifício Novo	
EA	Edifício Antigo	

170 | Quadro com as principais áreas.

Já no piso superior, veem-se, então, readaptadas as antigas salas de aula a salas de exposição que se estendem visualmente sobre a paisagem, através dos presentes vãos envidraçados. Assim, enquanto que as do corpo central se reconstróem à luz do desenho original, dada a nobreza que as caracteriza; as das extremidades, agora, pelo facto de não se compartimentarem, ganham escala e, por se apoderarem da área dos antigos dormitórios, dispostos nas mansardas, ganham amplitude – em detrimento da envelhecida chapa zincada que as reveste, pelo exterior, propõe-se a sua substituição por revestimento de madeira. A opção de revelar, nestas salas, a estrutura das asnas (também estas de madeira) que dão suporte aos restantes elementos da cobertura, prende-se com a necessidade de proporcionar espaços versáteis, capazes de se readaptarem a diferentes usos e/ou exposições temporárias que por ali se possam instalar.

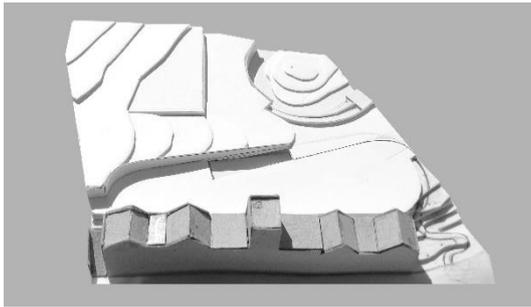
Prestes a terminar o percurso pelo *Castelo*, o transeunte é convidado a subir até à cobertura plana da torre que, integrando outrora uma claraboia, é agora reinterpretada como um miradouro que domina visualmente todo cenário que o envolve. Contudo, após este culminar, o transeunte desce até ao nível de rés-do-chão, volta para o interior do novo equipamento e, ainda com a sensação de um olhar infinito, termina esta odisseia do lado oposto àquele por onde a havia iniciado. Nesse preciso lugar, de pé direito contido, a curvatura do plano de parede que lhe é adjacente, sugere-lhe que percorra nesse sentido e, embora não exista um limite físico entre este espaço e o átrio de distribuição, criam-se ambientes distintos. Aqui, numa atmosfera mais acolhedora, dispõe-se a cafetaria que, de frente para o átrio, resguarda todos os demais serviços (como as instalações sanitárias) e se abre, para norte, através de um vão envidraçado, sobre um espaço verde, reinterpretado e redesenhado para que tal fosse possível – por usufruir de um acesso direto ao exterior, a cafetaria pode exercer atividade independente do restante programa proposto, para além da possibilidade de se estender para uma área de esplanada protegida, pela sua forma, dos ventos dominantes²²⁵.

Ainda nesta atmosfera, mas já no limiar da contracurva que conforma este pé direito, projeta-se a entrada do auditório que, por mimetizar a solução construtiva do plano de parede onde se insere, se dissimula nele, tornando-se quase que ilegível a presença das portas. No entanto, quando abertas, demarcam claramente uma posição neste espaço, pela luminosidade que deixam transparecer. Assim, aquando do momento em que o transeunte as transpõe, percebe que se encontra num poço de luz que o leva, novamente, para o interior de um espaço controlado.

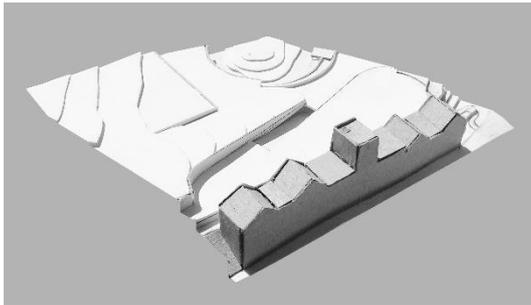
²²⁵ Ver subcapítulo “6.3. *Análise Climática*”, entre as páginas 225 e 241, da presente dissertação.

Com capacidade para quinhentas pessoas, o auditório vê-se, metaforicamente, esculpido num volume monolítico de betão que, sobressaindo à superfície do espaço público, se lê como uma plataforma que se eleva na topografia. Sendo que, pelo interior, se caracteriza por uma considerável caixa-de-palco, por uma plateia composta por cadeiras revestidas a couro castanho (remetendo para o material utilizado nos assentos das motas e para a tonalidade da madeira que quebra este cinzento contínuo), por duas galerias e pelas demais salas de projeção, som e controlo de luz – adivinhando-se possíveis espetáculos de maiores dimensões, dota-se este auditório com um palco elevatório (comunicante com o espaço de armazém que lhe está reservado no piso inferior), dois camarins e uma antecâmara.

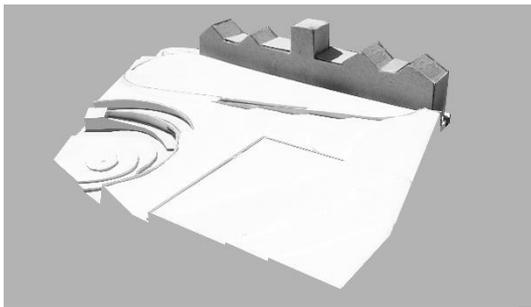
Terminada a visita, refere-se um último aspeto, menos perceptível a quem a percorre, no entanto crucial para os contornos da proposta: a definição da métrica do novo construído. Repegando no módulo do *Castelo*, multiplicando-o e cruzando-o com os principais alinhamentos por este definido, dá-se a disposição geral do programa – sendo este separado por um corredor de igual medida ao adossado à preexistência. Desta feita, de modo a abandonar o interior, o transeunte é convidado a sair pelo vão envidraçado próximo da cafetaria que, traduzindo o recorte de uma rampa, o elucida de um outro acesso à cota superior. Ao percorrê-lo, este percebe que as direções opostas dos dois tramos, que o compõem, lhe oferecem uma nova perspetiva sobre a envolvente e, devolvendo-o ao espaço público, lhe revelam aquilo que, inicialmente, os muros haviam escondido.



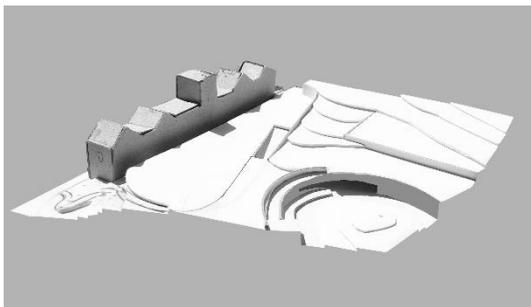
171 | Fotografia de uma maquete de estudo.



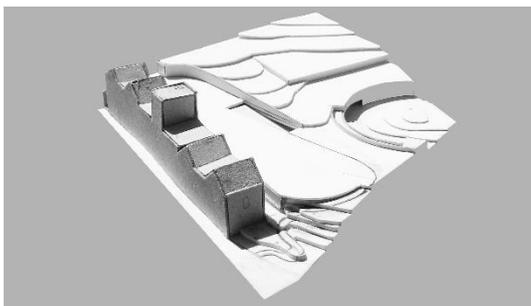
172 | Idem.



173 | Idem.



174 | Idem.



175 | Idem.

3.1.4. Medidas de Intervenção

“É hoje ponto assente que a salvaguarda de um monumento ou de um edifício histórico passa pela manutenção do seu valor tecnológico, isto é, pela preservação dos materiais e técnicas construtivas utilizadas, e por extensão, do funcionamento estrutural original”²²⁶.

Definida uma posição de salvaguarda da identidade e/ou autenticidade do edifício preexistente, em conformidade com a estratégica conceptual que rege toda a proposta, importa agora estabelecer medidas de intervenção²²⁷ que, tendo por base “a avaliação da segurança e a compreensão do significado histórico e cultural da construção”²²⁸, a substancie.

De um modo geral, no edifício antigo, opta-se por, “até onde for possível, respeitar a concepção e as técnicas de construção originais”²²⁹, em detrimento de técnicas intrusivas; e, por sua vez, no edifício proposto, opta-se por materiais e tecnologias de uso corrente que, sendo aplicadas no seu estado mais puro, procuram dialogar com a tectónica da preexistência.

Como tal, para o *Castelo da Ponte*, propõe-se:

- Reforço da secção das fundações com a execução de novas, em betão armado, paralelas às preexistentes²³⁰;
- Definição de um sistema de drenagem periférica²³¹;
- Substituição e redefinição da rede de abastecimento de águas, da rede de esgotos residuais e da rede elétrica, para além da definição das infraestruturas de telecomunicações;

²²⁶ CÓIAS, V. – Salvaguardando o Valor Tecnológico dos Edifícios Históricos. *Pedra & Cal: Revista da Conservação do Património Arquitetónico e da Reabilitação do Edificado*, N.º 29 (2006), p. 2.

²²⁷ “[...] o planeamento de medidas de intervenção em edifícios antigos é, na prática, bastante mais complexo do que a construção de raiz, uma vez que é necessário ter em consideração a situação individual do edifício antigo” in BEINHAEUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 5.

²²⁸ LOURENÇO, P., OLIVEIRA, V. – *Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitetónico*, 2004, p. 9.

²²⁹ LOURENÇO, P., OLIVEIRA, V. – *Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitetónico*, 2004, p. 10.

²³⁰ BEINHAEUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 11-12.

²³¹ BEINHAEUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 31.

- Redefinição do pavimento do piso térreo com a inclusão de um sistema de impermeabilização que alcance, de igual forma, todos os elementos construtivos em contacto com o solo²³²;
- Limpeza, a seco ou por jato de vapor, e posterior hidrofugação, com compostos orgânicos à base de silício, das fachadas de alvenaria de pedra²³³;
- Reforço da alvenaria de pedra pelo tratamento das fissuras, falhas e danos nas juntas, com uma argamassa compatível com o material existente²³⁴;
- Remoção da camada de reboco interior; regularização da superfície com uma argamassa de assentamento e aplicação de painéis compostos – constituídos por “*materiais de isolamento à base de fibras minerais, folha de alumínio como barreira para-vapor, placas de gesso cartonado*”²³⁵ – nas paredes perimetrais de alvenaria de pedra, de modo a melhorar o desempenho energético do edifício²³⁶;
- Desconstrução das paredes resistentes de tabique simples presentes no tardo dos volumes adossados lateralmente à torre (piso 1); reinterpretação e adaptação do mesmo sistema construtivo a fachada ventilada, com a aplicação de isolamento térmico, pela face exterior²³⁷, e substituição do atual revestimento exterior (chapa zincada de perfil ondulado) por painéis de madeira;
- Reprodução das paredes de compartimentação de tabique simples presentes nos volumes centrais (piso 1);
- Desconstrução das paredes de compartimentação de tabique simples presentes na extremidade sul (piso 1) e na torre (pisos 2 e 3), com o propósito de adaptar o espaço a um novo programa;

²³² BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 31.

²³³ BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 29-30.

²³⁴ BRANCO, J. – *Conservação e Restauro do Património Construído*, 2012, p. 93.

²³⁵ BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 62.

²³⁶ “*Um isolamento interior da parede exterior pode ser considerado quando, por exemplo, a manutenção da fachada é exigida por motivos de conservação do património histórico. No entanto, é inferior ao isolamento exterior do ponto de vista da física das construções. A fim de fazer face a um risco aumentado de formação de água de descongelação, devem ser aplicados materiais de isolamento com ação capilar com uma espessura de isolamento o mais reduzida possível. As pontes térmicas são quase impossíveis de evitar, mesmo com uma execução cuidadosa*” in BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 32.

²³⁷ BRANCO, J. – *Conservação e Restauro do Património Construído*, 2012, p. 53.

- Desconstrução de todas as paredes de compartimentação presentes no piso térreo e de todos os anexos exteriores de alvenaria de tijolo, pelo facto de não se justificar a sua recuperação, uma vez que se admite que tais foram construídos a *posteriori* da construção original e não constituem valor arquitetónico significativo;
- Substituição seletiva e/ou reparação estrutural pontual dos elementos de madeira deteriorados²³⁸, aplicados em pavimentos e coberturas, com recurso a apoios metálicos e/ou a próteses de resinas sintéticas ou de madeira idêntica²³⁹;
- Substituição seletiva e/ou reparação estrutural pontual dos elementos de madeira degradados das escadas interiores e posterior introdução de mantas de isolamento acústico, na sua composição, bem como na dos pavimentos²⁴⁰;
- Introdução de isolamento térmico, sobre os caibros ou varas, nas coberturas inclinadas, para que a estrutura fique à vista, pelo interior (nomeadamente, nos compartimentos adjacentes das extremidades norte e sul), e colocação de novo recobrimento com telha marseilha²⁴¹;
- Readaptação da cobertura plana preexistente a cobertura transitável, com introdução de isolamento térmico e de um sistema de impermeabilização, sob uma proteção pesada (lajetas de pedra);
- Substituição e redefinição do atual sistema de drenagem de águas pluviais;
- Limpeza; consolidação; reparação e, se necessário, substituição total ou parcial, dos tetos de estuque, presentes nos volumes centrais²⁴²;
- Substituição das caixilharias existentes por novas de vidro duplo, resultantes da reinterpretação do desenho original²⁴³;
- Introdução de elementos de proteção solar com a reprodução das atuais portadas de madeira, pelo interior;

²³⁸ CÓIAS, V. – Salvaguardando o Valor Tecnológico dos Edifícios Históricos. *Pedra & Cal: Revista da Conservação do Património Arquitetónico e da Reabilitação do Edificado*, N.º 29 (2006), p. 2.

²³⁹ BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 137-318.

²⁴⁰ BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 197-198.

²⁴¹ “Nos isolamentos sobre os caibros ou varas o pé direito mantém-se. Os caibros ficam à vista. O isolamento sobre os caibros ou varas constitui uma boa proteção contra pontes térmicas na zona dos caibros” in BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 220.

²⁴² PEREIRA, M. – *Reabilitação de Tectos Estucados Antigos*, 2010, p. 55-73.

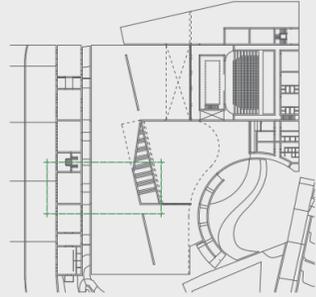
²⁴³ BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 103-104.

- Remoção da ferrugem; aplicação de camadas de proteção e substituição dos elementos de ligação das estruturas de ferro, tais como guardas²⁴⁴.
- Limpeza e manutenção do jardim romântico, incluindo a gruta.

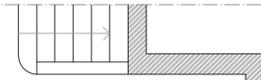
²⁴⁴ BEINHAUER, P. – *Atlas de Detalhes Construtivos...*, 2013, p. 185-186.

3.1.4.1. Desenhos Síntese

Página 187	Pormenor Horizontal – Piso 0 – Proposta de Reversão e Requalificação	Escala 1:100
Página 188	Pormenor Horizontal – Proposta de Reversão e Requalificação	Escala 1:100



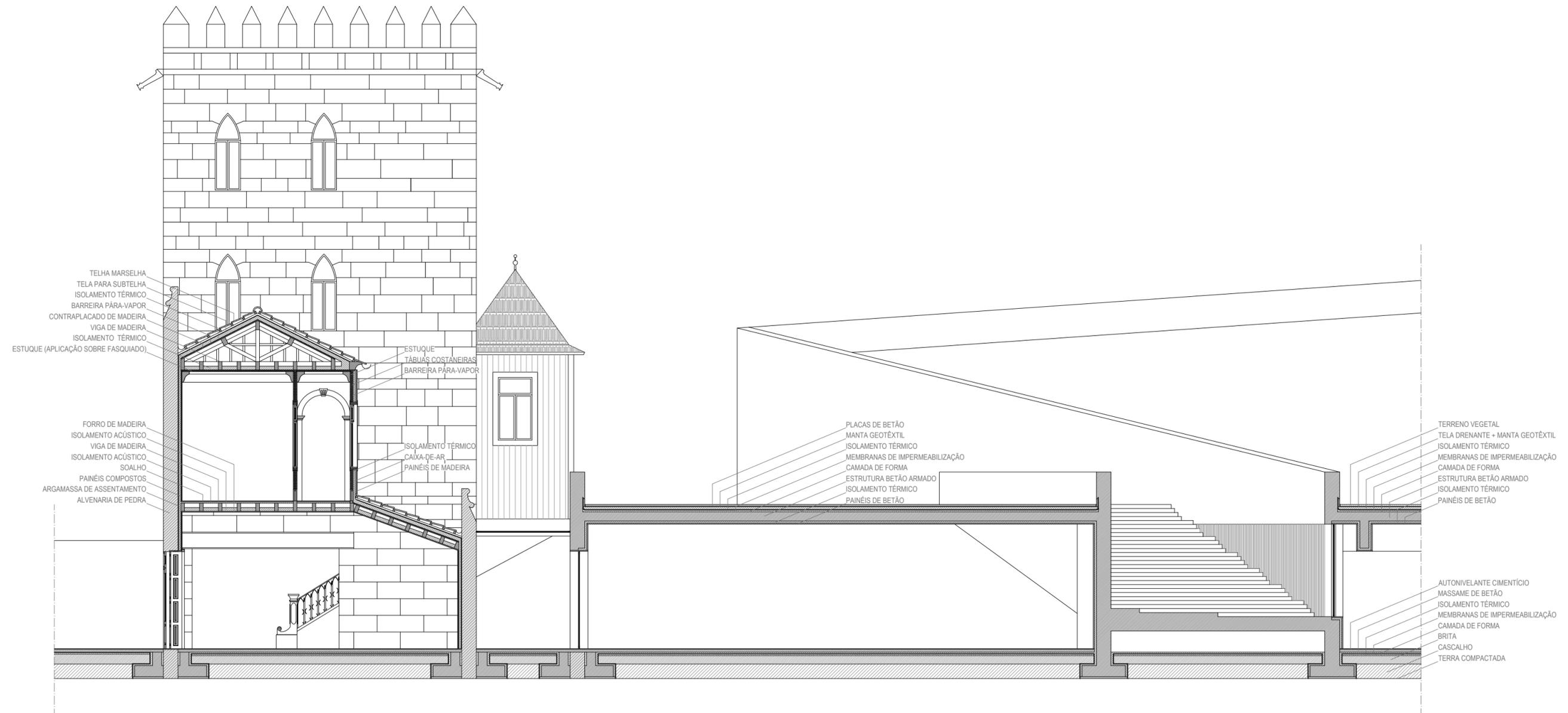
PAINÉIS COMPOSTOS
ARGAMASSA DE ASSENTAMENTO
ALVENARIA DE PEDRA



PAINÉIS DE BETÃO
ISOLAMENTO TÉRMICO
ESTRUTURA DE BETÃO



176| PORMENOR HORIZONTAL - PISO 0 - PROPOSTA DE RECONVERSÃO E REQUALIFICAÇÃO | ESCALA 1:100



177 | PORMENOR VERTICAL - PROPOSTA DE RECONVERSÃO E REQUALIFICAÇÃO | ESCALA 1:100

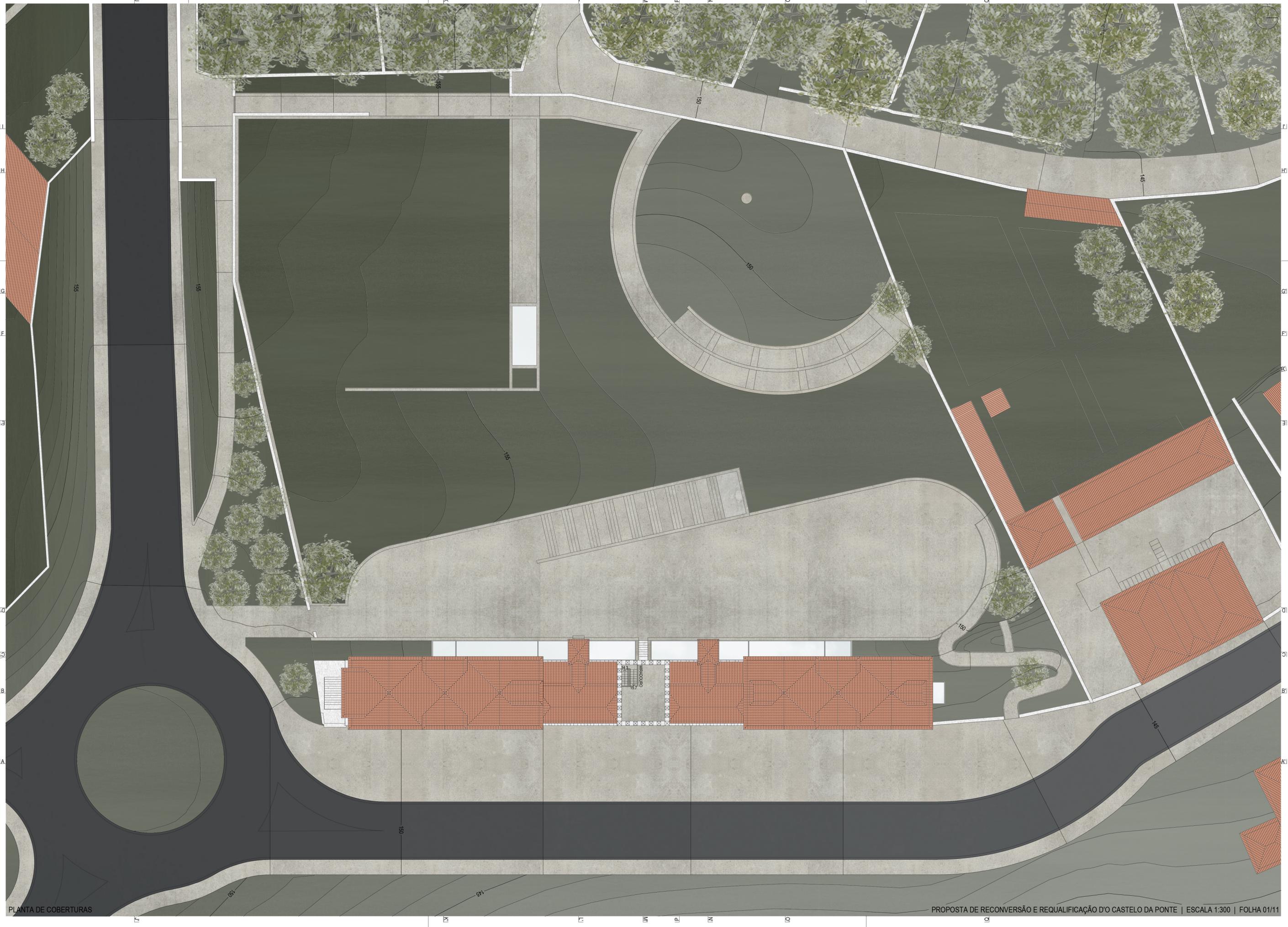


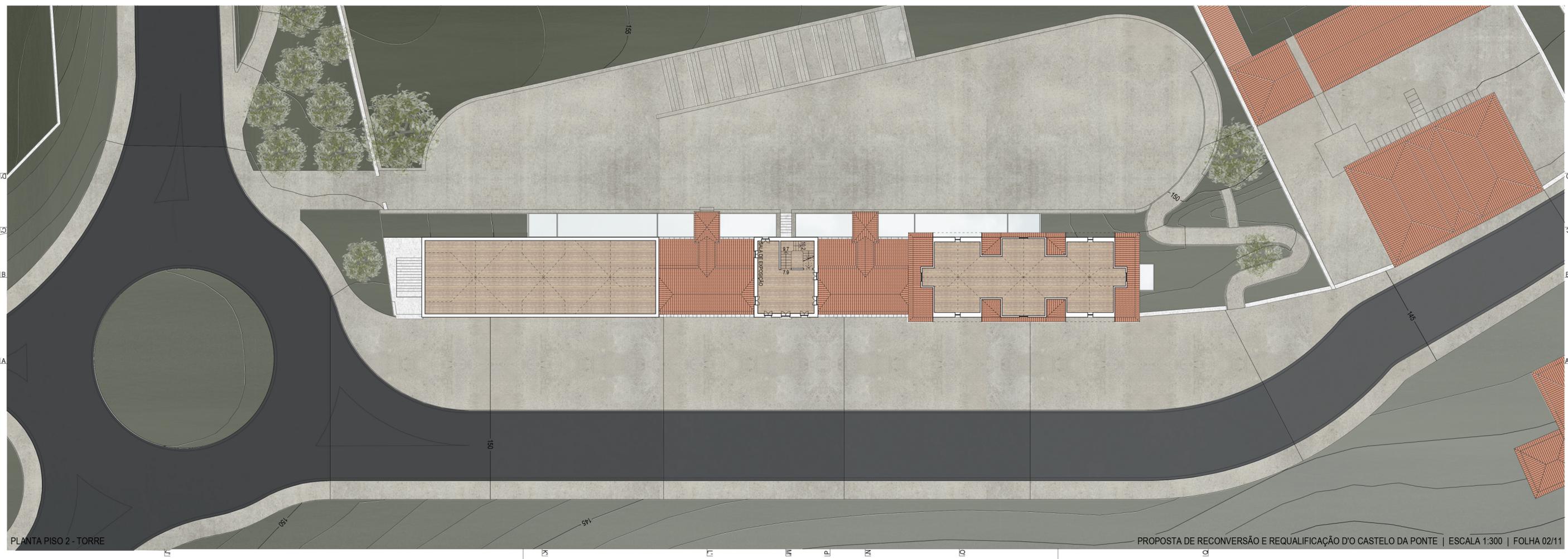
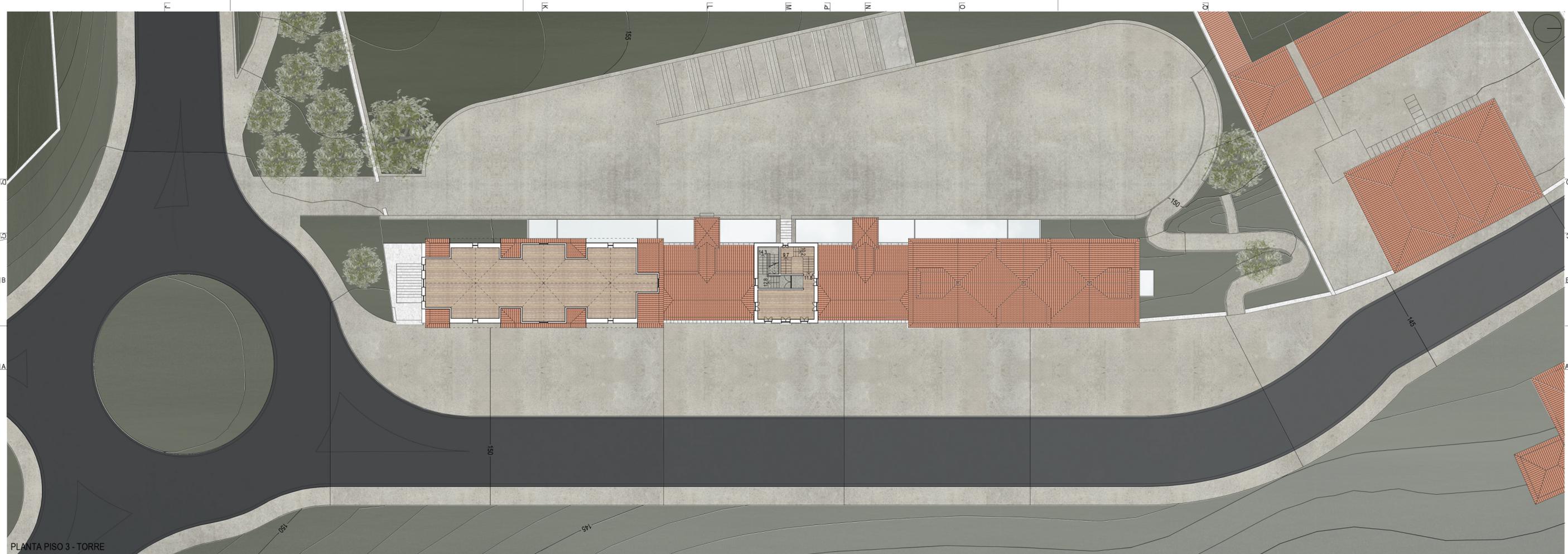
3.2. Projeto

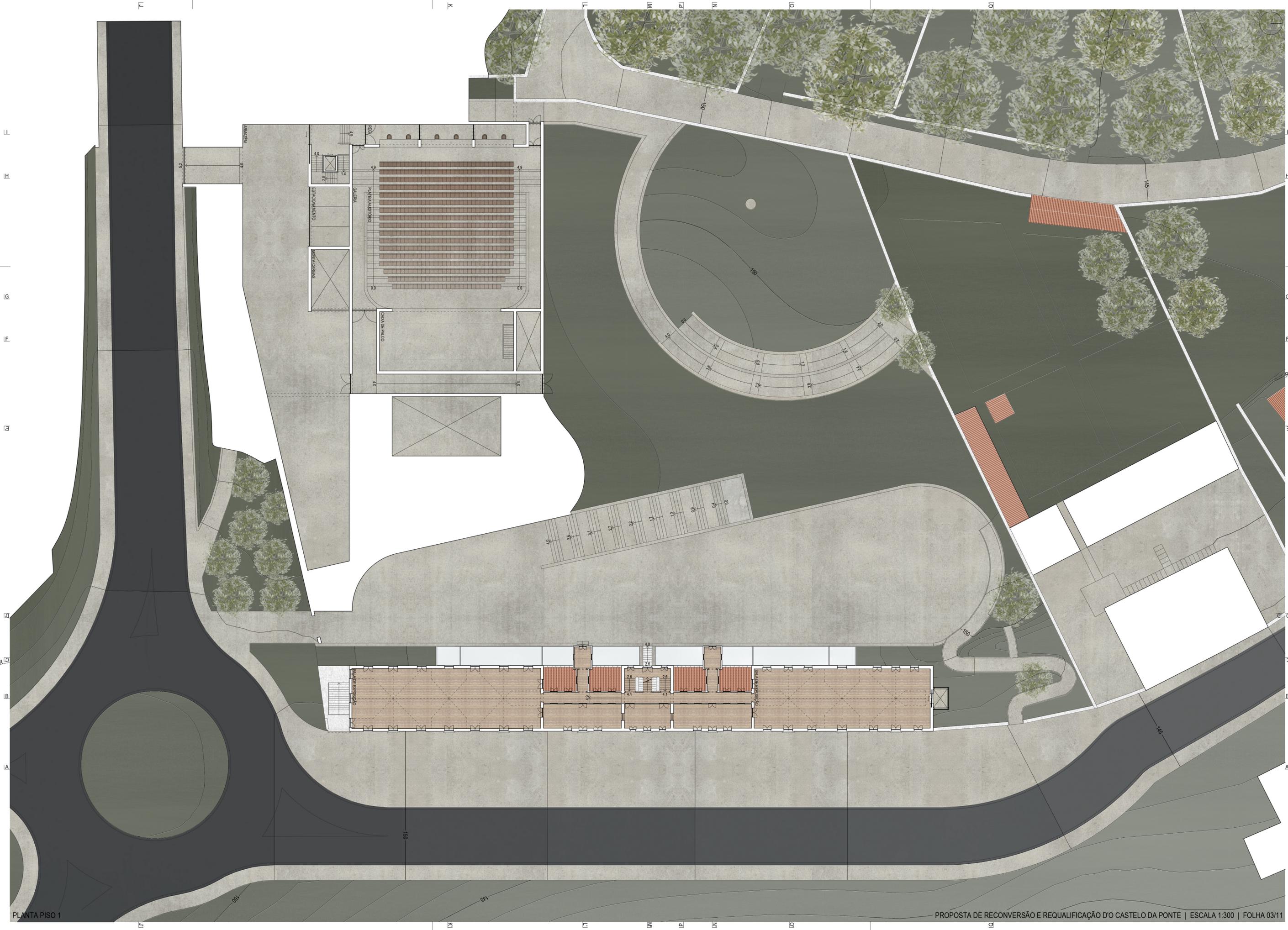
“[...] O projecto é um movimento entre uma linha de limite, em pedra, e os volumes da intervenção que por ela se deixam conduzir [...]”²⁴⁵

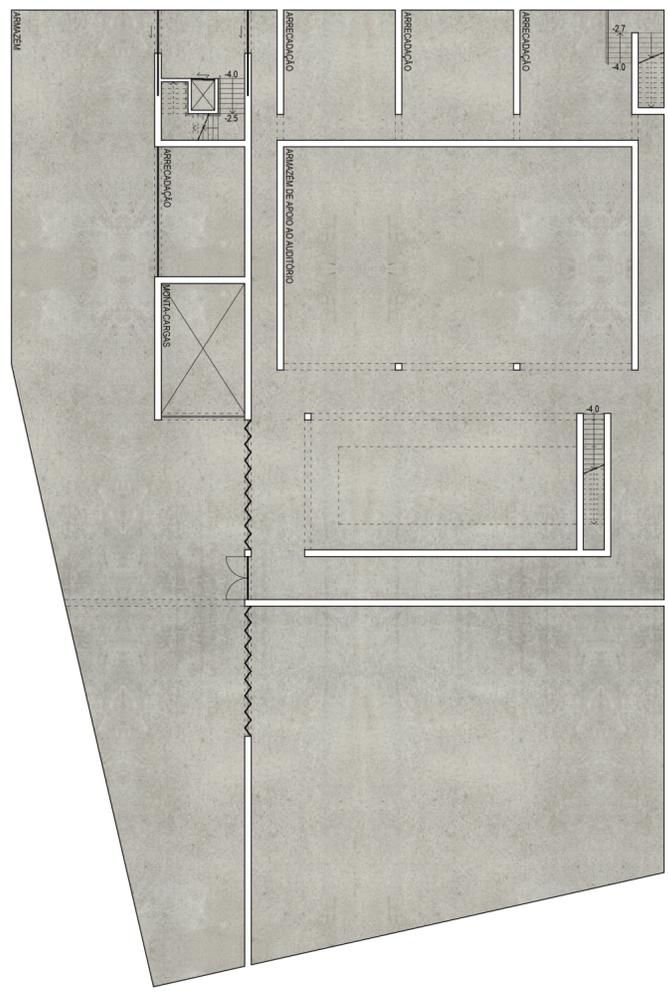
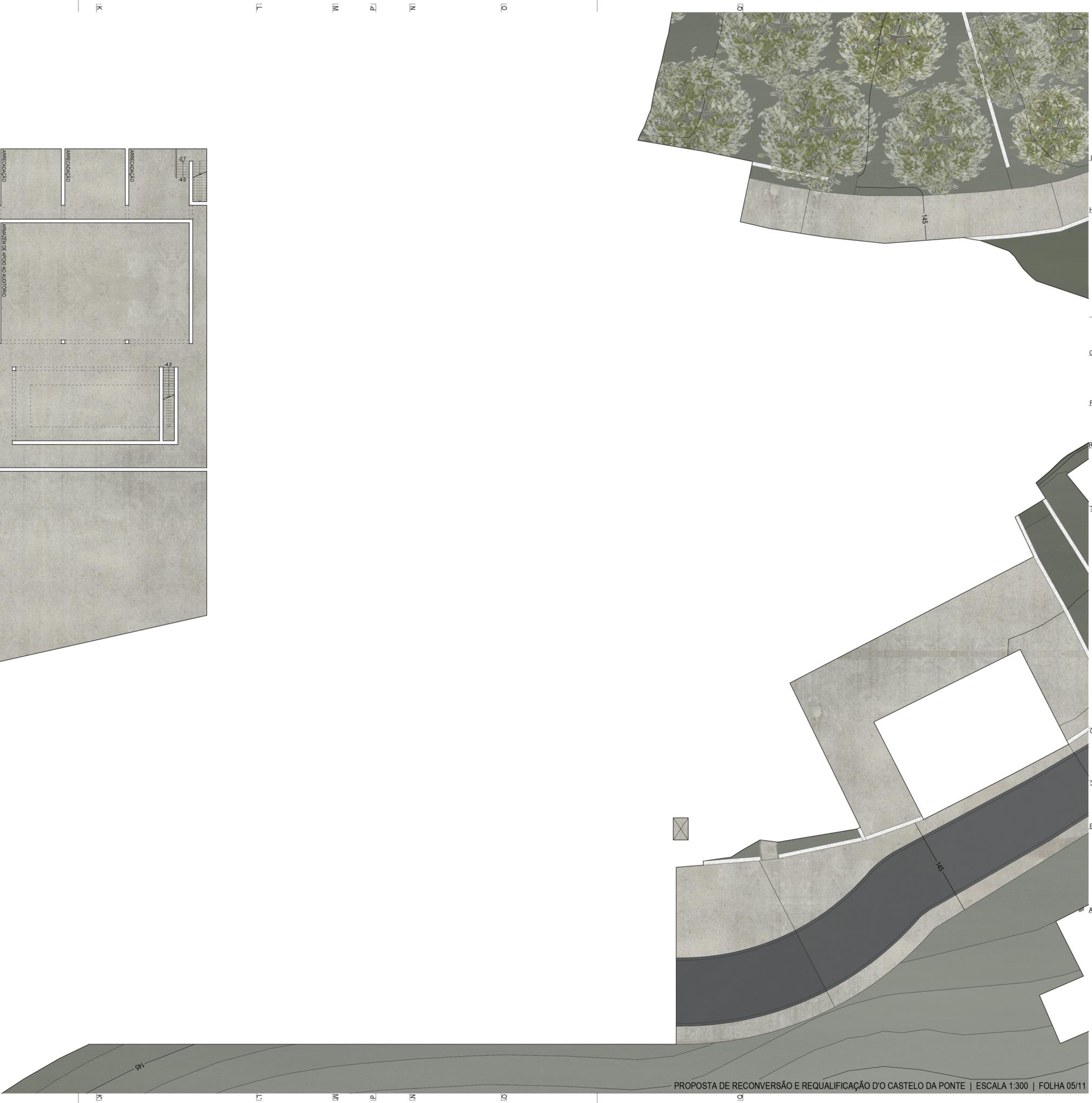
²⁴⁵ SAMI ARQUITETOS – *Memória Descritiva*. Cit LEITÃO, D. – *Construir no Construído...*, 2016, p. 129.

Folha 01/11	Planta de Coberturas	Escala 1:300
Folha 02/11	Planta Piso 3 – Torre	Escala 1:300
	Planta Piso 2 – Torre	Escala 1:300
Folha 03/11	Planta Piso 1	Escala 1:300
Folha 04/11	Planta Piso 0	Escala 1:300
Folha 05/11	Planta Piso -1	Escala 1:300
Folha 06/11	Corte AA'	Escala 1:300
	Corte BB'	Escala 1:300
	Corte CC'	Escala 1:300
Folha 07/11	Corte DD'	Escala 1:300
	Corte EE'	Escala 1:300
	Corte FF'	Escala 1:300
Folha 08/11	Corte GG'	Escala 1:300
	Corte HH'	Escala 1:300
	Corte II'	Escala 1:300
Folha 09/11	Corte JJ'	Escala 1:300
	Corte KK'	Escala 1:300
	Corte LL'	Escala 1:300
Folha 10/11	Corte MM'	Escala 1:300
	Corte NN'	Escala 1:300
	Corte OO'	Escala 1:300
Folha 11/11	Corte PP'	Escala 1:300
	Corte QQ'	Escala 1:300
	Corte RR'	Escala 1:300









LL
LH
LG
LE
LI
LD
LC
LB
LA

L
K
L
M
N
O

L
K
L
M
N
O

L
K
L
M
N
O

L
K
L
M
N
O

L
K
L
M
N
O

L
K
L
M
N
O



CORTE AA' | ALÇADO NASCENTE



CORTE BB'



CORTE CC' | ALÇADO POENTE



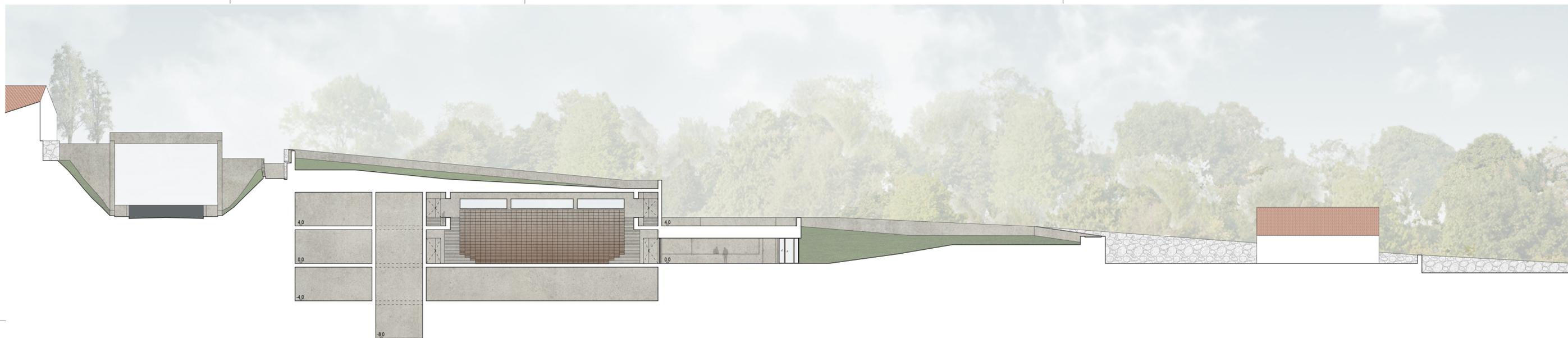
CORTE DD'



CORTE EE'



CORTE FF'



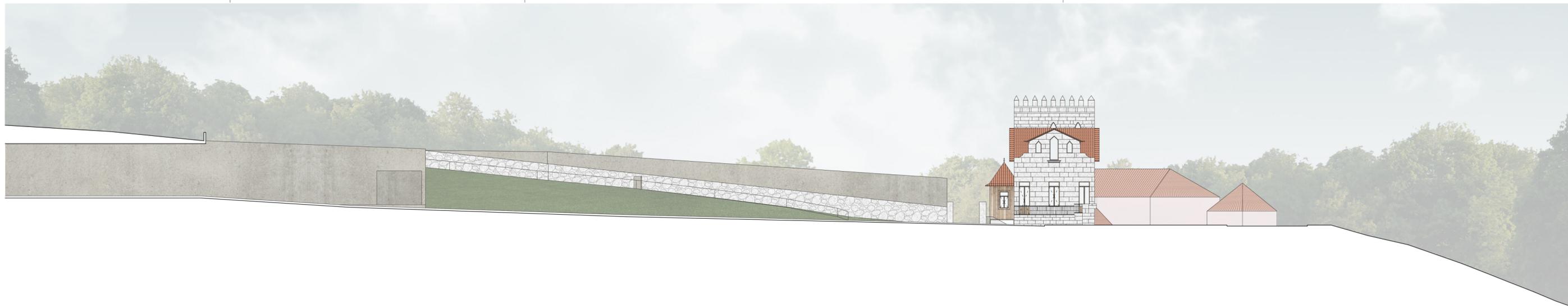
CORTE GG'



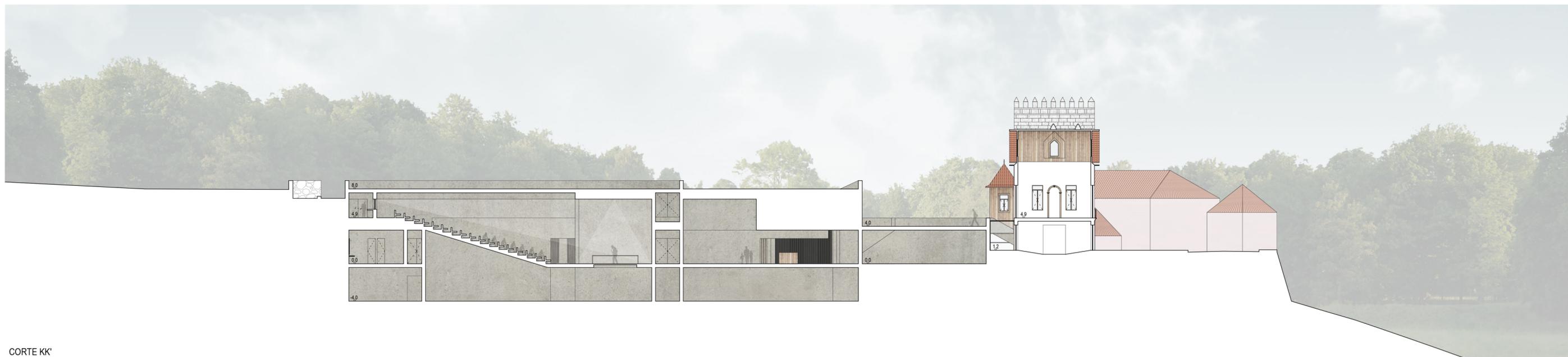
CORTE HH'



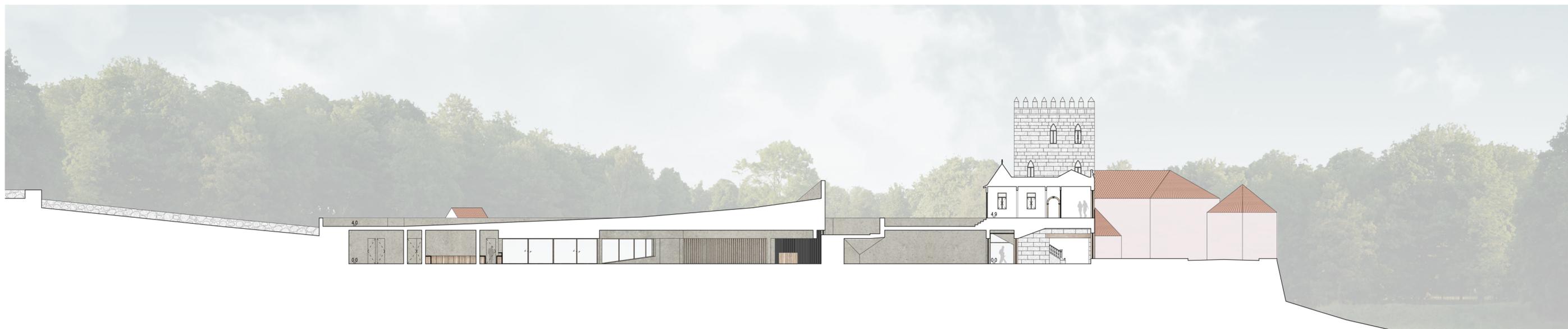
CORTE II'



CORTE JJ' | ALÇADO SUL



CORTE KK'



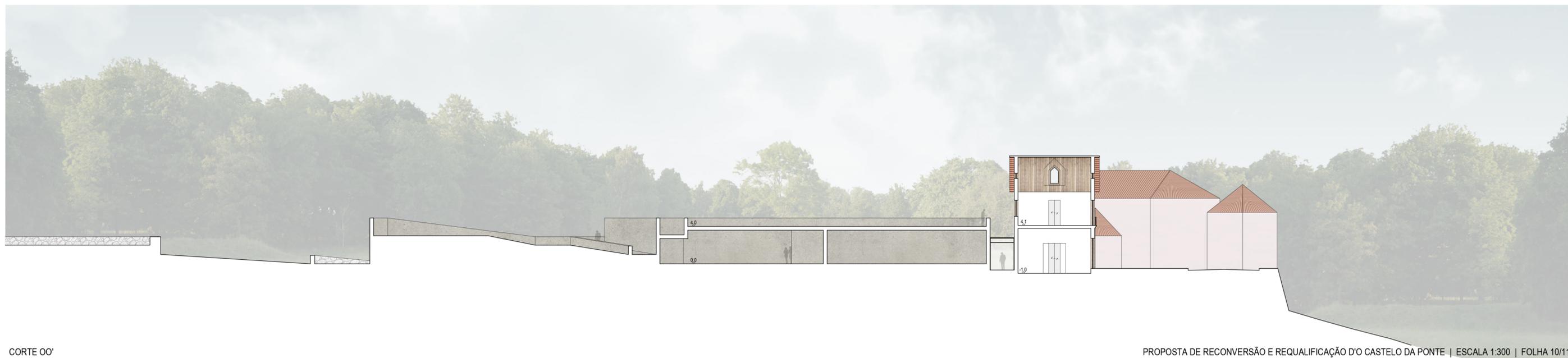
CORTE LL'



CORTE MM'



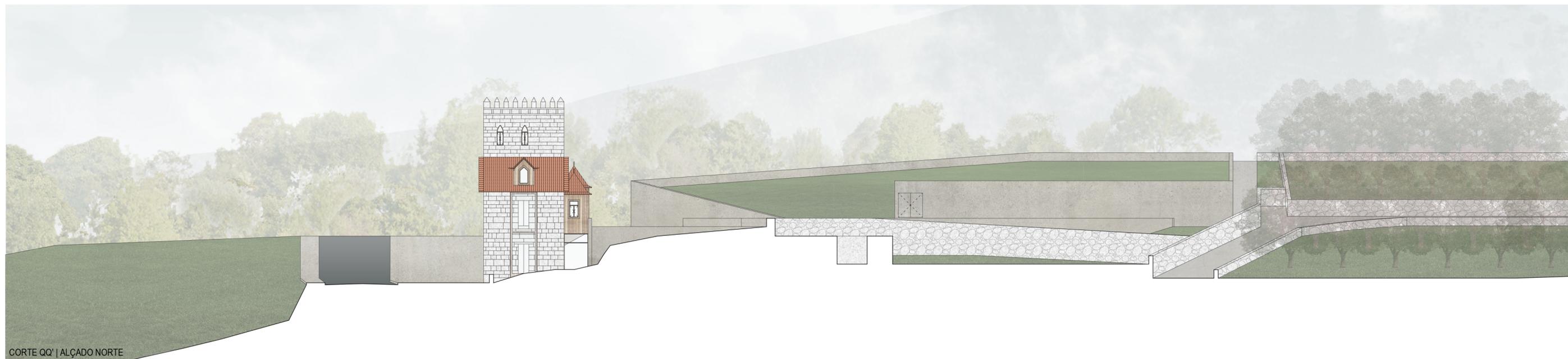
CORTE NN'



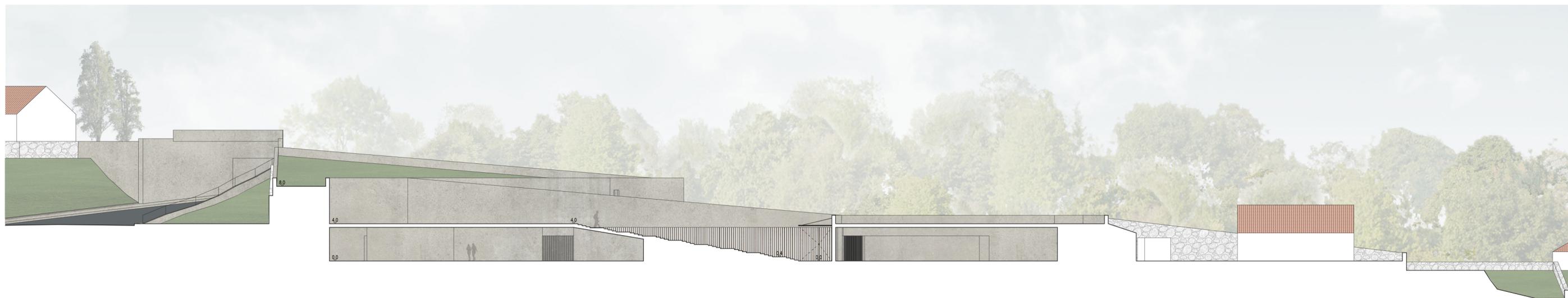
CORTE OO'



CORTE PP'



CORTE QQ' | ALÇADO NORTE



CORTE RR'

4 | CONCLUSÃO

4.1. Considerações Finais

*“De há muito que nos conhecíamos [...]”*²⁴⁶.

Com a certeza de que o tempo urge, a presente dissertação procura atentar para a necessidade – iminente – de salvaguardar o *Castelo da Ponte*, sob o risco deste se poder tornar, “*por degradação progressiva ou colapso, em ruínas apenas*”²⁴⁷. Espera-se, portanto, que a investigação apresentada desperte vontades e contribua para um maior conhecimento e uma maior valorização deste legado, comparativamente à que detém no presente. Desta forma, elaborando uma proposta de reconversão e requalificação para este lugar, numa tentativa de solucionar a problemática que se expõe, lança-se a questão a público e ambiciona-se que tal cause inquietação. Ainda neste seguimento, visando refletir sobre a importância da salvaguarda de edifícios emblemáticos devolutos inseridos em contexto urbano, espera-se que, após a análise dos três capítulos apresentados (*Contextualização, Diagnóstico e Proposta*), a metodologia adotada possa ser aplicável a outros trabalhos e, dessa forma, contribuir positivamente para o ato de intervir com o construído.

Tratando-se de uma primeira abordagem a este edifício, admite-se a possibilidade desta dissertação se estender nesta ou noutras disciplinas e/ou áreas. Assim, com o propósito de realizar uma investigação abrangente, sugere-se, por exemplo, o estudo das Cartas e Convenções Internacionais sobre a reabilitação do património edificado, para compreender o modo como a intervenção no construído tem sido abordada; da estabilidade da estrutura do edifício preexistente, através de inspeções, monitorizações e ensaios; do desempenho energético-ambiental da proposta na sua totalidade, com a caracterização de todos os elementos construtivos; ou da integração de energias renováveis no projeto, nomeadamente, da energia solar.

“De há muito que nos conhecíamos.

*Porém agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes”*²⁴⁸.

²⁴⁶ TÁVORA, F. – *Casa da Covilhã, Guimarães 1973-1976*. In *Fernando Távora*, 1993, p. 130.

²⁴⁷ FERREIRA, C. – *Restauro dos Monumentos Históricos*, 1992, p. 10.

²⁴⁸ TÁVORA, F. – *Casa da Covilhã, Guimarães 1973-1976*. In *Fernando Távora*, 1993, p. 130.

5 | BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, José, CABRITA, A. M. Reis, APPLETON, João – *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. 3ª Edição. Lisboa: LNEC, 1997. ISBN: 972-49-1726-6.

APPLETON, João – *Reabilitação de Edifícios Antigos: Patologias e Tecnologias de Intervenção*. 1ª Edição. Alfragide: Edições Orion, 2003. ISBN: 972-8620-03-9.

BEINHAUER, Peter – *Atlas de Detalhes Constructivos*. 1ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. ISBN: 978-84-252-2057-9.

BEINHAUER, Peter – *Atlas de Detalhes Constructivos: Reabilitação*. 1ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2013. ISBN: 978-85-65985-17-8.

BRANCO, Jorge Manuel – *Conservação e Restauro do Património Construído*. Guimarães: Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho, 2012. Documento de apoio à Unidade Curricular com o mesmo nome do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade do Minho.

BRANCO, Jorge M., LOURENÇO, Paulo B. – *Coberturas Tradicionais de Madeira. Caracterização, Inspeção e Classificação*. Guimarães: Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho, [s.d.].

CAMPANTE, Adelino – *A Rede Viária e o Desenvolvimento de Vizela. In Jornadas de Património Local*. Vizela: Avicella - Associação Cultural, 2016. ISBN: 978-989-20-6502-1. p. 121-148.

CAMPELOS, Manuel – *A Luta Autónómica de Vizela na Última Década do Regime de Salazar*. [s.l.]: Ed. Autor, 2002. ISBN: 972-95806-6-9.

CAMPELOS, Manuel – *A Luta Autónómica de Vizela Após a Revolução de Abril*. [s.l.]: Ed. Autor, 2003. ISBN: 972-95806-6-9.

CAMPELOS, Manuel – *Vizela Rumo à Vitória*. Vizela: CMV - Câmara Municipal de Vizela, 2008.

CANTEIRO, Elódia – *O Espaço Geográfico em Estudo*. In CANTEIRO, Elódia – *Mortalidade Infantil e Práticas Associadas ao Primeiro Ano de Vida: Um estudo no território de Vizela*. Guimarães: NEPS, 2005. ISBN: 972-95433-7-2. p. 47-99.

Carta de Vizela. *Notícias de Guimarães - Jornal Defensor dos Interesses do Concelho*. Guimarães. (18 Fev. 1951), p. 4. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

CASTELO BRANCO, Camilo – *Novelas do Minho*. 1ª Edição. Lisboa: Caixotim, 2006. ISBN: 972-8651-81-3.

CÓIAS, Vítor – *Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos: Alvenaria | Madeira: Técnicas Pouco Intrusivas*. 2ª Edição. Lisboa: Argumentum, 2007. ISBN: 978-972-8479-40-4.

CÓIAS, Vítor – *Inspecções e Ensaios na Reabilitação de Edifícios*. 2ª Edição. Lisboa: IST PRESS, 2009. ISBN: 978-972-8469-53-5.

COSTA, F. Pereira da – *Enciclopédia Prática da Construção Civil*. Lisboa: Ed. Autor, 1930-1939.

COSTA, Flávio Teixeira da – *Reabilitação de um Edifício no Núcleo Histórico de Braga*. Guimarães: EAUM, 2016. Dissertação de Mestrado, Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura.

Colégio de Vizela. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 7 (15 Jan. 1951), p. 1. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

Colégio de Vizela. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 10 (28 Fev. 1951), p. 1. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

CUNHA, Maria Manuela Ferreira da – *Caldas de Vizela: Do Passado à Atualidade: Uma proposta de Reconversão*. Coimbra: FLUC, 2012. Trabalho de projeto de Mestrado em História.

CUNHA, Maria Manuela Ferreira da – *As Termas de Vizela - O Destino Turístico da Elite Portuguesa*. In *Jornadas de Património Local*. Vizela: Avicella - Associação Cultural, 2016. ISBN: 978-989-20-6502-1. p. 71-102.

DAMAS, Júlio – *Ad Perpetuam... Achegas Para a História dos Povos do Vale do Vizela*. Vila Nova de Famalicão: Centro Gráfico, 1965.

DAMAS, Júlio – *Vizela, Tãgilde e S.Gonçado*. [s.l.]: Ed. Autor, 1970. Ensaio Monográfico (Apontamentos de História – Arqueologia e Etnografia).

DELGADO, Aline – *Guia para a Reabilitação Energética de Edifícios para Arquitetos*. 2ª Edição. [s.l.]: Portal da Construção Sustentável, 2015.

DIAS, Tiago Ilharco de Moura Pinho – *Pavimentos de Madeira em Edifícios Antigos. Diagnóstico e Intervenção Estrutural*. Porto: FEUP, 2008. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Reabilitação do Património Edificado.

DINIS, Joel Ferreira – *O Castroeiro: A Bibliografia do Lugar como Instrumento no Projeto de Arquitetura*. Guimarães: EAUM, 2014. Dissertação de Mestrado, Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura.

ENCONTRO NACIONAL SOBRE PATOLOGIA E REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS, 1, Porto, 2003 – *Patologia e Reabilitação de Edifícios: Actas*. Porto: FEUP, 2003. ISBN: 972-752-059-6.

ENCONTRO SOBRE PATOLOGIA E REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS, 2, Porto, 2006 – 2º *Encontro Sobre Patologia e Reabilitação de Edifícios: Actas do Encontro*. Porto: FEUP, 2006. ISBN: 972-752-085-5.

ENCONTRO SOBRE PATOLOGIA E REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS, 3, Porto, 2009 – 3º *Encontro Sobre Patologia e Reabilitação de Edifícios: Actas do Encontro*. Porto: FEUP, 2009. ISBN: 978-972-752-109-8.

FARIA, Armindo de Freitas Ribeiro de – *Vizella e Suas Aguas Mineraes*. Porto: Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1890. Dissertação Inaugural.

Fechou o Colégio.... *O Conquistador - Semanário Católico e Regionalista de Guimarães*. Guimarães. N.º 54 (30 Set. 1954), p. 8. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

FERREIRA, Carlos Antero – *Restauro dos Monumentos Históricos: Restaurar porquê? Restaurar o quê? Restaurar quando e como?*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1992.

FERREIRA, João António Carvalho – *A Memória e Futuro do Património Industrial de Caldas das Taipas: Projecto para o Centro Interpretativo da Cutelaria*. Guimarães: EAUM, 2017. Dissertação de Mestrado, Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura.

Festa no Colégio: 13 de Maio. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 16 (30 Mai. 1951). Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

FLÓRIDO, Flávio Miguel Saraiva – *Tipificação de Soluções de Reabilitação de Paredes de Madeira em Edifícios Antigos*. Porto: FEUP, 2010. Dissertação submetida para satisfação parcial dos requisitos do grau de Mestre em Engenharia Civil, especialização em Construções Cívicas.

Grande Colégio de Vizela. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 5 (15 Dez. 1950), p. 1-2. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira – Caldas de Vizela: Notas Históricas. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. N.º 16 (1899), p. 71-78.

GUIMARÃES, Ramiro – *Em Demanda do Passado: Caldas de Vizela - 1875-1975*. [s.l.: s.n.], 2016.

IMPERALUM – *Projeto de Impermeabilização e Isolamento Térmico – Memória Descritiva, Condições Técnicas*.

Iniciativas que honram uma terra. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 8 (30 Jan. 1951), p. 1. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

JARDIM, Fátima Maria Gomes – *Proposta de Intervenção de Reabilitação Energética de Edifícios de Habitação*. Guimarães: EEUM, 2009. Tese de Mestrado em Engenharia Civil.

LACERDA LOPES, Nuno – *Nuno Lacerda Lopes Architecture - Da Representação ao Projeto*. Porto: Transnética, 2012. ISBN: 978-989-97480-6-4.

LEITÃO, Daniela Filipa Castro Leitão – *Construir no Construído: A Ruína como Instrumento de Projecto: Proposta de Intervenção e Reconversão em Lamaçais*. Porto: FAUP, 2016. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

LOPES, Miguel Alberto Cameira – *Tipificação de Soluções de Reabilitação de Estruturas de Madeira em Coberturas de Edifícios Antigos*. Porto: FEUP, 2007. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Reabilitação do Património Edificado.

LOURENÇO, Paulo B., OLIVEIRA, Daniel V. – *Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico*. Guimarães: Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho, 2004. Tradução das recomendações definidas pelo Comité Científico Internacional para a Análise e Restauro de Estruturas do Património Arquitectónico (ICOMOS).

LUSO, Eduarda, LOURENÇO, Paulo B., ALMEIDA, Manuela – Breve História da Teoria da Conservação e do Restauro. *Revista de Engenharia Civil*. Guimarães: UM. N.º 20 (2004), p. 31-44.

MAGALHÃES, José Filipe Ribeiro – *Construir no Construído. A Memória como Oportunidade*. Porto: FAAULP, 2016. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: I*. 5ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1339-2.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: II*. 4ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1221-3.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: III*. 4ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1482-8.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: IV*. 3ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1299-X.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: V*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1422-4.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: VI*. 1ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1442-9.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: VII*. 1ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1480-1.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: VIII*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. (Técnicas de Construção). ISBN: 972-24-1481-X.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: XV*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. (Técnicas de Construção). ISBN: 978-972-24-1577-4.

MORAIS, Alexandra Gonçalves de – *Reabilitação de Coberturas Tradicionais em Edifícios Antigos: Cobertura Inclinada e Revestimento Cerâmico do “Antigo Palacete”*. Porto: ULP, 2016. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

MOREIRA, Marina Fernanda Jesus – *Reabilitação de Estruturas de Madeira em Edifícios Antigos*. Porto: FEUP, 2009. Relatório de projeto submetido para satisfação parcial dos requisitos do grau de Mestre em Engenharia Civil, especialização em Construções Cívicas.

O Cortejo de Oferendas e o «Externato de Vizela». *O Conquistador - Semanário Católico e Regionalista de Guimarães*. Guimarães. N.º 10 (05 Fev. 1953). Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

O Externato de Vizela reabriu as suas aulas. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 25 (15 Out. 1951). Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

OLIVEIRA, Jaime de – *Vizela: À Procura de Uma Memória (Apontamentos): 1850-1940*. 1ª Edição. Vizela: Ed. Autor, 2008.

OLIVEIRA, Jaime de – *Vizela: À Procura de Uma Memória (Apontamentos): 1850-1940*. 2ª Edição corrigida e aumentada. Vizela: Ed. Autor, 2008.

OLIVEIRA, Manuel Alves de – O «Concelho» de Riba de Vizela e a Crise Nacional dos Fins do Século XIV. Boletim de Trabalhos Históricos. p. 140-149.

PACHECO, Maria José – *Avicella: Antologia Sobre Vizela e seu Termo*. Porto: Brasília Editora, 1984.

PACHECO, Maria José – *Para a História de Vizela: Um legado... E Outras Coisas Mais*. 1ª Edição. Porto: [s.n.], 1987.

PACHECO, Maria José – *Das Margens do Vizela: Memórias*. 1ª Edição. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia, 2007. ISBN: 978-989-95207-4-5.

PACHECO, Maria José – *Origens de um Centro Urbano no Século XIX. In Jornadas de Património Local*. Vizela: Avicella - Associação Cultural, 2016. ISBN: 978-989-20-6502-1. p. 5-26.

Pedra & Cal: Revista da Conservação do Património Arquitetónico e da Reabilitação do Edificado. Lisboa: GECORPA. ISSN: 1645-4863. N.º 29 (Jan., Fev., Mar., 2006).

PEDRO, João Branco, VILHENA, António, PAIVA, José Vasconcelos de – Métodos de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis: Desenvolvimento e Aplicação. *Revista de Engenharia Civil*. Guimarães: UM. N.º 35 (2009), p. 57-74.

PEDRO, João Branco, VILHENA, António, PAIVA, José Vasconcelos de – Métodos de Avaliação do Estado de Conservação de Edifícios Desenvolvidos no LNEC: Características e Possibilidades de Aplicação. *Revista de Engenharia Civil*. Guimarães: UM. N.º 42 (2012), p. 5-18.

PEREIRA, Luísa Villarinho – *Vizela - Anos 20*. [s.l.: s.n.], 2016. ISBN: 978-972-98853-5-8.

PEREIRA, Maria Emília Castro Fernandes Macedo Lopes – *Reabilitação de Tectos Estucados Antigos*. Porto: FEUP, 2010. Relatório de projeto submetido para satisfação parcial dos requisitos do grau de Mestre em Engenharia Civil, especialização em Construções Cívicas.

PINTO, Eugénio Mendes – *Um Olhar Sobre Vizela*. Paredes: Reviver D.L., 2003. ISBN: 972-98691-9-7.

PINTO, Jorge [et. al.] – *Caracterização de Paredes Tradicionais de Tabique*. In LOURENÇO, Paulo B. [et. al] – *Paredes Divisórias: Passado, Presente e Futuro*. Guimarães: Universidade do Minho, 2011. p. 25-34.

PINTO, Ricardo Santos – *Vizela: 600 anos de História: 1361-1999*. 1ª Edição. Penafiel: Netbe, 1998. ISBN: 972-97870-0-X.

PORTUGAL, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações – *NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis – Instruções de Aplicação*. Lisboa: LNEC, 2007.

PRATA, Carlos, CARVALHO, Henrique de – *Plano Geral de Urbanização de Vizela. Sociedade e Território: Revista de Estudos Urbanos e Regionais*. ISSN: 0873-6309. N.º 4 (Maio 1986), p. 31-53.

QUEIROGA, Francisco M. V. Reimão – *Algumas Notas Sobre a Arqueologia da Área Urbana de Vizela. Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*. Porto. Vol. XII (2013), p. 181-201.

Reabilitação de Edifícios do Centro Histórico do Porto: Guia de Termos de Referência para o Desempenho Energético-Ambiental. Porto: Porto Vivo, SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense S.A., 2010. ISBN: 978-989-96862-2-9.

Reabilitação de Fachadas: Livro de Actas. Guimarães: EEUM, 2016. ISBN: 978-972-8692-94-0.

RIBEIRO, Joaquim – *O País de Chicória*. In RIBEIRO, Joaquim – *Joaquim da Costa Chicória. Vida e Obra. Estudo Preliminar*. Vizela: Fundação Jorge Antunes, 2017. p. 21-31.

ROQUE, João Carlos Almendra – *Reabilitação Estrutural de Paredes Antigas de Alvenaria*. Guimarães: EEUM, 2002. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Engenharia Civil.

SILVA, José Eugénio Carvalho da – *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos: As Disputas Autonómicas da Regeneração à República*. Porto: FLUP, 2013. Dissertação de Mestrado em História e Património.

Silva Porto, 1850-1893. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993. ISBN: 972-95775-9-5.

SILVANO, Filomena – *Mobilidade e Enraizamento: As Transformações da Identidade: Um estudo das representações do espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália*. Lisboa: FCSH/UNL, 1994. Dissertação de Doutoramento em Antropologia. Especialidade Antropologia Cultural e Social.

SILVANO, Filomena – *Territórios da Identidade: Representações do Espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália*. 1ª Edição. Oeiras: Celta Editora, 1997. ISBN: 972-8027-61-3.

SIMÕES, Miguel Ângelo Loureiro – *Metodologia de Intervenção em Património Edificado: Intervenção num Palacete no Centro Histórico de Braga*. Porto: FAAP, 2016. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

TAVARES, Alice, COSTA, Aníbal, VARUM, Humberto – *Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios: Guia de Intervenção*. Aveiro: Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, 2011.

TÁVORA, Fernando – *Casa da Covilhã, Guimarães 1973-1976*. In Fernando Távora. Lisboa: Editorial Blau, 1993. p. 128-130.

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes – *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto Entre os Século XVII e XIX: Contributo para uma História da Construção Arquitetónica em Portugal*. Porto: FAUP, 2004. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica.

VASQUES, Bárbara João de Carvalho – *Escola-Museu: Reabilitação e Ampliação do Edifício da Estação de Caminhos de Ferro de Mirandela*. Porto: FAUP, 2017. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

Verba volant, opera manent. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 4 (30 Nov. 1950), p. 1. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

Vizela Antiga: Aparentamentos para a Sua História. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1994.

VIZELA, Câmara Municipal de – *Boletim Municipal*. N.º16 (Dez. 2007).

Vizela em Marcha. *Jornal de Vizela - Quinzenário Regionalista*. Vizela. N.º 9 (15 Fev. 1951), p. 1-2. Arquivo da Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes.

VIZELA, Município de – *Plano de Soluções Integradas de Acessibilidade para Todos*, v. I-V, Porto: [s.n.], 2011.

VIZELA, Município de – *Plano de Mobilidade Sustentável*. Porto: [s.n.], 2012.

6 | ANEXOS

6.1. Acessibilidades às Principais Cidades Vizinhas

O estudo das acessibilidades que se expõe tem, como principal propósito, a determinação da distância relativa entre o *Castelo da Ponte* e as principais cidades vizinhas. Como premissa, estuda-se a possibilidade de realizar a viagem de automóvel – via Estrada Nacional e Autoestrada, com a respetiva estimativa das emissões de CO₂, calculadas no simulador disponível no URL: <http://www.ecocasa.pt/simuladores/SimuladorEmissoesCO2/simuladorEmissoesCO2.php#placeToGo> – e de comboio.

ACESSIBILIDADES ÀS PRINCIPAIS CIDADES VIZINHAS		GUIMARÃES		BRAGA		PORTO		VILA REAL		
		<i>N105</i>	<i>CM1613</i>	<i>VIM</i>	<i>A11</i>	<i>N14</i>	<i>A3</i>	<i>N15</i>	<i>A4</i>	
AUTOMÓVEL	<i>Distância (km)</i>	10.7	10.7	33.1	32.1	49.2	54.9	79.6	74.6	
	<i>Tempo (min.)</i>	18	23	42	31	59	43	119	53	
	<i>Emissões CO₂ (kg)</i>	<i>Gasolina</i>	1.72	1.72	5.33	5.17	7.92	8.84	12.82	12.01
		<i>Gasóleo</i>	1.97	1.97	6.09	5.91	9.06	10.11	14.65	13.73
		<i>GPL</i>	1.32	1.32	4.08	3.96	6.07	6.78	9.82	9.21
	<i>Custo (€) (sem contabilizar as portagens)</i>	<i>Gasolina</i>	1.20	1.20	3.71	3.60	5.51	6.15	8.92	8.36
		<i>Gasóleo</i>	0.97	0.97	3.01	2.92	4.48	5.00	7.24	6.79
		<i>GPL</i>	0.45	0.45	1.40	1.35	2.07	2.31	3.34	3.13
	COMBOIO	<i>Tempo (min.)</i>	10		de 57 a 118		de 53 a 74		-	
<i>Custo (€)</i>		1.40		3.15		2.85		-		

178 | Acessibilidades às principais cidades vizinhas.

NOTA: Nesta simulação, consideraram-se as distâncias e os tempos expressos no *Google Maps*. Para efeitos de cálculo, admitiu-se que o condutor segue sozinho, que o consumo médio do automóvel é de 7l/100km e o preço da gasolina, gasóleo e GPL é, respetivamente, 1.60€/l; 1.30€/l e 0.60€/l.

6.2. Acessibilidade aos Principais Equipamentos e Serviços nas Imediações

O estudo das acessibilidades que se apresenta tem, como principal propósito, a determinação da distância relativa entre o *Castelo da Ponte* e os principais equipamentos e serviços, nas suas imediações. Como premissa, seleciona-se a oferta mais próxima e o percurso mais curto possível.

DISTÂNCIA RELATIVA ENTRE O CASTELO E OS PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS	A pé		De carro	
	Distância (m)	Tempo (min.)	Distância (m)	Tempo (min.)
Banco (e.g.: <i>Banco Popular</i>)	500	6	500	1
Bar (e.g.: <i>Maquias Bar</i>)	500	6	500	1
Biblioteca Municipal Fundação Jorge Antunes	450	6	450	1
“Bica Quente”, Praça da República	650	8	800	2
Bombeiros Voluntários	800	10	800	3
Câmara Municipal	950	12	950	3
Campo de Tiro	1400	20	1600	5
Centro de Saúde	1300	16	1300	4
Cruz Vermelha	1000	12	1000	3
CTT	600	7	600	2
Discoteca (e.g.: <i>Eskada Superclub</i>)	1600	21	2000	3
Escola Básica	700	10	700	1
Escola Secundária	1200	15	1200	4
Espaço Internet	1000	12	1000	3
Espaço Multiusos	1100	14	1100	4
Estação Ferroviária	1100	14	1100	3
Farmácia (e.g.: <i>Farmácia Alves</i>)	450	5	450	1
<i>Fórum Vizela</i>	850	11	1000	3
Ginásio (e.g.: <i>Vizela Fitness</i>)	700	9	700	2
G.N.R.	1000	12	1000	3
Hipermercado <i>Continente</i>	500	7	700	2
Hipermercado <i>Lidl</i>	500	7	500	1
Hipermercado <i>Pingo Doce</i>	500	6	500	1
Hotel <i>Bienestar</i>	400	5	400	1
Hotel <i>Termas</i>	350	4	350	1
Igreja Matriz de S. João das Caldas	290	4	290	1

Jardim de Infância	1100	14	1100	4
Jardim Manuel Faria	650	8	800	2
Mercado Municipal	1000	13	1000	3
Mini-Golfe	1100	13	1100	4
Paragem de Autocarro (Sentido Norte)	400	5	400	1
Paragem de Autocarro (Sentido Sul)	170	2	170	1
Parque de Merendas	600	7	650	2
Parque das Termas	270	3	270	1
Pastelaria (e.g.: <i>Pizzaria das Termas</i>)	300	4	300	1
Piscinas	950	12	1200	3
Posto de Turismo	550	7	550	1
Restaurante (e.g.: <i>Águia D'Ouro</i>)	500	6	500	1
Santa Casa da Misericórdia	1000	12	1400	2
Talho (e.g.: <i>Talho Termas</i>)	400	5	400	1
Termas de Vizela	400	5	400	1

179 | Distância relativa entre o Castelo e os principais equipamentos e serviços.



180 | Identificação dos principais equipamentos e serviços. Mapa turístico de Vizela (sem escala).

6.3. Análise Climática

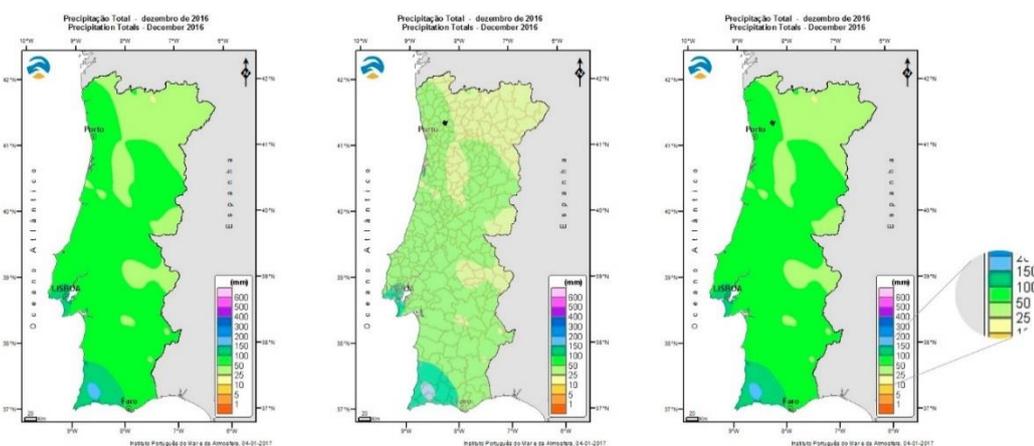
6.3.1. Precipitação e Temperatura

A análise que agora se expõe tem, como principal objetivo, o estudo do clima do concelho de Vizela, tendo por base os valores compreendidos entre janeiro de 2007 e dezembro de 2016, apresentados no IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera. Estes podem ser livremente consultados seguindo o caminho: *IPMA > Clima > Acompanhamento do Clima*, através do url: www.ipma.pt.

Para uma melhor compreensão da metodologia adotada, exemplifica-se o processo que se realizara para a determinação de valores:

- I. Guardar as cartas do IPMA com a informação pretendida;
- II. Sobrepor a cada uma delas, individualmente, a carta de concelhos de Portugal Continental e, em simultâneo, identificar o concelho de Vizela;
- III. Reconhecer a respetiva cor, verificar a legenda e registar o valor numa tabela.

Nota: Considera-se o valor médio. Neste exemplo que se apresenta, 75mm é o valor considerado para a precipitação total do mês de dezembro de 2016.



181 | Metodologia adotada na determinação dos valores de precipitação e de temperatura (exemplo).

PRECIPITAÇÃO (mm)

Vizela, 2007-2016

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	<i>Média Mensal Decenal</i>
<i>Jan.</i>	35.0	175.0	225.0	225.0	175.0	37.5	250.0	250.0	175.0	450.0	199.8
<i>Fev.</i>	225.0	25.0	110.0	250.0	125.0	3.0	125.0	350.0	75.0	350.0	163.8
<i>Mar.</i>	70.0	70.0	25.0	187.5	75.0	17.5	350.0	125.0	17.5	175.0	111.3
<i>Abr.</i>	45.0	225.0	90.0	62.5	37.5	125.0	125.0	125.0	75.0	250.0	116.0
<i>Mai.</i>	75.0	135.0	50.0	52.5	75.0	125.0	75.0	75.0	125.0	175.0	96.3
<i>Jun.</i>	90.0	25.0	90.0	50.0	3.0	37.5	37.5	37.5	37.5	37.5	44.6
<i>Jul.</i>	45.0	35.0	62.5	1.0	17.5	7.5	37.5	75.0	7.5	0.5	28.9
<i>Ago.</i>	20.0	25.0	12.5	3.5	37.5	75.0	0.5	75.0	37.5	7.5	29.4
<i>Set.</i>	10.0	70.0	2.5	15.0	37.5	75.0	75.0	175.0	125.0	37.5	62.3
<i>Out.</i>	15.0	65.0	100.0	175.0	125.0	125.0	250.0	250.0	250.0	125.0	148.0
<i>Nov.</i>	65.0	70.0	275.0	175.0	250.0	125.0	75.0	350.0	75.0	175.0	163.5
<i>Dez.</i>	50.0	125.0	350.0	225.0	75.0	250.0	250.0	37.5	175.0	75.0	161.3
<i>Máximo Anual</i>	225.0	225.0	350.0	250.0	250.0	250.0	350.0	350.0	250.0	450.0	
<i>Média Anual</i>	62.1	87.1	116.0	118.5	86.1	83.6	137.5	160.4	97.9	154.8	
<i>Mínimo Anual</i>	10.0	25.0	2.5	1.0	3.0	3.0	0.5	37.5	7.5	0.5	
<i>Total Anual</i>	745.0	1045.0	1392.5	1422.0	1033.0	1003.0	1650.5	1925.0	1175.0	1858.0	
<i>Média Anual Decenal</i>	1324.9										

182 | Precipitação (mm). Vizela, 2007-2016.

TEMPERATURA MÁXIMA MÉDIA (°C)

Vizela, 2007-2016

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Média Mensal Decenal
Jan.	13.0	14.0	11.0	12.0	13.0	15.0	13.0	13.0	13.0	15.0	13.2
Fev.	15.0	17.0	15.0	13.0	15.0	15.0	13.0	13.0	13.0	13.0	14.2
Mar.	17.0	16.0	21.0	16.0	17.0	21.0	15.0	17.0	17.0	15.0	17.2
Abr.	21.0	20.0	17.3	21.0	25.0	17.0	19.0	19.0	21.0	17.0	19.7
Mai.	22.0	20.0	23.0	22.0	25.0	21.0	21.0	23.0	23.0	21.0	22.1
Jun.	23.0	26.0	25.0	26.0	25.0	25.0	25.0	25.0	27.0	25.0	25.2
Jul.	27.0	27.0	26.0	30.0	27.0	27.0	29.0	27.0	29.0	31.0	28.0
Ago.	27.0	27.0	31.0	31.0	27.0	27.0	31.0	27.0	27.0	31.0	28.6
Set.	27.0	23.0	29.0	27.3	27.0	27.0	29.0	25.0	25.0	29.0	26.8
Out.	23.0	20.0	23.0	20.8	27.0	21.0	21.0	25.0	21.0	23.0	22.5
Nov.	19.0	14.0	17.0	15.0	17.0	15.0	15.0	17.0	19.0	17.0	16.5
Dez.	14.0	13.0	13.0	14.0	13.0	15.0	13.0	15.0	17.0	17.0	14.4

183 | Temperatura máxima média (°C). Vizela, 2007-2016.

TEMPERATURA MÉDIA (°C)

Vizela, 2007-2016

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Média Mensal Decenal
Jan.	9.5	10.5	7.0	8.0	9.0	9.0	9.0	9.0	7.0	11.0	8.9
Fev.	10.5	13.0	9.0	10.0	9.0	7.0	9.0	9.0	7.0	9.0	9.3
Mar.	11.0	11.0	13.0	10.3	11.0	13.0	11.0	11.0	11.0	11.0	11.3
Abr.	14.5	15.0	10.8	15.0	17.0	11.0	13.0	15.0	15.0	13.0	13.9
Mai.	17.0	15.0	16.3	16.0	19.0	17.0	15.0	17.0	17.0	15.0	16.4
Jun.	19.0	19.0	19.5	19.0	19.0	19.0	19.0	19.0	21.0	19.0	19.3
Jul.	19.0	20.5	19.0	24.0	21.0	19.0	23.0	21.0	21.0	23.0	21.1
Ago.	20.5	20.5	22.3	23.0	21.0	19.0	23.0	19.0	21.0	23.0	21.2
Set.	20.5	18.0	20.5	20.5	21.0	21.0	21.0	19.0	19.0	21.0	20.2
Out.	15.0	14.0	17.8	15.3	19.0	15.0	17.0	17.0	17.0	17.0	16.4
Nov.	11.0	9.0	12.0	11.3	11.0	11.0	11.0	13.0	13.0	11.0	11.3
Dez.	9.0	9.0	9.0	9.0	9.0	11.0	9.0	9.0	11.0	9.0	9.4

184 | Temperatura média (°C). Vizela, 2007-2016.

TEMPERATURA MÍNIMA MÉDIA (°C)

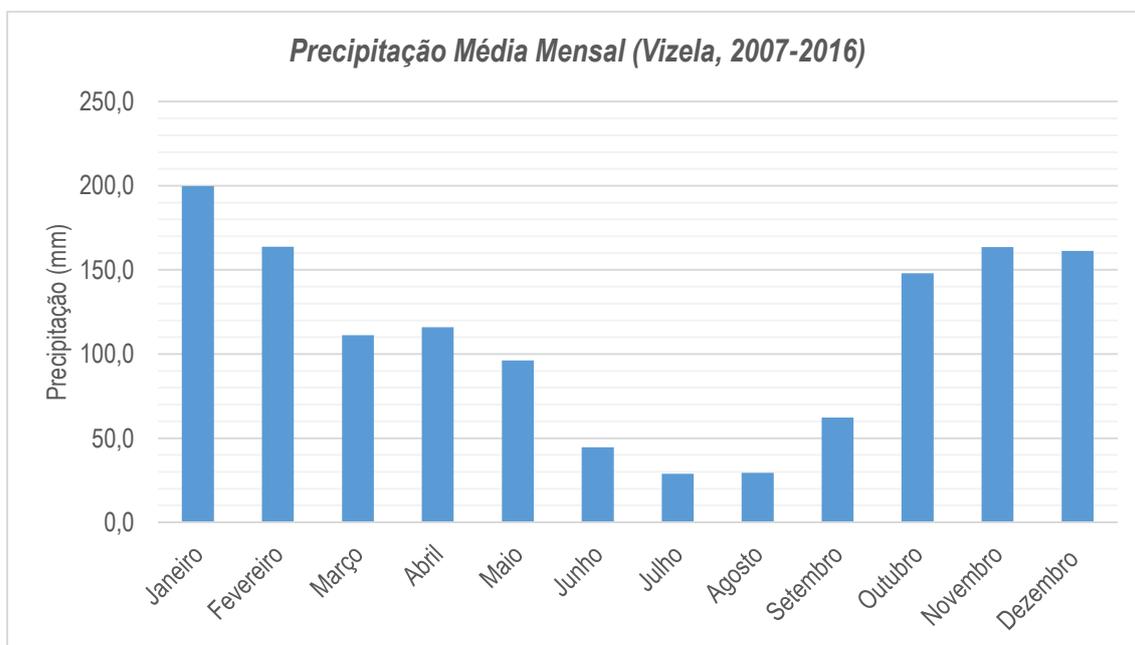
Vizela, 2007-2016

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Média Mensal Decenal
<i>Jan.</i>	5.0	7.0	3.0	3.5	5.0	3.0	5.0	7.0	1.0	7.0	4.7
<i>Fev.</i>	7.0	7.0	2.8	4.0	3.0	1.0	3.0	7.0	3.0	5.0	4.3
<i>Mar.</i>	5.0	7.0	5.0	5.0	7.0	5.0	7.0	7.0	5.0	5.0	5.8
<i>Abr.</i>	7.5	10.0	6.3	10.0	11.0	7.0	7.0	9.0	9.0	7.0	8.4
<i>Mai.</i>	10.5	10.0	9.3	10.0	13.0	11.0	7.0	9.0	11.0	11.0	10.2
<i>Jun.</i>	13.0	13.0	14.5	13.0	13.0	13.0	13.0	13.0	13.0	13.0	13.2
<i>Jul.</i>	13.0	15.0	12.0	17.0	13.0	13.0	15.0	15.0	15.0	15.0	14.3
<i>Ago.</i>	13.5	13.5	14.5	17.0	15.0	13.0	15.0	13.0	15.0	15.0	14.5
<i>Set.</i>	12.0	13.0	12.5	13.3	13.0	15.0	15.0	13.0	11.0	11.0	12.9
<i>Out.</i>	9.0	10.0	11.8	9.8	11.0	9.0	13.0	11.0	11.0	11.0	10.7
<i>Nov.</i>	3.0	4.0	8.3	6.5	7.0	5.0	7.0	9.0	7.0	7.0	6.4
<i>Dez.</i>	5.0	3.0	5.0	5.0	3.0	7.0	5.0	3.0	7.0	3.0	4.6

185 | Temperatura mínima média (°C). Vizela, 2007-2016.

Precipitação Média Mensal

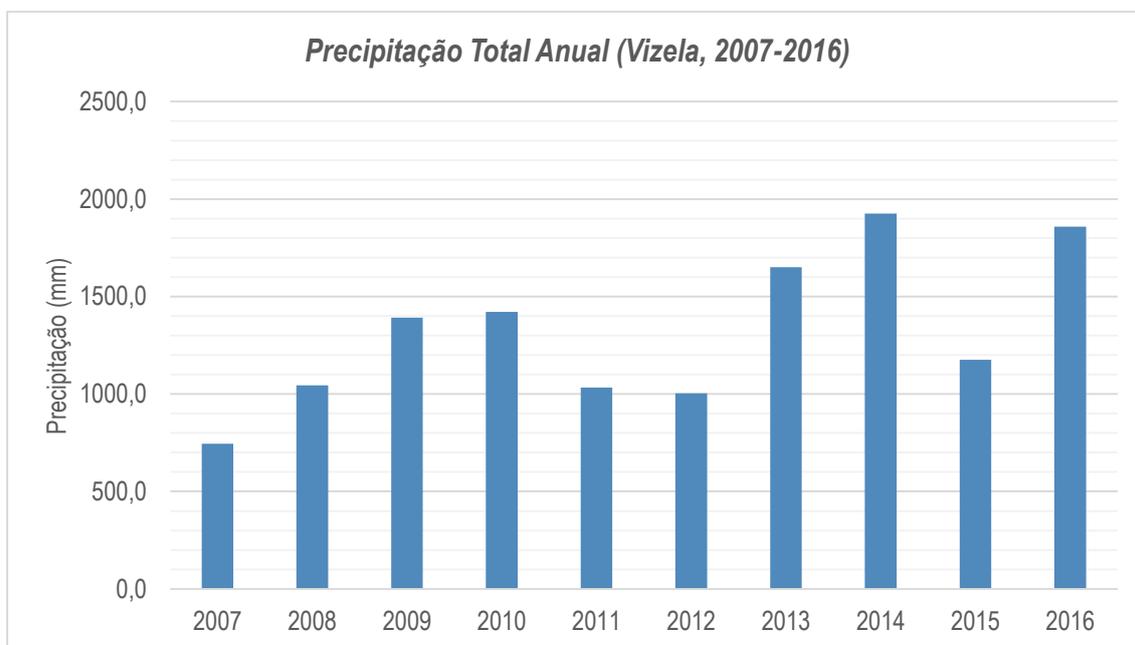
- Meses com maior precipitação média: Janeiro, Fevereiro e Novembro.
- Meses com menor precipitação média: Junho, Julho e Agosto.
- Valor máximo de precipitação média: 199,8mm (Janeiro).
- Valor mínimo de precipitação média: 28,8mm (Julho).



186 | Precipitação média mensal (Vizela, 2007-2016).

Precipitação Total Anual

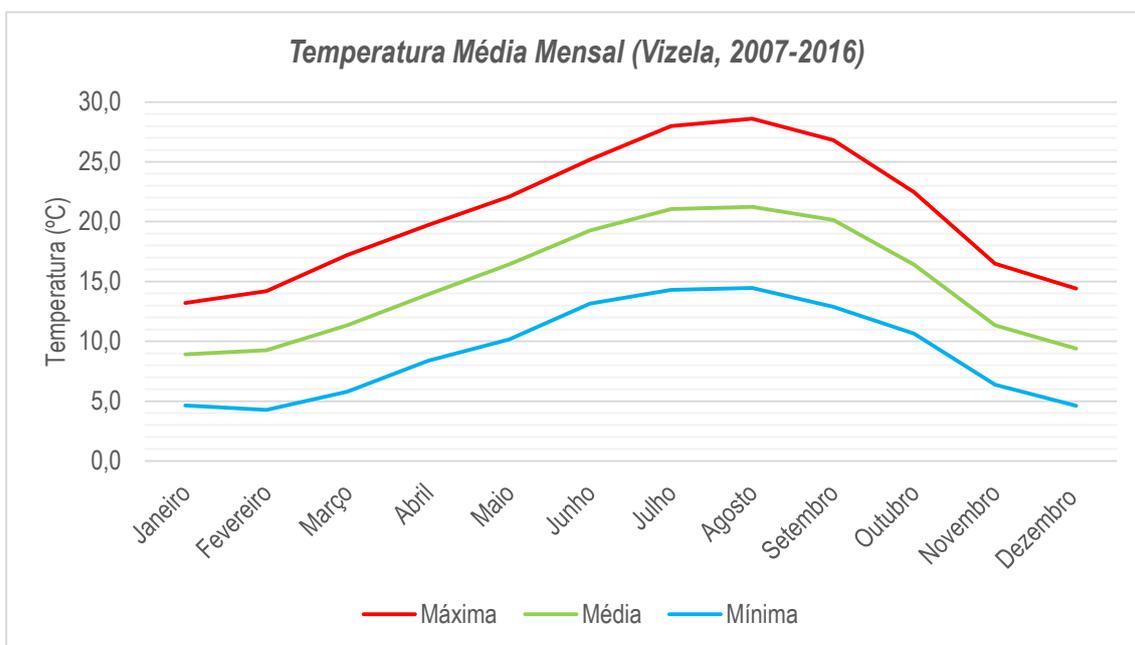
- Anos com maior precipitação total: 2013, 2014 e 2016.
- Anos com menor precipitação total: 2007, 2011 e 2012.
- Valor máximo de precipitação total: 1925mm (2014).
- Valor médio de precipitação total anual: 1325mm.
- Valor mínimo de precipitação total: 745mm (2007).



187 | Precipitação total anual (Vizela, 2007-2016).

Temperatura Média Mensal

- Meses com maior temperatura média: Julho, Agosto e Setembro.
- Meses com menor temperatura média: Janeiro, Fevereiro e Dezembro.
- Valor máximo de temperatura média: 21,2°C (Agosto).
- Valor mínimo de temperatura média: 8,9°C (Janeiro).
- Amplitude térmica anual: 24,3°C.



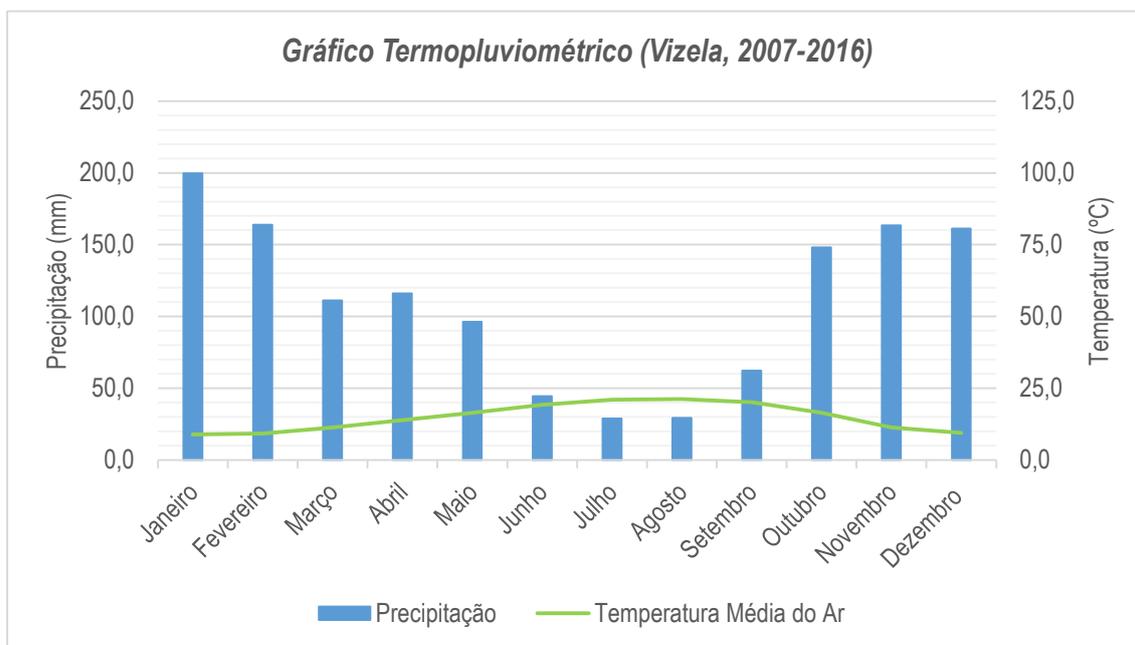
188 | Temperatura média do ar (Vizela, 2007-2016).

6.3.2. Análise Termopluiométrica

No *Gráfico Termopluiométrico*, estão representados os valores de precipitação média mensal e de temperatura média do ar, em Vizela, referentes ao período compreendido entre janeiro de 2007 e dezembro de 2016.

Podendo relacionar estas duas variáveis em simultâneo, apresenta-se uma variação, ao longo do ano, da temperatura e da precipitação. Segundo a OMM – *Organização Meteorológica Mundial*, as análises climáticas devem-se realizar segundo valores médios num espaço de trinta anos, no entanto, neste estudo apenas se considera o período dos últimos dez anos.

Analisando o gráfico, verifica-se que julho e agosto são meses secos, uma vez que as barras de precipitação se encontram abaixo da linha de temperatura; e que todos os outros são meses húmidos, sendo que os de inverno são os mais chuvosos.

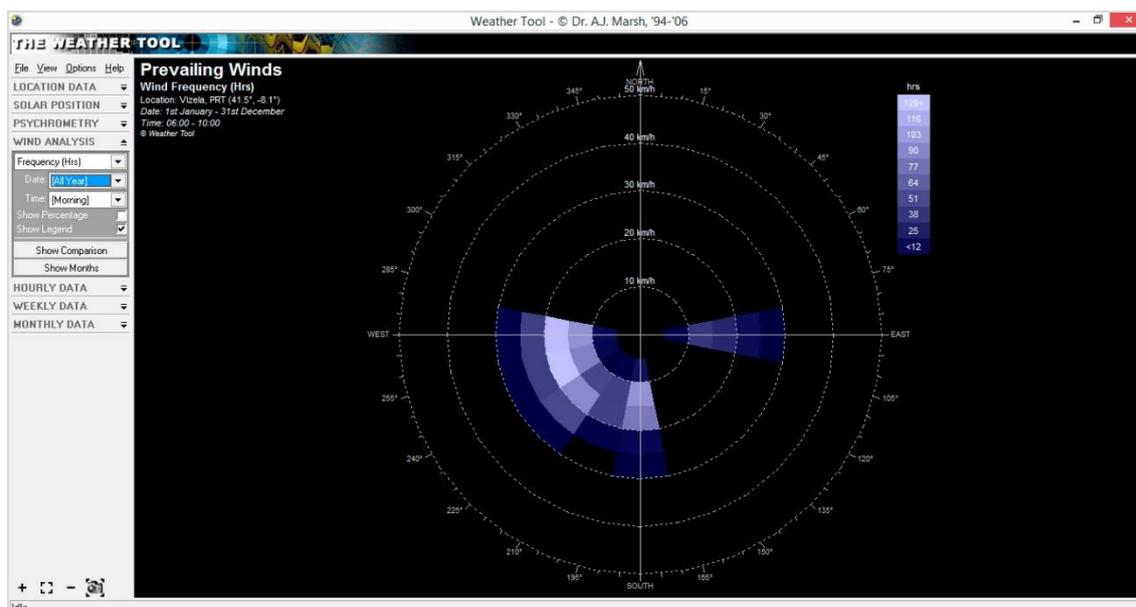


189 | Gráfico termopluiométrico (Vizela, 2007-2016).

6.3.3. Ventos

Relativamente à análise dos ventos, esta tem como principal propósito decifrar a direção, a intensidade, a temperatura média e a humidade média relativa destes, ao longo do ano. Para isso, recorre-se aos dados climáticos do concelho de Vizela, disponíveis em ficheiro de formato EPW (*EnergyPlus Weather*) e, explorando o programa *Weather Tool*, realiza-se uma simulação dinâmica destas variáveis.

Apesar do ficheiro conter uma vastíssima informação climática, simplifica-se este processo, analisando cada estação do ano, individualmente, nos três principais momentos do dia: manhã, tarde e noite.

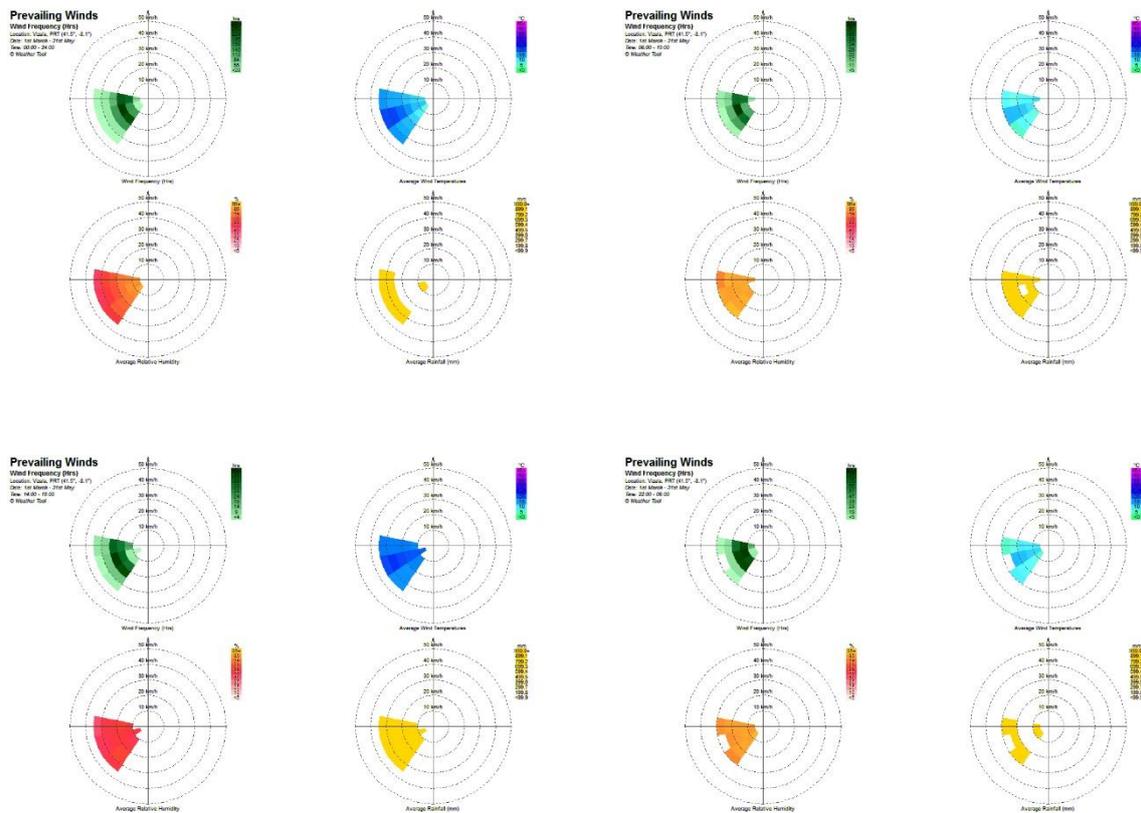


190 | *Weather Tool* > Wind Analysis.

Intensidade, Temperatura Média e Humidade Média Relativa | Primavera

Na Primavera, durante o dia, predominam ventos de Oeste e Sudoeste com uma intensidade de 10km/h a 35km/h, uma temperatura média compreendida entre 15°C e 25°C e uma humidade média relativa que oscila entre 45% e 55%.

Durante a noite e estendendo-se até de manhã, predominam ventos de igual direção. Estes têm uma intensidade de 10km/h a 30km/h, uma temperatura média compreendida entre 5°C e 15°C e uma humidade média relativa que oscila entre 75% e 95%.

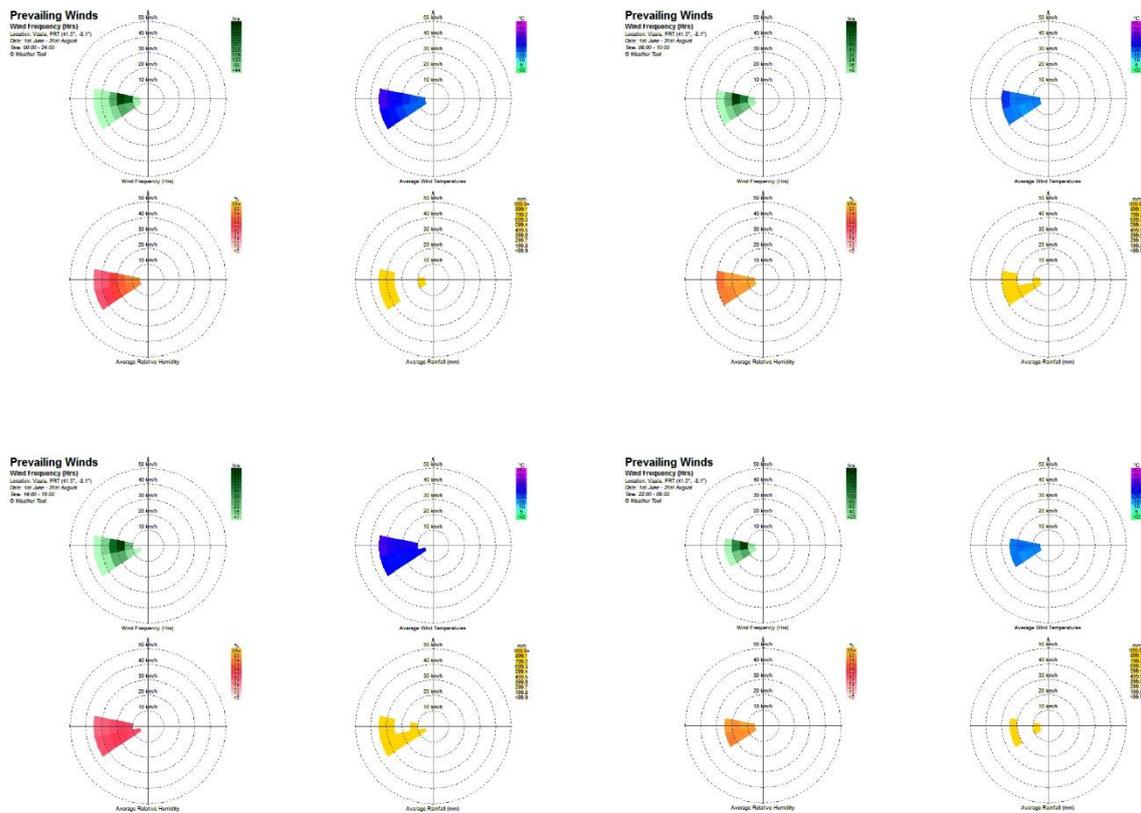


191 | Ventos. Primavera: todo o dia, manhã, tarde e noite.

Intensidade, Temperatura Média e Humidade Média Relativa | Verão

No Verão, durante o dia, predominam ventos de Oeste e Oés-sudoeste com uma intensidade de 10km/h a 35km/h, uma temperatura média compreendida entre 25°C e 30°C e uma humidade média relativa que oscila entre 45% e 55%.

Durante a noite e estendendo-se até de manhã, predominam ventos de igual direção. Estes têm uma intensidade de 10km/h a 30km/h, uma temperatura média compreendida entre 15°C e 30°C e uma humidade média relativa que oscila entre 75% e 95%.

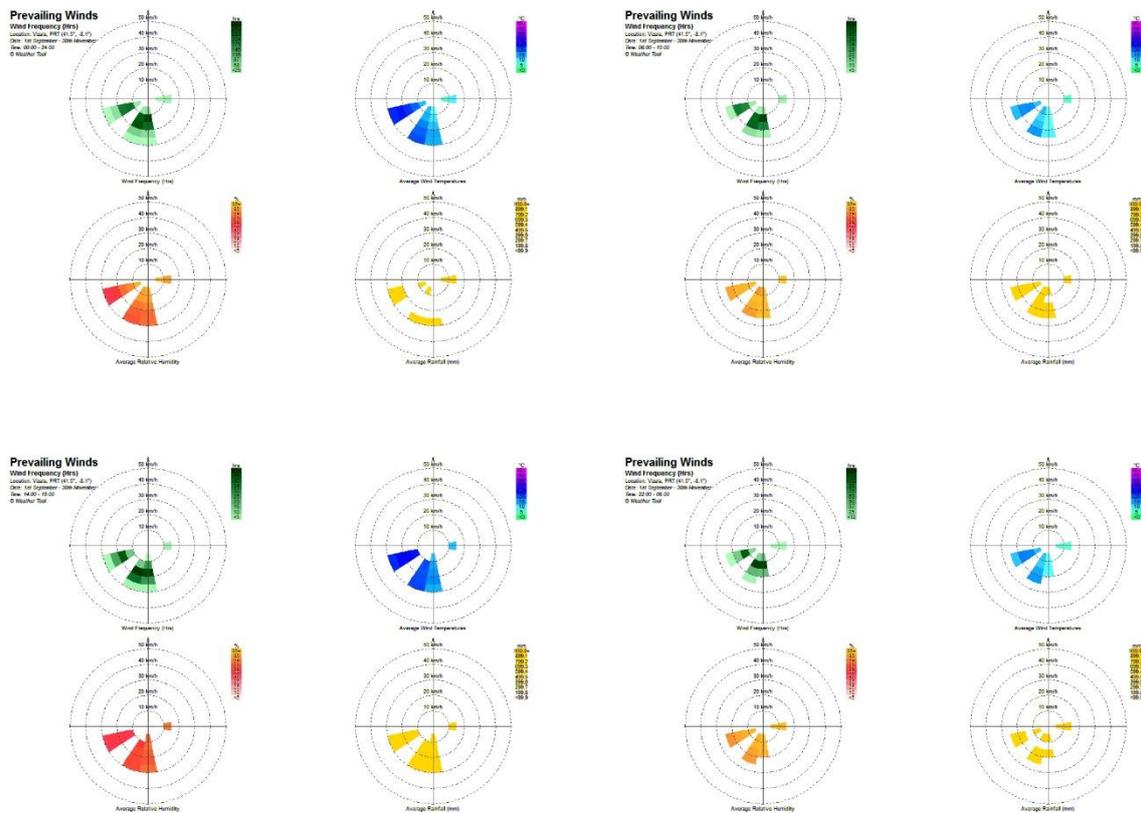


192 | Ventos. Verão: todo o dia, manhã, tarde e noite.

Intensidade, Temperatura Média e Humidade Média Relativa | Outono

No Outono, durante o dia, predominam ventos de Oés-sudoeste, Su-sudoeste e Sul com uma intensidade de 10km/h a 30km/h, uma temperatura média compreendida entre 10°C e 25°C e uma humidade média relativa que oscila entre 55% e 75%.

Durante a noite e estendendo-se até de manhã, predominam ventos de igual direção. Estes têm uma intensidade de 10km/h a 25km/h, uma temperatura média compreendida entre 5°C e 15°C e uma humidade média relativa que oscila entre 85% e 95%.

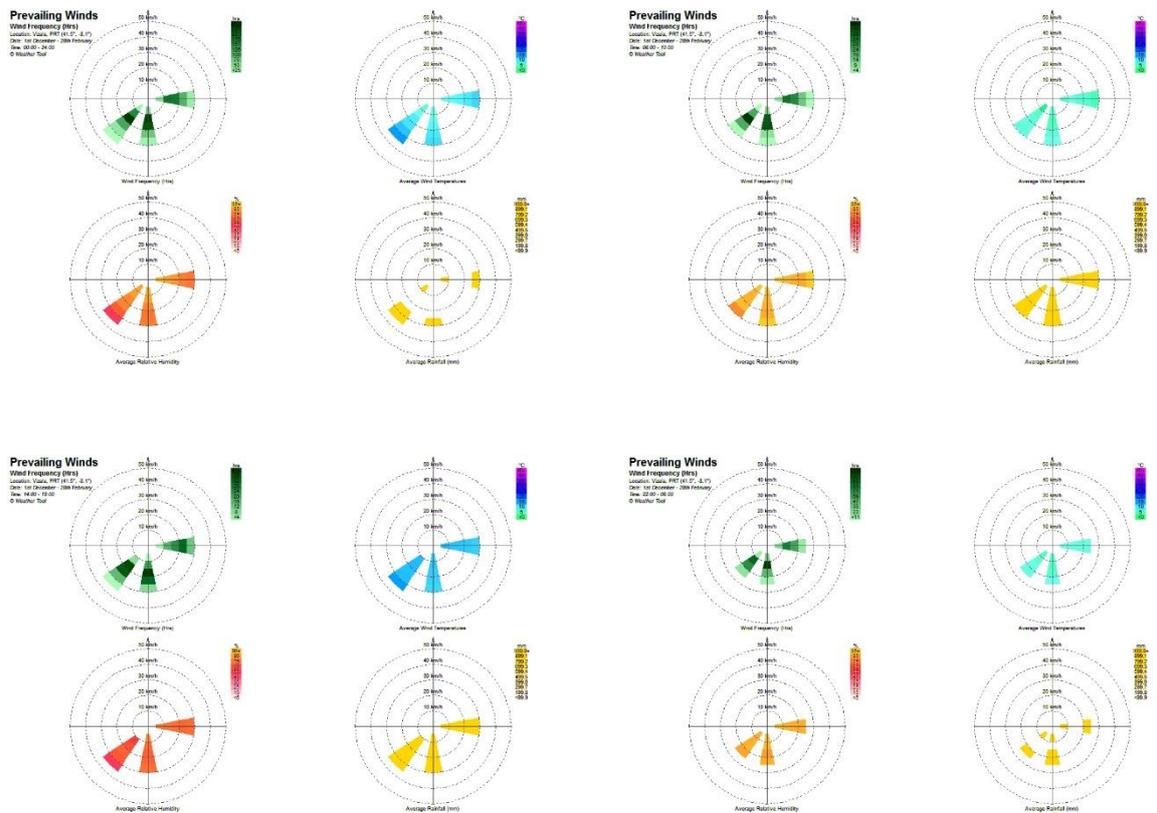


193 | Ventos. Outono: todo o dia, manhã, tarde e noite.

Intensidade, Temperatura Média e Humidade Média Relativa | Inverno

No Inverno, durante o dia, predominam ventos de Sudoeste, Sul e Este com uma intensidade de 10km/h a 35km/h, uma temperatura média compreendida entre 10°C e 15°C e uma humidade média relativa que oscila entre 55% e 85%.

Durante a noite e estendendo-se até de manhã, predominam ventos de igual direção. Estes têm uma intensidade de 10km/h a 30km/h, uma temperatura média compreendida entre 0°C e 5°C e uma humidade média relativa que oscila entre 85% e 95%.

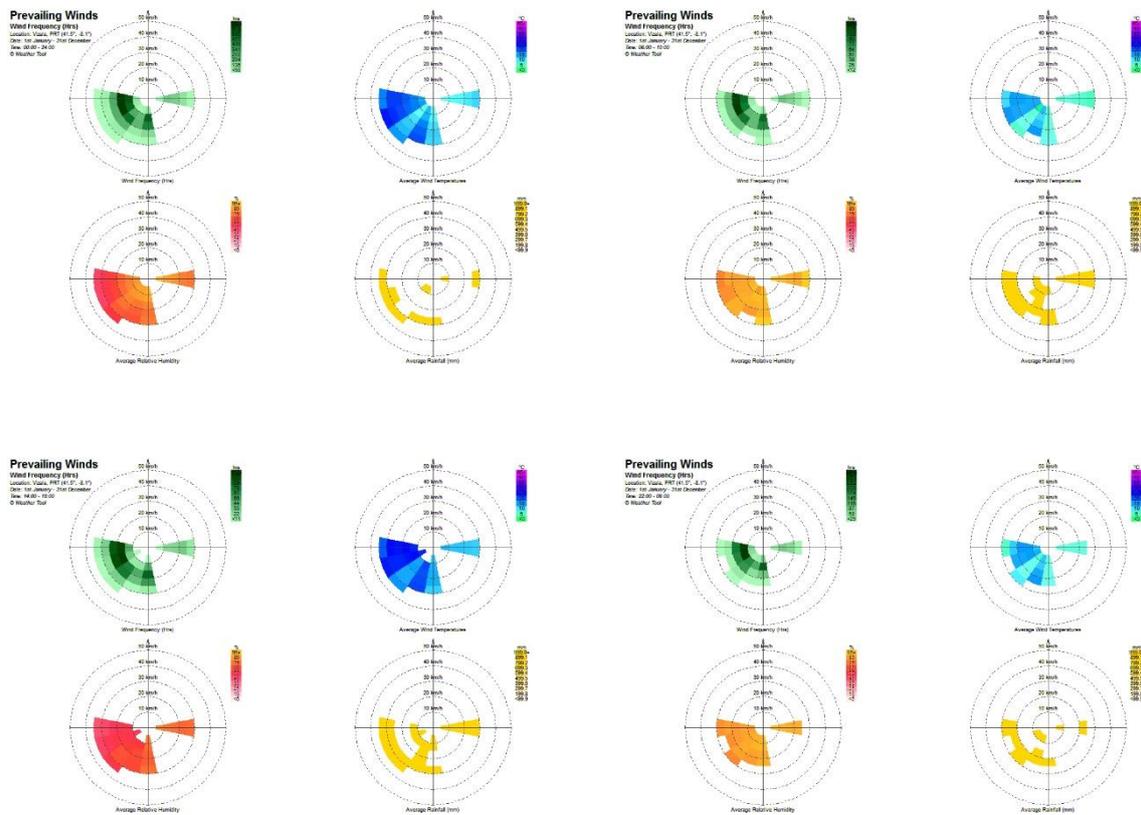


194 | Ventos. Inverno: todo o dia, manhã, tarde e noite.

Intensidade, Temperatura Média e Humidade Média Relativa | Anual

De modo geral, durante o dia, predominam ventos de Oeste, Sudoeste, Sul e Este com uma intensidade de 10km/h a 35km/h, uma temperatura média compreendida entre 5°C e 30°C e uma humidade média relativa que oscila entre 55% e 75%.

Durante a noite e estendendo-se até de manhã, predominam ventos de igual direção. Estes têm uma intensidade de 10km/h a 30km/h, uma temperatura média compreendida entre 5°C e 15°C e uma humidade média relativa que oscila entre 75% e 95%.

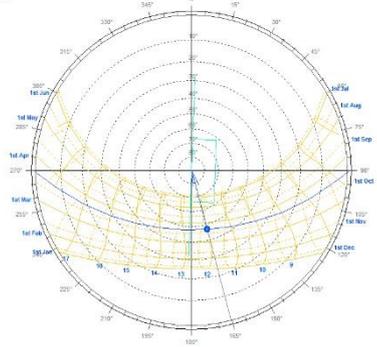


195 | Ventos. Anual: todo o dia, manhã, tarde e noite.

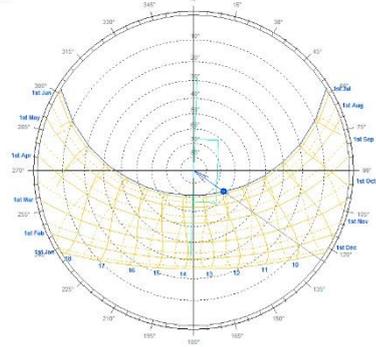
6.3.4. Exposição Solar

Diagramas Estereográficos

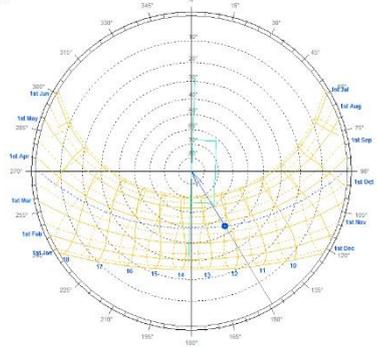
Stereographic Diagram
Location: Vicuña, 35°
Sun Position: 185.2°, 47.3°
AZA: 73.3°, YGA: 75.1°
© Weather Tool



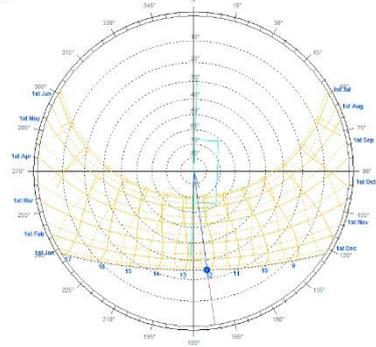
Stereographic Diagram
Location: Vicuña, 35°
Sun Position: 158.3°, 63.3°
AZA: 33.3°, YGA: 67.2°
© Weather Tool



Stereographic Diagram
Location: Vicuña, 35°
Sun Position: 148.0°, 45.1°
AZA: 81.0°, YGA: 61.4°
© Weather Tool

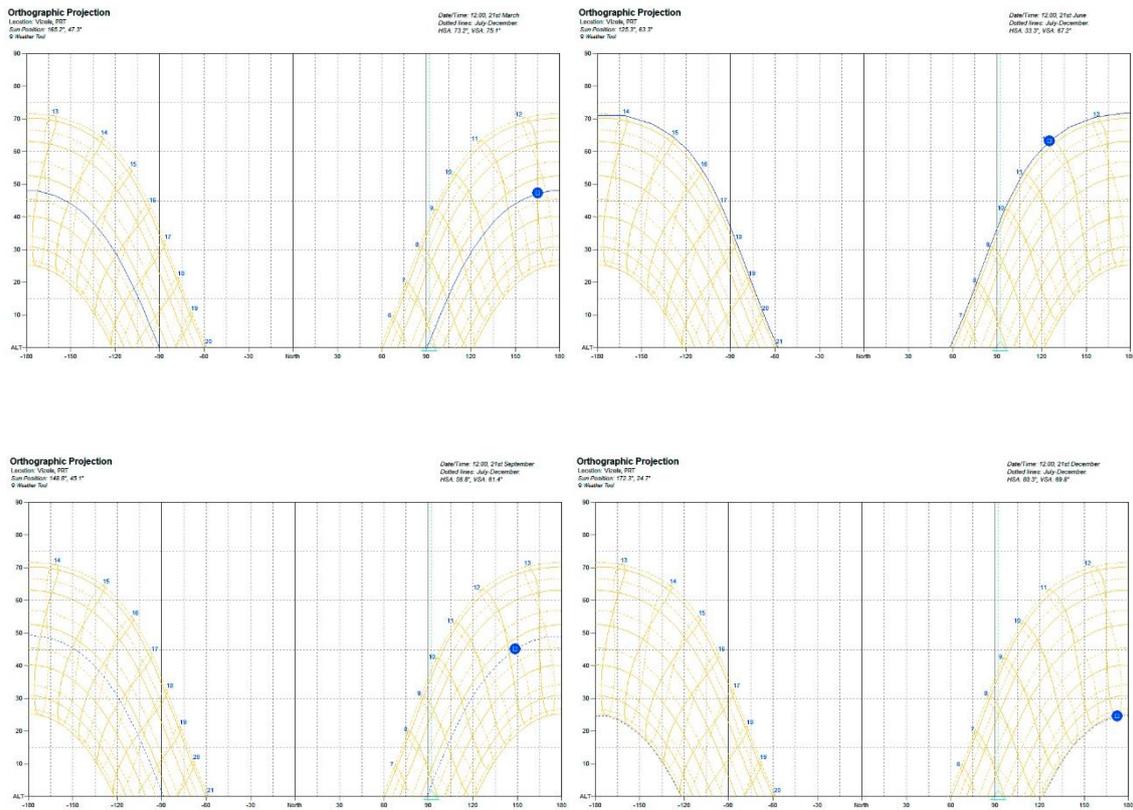


Stereographic Diagram
Location: Vicuña, 35°
Sun Position: 173.3°, 24.7°
AZA: 30.3°, YGA: 69.8°
© Weather Tool



196 | Diagramas estereográficos: primavera, verão, outono e inverno às 12h (teve-se em consideração a mudança de hora).

Projeção Ortográfica

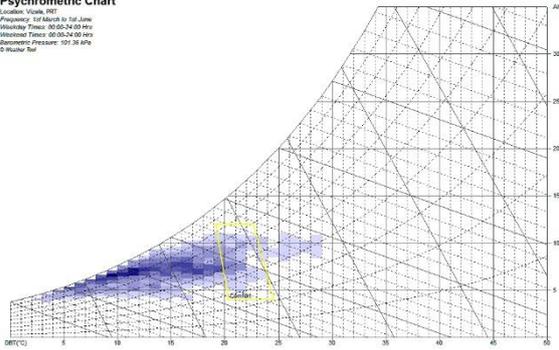


197 | Projeções ortográficas: primavera, verão, outono e inverno às 12h (teve-se em consideração a mudança de hora).

6.3.5. Psicrometria

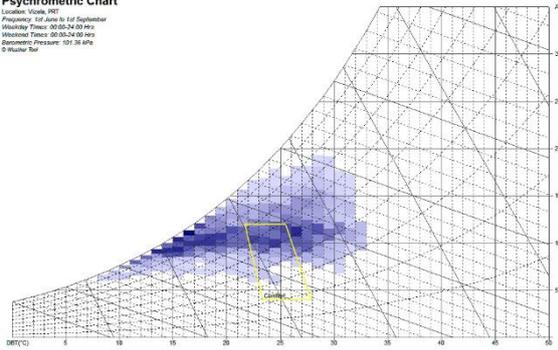
Psychrometric Chart

Location: Vizela, PRT
 Frequency: 1st March to 1st June
 Weekday Times: 00:00-24:00 hrs
 Weekend Times: 00:00-24:00 hrs
 Barometric Pressure: 101.36 kPa
 © Weather Tool



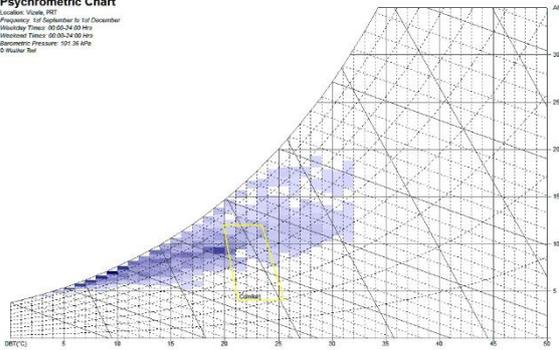
Psychrometric Chart

Location: Vizela, PRT
 Frequency: 1st June to 1st September
 Weekday Times: 00:00-24:00 hrs
 Weekend Times: 00:00-24:00 hrs
 Barometric Pressure: 101.36 kPa
 © Weather Tool



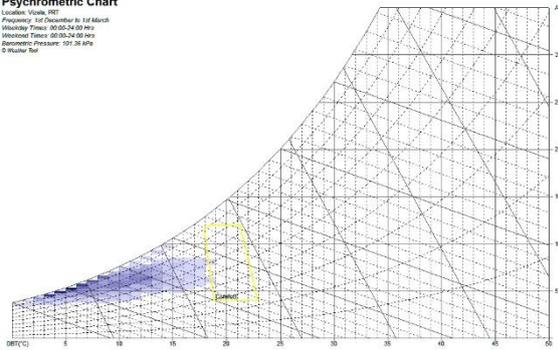
Psychrometric Chart

Location: Vizela, PRT
 Frequency: 1st September to 1st December
 Weekday Times: 00:00-24:00 hrs
 Weekend Times: 00:00-24:00 hrs
 Barometric Pressure: 101.36 kPa
 © Weather Tool



Psychrometric Chart

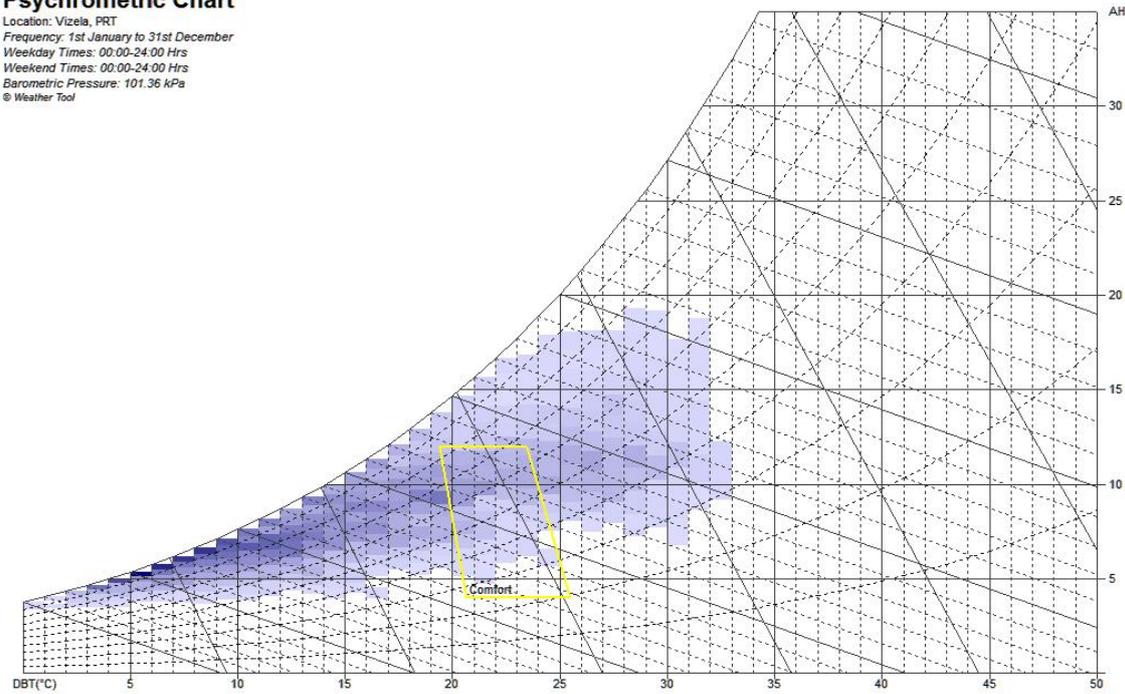
Location: Vizela, PRT
 Frequency: 1st December to 1st March
 Weekday Times: 00:00-24:00 hrs
 Weekend Times: 00:00-24:00 hrs
 Barometric Pressure: 101.36 kPa
 © Weather Tool



198 | Análise psicrométrica: primavera, verão, outono e inverno.

Psychrometric Chart

Location: Vizela, PRT
 Frequency: 1st January to 31st December
 Weekday Times: 00:00-24:00 Hrs
 Weekend Times: 00:00-24:00 Hrs
 Barometric Pressure: 101.36 kPa
 © Weather Tool



199 | Análise psicrométrica: todo o ano.

“doaçam facta ao jffante dom Joham de porto de moos e doutros lugares aqui contheudos

[E]m Nome de deus amen.,

dom pedro pella graça de deus Rey de portugal e do algarue. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos a rrequirimento do jffante nosso filho primeiro e herdeiro veendo e consirando como o jffante dom joham nosso filho he tal de que a nos e ao dicto jffante dom fernando pode sempre recrecer serviço e aa nossa terra defendimento e enparamento quando comprir E por outras mujtas razões boas e aguisadas que nos a esto moerom pera esse jffante dom joham e seus sucessores poderem manter seu estado e honrra segundo lhe compre E fazer a nos e a nossos sucessores serujço e aa terra defendimento e em paramento segundo dicto he

Porem de consentimento e outorgamento desse jffante dom fernando nosso filho E outrossy de consentimento e outorgamento da nossa corte e de nossa certa sciencia damos e doamos e outorgamos per titullo de doaçam antre os ujuos ao jffante dom joham sobredicto e a todos seus sucesores de linha lidima per nacença descendentes a villa de porto de moos e a ujlla e terra e julgado de sea e as terras e julgados d alafoões de gulfar e de çaatam de penalua e redemuynhos de beesteiros de seuer de fonte arcada de bemviver de moymenta de hermamar de panha de Riba de ujzella e de figueyredo e d aguiar da beira e da adaganha e os prestemos de cequeijs de uulueira do conde e de ulueyra de barro que os aia e tenha e posuya em todo tempo de sas vidas com todos seus termos e aldeas e terras rotas e por romper senhorios Jurdições assy ciuees como crimjnãaes djreitos reãaes rendas e todollos outros seus djreitos e perteenças quaãsquers que a nos nas dictas villas terra e lugares perteece e perteencer pode em qualquer guisa E destinto o linhagem da linha lidima per nacença do dicto jffante dom joham fiquem as dictas villas terras e lugares com todos seus direitos e perteenças per essa mesma de que o dicto jffante dom joham sobredicto dellas fazemos doaçam ao jffante dom denjs seu jrmaão nosso filho se ujuo for E se ujuo nom for fiquem aos herdeiros descentes de linha lidima per nacença mais chegados do dicto jffante dom denjs fiquem per essa meesma guisa e condiçom aa Jffante dona briatiz sua Jrmaa outrossy nossa filha se ujua for E se ujua non for fiquem aos hereeos mais chegados de linha lidima descendente dessa jffante dona briatiz E uaa per essas linhas descendentes de graão emquanto os hi ouuer E destintos esses linhageens descendentes per nacença lidima dos dictos jffantes e de cada huu deles entom as dictas villas terra e lugares com seus termos e aldeas e jurdições e senhorio real e todos seus djreitos e perteenças deuem ficar logo liures e jseentas sem referta e contenda nehua com todas suas bemfactorias aa coroa do regno Assy que esta doaçam e herança em parte nem em todo em nehuu tempo nom passe a outros herdeiros nem pessoas estranhas fora da linha lidima per nacença descendente do dicto jffante dom joham

E outrossy dos dictos jffantes dom denjs e dona beatriz per doaçam uenda nem escambo nem per outro enlheamento nem outro titullo que seia Reseruando pera nos tam somente e pera nossos sucessores as dictas villas terras e lugares e julgados as apellações dos factos crimjnãaes E quanto he nos factos ciuees ou criminãaes ciuelmente ententados as apelações das dictas villas terras e lugares venham perante os oujdores dos dictos jffantes e de seus sucesores segundo suso he diujado que leuem per graaos soceder e hi se determjnem sem outra apellaçom e agrauo nem alçada pera nos nem pera outro nehuu E outrossy Reseruando pera nos e nossos sucessores nas dictas villas terras e lugares e cada hua della toda correição mayor de justiça e toda outra justiça mero e mjsto jimperio e senhorio real fiquem com o dicto jffante dom joham e com todos seus sucesores

E outrossy com os dictos dom denjs e dona beatriz e com todos seus sucesores de linha lidima descendentes per nacença lidima segundo dicto he E se alguas clausullas em esta doaçam fallecem assy de facto como de djreito de huso ou de custume ou per outra/ qualquer razam que se em ella fossem nomeadas e expresas essa doaçam mais firme seria nos de nosso poder absoluto e de certa sciencia as auemos em ella por expresas e nomeadas

E outrossy se alguu djreito huso costuma façanha ou razam qualquer possam seer achadas ou clausullas postas em esta doaçam per que em parte ou em todo poderia seer quebrada ou redargujda de nom ualiosa tolhemos las e remouemo llas ende de nossa certa sciencia e de nosso comprido poder absoluto

E em testimonho desto mandamos ende seer facta esta carta e seellar do nosso seello do chumbo dante em eluas hu entom fazíamos cortes xxiiij dias de mayo el rrey o mandou gonçalo periz a fez era de mjl iij IRiij anos.,,

E eu o jffante dom fernando sobredicto filho primeiro e ferdeyro do dicto Rey dom pedro vista e esguardada esta doaçam suso dicta facta per o dicto meu padre ao dicto jffante dom joham e a seus sucesores E conhecendo por uerdade que foy eso per o dicto meu padre auendo por uerdadeyras e aguisadas e lidimas as razões em ella comtheudas e as outras per que se o dicto meu padre com razom e aguisado e por serujço seu e meu e prol e defendimento do regno moueo a fazer esta doaçam. Porem de mjnha certa sciencia e liure vontade sem prema nehua e emquanto ora a mjm perteence e perteencer pode ao diante em qualquer guisa outorgo e ey por firme e stauel a dicta doaçam asy e pella guisa que per o dicto meu padre he facta

E em testimonho desto mandey poer aquj meu sello pendente e sobscrepuj aquj per mjnha mão

*O Jffante*²⁴⁹

²⁴⁹ PINTO, R. – *Vizela: 600 anos de História...*, 1998, p. 57-58.

6.5. Vestígios do Funcionamento do *Externato de Vizela* no *Castelo da Ponte*

Plano Claro
Informação Online

Externato de Vizela

Firma: Padre Manuel Oliveira

Operário ou Empregado Padre Manuel Oliveira

Beneficiário N.º _____ da Caixa de Previdência

Semana - { finda (o) em 31, 5, 69

Mês _____

Trabalho normal	dias a	\$	\$
Trabalho Suplementar	Base 50% ₀	horas a	\$
	» 100% ₀	horas a	\$
Aumento		\$	\$

Total líquido \$

Total descontos \$

Líquido a receber 7,46 \$

DESCONTOS:

Caixa Previdência	\$
F. N. A. F.	\$
F. Desemp. { Normal	\$
{ Extra	\$
Sindicato	\$
Costo Profissional	\$

1\$00 PORTUGAL UM ESCUDO

0\$40 PORTUGAL QUARENTA CENTAVOS

Relativamente fácil
peso a seu favor
Número de folheto
um conjunto
na a inven
simbol

1974-1975

201 | Vestígios do funcionamento do *Externato de Vizela* no *Castelo da Ponte*. Fotografia. Maio, 2012 (?).

6.6. “De Paços do Concelho a Castelo Cultural”

As memórias do Castelo da Ponte

De Paços do Concelho a Castelo Cultural

Em breve, o emblemático edifício do Castelo será alvo de uma intervenção de futuro, por parte da Câmara Municipal de Vizela, que pretende lograr aquele espaço culturalmente. Enquanto isso não acontece, o actual aspecto reporta algumas recordações de outrora. Memórias vividas e jamais esquecidas por quem por lá passou.

O imóvel é ainda hoje um símbolo da luta dos vizelenses pela criação do concelho e irá acolher uma biblioteca, um auditório e sala de exposição permanente. O Castelo de Vizela já possui um projecto de reconstrução (foto ao lado), para se tornar, ainda mais, num ícone na cidade e que será apresentado pela autarquia ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN).

Muito se falou acerca da utilidade dada pelo Município ao denominado “Castelo da Ponte”, um lugar repleto de memórias, que nunca serão apagadas das vidas de quem frequentou o espaço num passado não muito longínquo.

A origem do edifício remonta ao século XIX, nos meandros de 1905. Na altura, o proprietário, Armindo Faria alimentava um sonho, compartilhado por muitos. Queria ver Vizela elevada a concelho. Para tornar este sonho uma realidade, achava que se a terra de águas termais tivesse um edifício traçado para Paços do Concelho, tudo seria mais fácil. Depois de sondar políticos nesse propósito, viu a proposta recusada, por falta de disponibilidade financeira dos



mesmos. Esgotadas as hipóteses, Armindo Faria aplicou o seu pecúlio e ergueu um edifício arrojado de estilo neogótico. Vizela, porém, não atingiu a autonomia e a ideia de Paços do Concelho ficou por terra. Ficaria apelidado, como ainda hoje é conhecido, o “Castelo de Vizela”.

Num período de guerras e revoluções o Castelo chegou a ser um espaço cultural, onde eram organizados saraus. Mais tarde, e já recordado por muitos vizelenses, funcionou naquele espaço o Externato. O RVJornal esteve à conversa com ex-alunos, ex-professores e moradores, embora alguns quisessem manter o anonimato.

Manuela Martins, frequentou, na altura, aquele estabelecimento de ensino. Recordando algumas passagens, afirmou que “foram tempos muito giros, agora recordados à distância, porque, na altura, havia um bocadinho de terror à mis-

tura”.

Este “terror a que se refere”, e também mencionado por outros ex-alunos, diz respeito ao regime de ensino de antigamente. Foi com nostalgia que Manuela Martins recordou os directores e, particularmente, a professora Engrácia: “Por vezes, ajudava os alunos a escapar de algumas palmatórias”. “Lembro o professor Arménio, que era um excelente matemático, mas que criava, por vezes conflitos nas aulas. Não gostávamos de matemática”, continuou a ex-aluna. “Também me lembro do professor Amílcar que leccionava História, Português e Geografia”, recordou ainda.

Tempos rigorosos e exigentes, mas recordados com grato pela professora Conceição Lima: “Foi gratificante”. A professora rememorou, com emoção, os seus primeiros passos como docente quando tinha apenas 19 anos de idade. Lembrou a família detentora do edifício do Castelo e a rigidez aliada à era. “Aquele espécie de caramanchão que era um sítio quase edilício”, referiu ao RVJornal. Mas foi no Castelo que adquiriu a experiência pessoal. Foi onde confirmou a sua vocação para o ensino. Conceição Lima não se consegue alhear da rigidez da casa, uma rigidez disciplinar “quer em termos de aproveitamento, quer em termos de comportamento”.

Este Externato do Castelo, albergava alunos oriundos da região Norte do país. Possuía, de acordo com alguns testemunhos ouvidos pelo RVJornal, alguns estudantes em regime de internato. As aventuras na sala de admissão, no ginásio, na sala de estudo, no recreio, onde existia a separação dos rapazes e das raparigas, a escadaria, são recordações que transparecem agora alguma nostalgia e, ao mesmo, pouco saudosismo.

O Castelo, depois do 25 de Abril de 1974, caiu no abandono, permanecendo até aos dias de hoje negligenciado, à espera de uma utilidade digna e proveitosa para a história do concelho de Vizela.

O futuro do Castelo

“Transformar o Castelo num elemento de referência, marcante e simbólico da cidade, isto é, um ex-libris”. Esta é a pretensão de Dinis Costa, presidente do Município de Vizela. Segundo o edil vizelense, o edifício será reconstruído para albergar uma biblioteca, um auditório, com 450 lugares sentados, e uma sala de exposições permanente. A biblioteca, com cerca de 2000 m², está orçamentada em cerca de 2 milhões de euros, estando, neste momento, aprovado o estudo prévio de arquitectura pela Direcção Geral de

Livros e Bibliotecas. Segundo o autarca, o objectivo principal “é manter a primazia do edifício existente, não o colocando em segundo plano”. Este projecto, que irá dar uma nova imagem ao então conhecido Castelo da Ponte, visa permitir e facilitar o acesso de produtos e serviços de informação, encontros, exposições, secções musicais, teatros, danças, feiras, congressos e formações. Sobre uma eventual homenagem a Armindo Faria, edificador do Castelo, que tinha uma rua em seu nome nas imediações do edifício, o edil remeteu o caso para o futuro.

João Ferreira



Gruta do Castelo será destruída

O espaço junto ao Castelo deixará de existir e dará lugar a uma rua de acesso ao interior do edifício. A arquitecta, Ana Cruz, da Câmara Municipal de Vizela, embora ressalve a simbologia do local, referiu que “é uma fonte artificial de betão e argamassa”, estando escondido no meio de silvas. A responsável garantiu ao RVJornal que “seria muito complicado restaurar”.

Sobre o desaparecimento futuro do local, a ex-aluna do Externato, Manuela Martins, lamentou. “Foram muitos momentos que se lá passaram e é uma pena ser destruída. Mas o progresso tem destas coisas. É pena que esse recanto deixe de existir” rematou.



Antigos alunos do Externato que funcionava no Castelo da Ponte



Equipa de futebol formada por estudantes deste Externato

6.7. “Ficha de Avaliação do Nível de Conservação de Edifícios”

6.7.1. Considerações gerais

- “A ficha de avaliação está organizada nas seguintes partes: Cabeçalho, A. Identificação, B. Caracterização, C. Anomalias de elementos funcionais, D. Determinação do índice de anomalias, E. Descrição dos sintomas que motivas a atribuição de níveis de anomalias “graves” e/u “muito graves”, F. Avaliação, G. Observações, H. Técnico, e I. Coeficiente de conservação (preenchimento pela CAM)”²⁵⁰.
- “Na secção A devem ser inscritos os dados relativos à identificação do locado [...]”²⁵¹.
- “Na secção B devem ser inscritos os dados relativos à caracterização do locado e do edifício. Estes dados não influenciam o resultado final da avaliação do estado de conservação do locado, mas permitem aos membros da CAM conhecer as principais características do imóvel em avaliação [...]”²⁵².
- “A secção C é composta por uma lista de elementos funcionais em que cada item está associado a uma escala de níveis de anomalia e a uma ponderação, com as quais se determina uma pontuação [...]”²⁵³.

“As ponderações definem a importância relativa de cada elemento funcional no cálculo do índice de anomalias. [...]: elementos funcionais muito importantes – ponderação 5 ou 6; elementos funcionais importantes – ponderação 3 ou 4; elementos funcionais pouco importantes – ponderação 1 ou 2”²⁵⁴. D
- “Na secção D devem ser calculados os seguintes valores: Total das pontuações – somatório das pontuações obtidas por todos os elementos funcionais aplicáveis, inscritas na coluna “pontuação”; Total das ponderações atribuídas a elementos funcionais aplicáveis – somatório das ponderações associadas a elementos funcionais cuja resposta foi diferente de “Não se aplica”; Índice de anomalias – o quociente entre o total de pontos

²⁵⁰ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 41.

²⁵¹ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 41.

²⁵² PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 41-42.

²⁵³ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 44.

²⁵⁴ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 200.

e o total de ponderações atribuídas a elementos funcionais aplicáveis, o valor obtido deve ser aproximado com duas casas decimais”²⁵⁵.

- “Na secção E devem ser explicados os motivos que justificaram a atribuição de níveis de anomalias “graves” ou “muito graves” a elementos funcionais [...]”²⁵⁶.
- “Na secção F deve ser realizada a síntese da avaliação, designadamente: aplicar a fórmula de cálculo [...] ao índice de anomalias, determinado na secção D [...]”²⁵⁷.

Nível de anomalia	Muito ligeiras	Ligeiras	Médias	Graves	Muito graves
Índice de anomalias	$5,00 \geq IA \geq 4,50$	$4,50 > IA \geq 3,50$	$3,50 > IA \geq 2,50$	$2,50 > IA \geq 1,50$	$1,50 > IA \geq 1,00$
Estado de conservação	Excelente	Bom	Médio	Mau	Péssimo
Nível de conservação	5	4	3	2	1

203 | Fórmula de cálculo. Determinação do estado de conservação do locado. (PORTUGAL, 2007).

- “Na secção G o técnico deve registar, caso se verificarem: os elementos funcionais cujo nível de anomalia indicado resultou de uma avaliação com base em indícios por não ser possível uma inspeção visual directa; os elementos funcionais que não pôde avaliar por não lhe ter sido facultado o acesso ao locado, ou a uma parte dele, descrevendo o motivo do impedimento; [...] outros comentários decorrentes da vistoria e da avaliação”²⁵⁸.
- “Para concluir, na secção H deve ser inscrito o nome do técnico em letras de imprensa e indicada a data em que foi realizada a vistoria”²⁵⁹.
- “A secção I é para preenchimento pela CAM. Nesta secção deve ser indicado o Coeficiente de Conservação do locado e a data de emissão”²⁶⁰.

²⁵⁵ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 45.

²⁵⁶ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 45.

²⁵⁷ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 45.

²⁵⁸ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 46.

²⁵⁹ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 46.

²⁶⁰ PORTUGAL, M. – NRAU: Método de Avaliação do Estado de Conservação de Imóveis..., 2007, p. 46.

6.7.2. Simulação do Preenchimento



NRAU – NOVO REGIME DE ARRENDAMENTO URBANO
Ficha de avaliação do nível de conservação de edifícios
 (Portaria n.º 1192-B/2006, de 3 de Novembro)

Por preencher | Por preencher
 código do técnico | número da ficha

A. IDENTIFICAÇÃO

Rua/Av./Pc.: Rua Dr. Armindo Freitas Ribeiro Faria
 Número: Andar: Localidade: Caldas de Vizela Código postal: 4815 - 428 São João
 Distrito: Braga Concelho: Vizela Freguesia: São João
 Artigo matricial: Por preencher Fracção: Por preencher Código SIG (facultativo): Por preencher

B. CARACTERIZAÇÃO

N.º de pisos do edifício | 0 | 4 |
 N.º de unidades do edifício | 0 | 5 |
 Época de construção | 1904 a 1935 |
 Tipologia estrutural | Alvenaria e Madeira |
 N.º de divisões da unidade | 4 | 8 |
 Uso da unidade | Serviços |

C. ANOMALIAS DE ELEMENTOS FUNCIONAIS

	Anomalias					Não se aplica	Ponderação	Pontuação
	Muito ligeiras (5)	Ligeiras (4)	Médias (3)	Graves (2)	Muito graves (1)			
Edifício								
1. Estrutura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 6 =	6
2. Cobertura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 5 =	5
3. Elementos salientes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
Outras partes comuns								
4. Paredes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
5. Revestimentos de pavimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	2
6. Tectos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	2
7. Escadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
8. Caixilharia e portas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	2
9. Dispositivos de protecção contra queda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	9
10. Instalação de distribuição de água	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 1 =	1
11. Instalação de drenagem de águas residuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 1 =	1
12. Instalação de gás	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	-
13. Instalação eléctrica e de iluminação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 1 =	1
14. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	-
15. Instalação de ascensores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 3 =	-
16. Instalação de segurança contra incêndio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	-
17. Instalação de evacuação de lixo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	-
Unidade								
18. Paredes exteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 5 =	5
19. Paredes interiores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
20. Revestimentos de pavimentos exteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 2 =	-
21. Revestimentos de pavimentos interiores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 4 =	4
22. Tectos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 4 =	4
23. Escadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 4 =	4
24. Caixilharia e portas exteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 5 =	5
25. Caixilharia e portas interiores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
26. Dispositivos de protecção de vãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	2
27. Dispositivos de protecção contra queda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 4 =	12
28. Equipamento sanitário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
29. Equipamento de cozinha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 3 =	-
30. Instalação de distribuição de água	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
31. Instalação de drenagem de águas residuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
32. Instalação de gás	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 3 =	-
33. Instalação eléctrica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	3
34. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	-
35. Instalação de ventilação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 2 =	-
36. Instalação de climatização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 2 =	-
37. Instalação de segurança contra incêndio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 2 =	-

D. DETERMINAÇÃO DO ÍNDICE DE ANOMALIAS

Total das pontuações (a) 92
 Total das ponderações atribuídas aos elementos funcionais aplicáveis (b) 78
 Índice de anomalias (a/b) 1,18

E. DESCRIÇÃO DE SINTOMAS QUE MOTIVAM A ATRIBUIÇÃO DE NÍVEIS DE ANOMALIAS "GRAVES" E/OU "MUITO GRAVES"

Número do elemento funcional	Relato síntese da anomalia	Identificação das fotografias ilustrativas
1	As estruturas de madeira, empregues nos sistemas construtivos, encontram-se francamente deterioradas e com perda de secção significativa. Tal deve-se ao apodrecimento e ao ataque de insetos (como términas, carunchos e fungos) promovidos pelo excesso de humidade.	V36-V39
2	A falta e/ou a presença de telhas já envelhecidas, partidas ou deslocadas deixam o interior exposto às intempéries e favorecem o apodrecimento da madeira da estrutura de suporte e o colapso parcial dos tetos. Dado, ainda, o envelhecimento e a falta de manutenção, todo o sistema de drenagem de águas pluviais se encontra inoperacional. Caleiras entupidas e corroidas, tubos de queda partidos e uma deficiente ligação entre ambos motivam constantes infiltrações.	V42-V50
3	As escadas metálicas exteriores de acesso às mansardas da extremidade Sul vêm-se, na sua totalidade, oxidadas. Prevê-se que, com o aumento do perfil metálico, a parede resistente fissure e que esta estrutura desabe, colocando em risco a segurança pública.	V51-V52
4	Por todos os paramentos de pedra, se veem generalizados sinais de eflorescências, filmes negros e vestígios de ataques de agentes biológicos ativos agravados pela constante exposição à humidade. Relativamente às paredes interiores, e como consequência das anomalias da cobertura, assiste-se ao empolamento, destacamento e desagregação da camada de revestimento destas.	V53-V55
5	Resultado da deterioração em que se encontra, verifica-se a presença de tábuas de soalho soltas, a falta e o empolamento de outras, em grandes áreas, implicando a sua substituição ou reparação total. Refere-se ainda que a podridão e os ataques de agentes biológicos ativos, reduzindo a secção das vigas, provocam deformações que podem incitar o colapso (total ou parcial) dos pavimentos e motivar acidentes graves. (...)	V58-V60

F. AVALIAÇÃO

Com base na observação das condições presentes e visíveis no momento da vistoria e nos termos do artigo 6.º da Portaria 1192-B/2006, de 3 de Novembro, declaro que:

- O estado de conservação do locado é:

Excelente <input type="checkbox"/>	Bom <input type="checkbox"/>	Médio <input type="checkbox"/>	Mau <input type="checkbox"/>	Péssimo <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------------	------------------------------	--------------------------------	------------------------------	---
- O estado de conservação dos elementos funcionais 1 a 17 é péssimo (a preencher apenas quando tenha sido pedida a avaliação da totalidade do prédio)
- Existem situações que constituem grave risco para a segurança e saúde públicas e/ou dos residentes:

Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
---	------------------------------

G. OBSERVAÇÕES

A presente avaliação foi realizada com base em inspeções visuais ao edifício pese, embora, o facto de, dada a avançada degradação das escadas de madeira interiores, não se ter visitado os dois últimos pisos do volume central (torre). Refere-se, ainda, que por estarem fechados, não se inspeccionaram os espaços que mais tarde foram adaptados a módulos habitacionais.

Contudo, e tal como reflete a avaliação obtida, o edifício carece de grandes obras de intervenção, realizadas com a maior brevidade possível, para tentar salvaguardar o que ainda resta de tal legado.

H. TÉCNICO

Nome do técnico:.....

Data de vistoria: ___/___/___

I. COEFICIENTE DE CONSERVAÇÃO (preenchimento pela CAM)

Nos termos do disposto na alínea c), do n.º 1, do artigo 49.º da Lei n.º 6/2006, de 27 de Fevereiro, e no artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 161/2006, de 8 de Agosto, declara-se que o locado acima identificado possui o seguinte Coeficiente de Conservação:

0,5

Data de emissão: ___/___/___

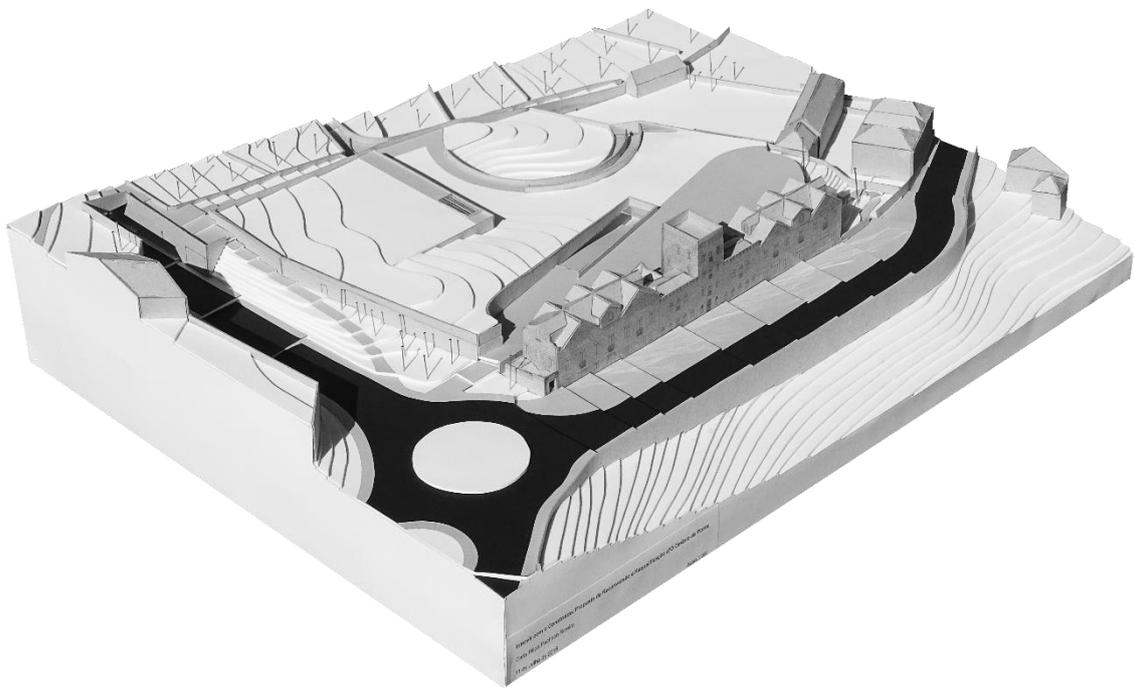
(Validade: 3 anos)

(O preenchimento da ficha deve ser realizado de acordo as instruções de aplicação disponibilizadas no endereço electrónico www.portaldahabitacao.pt/nrau)

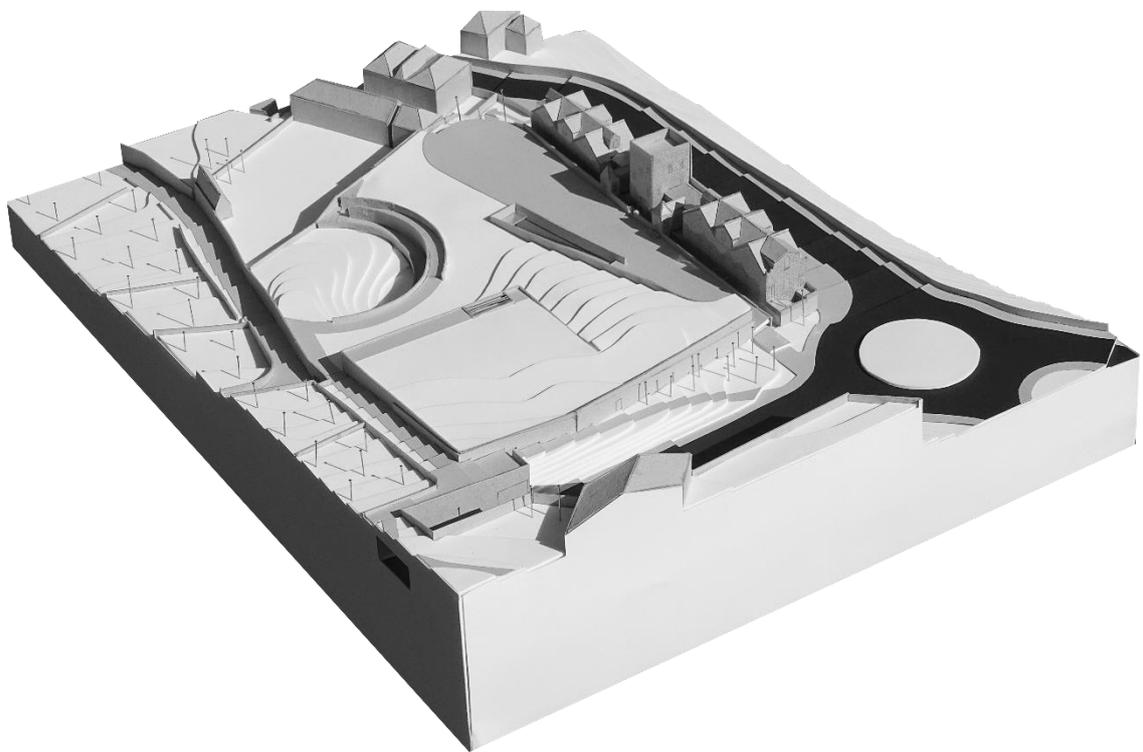
6.8. Registo Fotográfico da Maqueta Final



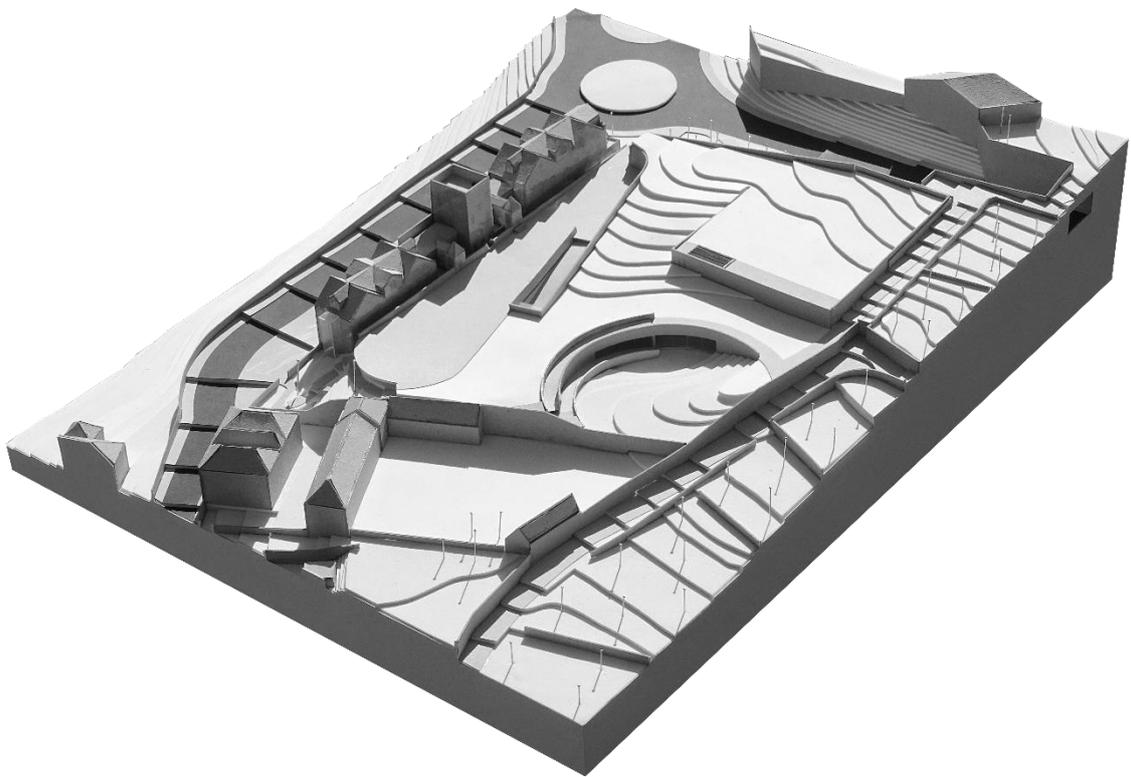
204 | Fotografia da maqueta final.



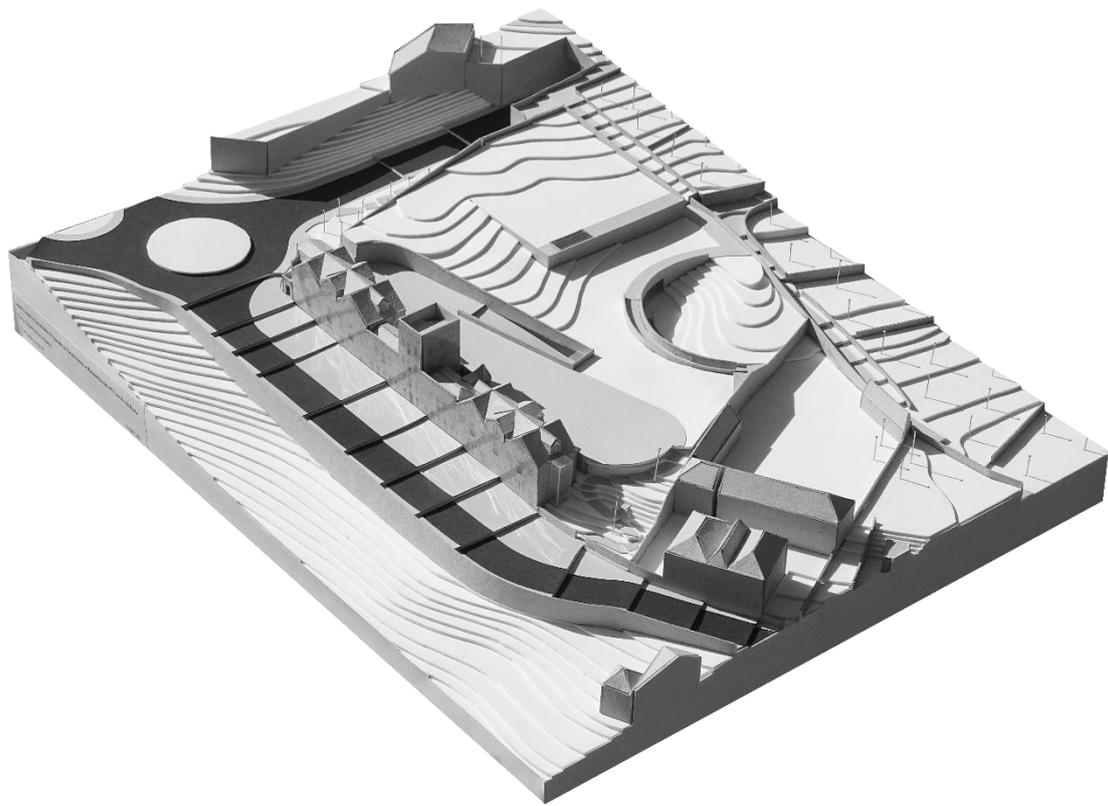
205 | Idem.



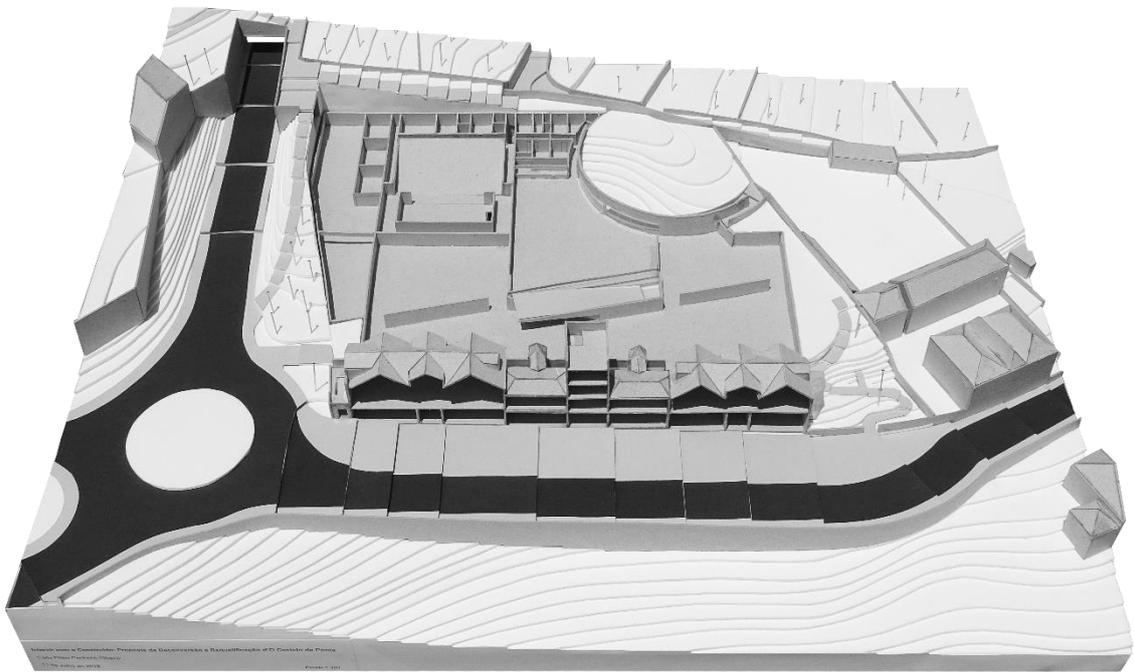
206 | Idem.



207 | Idem.



208 | Idem.



210 | Idem.